

V ENCONTRO DO PIBID UNIOESTE

Caderno de Resumos



**Cascavel | 22 de agosto | 2017
ISSN: 2448-4334**

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UNIOESTE

E56c Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência -
PIBID - UNIOESTE (5.: 2017: Cascavel - PR)
Caderno de resumos do IV Encontro do Programa Institucional de Bolsa
de Iniciação à Docência – PIBID - UNIOESTE. / Coordenação de Dulcyene
Maria Ribeiro. -- Cascavel, 2017.
Online

ISSN: 2448-4334
Disponível em: <http://www5.unioeste.br/portal/pibid/eventos>

1. Professores - Formação. 2. Jogos no ensino de matemática. I.
Ribeiro, Dulcyene Maria, (coord.). II. Título.

CDD 20. ed – 370.71

Rosângela A A Silva CRB 9/1810

Cadernos de Resumos do V Encontro do Pibid - Unioeste

22 de agosto de 2017
Cascavel – PR

Realização:



Editado por: Jaqueline do Nascimento

Comissão Organizadora

Dulcyene Maria Ribeiro
Lourdes Aparecida Della Justina
Dulce Maria Strieder
Andréa Cristina Martelli
Jaqueline do Nascimento

Coordenadores de área do Pibid-Unioeste

Celso Aparecido Polinarski
Fernanda Aparecida Meglhioratti
Gicelle Galvan Machineski
Rosa Maria Rodrigues
Greice da Silva Castela
Juci Mara Cordeiro
Sanimar Busse
Tânia Stella Basso
Arleni Elise Sella Langer
Adrian Alvarez Estrada
Fábio Lopes Alves
Ana Maria Kaust
Marcos Lübeck
Andreia Nakamura Bondezan
Rosana Cristina Biral Leme

Najla Mehanna Mormul
Ângela Maria Silveira Portelinha
Janaina Damasco Umbelino
Douglas Roberto Borella
Lia Dorotéa Pfluck
Rodrigo Ribeiro Paziani
Nelza Mara Pallú
Miriam Schröder
Marco Antonio Arantes
Osmir Dombroski
Célia Machado Benvenho
Nelsi Kistemacher Welter
Douglas Antonio Bassani
Márcia Borin da Cunha
Rosana Franzen Leite

Os resumos contidos nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores.

APRESENTAÇÃO

Apresentamos ao grande público o Caderno de Resumos do IV ENCONTRO DO PIBID-UNIOESTE, ocorrido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, *campus* de Cascavel-PR, no dia 22 de agosto de 2017.

O evento, que ocorre anualmente, constitui-se num momento importante para a integração dos vinte subprojetos que compõem o projeto institucional PIBID Unioeste, objetivando compartilhar as atividades realizadas no ano de 2017, bem como construir alternativas coletivas para os desafios encontrados. A organização dessa edição do evento esteve sob a responsabilidade da Coordenação Institucional.

A temática do **V Encontro do PIBID-Unioeste** abordou temática relacionadas à docência, como: currículo, cultura e sociedade; planejamento escolar e avaliação escolar; relação professor-aluno; e produção de material didático. Estas temáticas possibilitaram aos pibidianos apresentarem as diversas opções teóricas e metodológicas de seus subprojetos para a iniciação à docência, bem como instigaram o debate de outros temas complexos e atuais: as reformas atuais para a Educação Básica; as tecnologias aplicadas ao contexto escolar; produção de material didático; prática de ensino nas diversas áreas do conhecimento; e formação docente e prática pedagógica.

Organizado em torno desse leque temático, a programação contou com apresentações culturais frutos das atividades do Pibid, mesa redonda, comunicações orais e apresentação dos resultados da pesquisa com bolsistas de Iniciação à docência e supervisores. Este caderno é composto pelos 145 resumos aprovados e apresentados no evento.

Sumário

REVISANDO A TABUADA POR MEIO DE UM BINGO	14
CONHECENDO O PIBID FILOSOFIA: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	16
ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E SUAS IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR.....	18
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	20
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DIANTE DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NAS OBSERVAÇÕES PARTICIPATIVAS DE UM PIBIDIANO	22
A PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO-FUNDAMENTAL SOBRE EFEITO ESTUFA	24
A EXPERIÊNCIA COM A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	26
PIBID INGLÊS E A FORMAÇÃO DE LEITORES COM <i>ALICE IN WONDERLAND</i>	28
RELATO DE EXPERIÊNCIA: UTILIZAÇÃO DE JOGOS PARA O ENSINO DE JUROS COMPOSTOS	30
LITERATURA INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA “ATÉ AS PRINCESAS SOLTAM PUM”	32
A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA	34
A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO PARA A APRENDIZAGEM	36
INTERVENÇÃO NA ESCOLA	38
A ELABORAÇÃO DE VÍDEOS PELOS ESTUDANTES COMO UMA ETAPA DE AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO	40
O FILME COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA DESENVOLVER OS ASPECTOS SÓCIOAMBIENTAIS EM AULAS DE QUÍMICA	43
A PRODUÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PELO PIBID E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O COLETIVO DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	45
RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	47
LONGA-METRAGEM EM AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA E A INTERCULTURALIDADE	49
COLÉGIOS VOCACIONAIS: UMA EXPERIÊNCIA DIALÓGICA	51
SUBPROJETO PIBID GEOGRAFIA/FB – O USO DE JOGOS DIDÁTICOS NA COMPREENSÃO DO CONTEÚDO DE REGIONALIZAÇÃO DO BRASIL	53
RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: O DESEMPENHO DA TAREFA DE ENSINO E A INFLUÊNCIA COMO MEDIADOR ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE	55

EFEITOS DO USO DE COMPUTADORES E SMARTPHONES SOBRE O CORPO HUMANO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA NA ABORDAGEM CTS...	57
CONHECENDO PALAVRAS MATEMATICAS POR MEIO DA MÚSICA.....	59
CONSEQUÊNCIAS DAS POLITICAS PÚBLICAS DE AVALIAÇÃO CENSITÁRIA	61
O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA	63
O CINEMATOGRAFICO HISPANO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA	65
FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS JUNTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	67
A ILHA: UMA INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE FATO SOCIAL.....	69
BREVE RELATO DO ENSINO DE FRAÇÕES ATRAVÉS DE JOGOS	71
FILMES NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA	73
IMPACTO DO PIBID NA FORMAÇÃO DO LICENCIADO EM LETRAS	75
PLANEJAMENTO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PRÉ-ESCOLA.....	77
ATIVIDADES DO PIBID, PROBLEMATIZAÇÕES E AVANÇOS NA SALA DE AULA.....	79
A INTERDISCIPLINARIDADE E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS AULAS DE ESPANHOL.....	81
A UTILIZAÇÃO DE FILMES E TECNOLOGIAS NO ENSINO DE ESPANHOL	83
AS TECNOLOGIAS NO REGISTRO, EDIÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS AÇÕES DO SUBPROJETO PIBID/MAT/FOZ.....	85
AUTOMUTILIAÇÃO E BORDERLINE EM CENA	87
APLICAÇÃO DA OFICINA REFERENTE AO FILME TRUMAN	89
EDUCAÇÃO FÍSICA E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA.....	91
PIBID DE MATEMÁTICA UNIOESTE – FOZ: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PONTO DE VISTA DA PROFESSORA SUPERVISORA	93
PIBID: A PRÁXIS NA FORMAÇÃO DOCENTE	95
A INTERDISCIPLINARIDADE PEDAGÓGICA: UMA COMPREENSÃO TOTALIZADORA DA REALIDADE	97
O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DA LITERATURA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	99
SIMILARIDADES NARRATIVAS DE GÊNEROS CALCIFICADOS E CONTEMPORÂNEOS - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	101
A INFLUÊNCIA DE AULAS TEÓRICO-PRÁTICAS NA APRENDIZAGEM DE BIOLOGIA CELULAR NO ENSINO MÉDIO.....	103
O ENSINO DE GEOGRAFIA COM MASSA E CHEIRO DE BOLO.....	105

RELAÇÕES DE GÊNERO E A DOMINAÇÃO MASCULINA A PARTIR DA DINÂMICA “MARCHA DOS PRIVILÉGIOS”	106
A CULTURA URUGUAIA ATRELADA AO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA	108
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: COMPARANDO SITUAÇÕES	110
UTILIZAÇÃO DE JOGO PARA RETOMAR CONHECIMENTOS SOBRE OS SISTEMAS DO CORPO HUMANO.....	112
A AVALIAÇÃO E SEU REAL OBJETIVO. QUAL OBJETIVO É ESTE?	114
INSERÇÃO E VIVÊNCIA DA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO – TÉCNICO EM ENFERMAGEM	116
ATUAÇÃO DO PROJETO PIBID MATEMÁTICA NO COLÉGIO ESTADUAL IPÊ ROXO EM FOZ DO IGUAÇU – PARANÁ.....	118
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE “SUJEIÇÃO CRIMINAL” A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO RAP.....	120
O TEATRO COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE ENTRE EDUCADOR E EDUCANDOS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA	123
CONVERSANDO SOBRE BULLYNG COM ADOLESCENTES	125
A IMPORTÂNCIA DE COMPREENDER A APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	127
HIGIENE CORPORAL: PRESERVANDO A SAÚDE	129
ETNOGRAFIA NA ESCOLA: JUSTIFICANDO A PESQUISA DE CAMPO... 	131
“NEWSPAPPER JPA SEM LIMITES”: PROJETO DE EXTENSÃO DO PIBID FILOSOFIA NO COLÉGIO JARDIM PORTO ALEGRE	133
DESIGUALDADE SOCIAL E A DINÂMICA DA BANDEIRA.....	135
A IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE	137
VIVÊNCIA DOCENTE DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA DISCIPLINA DE ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM CLÍNICA EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO .	139
DEPENDÊNCIA EM ELETRÔNICOS: COMO AFETAM O COTIDIANO DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	141
A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS	143
OFICINAS DE FARMACOLOGIA E CÁLCULOS DE MEDICAMENTOS: EXPERIENCIANDO A PRÁTICA DOCENTE EM CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM	145
ATIVIDADE DE LEITURA COM TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	147
O USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES	149

TÍTULO: CIÊNCIAS SOCIAIS E AS DISCUSSÕES DO COTIDIANO:UM DEBATE A CERCA DO ABORTO NO BRASIL	151
TÍTULO: O PIBID EM SALA DE AULA: INTERVENÇÃO SOBRE CONCEITOS ARISTOTÉLICOS	153
“ENTÃO PESSOAL, ISSO É A ESCALA!?”: SIGNIFICANDO O CONCEITO DE ESCALA POR MEIO DE OBJETOS TRIDIMENSIONAIS	154
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UM TRABALHO INDIVIDUALIZADO	156
O TEATRO NIII E O ETNOCENTRISMO: O OLHAR ANTROPOLÓGICO .	158
INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA: O USO DE MAPAS CONCEITUAIS NO ENSINO DE FILOSOFIA	160
OFICINA DIDÁTICA - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA NA CONCEPÇÃO DE CONHECIMENTO	162
A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS DIDÁTICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO.....	164
AS SITUAÇÕES DA AÇÃO DOCENTE NO ENSINO DA MATEMÁTICA: 0,999... É IGUAL A 1?	166
INTERAÇÕES DISCURSIVAS NA SALA DE AULA	168
A MEDIAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INTANTIL	170
O MONITORAMENTO DO TEMPO NAS AULAS DE GEOGRAFIA: APRENDENDO CLIMATOLOGIA NA PRÁTICA.	172
ALIMENTAÇÃO E SAÚDE: PROBLEMATIZANDO HÁBITOS.....	174
PROFESSORES E ALUNOS: UMA RELAÇÃO ALÉM DA DOCÊNCIA.....	176
OS RISCOS DO CONSUMO DE ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS: REFLEXÃO PRELIMINARES	178
INTRODUÇÃO À ESTÉTICA - RELATO DE INTERVENÇÃO	180
ENSINO DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS COM BINGO: REVISÃO PARA A PROVA	181
O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO ACERCA DO TEMA RACISMO DENTRO DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA.....	183
APLICAÇÃO DE UMA ATIVIDADE PRÁTICA ENVOLVENDO O CONCEITO DE FUNÇÃO DO PRIMEIRO GRAU	185
A TEOGONIA COMO INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO – RELATO DE INTERVENÇÃO	187
DESMITIFICANDO A INVERSÃO DE VALORES NO SÉCULO XIX	188
DINÂMICA DE AULA	190
OFICINAS DE FARMACOLOGIA E CÁLCULOS DE MEDICAMENTOS: SEGUNDO SEMESTRE TÉCNICO EM ENFERMAGEM DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO	192
A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	194
PIBID ITINERANTE: A FILOSOFIA EM AÇÃO NO ENSINO MÉDIO	196

OBSERVAÇÕES SOBRE AS CRENÇAS DOS ALUNOS COM RELAÇÃO À LÍNGUA INGLESA MEDIANTE ABORDAGENS DIFERENTES EM SALA DE AULA DE ESCOLAS PÚBLICAS	198
OFICINA DE FILOSOFIA E CINEMA: A SOCIEDADE DO CONTROLE NO FILME “O SHOW DE TRUMAN”	200
O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE: QUEM O ESCREVE?	202
UM RELATO SOBRE UMA PRÁTICA DE ENSINO NA EDUCACAO INFANTIL	203
MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO – RELATO DE PROJETO DE EXTENSÃO	205
RELATO SOBRE O USO DE JOGOS NO ENSINO DE OPERAÇÕES COM NÚMEROS RACIONAIS.....	207
ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO – “VERDIM E SEUS AMIGOS”	209
PASSA OU REPASSA: UMA FORMA LÚDICA DE TRABALHAR RADIOATIVIDADE	211
ESPAÇO DE VIVÊNCIA, REPRESENTAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA	213
RELATO DE UMA PRÁTICA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DO TEMA MORADIA	215
“SIT, JUNTO, SENTADO E CALADO”: AS VOZES SILENCIADAS DO CURRÍCULO ESCOLAR	217
RELATO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS NO PIBID/FILOSOFIA PELA ACADÊMICA	219
FILMES E NOVAS TECNOLOGIAS ATRELADAS AO DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO E/NO ENSINO DE LE	221
PRODUÇÃO DE MAPAS PICTÓRICOS SOBRE OS ASPECTOS DAS REGIÕES BRASILEIRAS	223
O PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS E SEUS SABERES DOCENTES.....	225
A MASSIFICAÇÃO NO FILME “A ONDA”	227
O CONCEITO DE ATIVIDADE COMO EIXO NORTEADOR DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	229
RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINA DIDÁTICA DE FILOSOFIA “GRAMSCI: A ESCOLA QUE EMERGIU DO CÁRCERE”	231
OFICINAS DE FARMACOLOGIA E CÁLCULOS DE MEDICAMENTOS COM O SEGUNDO SEMESTRE DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO.....	233
A EXPERIÊNCIA DAS ASSEMBLEIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA	235
ALICE NO PAÍS DA FILOSOFIA: O QUE É A FILOSOFIA?	237
DINÂMICAS DE GRUPO NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA	239
A INFLUÊNCIA DA CULTURA EUROPEIA NO BRASIL: UM PROJETO NO COLÉGIO ESTADUAL TANCREDO NEVES	241

RELATO SOBRE A TRANSIÇÃO DA ATIVIDADE DE PAPÉIS SOCIAIS PARA A ATIVIDADE DE ESTUDO	243
A DOMINAÇÃO QUE PROPÕE ENSINAR.....	245
RELATO DE EXPERIENCIA DA OFICINA “A PROPAGANDA NO SURGIMENTO DO PODER TOTALITÁRIO”	247
PROJETOS DE EXTENSÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA FUTURA PRÁTICA DOCENTE	249
RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINA ALICE NO PAÍS DA FILOSOFIA .	251
BONECAS ABAYOMI E A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO ENSINO	253
DIFICULDADES DA PRÁTICA LIBERTADORA	255
APROXIMANDO A MATEMÁTICA À PERCEPÇÃO DO ALUNO ATRAVÉS DE UM EXPERIMENTO.....	256
OFICINA DE FILOSOFIA E CINEMA: KOE NO KATACHI TRABALHADO COM VISTA PARA O BULLYING E O PRECONCEITO	258
PÓRTICO UNIVERSITÁRIO – PROJETO DE EXTENSÃO DO PIBID	260
A IMPORTÂNCIA DAS MAQUETES NO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	262
O PLANEJAMENTO DA APLICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO: PÓRTICO UNIVERSITÁRIO.....	264
ESTUDO DA FARMACOLOGIA E MATEMÁTICA COM O TERCEIRO SEMESTRE DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO	266
A SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: REFLEXÕES COM PROFESSORES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO	268
RELATO DA OFICINA DIDÁTICA DE FILOSOFIA “MÁQUINA DE GUERRA X APARELHO DE ESTADO: O GRANDE EMBATE”	270
CONVERSAÇÃO DENTRO DA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA.....	272
RELATO DA OFICINA DIDÁTICA DE FILOSOFIA: SARTRE, A CULPA NÃO É DAS ESTRELAS.....	274
A IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES: OS DESAFIOS DO TRABALHO VOLUNTÁRIO.....	276
ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA – PIBID ENFERMAGEM – CASCAVEL/PR.....	278
DIFICULDADES ENCONTRADAS NA INICIAÇÃO DOCÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO EM SALA	280
INSERÇÃO E VIVÊNCIA DA AÇÃO DOCENTE NA DISCIPLINA DE ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À SAÚDE DA MULHER DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO	281
OFICINA DE FILOSOFIA E CINEMA O PREÇO DO AMANHÃ E SUA RELAÇÃO COM O MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA DE KARL MARX.....	283

RELATO DA ATIVIDADE CAÇA AO TESOURO NO COLÉGIO ESTADUAL MÁRIO DE ANDRADE – PR.....	285
IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE BREVES REFLEXÕES	287
RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO SUBPROJETO DE FILOSOFIA	289
TRABALHANDO CONCEITOS GEOGRAFICOS DE FORMA LUDICA	291
PIBID FILOSOFIA PROMOVENDO A EXTENSÃO EM SEUS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO.....	293
PRÁTICAS DE ENSINO E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO - ATIVIDADE CAÇA AO TESOURO	295
AULA DE CAMPO SOBRE CLIMA URBANO NO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO MAXIMILIANO CERETTA	297

REVISANDO A TABUADA POR MEIO DE UM BINGO¹

Jaqueline do Nascimento²
Janaina Maria de Lima Gonçalves³

Resumo: Este texto traz um breve relato de uma atividade que foi proposta aos alunos dos 8º anos do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, localizado no bairro Parque São Paulo no município de Cascavel – Paraná, no qual nós bolsistas de iniciação à docência do subprojeto de matemática acompanhamos as aulas da disciplina de matemática, uma vez por semana, no período vespertino, sob a orientação do professor regente da turma, professor Marcos, supervisor do PIBID. Ao acompanhar as aulas ministradas e ao conversar com o professor percebemos a falta de compreensão apresentada pelos alunos em relação a um conteúdo elementar da matemática, a multiplicação. Vários alunos demonstravam não perceber que a multiplicação são somas sucessivas, recorrendo a calculadora mesmo para cálculos simples. Ao observar esse cenário percebemos a importância do conhecimento da construção da tabuada levando o aluno a perceber como se dá essa construção, pois sempre que esquecer o resultado da tabuada pode recorrer a forma utilizada para sua construção, ou seja, efetuar somas sucessivas. Com o intuito de minimizar as dificuldades apresentadas pelos alunos e potencializar o uso do cálculo mental elaboramos um plano de aula, no qual abordamos de forma lúdica a importância da utilização do cálculo mental ao resolver operações de multiplicação, para isso utilizamos do jogo em acordo com o que é posto nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática, (PCN) o qual infere que por meio dos jogos os conteúdos são apresentados de modo atrativo, favorecendo a criatividade na elaboração de estratégias de resolução e busca de soluções. Em consonância com o PCN Muniz afirma que “o jogo é concebido como um importante instrumento para favorecer a aprendizagem (...) em especial, a aprendizagem matemática” (MUNIZ, 2010, p. 13). Neste sentido, a atividade aplicada foi uma maneira de incentivar o aluno, a compreender a multiplicação, favorecendo a aprendizagem da tabuada. Para a realização da atividade, preparamos um plano de aula com duração de uma hora/aula, intitulado “Bingo da Multiplicação”, o qual era composto por cartelas contendo a multiplicação a ser efetuada e por fichas as quais continham o resultado da multiplicação. Os alunos com maior desempenho foram premiados com pirulitos e chocolates (bis). Pedimos que se juntassem em duplas ou trios promovendo a interação entre eles, ajudando um ao outro. Entregamos a cada aluno uma cartela e grãos de milho para pipoca, para realizar a marcação. Explicamos as regras do jogo, dizendo que os que preenchessem uma linha na horizontal ou vertical deveria falar bingo, como é feito tradicionalmente e então, continuaria jogando com aquela mesma cartela, no entanto, podendo falar bingo novamente somente após o preenchimento de toda ela, sinalizando cartela cheia. Ressaltamos aos alunos que era proibido o uso da calculadora para efetuar as operações

14

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: jaque_nasci@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: userjanaina@hotmail.com

presentes na cartela. Sorteávamos diante da turma as fichas e marcávamos no quadro o número retirado, para o caso de algum aluno se perder na marcação e poder conferir. Nas cartelas, continham operações que obtinham o mesmo resultado, por exemplo: $2 \times 8 = 16$, $4 \times 4 = 16$ e $8 \times 2 = 16$, explicamos aos alunos que deveriam prestar atenção nesses casos e que ao sortearmos o número 16, caso do exemplo apresentado, poderiam efetuar a marcação em somente uma das operações, podendo marcar a outra quando o número fosse sorteado novamente, por conta disso, haviam números sorteados que se repetiam. Aqueles que preencheram uma linha, ganharam um pirulito e quem preencheu toda a cartela ganhou dois bis. O bingo da multiplicação, desafiou o conhecimento do aluno acerca da multiplicação. Os alunos que tinham dificuldade, de uma maneira dinâmica, puderam aprender com os erros e desafiar-se, pois, todos em grupo puderam se corrigir sem distinções ou represálias pelo erro cometido. Durante a execução do jogo os alunos foram participativos, se mostrando empenhados na execução do mesmo e empolgados pelos acertos. Verificamos também, que a utilização dessa ferramenta na prática pedagógica levou o aluno a perceber a importância de saber/compreender a operação da multiplicação, uma vez que, o fato de não saber o resultado daquela operação influenciava no ganho da premiação, a qual era desejada. Vimos então que atividades que fazem o uso do lúdico provocam no aluno o interesse pela Matemática, contribuindo assim no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Multiplicação; Jogo; Bingo; Matemática.

15

Referências Bibliográficas:

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MUNIZ, Cristiano Alberto. **Brincar e jogar**: Enlaces teóricos e metodológicos no campo da educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CONHECENDO O PIBID FILOSOFIA: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS¹

Célia Machado Benvenho²
Douglas Antonio Bassani³
Nelsi Kistemacher Welter⁴

Resumo: Este trabalho pretende apresentar as diferentes atividades desenvolvidas pelo projeto PIBID/Filosofia da Unioeste *campus* Toledo, tanto na universidade como nas escolas parceiras do programa, destacando a importância e relevância que o projeto tem para a formação dos futuros docentes de Filosofia. O PIBID/Filosofia conta atualmente com quarenta e dois alunos bolsistas de Iniciação à Docência, cinco professores supervisores, três coordenadores e atua diretamente em cinco escolas do município de Toledo, sendo duas localizadas na região central e três em bairros periféricos. Cada escola parceira conta com uma equipe que varia de oito a nove alunos bolsistas, que trabalham sob a supervisão direta do professor supervisor em parceria com os professores coordenadores do projeto. As equipes permanecem nas escolas por cerca de um ano, o que permite um conhecimento mais aprofundado da realidade daquela escola, quando é feita uma rotatividade para possibilitar um conhecimento da realidade das demais escolas. Além de desenvolver atividades que visam complementar a formação filosófica do aluno bolsista, as quais, geralmente são desenvolvidas na universidade, há uma especial preocupação em desenvolver atividades que visem inserir o licenciando no ambiente escolar, possibilitando-lhe um conhecimento da estrutura e funcionamento da escola e, principalmente, que ele vivencie a experiência docente em sala de aula. Para tanto, as atividades do PIBID/Filosofia são organizadas da seguinte maneira: 1) *Atividades formativas*: são desenvolvidas na universidade por meio de seminários de estudos, palestras, minicursos, oficinas e grupos de estudos, que abordem tanto questões relacionadas à formação filosófica como a formação do professor de filosofia; 2) *Atividades em equipe*: são atividades desenvolvidas em grupo nas escolas ou na universidade, como Oficinas Didáticas de Filosofia (neste ano com a temática Filosofia e Cinema), apresentação de seminários, conhecimento da estrutura da escola, projetos de intervenção, etc.; 3) *Atividades individuais*: desenvolvidas pelos alunos bolsistas na escola, principalmente em sala de aula, e relatório de atividades individuais: observações de aulas de filosofia, planejamento de intervenções em sala de aula, aplicação das intervenções, etc.; 4) *Atividades complementares*: organização de eventos: divulgação, certificação, frequência, decoração, gravação, fotos, cerimonial, etc, criação e produção de Documentários, participação em eventos; criação e manutenção do Blog e página no facebook do PIBID/Filosofia. Além de apresentar as diferentes atividades desenvolvidas pelo projeto PIBID Filosofia, pretende-se destacar neste trabalho uma das atividades realizadas pelos alunos nas escolas: as *Intervenções em sala de aula*. O aluno bolsista acompanha semanalmente uma turma de responsabilidade do professor supervisor. Nesta turma “adotada” pelo aluno bolsista, são realizadas, num primeiro momento, observações

16

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Coordenador do Subprojeto PIBID Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: celia.benvenho@gmail.com

³ Coordenador do Subprojeto PIBID Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: douglasbassani@uol.com.br

⁴ Coordenador do Subprojeto PIBID Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: nk.welter@hotmail.com

da prática docente e da dinâmica da sala de aula, o que resulta num Relatório de Observações, e, num segundo momento, são planejadas, em conjunto com o professor supervisor, atividades de intervenção, que contribuam no desenvolvimento das aulas de filosofia. Estas atividades podem iniciar com pequenas contribuições para as aulas desenvolvidas pelo professor supervisor, como uma apresentação do filósofo que será trabalhado, uma sensibilização para a questão ou temática que será desenvolvida, apresentação de parte do conteúdo, avaliação, entre outras. Conforme o aluno vai conhecendo a turma que “adotou” e se sentindo seguro, esta intervenção pode assumir o tempo de uma aula inteira. O importante é destacar que estas atividades de intervenção são planejadas em conjunto com o professor supervisor, num modelo de plano de aula específico, o qual é revisado tanto pelo professor supervisor como pelo coordenador da escola.

Palavras-chave: Intervenção; Escola; Pibid; Filosofia.

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA E SUAS IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR¹

Jaqueline Bonfim de Souza Lima²
Thays Trindade Maier³
Cristiane Aparecida Ribeiro Bueno⁴

Resumo: Este trabalho tem por finalidade refletir a importância da alfabetização matemática nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Partimos do pressuposto de que a matemática é uma forma de linguagem, e que o professor deve atuar como mediador entre o aluno e o ensino de matemática. Entendemos que a linguagem matemática é uma ferramenta importante para a leitura e interpretação da realidade, e que muitas vezes vem sendo apresentada descontextualizada da realidade concreta do aluno. A matemática deve trazer sentido as experiências vivenciadas pelo aluno no meio social, ou seja, as aprendizagens devem envolver as relações sociais constituídas no seu contexto, bem como a cultura em que o mesmo se encontra inserido, desta forma “[...] A criança reflete sobre as informações, constrói argumentação, produz lógica própria, dá suas explicações aos fatos e fenômenos que observa, questiona, elabora conhecimentos” (MARQUES E LUCENA, 2015, p. 20). Ao refletimos sobre a alfabetização matemática, considerando os problemas enfrentados no ensino da matemática, foi necessário estudos teóricos e observações participativas de forma a vivenciar as práticas pedagógicas na realidade escolar. As observações foram realizadas por meio do Projeto PIBID/Capes, subprojeto Pedagogia, em turmas de 3º anos do Ensino Fundamental na Escola Professora Dilair Silvério Fogaça no período vespertino. Tal fato oportunizou-nos vivenciar a importância do uso do material concreto para o ensino da matemática, e as contribuições para a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos. Enquanto docentes em formação, consideramos que “[...] alfabetizar matematicamente é ir além do saber escrever e ler um algarismo, é construir na criança a percepção de quantidade e símbolo” (LOURENÇO, BAIOSCHI, TEIXEIRA, 2012, p. 39) destacando que as investigações realizadas no cotidiano escolar no permite considerar que aprender matemática é fundamental para adquirir e desenvolver capacidades cognitivas gerais, em que o processo de ensino/aprendizagem significativo nesta área do conhecimento, é aquele em que se prima pelo espaço da comunicação e diálogo, desmistificando-a enquanto disciplina “difícil”. Por fim há uma inquietação quanto a fragilidade que atualmente observamos no analfabetismo matemático presente na sociedade onde estamos situados das mais variadas

18

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia – Unioeste do *campus* de Cascavel – PR. E-mail: jakelinepaulo@hotmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia-Unioeste, do *campus* de Cascavel – PR. E-mail: thays_maier@hotmail.com.

⁴ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Pedagogia - Unioeste, do *campus* Cascavel – PR. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Especialista em História da Educação Brasileira pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professora da Rede Municipal de Ensino de Cascavel-Pr. Email: cristianeapbueno@yahoo.com.br.

formas, e enquanto profissionais da educação, necessitamos, ainda, de muitas discussões e debates acerca da temática, a fim de nos assegurarmos de uma prática docente que permita garantir um ensino para a “vida”.

Palavras-chave: Alfabetização Matemática; Linguagem; Aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

MARQUES, Valéria Risuenho. LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. **Alfabetização Matemática: Desafios da Pluralidade**. Revista Educação: Temas e Problemas, 15, 17-34. Disponível em: <<http://www.revistas.uevora.pt/index.php/educacao/article/view/88>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

LOURENÇO, Edvânia M. da Silva; BAIOSCHI, Vivian Tammy; TEIXEIRA, Alessandra Carvalho. **Alfabetização matemática nas séries iniciais: O que é? Como fazer?** Revista da Universidade Ibirapuera, São Paulo, v. 4, p.32-39, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaunib.com.br/vol4/44.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL¹

Aimê Cristine Bueno²
Paula Rafaela Gomes Soligo³
Cristiane Aparecida Ribeiro Bueno⁴

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões acerca do processo de alfabetização para crianças com deficiência intelectual – DI e apresentar algumas considerações acerca das observações realizadas, em particular com duas crianças que frequentam a Sala de Recursos Multifuncional na Escola Professora Dilair Silvério Fogaça, no município de Cascavel-PR. Foi possível perceber a importância e compromisso para com o ensino nesta modalidade. A escola integrada ao processo de inclusão social, traz em sua função possibilitar a inclusão no meio escolar. Considerando a complexidade das necessidades especiais, e considerando também o direito constitucional de que toda criança tem direito a educação, a escola passa a atuar neste campo, que antes era especificidade de instituições próprias. A inclusão garante que a criança com necessidades especiais de qualquer natureza, frequente o ensino regular, e no contraturno seja acompanhado por uma professora especializada, com um planejamento individual. Este atendimento ocorre na Sala de Recurso Multifuncional. Tal fato permite a escola direcionar um trabalho efetivo e de qualidade com este aluno, contemplando as dimensões específicas da Educação Especial. É importante e necessário mediar a alfabetização de uma criança com deficiência intelectual de maneiras diferenciadas. Segundo Silva (2016), para melhor desenvolvimento das atividades de alfabetização, o professor deve utilizar dois métodos: o Método Fonético e o Método Socré. Para o desenvolvimento da criança utilizando o Método Fonético é preciso utilizar-se dos grafemas e fonemas, ou seja, letras e sons. Para o Método Socré são apresentadas as sílabas, consistindo em explicações aprofundadas das palavras que serão ensinadas. Se tratando de DI é fundamental a compreensão do mediador, ou seja o professor, para com aluno, pois esta relação é primordial ao desenvolvimento do mesmo, tomando conhecimento de que haverá dificuldades mais evidentes, porém não deve-se focar somente em tais dificuldades, mas, sim em maneiras que poderão ser exploradas com estes alunos de forma lúdica, e principalmente demonstrando carinho e paciência para uma melhor relação e aprendizado, obtendo assim a atenção deles para uma desenvoltura adequada das atividades, auxiliando principalmente no processo de alfabetização e

20

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia – Unioeste do campus de Cascavel – PR. E-mail: aime.cristine@yahoo.com.br.

3 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia-Unioeste, do campus de Cascavel – PR. E-mail: paularafaellagomes11@hotmail.com.

4 Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Pedagogia - Unioeste, do campus Cascavel – PR. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Especialista em História da Educação Brasileira pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professora da Rede Municipal de Ensino de Cascavel-Pr. Email: cristianeapbueno@yahoo.com.br.

letramento do aluno. Desta forma o aluno desenvolve sua autonomia e eleva sua autoestima para uma vida mais proveitosa. A Rede de Ensino Municipal de Cascavel, demonstra um compromisso e rigor teórico-pedagógico para com a Educação Especial. Na escola campo, a Sala de Recursos possui materiais pedagógicos específicos, a fim de possibilitar o desenvolvimento cognitivo da criança com deficiência. Os materiais são para usar em adaptação com cada tipo de deficiência tais como: jogos de quebra-cabeça, família silábica, geométrico, bola de pilar, recursos tecnológicos, entre outros. O desafio maior para com estes alunos está em alfabetizá-los de forma a promover o desenvolvimento cognitivo e motor responsável pelos movimentos e pela fala, ou seja por sua autonomia individual. O trabalho prevê não só o desenvolvimento da escrita, mas inserir o lúdico nas atividades. O professor, figura fundamental neste processo, e as pessoas envolvidas, família necessitam de persistência, procurando encontrar maneiras de ensinar, ou seja metodologias diferenciadas para o trabalho com estes aluno de forma a possibilitar a superação de suas limitações.

Palavras-chave: Alfabetização; Deficiência Intelectual; Mediação.

Referências Bibliográficas:

CASCADEL. **Currículo da escola pública da rede municipal de Cascavel PR.** SEMED,2008.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, n. 25, 2004.

SILVA, Claudia Mara da. **Alfabetização e Deficiência Intelectual: Uma Estratégia diferenciada.** Disponível em:
http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2016/d ee_anexo3.pdf. Acesso em 15 de jun 2017.

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DIANTE DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NAS OBSERVAÇÕES PARTICIPATIVAS DE UM PIBIDIANO¹

Paulo Wieira²
Vanessa Pilarski³
Cristiane Aparecida Ribeiro Bueno⁴

Resumo: Este trabalho tem como intencionalidade refletir acerca do processo de alfabetização e como esse se desenvolve em sala de aula. Desse modo, utilizamos como campo de pesquisa as observações realizadas em uma sala de Pré-escolar II e no 2º ano do Ensino Fundamental I, mediante atividade proposta pelo Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID. O progresso acadêmico de uma criança em fase de alfabetização, não ocorre de forma superficial. Estas ocorrem gradativamente e estão relacionadas a fatores biológicos como também culturais vivenciados nos ambientes familiar e escolar. No percurso da vida, a criança vivencia evoluções acadêmicas e biológicas que norteiam seu desenvolvimento psíquico e cultural, buscando a sua autonomia intelectual. É extremamente necessário, compreender tal evolução da sua personalidade, considerando que cada idade se revela diferentes aspectos e isso deve ser respeitado pelo docente. O processo de alfabetização e suas etapas, bem como, possibilitar e estimular a criança no seu desenvolvimento, é fundamental no processo do ensino e aprendizagem. Esse período inicial da escolarização, nos remete a várias reflexões sobre o ensinar e o aprender, ou seja, a apropriação da leitura e escrita, bem como aos métodos de alfabetização que o profissional da educação irá fazer uso. Ao longo do tempo tivemos uma alteração de definições de alfabetização e métodos de alfabetizar. Porém, segundo o Currículo Municipal da Cidade de Cascavel PR (2008), o processo de alfabetização, deve propiciar ao aluno uma análise, compreensão e reflexão acerca da língua, trabalhando a partir de gêneros textuais. Na turma do Pré-escolar II “B”, observamos que as crianças conseguem referir-se a objetos e seres ausentes; usando a imaginação e contando suas próprias histórias. Conseguem identificar e diferenciar números e letras, compreendendo a organização do sistema alfabético e numérico. Nesta direção o professor, exercendo seu papel de mediador entre o aluno e o conhecimento, possibilita o desenvolvimento das habilidades necessárias para a alfabetização. Na turma do 2º ano, foi possível observar três diferentes situações em que os alunos apresentam níveis diferentes de apropriação do

22

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia – Unioeste do *campus* de Cascavel – PR. E-mail: paulo_wieira@hotmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia-Unioeste, do *campus* de Cascavel – PR. E-mail: vp.vanessapilarski@hotmail.com.

⁴ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Pedagogia - Unioeste, do *campus* Cascavel – PR. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Especialista em História da Educação Brasileira pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professora da Rede Municipal de Ensino de Cascavel-Pr. Email: cristianeapbueno@yahoo.com.br.

conhecimento: alguns alunos estão reconhecendo as letras do alfabeto e formando palavras simples; outros estão produzindo frases; e outros produzem textos de dois a quatro parágrafos. A professora relata que é fundamental direcionar atividades coniventes para cada aluno, podendo dessa forma trabalhar de forma diversificada e identificar nas dificuldades dos alunos, meios para refletir e reencaminhar seu trabalho. Porém, é evidente a dificuldade dos professores alfabetizadores, em alfabetizarem. Sendo uma das dificuldades encontradas pelos professores, os diferentes “tempos” de compreensão. Fato este que nos leva a refletir sobre o Ciclo Básico de Alfabetização, o qual é adotado em nosso município. Assim, “[...] Várias causas podem ser apontadas para essa perda de especificidade do processo de alfabetização; limitando-me às causas de natureza pedagógica, cito, entre outras, a reorganização do tempo escolar com a implantação do sistema de ciclos [...]” (SOARES, 2004, p. 9). Diante dessa e de muitas outras dificuldades apresentadas pelos professores, é necessário “[...] rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras” (SOARES, 2004, p. 16). E para tanto, nós, profissionais em formação, necessitamos refletir acerca do complexo processo de alfabetização, de forma a exercer nossa práxis pedagógica com a intencionalidade de possibilitar ao nosso aluno não só dominar a leitura e escrita, mas dominar o uso da função social destas na sociedade.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Mediação; Pedagogia.

Referências Bibliográficas:

CASCAVEL, Pr. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo para a Rede Pública Municipal de Ensino de Cascavel:** volume II: ensino fundamental – anos iniciais. Cascavel, PR: Ed. Progressiva, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, n. 25, 2004.

A PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO-FUNDAMENTAL SOBRE EFEITO ESTUFA¹

Luís Felipe Andrietti²
Willian Kubiaki Beltrame³
Débora Schmitt Bertipaglia⁴
Lourdes Aparecida Della Justina⁵

Resumo: As percepções que os alunos têm acerca do mundo estão inseridas em suas consciências e os acompanham durante o seu desenvolvimento cognitivo, formando as bases para a compreensão de conhecimentos científicos. Em ambiente escolar, os alunos formam concepções sobre os conteúdos aos quais são apresentados, porém essas nem sempre se mostram científicas, pois formam um misto entre o que o aluno já conhece e o que aprende na escola, formando as concepções alternativas, as quais têm possibilidades de se tornarem obstáculos durante todo o período de desenvolvimento do aluno. Por essa razão é importante que o professor tenha o conhecimento da ocorrência desse fenômeno e atente para estratégias de mudança dessas concepções alternativas ou formação de perfil conceitual. Devido à complexidade e a dinâmica interdisciplinar do tema efeito estufa a possibilidade de formação de um conceito distorcido ou até mesmo a incapacidade de interpretação do fenômeno é alta e não ocorre apenas com os alunos, mas também com professores e outros membros da sociedade. Neste sentido, o presente trabalho avaliou os conceitos de alunos do 9º ano do ensino fundamental sobre o tema efeito estufa e aquecimento global, comparando os resultados obtidos com os livros didáticos e publicações científica. Foram aplicados 72 questionários em três turmas com tratamentos diferenciados, sendo que a primeira turma (T1) com 25 alunos, preencheu os formulários individualmente como atividade de casa, a segunda turma (T2) preencheu os formulários em grupos de 4 pessoas em sala, totalizando 17 formulários preenchidos, e a terceira (T3) com 30 alunos, preencheu individualmente em sala, foram permitidas consultas a livros e internet em todos os tratamentos. As questões foram separadas em três categorias: 1ª - as que exigiam apenas a memória, 2ª - as que exigiam memória e interpretação e 3ª - as que exigiam opinião. Para a análise dos dados foram realizados testes estatísticos *t student* comparando as médias de acertos das categorias entre os tratamentos, sendo que T1 apresentou médias superiores ($p > 0.05$) quando comparadas com T2 e T3 ($p < 0.05$) que não diferiram estatisticamente. Analisando separadamente as questões de memória, percebe-se que a maioria dos alunos utilizou de cópias fiéis aos conteúdos dos livros didáticos, o que pode indicar uma dificuldade em compreender o conteúdo e/ou que não

24

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: Luisbiodmc@outlook.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: willian_kubiaki@hotmail.com

⁴ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: deboraschmitt@yahoo.com.br

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: lourdesjustina@gmail.com

houve aprendizagem significativa destes conceitos. Quando se observa individualmente os resultados da questão de opinião, percebe-se que em T1 houve 76% de respostas coerentes, enquanto que T2 e T3 tiveram 36% e 6% respectivamente, fato este que pode ser explicado pela possibilidade de T1 ter a ajuda dos pais, da internet e de um maior tempo para a resolução da atividade. Por outro lado, a maior porcentagem de respostas coerentes em T2 do que em T3 pode ser explicada pela possibilidade dos alunos discutirem e formularem respostas como um grupo, o que auxilia na formulação de hipóteses. De maneira geral, esses resultados demonstram que quando os alunos do tratamento T2 e T3 apresentam dificuldade de associar o conteúdo dos livros didáticos com a realidade, ou seja, não ocorreu a aprendizagem significativa dos conteúdos. Embora T1 tenha apresentado melhor desempenho apenas 40% dos alunos responderam de maneira satisfatória mais que 70% das questões. Fato este, preocupante, pois a maioria dos alunos diferencia superficialmente o efeito estufa de aquecimento global, o que dificulta a interpretação das informações midiáticas e retira o poder de opinião social desses cidadãos com relação as questões ambientais de sua comunidade e do mundo.

Palavras-chave: Concepções alternativas; Efeito-estufa; Aquecimento global.

A EXPERIÊNCIA COM A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Kimberly Yarin de Oliveira²
Magali de Souza Brito³
Cristiane Aparecida Ribeiro Bueno⁴

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo relatar as experiências vivenciadas por meio do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) da UNIOESTE acerca da relação dos desafios da alfabetização e o letramento nas séries iniciais. As observações foram realizadas nas turmas de 1º ano e 2º ano do Ensino Fundamental I na escola Profª Dilair Silvério Fogaça no município de Cascavel-PR. A alfabetização torna o sujeito capaz de ler e de escrever, detentor do uso das letras e números, assim “[...] é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita” (COLELLO, 2004. p. 02). Já o letramento requer a inserção do indivíduo em práticas sociais para o desenvolvimento de tais habilidades, bem como a “[...] participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito” (SOARES, 2003. p. 15). Ambos os processos são trabalhados em sala de aula. No segundo ano, a grande maioria dos alunos já dominam a leitura e a escrita, bem como as realizam com competência, seja a escrita de palavras ou até mesmo pequenos textos de um parágrafo. Demonstram reconhecimento da função e uso das tipologias textuais. No entanto há um pequeno grupo de alunos que ainda apresentam dificuldades no reconhecimento de algumas letras e não são capazes de formular frases inteiramente corretas de acordo com o sistema de escrita alfabética, ou ainda se encontram na fase de transição do desenho para o código da língua escrita. Já na turma do primeiro ano, os alunos estão a se familiarizar com as letras do alfabeto e aprendendo a se expressar de forma coesa. Alguns já apresentam domínio na formação de palavras com sílabas simples. Assim como na turma de segundo ano, demonstram compreensão da funcionalidade das tipologias textuais. A grande maioria já compreende o uso e a importância da escrita em seu cotidiano, e encontram-se na fase de transição do desenho para a escrita alfabética, o que também não é comum por todos os alunos, pois poucos conseguem expressar e apontar as dificuldades que apresentam e por isso acabam se calando. De acordo com Soares (2003), para que tanto a alfabetização quanto o letramento sejam apropriadas pelas crianças de forma espontânea, primeiramente, é necessário entender a alfabetização como a apropriação do sistema

26

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia – Unioeste do *campus* de Cascavel – PR. E-mail: kimberlioliveira@outlook.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia-Unioeste, do *campus* de Cascavel – PR. E-mail: Magali.brito@hotmail.com.

⁴ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Pedagogia - Unioeste, do *campus* Cascavel – PR. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Especialista em História da Educação Brasileira pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professora da Rede Municipal de Ensino de Cascavel-Pr. Email: cristianeapbueno@yahoo.com.br.

alfabético e ortográfico, e que esta possa se desenvolver num contexto de letramento desenvolvendo o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais de forma positiva. É importante também, que se compreenda que ambos os processos possuem determinadas dimensões, porém indissociáveis, e desta forma, demanda de uma metodologia específica. Por fim, é necessário que se reflita sobre as formações dos professores alfabetizadores, possibilitando a estes, estudos e vivências acerca do processo de alfabetização, para que desta forma, ao entrar no mercado, este desmistifique e enfrente as dificuldades encontradas no processo de ensino, ou seja, que possa, por meio de uma práxis educativa, possibilitar aos seus alunos o domínio da leitura e escrita.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Formação do professor.

Referências Bibliográficas:

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita.** Porto: Mandruvá, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, n. 25, 2004.

PIBID INGLÊS E A FORMAÇÃO DE LEITORES COM *ALICE IN WONDERLAND*¹

Aline Stenzel²
Bianca Nagai da Silva³
Deborah Alessandra Scherer⁴
Jaqueline Patricia Schossler Deak¹
Renan Bortoluzzi Signor²
Camila Alves³

Resumo: O presente trabalho é resultado das atividades de leitura elaboradas pelo subprojeto de Língua Inglesa no câmpus de Marechal Cândido Rondon. O projeto de ensino foi desenvolvido em uma turma de 8º ano de um colégio público do município e teve como tema a obra literária *Alice in Wonderland* (CARROLL, 2000). A dimensão literária é grandiosa pela riqueza de temas e de vivências de mundo que tem a oferecer aos leitores que dela permitirem aventurar-se, considerando-se neste trabalho, seu potencial de benefícios para os que vivenciam o ensino e aprendizagem de inglês (PALLU, 2012). A leitura, compreendida em seu sentido amplo como interação entre autor-texto-leitor (SOLÉ, 1998), é uma habilidade presente em todos os níveis de ensino. As aulas de Língua Estrangeira Moderna no ensino fundamental público podem possibilitar estas interações, uma vez que as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCEs, 2008, p. 57) orientam que um dos objetivos neste nível de ensino é que “os envolvidos no processo pedagógico façam uso da língua que estão aprendendo em situações significativas”, de forma a situar o aluno no mundo multicultural em que está inserido. A proposta desse trabalho consiste em demonstrar maneiras de vivência entre a literatura nas aulas de inglês a partir de narrativas ficcionais, exemplificadas a partir do projeto de ensino que foi desenvolvido pelos pibidianos. Em consonância com a proposta metodológica adotada, a aula de leitura em língua estrangeira pode ser dividida em três passos, sendo eles “pré-leitura” (TOMITCH, 2009, p. 195), momento em que o conhecimento prévio do aluno é ativado; “leitura propriamente dita” (TOMITCH, 2009, p. 196), na qual o aluno deve ter contato com o texto após trabalho com o vocabulário e buscando determinado objetivo; e “pós-leitura” (TOMITCH, 2009, p. 197), quando o tema do texto é relacionado com a realidade do aluno. A abordagem que norteia o trabalho

28

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Língua Inglesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: aline.stenzel@hotmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Língua Inglesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: biancanagai@hotmail.com.

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Língua Inglesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: deborah-scherer@hotmail.com.

¹ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Língua Inglesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: jaque.deak@hotmail.com.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Língua Inglesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: renanbortoluzzi07@gmail.com.

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Língua Inglesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: camilaalves@seed.pr.gov.br.

é a análise comparativa entre o livro *Alice in Wonderland* (CARROLL, 2000) e a adaptação cinematográfica homônima dirigida por Tim Burton (2010). Além disso, será relatado o desenvolvimento e aplicação do projeto de ensino, envolvendo conteúdos gramaticais, materiais lúdicos, como a confecção de jogos e cartazes inspirados pela temática literária. Em suma, serão expostas alternativas metodológicas para superar os desafios no processo de formação de leitores nas escolas públicas e a significação das aulas de língua inglesa. Com o projeto de ensino, os alunos demonstraram estar envolvidos com as atividades propostas pelos pibidianos, motivados pelo elemento do fantástico.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa; Formação de leitores; *Alice in Wonderland*.

Referências Bibliográficas:

ALICE IN WONDERLAND. Direção: Tim Burton. EUA: Walt Disney Pictures, 2010, DVD.

CARROLL, L. *Alice in Wonderland*. Chicago: BookVirtual Corporation, 2000.

PALLU, N. M. Literatura Inglesa: uma abordagem integrada ao ensino de inglês. In: *JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS*, 15., 2012, Marechal Cândido Rondon. Anais... Cascavel: Edunioeste, 2013. p. 289-298.

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa*. 2008.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TOMITCH, L. M. B. Aquisição de leitura em língua inglesa. In: LIMA, D. C. de. (Org.). *Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 191-201.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: UTILIZAÇÃO DE JOGOS PARA O ENSINO DE JUROS COMPOSTOS¹

Eliandra de Oliveira²
Mariana da Rosa³

Resumo: O desinteresse dos alunos é, geralmente, causado pelo educador em sala de aula e pela metodologia utilizada – na qual, muitas vezes, se utiliza o formato tradicional e sem métodos de ensino aprazível para os alunos. Para mudar essa perspectiva, precisamos utilizar meios de ensino que possibilite o aprendizado; dessa forma, procuramos trabalhar com jogos que viabilize o conhecimento sobre juros compostos. Os jogos propiciam uma certa competição entre os jogadores fazendo com que estes construam suas próprias referências, ou seja, descubram suas potencialidades; e, também, tenham sua própria liberdade na construção do conhecimento. Rade (2010, pg.10) destaca que “...durante uma atividade lúdica com jogos o sujeito é remetido à sensação de liberdade de escolha”, assim, o aluno deixa de ser obrigado a resolver uma lista de exercícios em ordem sequencial. Outra questão relevante de utilizar jogos como metodologia é que o aluno é quem desenvolve o papel do professor em sala de aula, sendo ele quem precisa observar, comparar e resolver a situação dada e o professor atua conduzindo ao caminho correto. Segundo Bulgraem (2010), o professor precisa fazer uma ponte entre o aluno e o conhecimento, para que o mesmo possa se questionar por si só, e não apenas aceitar informações prontas. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é contribuir para a educação, constatando que os jogos são de suma importância no ensino e aprendizagem. As atividades foram realizadas em uma turma regular do 3º ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual Pacaembu por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Preparamos um jogo considerando o tempo previsto para a aula e os materiais que seriam utilizados: trilha, pinos, dados e cartas). Para a aplicação do jogo, utilizamos o saguão do Colégio. O jogo confeccionado pelas autoras deste relato funciona em forma de uma trilha na qual foi denominada “corrida matemática”, em que os alunos deveriam percorrer toda a trilha para haver um ganhador, sendo que nesta trilha havia números e estrelas; os números correspondiam a um problema a ser resolvido sobre juros compostos e as estrelas representavam uma pausa de resolução e, assim, sucessivamente até o término da trilha. Durante a resolução dos problemas contidos nas cartas, os alunos deveriam anotar em seu caderno para que assim pudéssemos identificar eventuais equívocos. A turma realizou o jogo em grupos de no máximo quatro alunos e desenvolveram de uma forma coerente e produtiva; a duração foi de uma aula e meia. Uma dificuldade que percebemos durante a realização do jogo foi na conversão de uma grandeza matemática para outra, porém com o nosso auxílio muitas aplicações foram esclarecidas e as dificuldades foram diminuindo progressivamente. De modo geral, o jogo

30

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pibid, do *campus* de Cascavel. E-mail: eliandra.oliveiraaa@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pibid, do *campus* de Cascavel. E-mail: marianabernartt@gmail.com

foi produtivo, proporcionando a compreensão do conteúdo abordado. Os alunos se mostraram dispostos e competitivos durante a realização da atividade. A forma avaliativa que consideramos neste jogo foi a participação dos alunos durante o mesmo, a força de vontade da maioria dos alunos que erravam os problemas contidos mas persistiam no jogo buscando aprender muito mais e também as suas resoluções feitas no caderno. É válido destacar, também, que os jogos apresentados neste trabalho são adaptados de jogos tradicionais e estes podem ser adaptados a outros conteúdos matemáticos e até mesmo a outras disciplinas.

Palavras-chaves: Jogos matemáticos; Juros compostos; Metodologia.

Referências Bibliográficas:

BULGRAEN, Vanessa C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento.** Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4. Acesso em: 05/jul.

RADE, Arlei Vaz. **Contribuições de Jogos como um Recurso Didático nas Aulas De Matemática Financeira.** 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Matemática, Puc- Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Acesso em: 05/jul.

LITERATURA INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA “ATÉ AS PRINCESAS SOLTAM PUM”¹

Lorrana Eloisa Escoriça Candido²
Fernanda Souza Szcapanik³
Andreia Nakamura Bondezan⁴

Resumo: O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) tem como um dos seus objetivos promover a união entre Universidade e Escola, proporcionando experiências do acadêmico no ambiente escolar e ampliando sua formação inicial. Este programa está presente em várias instituições de ensino superior do Brasil. O foco deste trabalho é o subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Foz do Iguaçu que teve seu início em 2014 com o intuito de desenvolver a leitura e a escrita de crianças de uma escola de Ensino Fundamental. No ano de 2017 este subprojeto conta com oito alunas bolsistas e uma pibidiana voluntária. O projeto está atendendo três turmas de terceiro ano e uma de quarto ano do Ensino Fundamental, tendo aulas ministradas uma vez por semana. Este trabalho relata experiências vivenciadas a partir da literatura infantil “Até as Princesas Soltam Pum” (BRENMAN, 2008) em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental da rede Municipal de Ensino da cidade de Foz do Iguaçu- Paraná. O objetivo da contação da literatura foi levar os alunos a perceber que todos somos iguais e todos temos as mesmas necessidades fisiológicas, biológicas e os mesmos direitos. Os fundamentos teóricos que nortearam esta prática foram Mello (2006), Zilberman (1987) e Battaglia (2003) que apresentam a relevância da literatura infantil no processo de aprendizagem das crianças. A literatura foi apresentada por meio de teatro de fantoches que foram cedidos pelo laboratório de Pedagogia e também a apresentação das imagens do livro. Os alunos tiveram oportunidade de discutir o assunto, contar suas histórias e expor suas ideias. Segundo Mello (2006), é importante que a criança conte histórias que acontece com ela e de sua imaginação de forma rotineira, pois isso, estimula o desejo de expressão da criança. Obtivemos resultados muito positivos com o projeto e percebemos que os alunos entenderam a mensagem da história e, por meio de uma roda de conversa, pudemos observar que houve compreensão dos conteúdos propostos como das funções e funcionamento do corpo humano, assim como o respeito ao outro. Após a contação da história os alunos confeccionaram coroas de papel cartão, utilizando colagens e pintura; tais coroas foram usadas posteriormente pelas crianças num momento de descontração e brincadeiras. De acordo com Zilberman (1987) a principal função da literatura nas escolas dever ser formar nas crianças suas capacidades de criação e imaginação. Esta atividade teve como objetivo proporcionar a interação entre os alunos e permitir momentos lúdicos

32

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: lorrana_eloisa@hotmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: fernandascpnk@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: andreiabondezan76@gmail.com

nos quais eles foram fantasiando a realidade, expressando emoções, sendo à sua maneira um príncipe ou uma princesa. Para Vygotsky (1998) a imaginação surge da ação e, por isso, destacamos a importância de sempre incentivar o brincar e a imaginação em sala de aula. Assim, concluímos que mediante o uso desta literatura, atrelada a contação de histórias, discussões e atividades lúdicas as crianças puderam compreender os conteúdos propostos de forma mais prazerosa, demonstrando que tais estratégias propiciam grande aprendizagem e desenvolvimento das capacidades de criação e imaginação dos alunos.

Palavras-chave: Literatura Infantil; PIBID; Leitura.

Referências Bibliográficas.

BRENMAN, Ilan. **Até as Princesas Soltam Pum**. São Paulo: Brinque- Book, 2008.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1987.

MELLO, Suely Amaral. A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela. Vygotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2006, p. 181-192.

BATTAGLIA, Stela Maris Fazio. A criança e a literatura. In: DIAS, Marina Célia;

33

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (orgs). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância. Campinas, SP, 2003, p.113-125.

VYGOTSKI, L.S. **Formação Social da Mente, A**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA¹

Daiana Carolina Becker²
Gisleide Pereira Lima³
Andreia Nakamura Bondezan⁴

Resumo: O subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Foz do Iguaçu, trabalha com o objetivo de desenvolver a leitura e escrita de crianças de uma escola pública da cidade. O subprojeto conta com oito pibidianas bolsistas e uma voluntária; uma supervisora na escola e uma coordenadora de área da UNIOESTE. Os encontros para estudo, discussões, planejamentos e confecção de materiais ocorrem todas as terças-feiras na UNIOESTE e as quintas-feiras as pibidianas vão à escola municipal auxiliar em sala de aula. Atualmente o projeto está sendo realizado em quatro turmas de terceiro e quarto anos do Ensino Fundamental no período vespertino. Com as atividades realizadas na escola percebeu-se que uma grande parte dos professores enfrenta a indisciplina em sua sala de aula. Com isso, surgiu a necessidade de responder algumas inquietações depois de várias conversas acerca da temática que resultou em uma pesquisa bibliográfica e ações no ambiente escolar. Este estudo partiu de pesquisas em textos de Ferreira (1986) e Garcia (1999) e as análises dos questionários que foram respondidos por professores regentes das turmas onde o PIBID atua. O questionário apresentou algumas perguntas envolvendo o entendimento do professor a respeito da indisciplina; suas possíveis causas; estratégias utilizadas para a resolução deste problema. Assim, o presente texto busca apresentar os resultados deste processo descrevendo primeiramente compreensões acerca das possíveis causas da indisciplina na escola e, em seguida, apontando algumas formas de entendimento dos professores participantes e finaliza com algumas estratégias utilizadas na escola que propiciaram mudanças na rotina dos alunos na busca por uma alteração nesta realidade. Garcia (1999) explica que a indisciplina na escola pode acontecer por causas que se encontram dentro e fora do ambiente escolar. Podem ser reflexo dos meios de comunicação, problemas familiares, ou mesmo das formas de ensino, dos relacionamentos entre a comunidade escolar. Algumas estratégias utilizadas pelos docentes para amenizar a indisciplina foram: realizar atividades e dinâmicas, agregando conhecimento tanto individual como coletivo, construir regras com a turma, organizar momentos de diálogo sobre, respeito, obediência, amizade, entre alunos e professores. Conclui-se que o ato de indisciplina em sala de aulas advém de fatores externos, mas também da dinâmica neste local. Esta problemática precisa ser discutida e estudada. Com algumas mudanças no cotidiano escolar conseguiu-se avanços, tornando menor a incidência da indisciplina nas aulas desta instituição de ensino.

34

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: (ddaibak2@gmail.com)

3 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: (gisleide_28@hotmail.com)

4 Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Pedagogia, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: (andreia bondezan76@gmail.com)

Palavras-chave: Indisciplina; Sala de aula; Educação; Escola.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, 1999.

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO PARA A APRENDIZAGEM¹

Valquíria Oliveira²
Estephany Eduarda da Silva de Souza³
Andreia Nakamura Bondezan⁴

Resumo: Esta pesquisa parte das experiências vividas pelas acadêmicas do subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em uma sala de aula do terceiro ano do ensino fundamental da rede pública de Foz do Iguaçu. Este artigo se utiliza da pesquisa bibliográfica e das vivências das bolsistas do subprojeto de Pedagogia e seus relatos. Tem como objetivo geral conhecer e entender os resultados da afetividade na aprendizagem dos educandos. Busca destacar o conceito de afetividade e as ações que podem ser realizadas pelos docentes no processo ensino e aprendizagem e também como esta capacidade pode ser compreendida pelas bolsistas, para uma formação mais humanizadora. Toma-se como referencial teórico os escritos de Freire (2002), Vigotski (1994), Tassoni (2000). É interessante salientar que é com o auxílio da afetividade que se desenvolvem na criança as primeiras formas de relações e interações sociais. Segundo Tassoni (2000), a afetividade pode ser compreendida como uma interação entre professor e aluno, e também é caracterizada por uma mediação entre o conhecimento do educador para com o educando. Para a autora, a afetividade, no senso comum, utiliza-se dos termos emoção, sentimento e afeto como sinônimos, porém, o termo emoção em si está relacionado a seu conceito biológico, isto é, uma agitação, uma reação de ordem física. Já a afetividade tem um significado mais amplo, referindo-se as vivências de cada indivíduo e as formas de expressão mais complexas e essencialmente humana. A autora ainda postula que “A afetividade, por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica)” (TASSONI, 2000, p.6). Percebe-se que a escola é responsável pelo ensino de conteúdos científicos, no entanto, juntamente com esta aprendizagem, os discentes aprendem normas de conduta, modos de ser e de sentir. A escola visa formar um ser completo e, para que isso ocorra, faz-se necessário que o professor compreenda que o cognitivo e o afetivo fazem parte de um todo, não sendo possível sua separação. Durante as aulas ministradas pelas pibidianas pode-se notar que as crianças sempre traziam alguma informação e contribuição à aula. Ao dar esse espaço em sala, os alunos ficaram cada vez menos envergonhados para questionar e contribuir. Outro fato que chamou atenção foi que as crianças demonstram grande motivação para a aprendizagem nas atividades desenvolvidas pelas pibidianas que buscam aliar o conteúdo científico com as relações sociais e as vivências dos educandos em sala de aula. Segundo

36

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de pedagogia do *campus* de Foz do Iguaçu E-mail: valoliveira1242@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de pedagogia do *campus* de Foz do Iguaçu E-mail: estephany-eduarda@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de pedagogia, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: andreiabondezan76@gmail.com

Gomes (2013), compreender o afetivo e o cognitivo de forma fragmentada faz com que as escolas pensem as experiências afetivas fora de seu ambiente e função, elegendo como única função a transmissão dos conteúdos científicos. É preciso criar oportunidades para os estudantes participarem das aulas, com momentos que proporcionem a troca de saberes, incentivando a aprendizagem com o auxílio das experiências dos educandos. É significativo que o docente saiba ter uma boa relação com seus alunos, e também que haja o diálogo dentro da classe, onde o discente se sente mais confortável, conseguindo identificar o educador como mediador dos seus conhecimentos. Como destaca Freire (2002), o docente que demonstra afetividade para com seus alunos é o que se importa e que respeita e leva a sério seu trabalho, tendo assim comprometimento. Ele está consciente que está ensinando a pensar e ser. Por isso, é tão indispensável que o discente se sinta bem acolhido no ambiente escolar, para que possa se desenvolver de forma plena, adquirindo conhecimentos. Enfim, pode-se perceber que, apesar da grande importância da afetividade, nem sempre ela está presente no ambiente escolar, mas é uma ação extremamente relevante, visto que é imprescindível para o desenvolvimento saudável da criança e também do processo de aprendizagem, fato que comprova a necessidade dessas discussões nos cursos de formação de docentes.

Palavras-chave: Pibid; Afetividade; Formação de Professores.

Referências Bibliográficas:

VYGOTSKY, L. S. (1994) *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 25. ed. São Paulo-SP: Paz e terra. 2002.

TASSONI, E. C. M. *Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPEd, 2000. Disponível em: < <http://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/conteudo8232.PDF> > Acesso em: 05 julho 2017.

INTERVENÇÃO NA ESCOLA¹

Ana Claudia Barbosa Nunes²

Resumo: O PIBID enquanto um programa de iniciação à docência possibilita um conhecimento sobre área escolar, sobre a sala de aula e todos os que compõem esse universo. A partir dessa experiência obtive uma preparação para minha futura regência. Com isso é possível pensar e analisar o ensino, no meu caso o de Filosofia. Segundo o pensamento do filósofo Heidegger, “[...] Se a filosofia já reside em nosso ser-aí como tal, então essa aparência só pode surgir do fato de a filosofia estar como que dormindo em nós” (HEIDEGGER, 2008, p. 4). Ainda que uma pessoa não tenha conhecimento da mesma, a filosofia está presente na vida de cada um. Mas será de acordo com o contato que tiver com a filosofia que a pessoa conseguirá cativar, colocá-la em prática. Portanto, é imprescindível que durante a formação educacional os alunos tenham contato com a filosofia. A educação é a que possibilita que os alunos adquiram conhecimento em diversas áreas, sendo um processo contínuo e para adquirir conhecimento o aluno deve estar aberto para compreender. Nessa etapa da vida dos alunos é preciso considerar que eles já adquiriram conhecimento das outras disciplinas, estando na época de formar sua consciência ética e política. Com o contato com a filosofia, ocorre o estímulo para a promoção de um pensamento crítico, sobretudo por conta do contato com a ética e a política, em que cada indivíduo procura melhoras para si e para os demais membros da sociedade, sobretudo por estarem entre a fase da adolescência para a vida adulta, em que passam a assumir responsabilidades sobre suas vidas e também pela vida de outras pessoas. Diante de cada oportunidade, antes de entrar em sala ensaiei minhas intervenções, uma das intervenções foi sobre o impulso apolíneo e impulso dionisíaco do filósofo Nietzsche, apresentada aos alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Luiz Augusto Morais Rego, essa aula foi muito interessante os alunos encantaram-se com o pensamento do filósofo e perceberam a presença da filosofia em seu cotidiano. Senso possível perceber que ensaiando as aulas, o conteúdo flui de maneira mais fácil. Levei em conta o que diz o filósofo Deleuze. “Uma aula é ensaiada [...]”. (DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze, 1988, p. 1). O papel do professor é ensaiar suas aulas para que elas sejam inspiradoras, que elas coloquem o pensamento em movimento pelo despertar da emoção, do interesse. Planejei as minhas intervenções, cada uma de maneira única, ensaiando. Uma aula é tanto emoção quanto inteligência. O professor de filosofia é um personagem que deve buscar a linguagem dos alunos, isso não significa que ele deve ser tornar aluno, mas que deve pensar e se sentir como aluno para, dessa maneira, faça acontecer a filosofia. O professor, ensaiando suas aulas, tendo total dedicação e respeito com a educação e indo para a sala de aula cada vez mais inspirado e preparado, lançará sementes: “[...] ensinar é como lançar sementes, que não sabemos se germinarão ou não; já aprender é incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo” (GALLO, Silvio, pag. 84). Às vezes, no entanto, não serão todos os alunos que irão incorporar a semente mas, com o tempo, mais alunos terão

38

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: anabarbosa_ab@hotmail.com.

interesse em aprender. Além de ensaiar suas aulas, o professor deve assumir sua responsabilidade pelo mundo. Para Hannah Arendt “A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo[...]” (ARENDR, 2014, p. 247). Esse assumir a responsabilidade é observado quando os adultos educam os mais jovens, tratando cada criança como única, respeitando o espaço de cada um, também incluindo essa criança no grupo, na turma. Através da educação, o professor, com sua autoridade, educará, ou seja, ensinará essas crianças para o mundo, não evitando o mundo para essas crianças, nem isolando-as em seu próprio mundo, mas abrindo possibilidades de entender e socializar com todos os seres humanos que aqui habitam. Quando se respeita a criança, o adolescente, com a autoridade do professor e até mesmo com o auxílio dos pais, é possível fazer com que o conformismo e delinquência juvenil não aconteçam ou até mesmo desapareçam. O PIBID é um programa que soma na educação uma excelente oportunidade para futuros docentes. Reconheço que sem a preparação necessária sentiria muitas dificuldades para minha regência.

Palavras-chave: Intervenção na escola; Filosofia; Educação.

Referências Bibliográficas

ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, “TV Escola”, 2001.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins fontes, 2008.

A ELABORAÇÃO DE VÍDEOS PELOS ESTUDANTES COMO UMA ETAPA DE AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO¹

Rosana Franzen Leite²

Eliane Souza dos Reis Hipólito³

Ana Julia Cecatto⁴

Karolina de Fátima Royer⁵

Marcia Borin da Cunha⁶

Resumo: A utilização da tecnologia em sala de aula possibilita a inovação na prática de ensino e aprendizagem, viabilizando uma circulação de informações de maneira atrativa, ou seja, utilizam-se imagens, vídeos, músicas, entre outros, para divulgar uma informação. O uso de recursos midiáticos, em especial o vídeo, possibilita o despertar da criatividade à medida que estimula a construção de aprendizados múltiplos, além de contextualizar conteúdos variados (SILVA, s/a). Nesse contexto, a produção audiovisual nas escolas nos faz refletir sobre o momento histórico no qual vivemos, em que as mídias devem ser encaradas como fato cultural (PINHEIRO, 2011). O principal valor da produção do vídeo educativo segundo Cinelli (2003) é que ele permite um simbolismo visual e verbal, proporcionando aos estudantes uma experiência ampla, real e imaginativa. Com o intuito de instigar a criatividade dos estudantes do ensino médio, foi realizada uma sequência de aulas em quatro etapas, sendo elas: Aula teórica sobre o tema química forense, apresentação dos vídeos elaborados pelos estudantes, apresentação de um teatro elaborado pelos acadêmicos de Química Licenciatura, palestra ministrada por uma Perita Criminal. Porém neste artigo só iremos analisar a segunda etapa desta sequência. Sendo assim, foi proposto ao Terceiro Ano "A" do ensino médio do Colégio Estadual Novo Horizonte, composta por 29 estudantes, a elaboração de um vídeo de até 10 minutos contendo uma cena de crime e sua respectiva resolução, sendo que está deveria ser embasada em algumas técnicas de Química forense que fora discutido anteriormente com os estudantes. Os mesmos se dividiram em grupos de 9 ou 10 estudantes, no total foram elaboradas três situações de cena de crime diferentes, usando recursos que lhes foi repassado em uma aula teórica e a criatividade de cada um. O primeiro vídeo relata uma briga entre duas estudantes do ensino médio, Andressa e Amanda, aparentemente motivada por uma rivalidade entre elas. Na cena seguinte, Andressa está em sua casa e envia mensagens para sua melhor amiga (Gabi), convidando-a para visitá-la e saber das últimas novidades. Quando Gabi chega, Andressa comenta sobre a briga e sobre seu novo

40

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Coordenação à Docência do Subprojeto PIBID-QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: rosana.leite@unioeste.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto PIBID - QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: eliane_srh@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID - QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: anajulia.cecatto@gmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID - QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: karolina_royer@hotmail.com

⁶ Bolsista de Coordenação à Docência do Subprojeto PIBID-QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: borin.unioeste@gmail.com

relacionamento. A amiga escuta atentamente demonstra estar feliz por Andressa e diz que precisa voltar para casa. Algum tempo depois, o corpo de Andressa é encontrado em sua casa, já sem vida e com um ferimento fatal. Um perito criminal recolhe algumas evidências na cena do crime, entre elas a faca que supostamente foi a arma utilizada para matar a menina e leva para o laboratório para possíveis análises, a técnica forense utilizada aqui foi a do iodo, para identificação das impressões digitais, desvendando assim o crime. O segundo vídeo produzido pelos estudantes retrata a rivalidade entre duas pastelarias, em que o proprietário de uma delas é assassinado brutalmente por uma pedra lançada por um anônimo. Após a morte, o corpo é encaminhado para o laboratório criminal e se dá início a investigação do crime. Durante as investigações, foi constatado que a esposa da vítima mantinha um relacionamento extraconjugal com a dona da outra pastelaria. Com esse novo fato, os investigadores conseguiram facilmente identificar quem realizou o crime e o seu motivo, aqui foi utilizada a técnica do pó, que também serve para identificação de digitais. A assassina segundo as provas foi a própria esposa, motivada por sua amante, a qual tinha a ambição de se tornar proprietária da pastelaria rival. Já o terceiro vídeo se baseia em uma trama que envolve um crime passionai, em que a esposa tomada pela ganância, planeja o assassinato de seu marido para que pudesse ficar com sua herança. Com a ajuda de seu amante contrata dois criminosos para efetuar o serviço. Ao sair de casa, a vítima é abordada e levada até um terreno baldio onde é assassinada com um tiro na cabeça. O corpo é encontrado por um civil, o qual aciona a polícia. Peritos e médicos legistas realizam análises no corpo da vítima em um laboratório e fizeram o teste de sublimação do iodo para identificar as digitais. Por meio das investigações identificaram-se os reais culpados do crime. A presente produção de vídeos, indicou a percepção da mídia enquanto recurso educativo, possibilitando o entendimento do conteúdo. Sendo assim, a produção de vídeo, quando utilizada de forma exploratória e adequada, torna-se um método de ensino aprendizagem importante. Pode-se notar a dimensão lúdica e moderna dos respectivos vídeos, lúdica pois apresentaram cenas criativas e bem elaboradas e, moderna, pois integrou diversas formas de linguagens. Com isso, foi observado que os estudantes conseguiram desenvolver a atividade proposta na aula anterior e, elaboraram vídeos educativos sobre química forense de uma forma de fácil compreensão.

41

Palavras-chave: Vídeos; Química Forense; Crime.

Referências Bibliográficas:

SILVA, R. V; OLIVEIRA, E. M. **As possibilidades do uso do vídeo como recurso de aprendizagem em salas de aula do 5º ano.** Disponível em: <www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/videos/Pereira_Oliveira.pdf> Acesso em: 03/07/2017

PINHEIRO, M. M. A produção áudio visual como ferramenta de aprendizagem. UNICEUB – Centro Universitário de Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1171/2/20839189.pdf> Acesso em: 03/07/2017

CINELLI, N.P.F. A influência do vídeo no processo de aprendizagem.2003. 73f. Tese (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina,Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis. 2003

O FILME COMO FERRAMENTA DE ENSINO PARA DESENVOLVER OS ASPECTOS SÓCIOAMBIENTAIS EM AULAS DE QUÍMICA¹

Marcia Borin da Cunha²
Eliane Souza dos Reis Hipólito³
Kenndroa Volnes de Araujo⁴
Paulo Menegotto dos Santos⁵
Haroldo Cataneo Junior⁶
Rosana Franzen Leite⁷

Resumo: De acordo com Vygotsky (1978), a linguagem media o processo de transmissão cultural nos conhecimentos adquiridos pela humanidade. Sem a linguagem, é quase impossível que as palavras do professor façam sentido para os estudantes. A teoria vygotkiana histórico-cultural do psiquismo, também conhecida como abordagem sócio interacionista, pode indicar um caminho, se considerarmos como as ideias se desenvolvem no mais amplo plano social da sala de aula e como podem ser apropriadas em aprendizagens individuais. Um filme ou programa multimídia tem forte apelo emocional e, por isso, motiva a aprendizagem dos conteúdos apresentados pelo professor por meio de um filme o aluno compreende de maneira sensível e não apenas cognitiva. Ao assistir um filme, além da transmissão de conteúdos, ocorrem vivências de todos os tipos: emoções, sensações, atitudes, ações, conhecimentos etc. Filmes criam tendências e têm maior impacto em gerações mais jovens do que qualquer outra mídia, além de poder despertar maior interesse em temas científicos (ARROIO, 2007). É importante que professores se utilizem de diferentes ferramentas para despertar nos alunos interesse, curiosidade e capacidade de raciocínio para discutirem os mais variados assuntos com propriedade. Este trabalho teve como objetivo utilizar um filme como ferramenta para despertar curiosidade e capacidade para discutir de forma crítica os impactos ambientais causados pelo descarte inadequado dos resíduos industriais no meio ambiente, as informações difundidas pelos meios de comunicação, além de analisar os interesses por trás das notícias. A atividade foi realizada com cerca de 30 estudantes do segundo ano matutino do Ensino Médio do Colégio Estadual Novo Horizonte, localizado no município de Toledo-PR utilizamos o filme Erin Brockovich - Uma Mulher de Talento, gênero

43

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Coordenação à Docência do Subprojeto PIBID-QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: borin.unioeste@gmail.com

3 Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto PIBID - QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: eliane_srh@hotmail.com

4 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID - QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: kenndroavolnesa.okamura@hotmail.com

5 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID - QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: paulo_m_0@hotmail.com

6 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID - QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: haroldocataneo@gmail.com

7 Bolsista de Coordenação à Docência do Subprojeto PIBID-QUÍMICA, do campus de Toledo. E-mail: rosana.leite@unioeste.com

drama, com duração de 2h e 12min. Após exibição do filme foi proposto um questionário com escala LIKERT, o qual continha questões relacionadas ao filme. Na etapa seguinte a turma foi dividida em grupos de seis estudantes para leitura e discussão de textos relacionados aos seguintes temas: 1. Acidente Radioativo em Goiânia – Césio-137; 2. Rompimento da Barragem em Mariana/MG; 3. Curtumes e a utilização do cromo IV e corantes; 4. Tráfico de Lixo; 5. Contaminação com cromo hexa-valente; 6. Os efeitos dos metais tóxicos e bioacumulativos no meio ambiente. Após a realização da leitura dos textos, os alunos debateram os temas nos grupos, tendo como orientação os aspectos: conscientização ambiental, reponsabilidades governamentais nas fiscalizações de resíduos industriais, meios de comunicação e interesses do governo e grandes empresas por trás das reportagens. Ao final foi proposto aos estudantes um debate em conjunto e um trabalho de pesquisa sobre cada tema abordado. Ao final do trabalho, consideramos que por meio de filmes, leitura de textos, reportagens e pesquisa é possível trabalhar aspectos das ciências, e que segundo a abordagem sócia interacionista os estudantes podem se identificar com os personagens, compartilhando ações e emoções expressas na linguagem audiovisual.

Palavras-chave: Descartes Industriais; Impactos Ambientais; Metais Tóxicos.

Referências Bibliográficas:

ARROIO, A. **The role of cinema into science education.**In: *Science Education in a Changing Society*. Lமானauskas, V. (Ed.). Siauliai: Scientia Educologica. 2007

44

VYGOTSKY, L. S. **Mente e Sociedade.** Cambridge: Harvard University Press, 1978.

AMEIDA, M.E.B. Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: o compartilhar de significados, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 79, p. 75-89, jan. 2009. Disponível: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article>

ARROIO, A.; GIORDAN, M. **O Vídeo Educativo: Aspectos da Organização do Ensino.** 2007 Disponível em:

<http://www.ritla.net/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=15>
4.>

Disponível em: https://serex2012.proec.ufg.br/up/399/o/LIBERALINA_TEODORO_DE_REZENDE.pdf. Acesso em 14 de junho de 2017.

Disponível em: <<http://www.quimica.ufpr.br/eduquim/eneq2008/resumos/R0385-1.pdf>> Acesso em 14 de junho de 2017.

A PRODUÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PELO PIBID E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O COLETIVO DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA¹

Joel Staub²
Josiane Rodrigues Alves³
Josieli Camargo Rodrigues⁴
Larissa Leal Scapin⁵
Michely Mara Pereira⁶
Luciana Del Castanhel Peron⁷

Resumo: Por meio deste trabalho apresentamos uma das atividades desenvolvidas pelos acadêmicos bolsistas do PIBID/MAT/FOZ⁸. Uma das frentes de trabalho do grupo é a produção de materiais pedagógicos para auxílio no ensino de Matemática, porém tal atividade não se restringe aos integrantes desta frente, todos são responsáveis pela produção. Os materiais são catalogados e encontram-se a disposição no Laboratório de Ensino de Matemática (LEM), no acervo temos uma quantidade que se aproxima de uma centena, contemplando conteúdos dos anos iniciais, ensino fundamental e ensino médio. No ano de 2017 iniciou-se também a confecção de materiais para nos aproximarmos dos alunos da educação inclusiva. Todos os materiais são confeccionados seguindo as etapas de um plano de atividade que contempla: conteúdo a ser explorado; material utilizado para a produção; objetivos a serem alcançados; descrição da atividade (como produzir/elaborar); regras dos jogos/ materiais manipuláveis; observações (informações complementares a respeito de adaptações); referências. Os materiais passam por uma avaliação inicial quando são apresentados aos bolsistas, supervisores, coordenador e professores colaboradores na reunião semanal, depois são aplicados/ utilizados e voltam para a apreciação do grupo buscando identificar os limites e as possibilidades da utilização. O que destacamos é que uma vez que o material é aprovado ele fica a

45

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Matemática, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: joelstaub95@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do campus de Foz Do Iguaçu. E-mail: josianealves94@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do campus de Foz Do Iguaçu. E-mail: josi_kg_@hotmail.com

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Matemática, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: larissalara94@hotmail.com

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: michelly_mara@hotmail.com

⁷ Professora colaboradora de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: lucianaperon@hotmail.com

⁸ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto do Curso de Licenciatura em Matemática (PIBID/MAT/FOZ) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Foz do Iguaçu, é composto por 15 acadêmicos bolsistas, um coordenador de área, duas professoras supervisoras bolsistas da rede pública de ensino dos colégios parceiros do programa e três colaboradores docentes da UNIOESTE. Os participantes do subprojeto estão divididos em quatro frentes de trabalho e pesquisa, sendo elas: Aptidão Matemática, Reforço Escolar, Materiais Didáticos e Tecnologias.

disposição, e a utilização das produções é bastante significativa por todo o coletivo da licenciatura. Os materiais produzidos, foram apresentados em eventos de natureza acadêmica a citar: *Unioeste na Cidade* (evento realizado de 24 a 28 de abril de 2017, com o objetivo de apresentar conhecimentos científicos e atividades desenvolvidas na universidade de caráter social e comunitário), *Feira de Profissões* (evento anual de divulgação dos cursos de graduação oferecidos pela universidade e apresentação da área de trabalho do egresso), *Primavera Universitária* (evento realizado de 12 a 17 de setembro de 2016, de caráter integrador que congregou arte, cultura, leitura, poesia, música, teatro, esporte, recreação, política, cinema e muito aprendizado aproximando a comunidade da universidade), *Semana Acadêmica de Matemática*, *Semana Acadêmica de Pedagogia*. Os materiais também são utilizados em projetos de extensão e nas atividades de ensino, tais como: as *Oficinas Pedagógicas* promovidas pelos próprios bolsistas (2015 e 2016), as atividades de apoio e de reforço escolar e nas disciplinas de Estágios Supervisionados, Laboratório de Ensino de Matemática, Didática do Ensino de Matemática e pelos egressos do curso que estão em atividade docente. Enfatizamos que para os bolsistas o processo de produção de materiais pedagógicos deve passar por um estudo e uma reflexão sobre a aplicabilidade e funcionalidade do material produzido, claro que existem materiais que se destacam e que são emprestados e solicitados bem mais que outros, porém não desprezamos e importância de todos e pelo fluxo de empréstimos e de convites para oficinas e eventos o trabalho esta sendo mais que satisfatório e além dos contemplados pelo projeto o coletivo da licenciatura é beneficiado pelo trabalho realizado.

46

Palavras-chave: Materiais pedagógicos; Ensino; Licenciatura.

RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Adriele Schlickmann²
Eliane Samoel Anhaia³
Jéssica Ricardi⁴
Franciele Soares⁵

Resumo: Este resumo tem por objetivo discutir a relação professor-aluno na educação infantil. Tem por base as reflexões desenvolvidas a partir dos trabalhos realizados no âmbito do Subprojeto de Pedagogia – Campus de Francisco Beltrão-PR, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Unioeste, no ano de 2017. O projeto realiza-se no Centro Municipal de Educação Infantil Zelir Vetorello, no qual desenvolvemos nosso trabalho na turma do Maternal II, com as crianças de dois a três anos de idade, sendo este orientado pela coordenadora de área e pela professora supervisora do projeto. A partir do contato com o ambiente escolar da educação infantil por meio de observações, regências e momentos de debates com as coordenadoras, compreendemos que a relação professor-aluno no contexto diário do CMEI necessita levar em consideração aspectos relacionados a educação e ao cuidado das crianças pequenas, pois estas exigem cuidados básicos relacionados a higiene e alimentação, bem como atividades voltadas para o processo de ensino aprendizagem. A responsabilidade das professoras é interagir e mediar o processo de ensino e aprendizagem, para que estes se apropriem devidamente dos conhecimentos e conteúdos adequados a sua idade. Como Vygotsky (1994) defende, é por meio da interação com o outro que a criança se apropria dos instrumentos culturais ou da cultura humana. Logo, o professor é o mediador do ensino e aprendizado das crianças, tendo a responsabilidade de buscar práticas e ações que provoquem a real efetivação do ensino, por meio de ações lúdicas e de interações entre as próprias crianças, onde a criança não aprende apenas pela exposição do educador, mas também pelo contato com os demais. Nesse cenário, torna-se também necessário o envolvimento afetivo entre professor e aluno, pois isso possibilita estabelecer um elo de ligação entre ambos, promovendo uma relação de troca de saberes e conhecimentos. Podemos perceber no CMEI que a relação professor-aluno se constitui por meio do afeto e respeito mútuo, a partir do qual as educadoras elaboram atividades estruturadas pensando na interação das crianças e na busca de uma real efetivação do ensino aprendizagem, como está retratado na Proposta Pedagógica (2015) da instituição, que se pauta na concepção histórico-crítica. O processo educativo na turma do maternal II ocorre por meio da organização de atividades estruturadas e livres, como nos relata Arce (2013) ambos os elementos levam ao desenvolvimento e aprendizagem da criança, podendo ser

47

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: adry-gts@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: eliane_anhaia@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: jericardi@hotmail.com

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: sfrancielesoares@gmail.com

utilizados pela interferência do adulto e como introdução de conceitos científicos. Mas mesmo nos momentos em que as crianças realizam atividades livres as professoras observam e também estimulam para irem além, desafiando-as. Uma atividade realizada pelas professoras no CMEI que mostra a importância da relação professor-aluno para o desenvolvimento da criança foi referente ao estudo das formas geométricas, quando as professoras disponibilizaram às crianças pecinhas com as várias formas geométricas para que criassem desenhos de maneira livre em um primeiro momento e depois as professoras interagiram e dialogaram com as crianças para agregarem mais elementos a partir do que já haviam criado e com base nessa mediação e interação as crianças fizeram novos desenhos. Assim, compreende-se que a relação professora - aluno deve viabilizar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, isto é, resultados positivos, e que as levem ao processo de formação integral do sujeito, como um ser social, cultural e ativo na sociedade.

Palavras-chave: PIBID; Relação; Professor; CMEI; Mediação.

Referências:

ARCE, ALESSANDRA. É Possível Falar em Pedagogia Histórico Crítica Para Pensarmos a Educação Infantil? In. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 5-12, dez. 2013. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9695/7083> e acessado em 25/07/2017

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994

LONGA-METRAGEM EM AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA E A INTERCULTURALIDADE¹

Cristheler Gomes Teixeira²
Isabela Batistella Coelho³
Greice da Silva Castela⁴

Resumo: O presente resumo tem por objetivo relatar e refletir a respeito das oficinas desenvolvidas no Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM), proporcionado pelo subprojeto de Espanhol do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As oficinas desenvolveram-se em duas turmas de CELEM, um primeiro ano e um segundo ano de língua espanhola do Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira, na cidade de Cascavel. A proposta das oficinas consistia em um trabalho com longa-metragens de países de língua espanhola, de maneira que fosse possível trabalhar com a cultura do país de origem do filme. O objetivo das oficinas foi fomentar a reflexão dos alunos sobre a cultura, promovendo uma interculturalidade entre o outro e a cultura brasileira. Para desenvolver e estimular a competência comunicativa da língua estrangeira por meio das diferenças culturais foram propostos dois filmes: *Una última y nos vamos* (2015), produzido no México, que retrata a história de uma banda de mariachis, e *Requisitos para ser una persona normal* (2015), da Espanha, que apresenta a vida de uma jovem a procura de se estabelecer na vida após perder seu emprego. Como continuidade do trabalho, realizamos um debate a partir dos filmes, promovendo a interculturalidade. Os alunos conseguiram reconhecer e estabelecer relações entre a nova cultura e a sua própria cultura. De maneira a instiga-los, ainda mais, apresentamos infográficos – produzidos pelas docentes bolsistas – com mais dados culturais respectivos a cada país em que foram produzidos os filmes. Sendo assim, buscamos expor a importância do trabalho intercultural nas aulas de língua espanhola por meio de longa-metragem, ressaltando o processo de desenvolvimento do conhecer e respeitar sua própria cultura para então poder voltar-se para o outro. Para explicar e embasar o desenvolvimento das oficinas, utilizamos alguns teóricos como Paula Renata Almeida Lima (2010) que propõe um trabalho intercultural com suporte em filmes nas aulas de língua estrangeira como forma de o indivíduo desenvolver competências que o possibilite compreender o outro e sua língua e Pilar Melero Abadía em seu livro *Métodos y enfoques en la enseñanza/aprendizaje del español como lengua extranjera* (2000) que explicita e fornece exemplos dos métodos de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, voltando-se também para o ensino intercultural. Com base nas propostas didáticas e ministrações feitas em sala de aula, pudemos incitar

49

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Espanhol do PIBID, Unioeste-campus de Cascavel. E-mail: cristhelergomes@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Espanhol do PIBID, Unioeste-campus de Cascavel. E-mail: isabelabcoelho@hotmail.com

⁴ Bolsista -coordenadora de área do Subprojeto de Espanhol do PIBID, Unioeste-campus de Cascavel. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br

a construção do processo de aprendizagem de língua estrangeira aos alunos e contribuir para ressignificação da ótica cultural, obtendo resultados positivos. Concluindo, foi possível observar que os alunos refletiram e compreenderam a proposta que a exibição dos longa-metragens tinham, bem como a utilização dos infográficos e conseguiram realizar *insights* e conexões com seus conhecimentos prévios e sua própria cultura.

Palavras-chave: Língua espanhola; Longa-metragem; Interculturalidade.

Referências Bibliográficas:

ABADÍA, Pilar Melero. *Métodos y enfoques en la enseñanza/aprendizaje del español como lengua extranjera*. Didascalía, 2000.

LIMA, Paula Renata Almeida. *Discussões e propostas interculturais para as aulas de Espanhol como Língua Estrangeira através da análise de filmes*. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2010.

COLÉGIOS VOCACIONAIS: UMA EXPERIÊNCIA DIALÓGICA¹

Judite Veranisa Schmitt²

Resumo: Este resumo tem por objetivo apresentar algumas experiências dos colégios vocacionais do estado de São Paulo no período de 1961 a 1969. Foi um projeto experimental em seis colégios nas cidades de São Paulo, Barretos, Americana, Batatais, Rio Claro e São Caetano do Sul. Nesses colégios a proposta pedagógica pautou-se no método dialógico de Paulo Freire, uma prática que enfatiza o desenvolvimento de relações democráticas na escola e na sociedade. O interesse pelo tema deu-se porque durante o subprojeto PIBID/História - Unioeste (2014-2017), o método dialógico de Paulo Freire, foi o fio condutor das discussões semanais e das atividades nos colégios de atuação do PIBID/História. O método dialógico defendido por Paulo Freire (FREIRE; SCHOR, 2000, p.131), parte da compreensão de que os alunos têm experiências diárias, quer sejam alunos da universidade, ou crianças do primeiro grau, ou operários de um bairro urbano, ou camponeses do interior, partir da descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar do concreto, do senso comum para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade, por consequência, o rigor científico vem de um esforço para superar uma compreensão ingênua do mundo. Nessa perspectiva, nos colégios vocacionais, partia-se de uma problemática levantada em sala de aula e estabelecia-se um diálogo a respeito do tema, onde os professores não eram os únicos detentores do saber, os alunos também traziam suas experiências vividas e tornavam-se pesquisadores sobre o assunto discutido durante as aulas (aprender a aprender). Desse modo, no método dialógico, o professor conduzia o processo e o aluno demonstrava o interesse e participação nas atividades propostas, sendo que tanto professor e aluno investigavam a respeito do tema em discussão. Nesses colégios, o ambiente escolar propiciava aos alunos senso crítico e liberdade de atuação, levando-os a pensar e se expressar sobre as mais variadas questões. Além disso, o currículo escolar era elaborado em conjunto (comunidade e escola), a interdisciplinaridade fazia parte do currículo, onde as disciplinas eram interligadas e o conteúdo fazia sentido para os alunos, levando-os a formação de uma consciência crítica. Os estudantes passavam o dia no colégio (ensino integral), pela manhã estudavam as disciplinas obrigatórias e à tarde preocupavam-se com as práticas, como por exemplo: artes industriais, áreas de práticas comerciais, manicure e em alguns colégios haviam galpões com torno mecânico, salas com máquinas de escrever, salas de música e artes plásticas. Assim, a teoria era articulada a prática com a valorização de todas as áreas do conhecimento. Nos colégios vocacionais, umas das práticas pedagógicas que também se pode citar, foi estudar o meio em que o aluno estava inserido. Os estudantes iniciavam os estudos pela própria comunidade, depois o estado, a seguir o país e depois o mundo, conhecendo gradualmente a realidade. Os temas geradores fizeram parte do cotidiano escolar dos vocacionais e estes eram escolhidos por bimestre em cada turma. Havia a preocupação com a formação continuada dos professores e do trabalho

51

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto História, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: judite@rondotec.com.br

em equipe. Em 1969, durante o regime militar, esses colégios foram fechados e transformados em colégios convencionais.

Palavras-chave: Vocacional; Dialógico; Democracia.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo; SCHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SUBPROJETO PIBID GEOGRAFIA/FB – O USO DE JOGOS DIDÁTICOS NA COMPREENSÃO DO CONTEÚDO DE REGIONALIZAÇÃO DO BRASIL¹¹

Shirley Manera Balastrelli²
Nathan Gustavo Mari da Silva³

Resumo: O subprojeto PIBID GEOGRAFIA/FB está inserido na cidade de Francisco Beltrão, microrregião sudoeste do estado do Paraná, em três instituições de ensino da rede pública. O subprojeto tem como composição: vinte e quatro bolsistas, quatro professoras supervisoras e duas professoras coordenadoras. No Colégio Estadual Mário de Andrade, doze pibidianos realizam suas intervenções divididos em dois grupos, com duas professoras supervisoras diferentes. A atividade de atuação foi escolhida a partir de reflexões oriundas das observações feitas em sala e, consistiu no uso de um jogo didático para atingir uma efetiva compreensão do conteúdo de regionalização do Brasil. Essa metodologia lúdica foi executada na turma do segundo ano do curso de Técnico em Administração, período matutino. O jogo escolhido para realizar a atividade, consistiu na utilização de quebra-cabeças em formato de mapa do Brasil (em material de E.V.A), em que os estados eram as peças que, quando completadas, formavam o território brasileiro. Para desenvolver o raciocínio da regionalização do Brasil, os quarenta alunos dessa turma, foram divididos em dez grupos, numerado, e, cada grupo, possuía o seu mapa; sob esse olhar, elaborou-se um questionário recheado de perguntas que norteavam a atividade. Essas perguntas eram sorteadas e o grupo que seguia a ordem da sequência numérica, localizava o estado ou os estados no mapa; e, assim, resolviam a montagem do estado. Vale ressaltar que, para realizar o quebra-cabeça, foi estipulado um determinado tempo por pergunta. E, as perguntas seguiam uma lógica em que se abordavam diversos assuntos das regiões do Brasil, desde a sigla, características históricas, sociais e políticos, até aspectos físicos dos estados formadores. Cabe citar alguns exemplos: “Monte os três estados que compõe a região Sul do Brasil”, “Localize o menor estado da região Nordeste”, “A primeira capital do Brasil foi Salvador. Atualmente, Salvador é a capital de qual estado brasileiro?”, “A cidade do Rio de Janeiro que já foi capital nacional, atualmente é capital de qual estado do Brasil. Identifique o estado no mapa?”, “Identifique, localize e monte o Distrito Federal no mapa”. O grupo vencedor seria aquele que apresentasse, em menor tempo, o quebra-cabeça com todos os estados montados. Houve a participação total dos alunos na construção do jogo, entretanto, os pibidianos notaram relevantes dificuldades na assimilação das características de cada região do Brasil, como por exemplo, na localização e montagem dos estados da região nordeste do Brasil, mas que foram desmitificadas com o decorrer da atividade, por meio da oralidade. Ressalta-se que, esse jogo didático, foi uma metodologia escolhida pelos pibidianos bolsistas, com o intuito de fixar o conteúdo anteriormente trabalhado pela professora após as inúmeras aulas observadas. Como defende o autor Moyles (2002): “A estimulação, a

53

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto GEOGRAFIA, do *campus* de FRANCISCO BELTRÃO. E-mail: shirleymanerabalastrelli@outlook.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto GEOGRAFIA do *campus* de FRANCISCO BELTRÃO. E-mail: nathanunioeste@gmail.com

variedade, o interesse, a concentração e a motivação são igualmente proporcionados pela situação lúdica...”, os jogos estimulam a o interesse para com os conteúdos anteriormente estudados, realizando contextualizações com o ambiente em que os alunos estão inseridos. Por isso, ao realizar essa atividade, os pibidianos observaram prazer por parte dos alunos em responder as perguntas sorteadas e ter o seu mapa completo.

Palavras-chave: Geografia; Pibid; Reursos Didáticos; Jogos.

Referências Bibliográficas:

MOYLES, Janet R. Só brincar? O papel do brincar na Educação Infantil. Trad. Maria Adriana Veronese. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: O DESEMPENHO DA TAREFA DE ENSINO E A INFLUÊNCIA COMO MEDIADOR ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE¹

Daiane Cristina Globs²
Isabela Machke Pereira³
Geise Kelly Alves de Morais⁴

Resumo: Neste trabalho pontuam-se aspectos que permeiam a relação entre professor/aluno, visando respeitar a subjetividade de cada um, e buscando o aprimoramento na forma de ensinar por parte do professor, no ato da produção e transmissão, como também; na apropriação dos conhecimentos científicos pedagógicos pelo aluno. Fundamentando-se no materialismo histórico-dialético e na abordagem da psicologia histórico-cultural, preconizada pelos teóricos russos (Elkonin, Leontiev e Vigotski), “o mais importante não é a relação direta de afetividade entre o professor e o aluno, mas sim o fato das ações educativas terem um sentido positivo para alunos e professores” (CURRÍCULO, 2008, p.44), desta forma; compreender tal relação dialética e suas subjetividades, é de suma importância para o crescimento profissional e ético na formação do estudante de Pedagogia. Quando se fala em subjetividade, é impossível não relacionar os aspectos sociais e afetivos que permeiam os alunos, é preciso compreender que o meio influencia diretamente o processo de aprendizagem da criança. Muitos dos bloqueios e dificuldades em assimilar os conteúdos trabalhados decorrem de problemas nas relações histórico-sociais dessas crianças e, desta maneira, se faz necessário que o docente busque diferentes metodologias para despertar o interesse do aluno pelo estudo, para que então, seja possível a apropriação do conhecimento pelos mesmos. Para tanto, o professor deve saber associar autoridade com respeito, para que a autoridade intelectual não seja confundida com a “dominação” e, se busque sempre o diálogo e empatia entre ambos. Faz-se necessário que existam normas as quais conduzam o trabalho dentro da sala de aula, no entanto, essa autoridade deve ser exercida em benefício ao desenvolvimento do aluno e não confundida como meio de coerção, onde professores autoritários se despendem de forma tortuosa e conflitante, impondo medidas descabidas. Em contrapartida, deve-se ter o cuidado de compreender que no ambiente escolar a relação do professor com o aluno também é carregada de afetividade, no intuito que o mesmo se sinta seguro, protegido; porém, isso não quer dizer que o professor se deixe levar pelas emoções. Para tanto, o respeito pela individualidade é imprescindível, estando assim cientes que cada um carrega consigo aspectos morais e intelectuais advindos de fora da escola e, nesse sentido, o professor além de desempenhar sua principal tarefa, o ensino, acaba também exercendo papel de mediador entre os indivíduos e a sociedade.

55

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (daianecristinaglobs@gmail.com)

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (doll_isa@hotmail.com)

⁴ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (geise.morais@yahoo.com.br)

Palavras-chave: Relação Professor/aluno; Subjetividade; Afetividade.

Referências Bibliográficas:

Currículo para a Rede Pública Municipal de Ensino de Cascavel. Volume II. Ensino Fundamental – anos iniciais. Cascavel, PR: Ed. Progressiva, p. 44-46, 2008.
LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2004.

EFETOS DO USO DE COMPUTADORES E SMARTPHONES SOBRE O CORPO HUMANO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA NA ABORDAGEM CTS¹

Ana Claudia de Almeida²
Julio Cesar Barossi Gollub³
Mayara Maria de Souza⁴
Cecília Maria Barradas Kraut⁵
Celso Aparecido Polinarski⁶

Resumo: O crescente uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) no mundo atual tem influenciado o trabalho, o lazer e as relações sociais. O Brasil é um dos países que mais adota novas tecnologias digitais, com aumento progressivo na utilização de computadores e *smartphones* (LEMONS; JOSGRILBERG, 2009). Como consequência, surgem os efeitos no corpo humano advindos do seu uso excessivo, causando lesões nas articulações e músculos da coluna vertebral, dos ombros, braços, cotovelos, pulsos e dedos (GERR; MARCUS; MONTEILH, 2004). Pesquisa realizada em 2014 com jovens entre 9 e 17 anos mostrou que 56% destes acessam a internet através de computadores de mesa e 82% utilizam os celulares (MELLO, 2015). Estes dados inferem que o uso dos dispositivos entre os jovens é frequente, sendo um fator preocupante para o seu desenvolvimento musculoesquelético. A fim de promover uma educação ao uso das TICs, foi desenvolvido um Módulo Didático sobre os efeitos do uso de *smartphones* e computadores na estrutura musculoesquelética das crianças e dos adolescentes utilizando-se a abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Objetivou-se com este Módulo integrar o uso de tecnologias do cotidiano do aluno, a ciência do corpo humano e a saúde destes jovens, promovendo discussões acerca desta problemática social e contribuir para que estes reflitam e avaliem como suas ações afetam a própria saúde. O Módulo foi desenvolvido com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino durante 4 horas/aula. No primeiro encontro, realizou-se um jogo de perguntas e respostas sobre os sistemas esquelético, articular e muscular para revisão do conteúdo já trabalhado anteriormente, totalizando 1 hora/aula. Na segunda aula, foram realizadas duas atividades; na primeira, foi aplicado um questionário para avaliar a percepção dos alunos sobre a importância das TICs e como eles utilizam-nas no dia-a-dia, sendo uma avaliação quantitativa. As informações obtidas nessa avaliação serviram de base para as discussões posteriores em sala de aula. Na segunda atividade, uma introdução ao tema do uso de celulares e computadores foi trabalhada utilizando o vídeo

57

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: acalmeida.bio@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: juliobarossi@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: mayaramariaa.s@hotmail.com

⁵ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: cecilia_barradas@hotmail.com

⁶ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: Celso.Polinarski@unioeste.br

“Evolução das tecnologias” (DARMA DIGITAL, 2015). O vídeo mostra uma breve evolução de ferramentas utilizadas desde a pré-história aos dias de hoje, culminando no uso de laptops e *smartphones*, estabelecendo uma discussão sobre quais os efeitos positivos e negativos que estes trouxeram para a sociedade. Na terceira aula, com duração de 1 hora/aula, os alunos, divididos em grupos, fizeram leitura de textos de divulgação científica (TDCs) e expuseram seu conteúdo, com posterior discussão sobre os efeitos negativos do uso excessivo dessas TICs na estrutura corporal. O quarto momento teve duração de 1 hora/aula, na qual foram abordadas as posturas corretas para o uso dessas TICs e, na sequência, os alunos foram levados ao pátio para realização de alongamentos indicados por especialistas, que podem ser utilizados durante as pausas do uso dos dispositivos tecnológicos para recuperação muscular. Quanto ao questionário, uso de redes sociais como Whatsapp e Facebook, jogos e assistir vídeos são os principais empregos dos computadores e *smartphones* pelos alunos avaliados no presente estudo, um resultado muito semelhante ao encontrado pelo Comitê Gestor da Internet (MELLO, 2015). Ainda, a maioria dos alunos utiliza mais o celular em relação ao computador, com uma média diária de 7 horas e 3 horas, respectivamente. É importante que este tema seja trabalhado na escola para reflexão dos alunos sobre as ações e consequências do uso das TICs, visto que estes as utilizam com muita frequência, podendo afetar negativamente o seu desenvolvimento musculoesquelético.

Palavras-chave: Distúrbios osteomioarticulares; Mídias; Postura; Tecnologias.

58

Referências Bibliográficas:

DARMA DIGITAL. **Evolução das tecnologias**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M2bv2xWhSG4>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

GERR, F.; MARCUS, M.; MONTEILH, C. Epidemiology of musculoskeletal disorders among computer users: Lesson learned from the role of posture and keyboard use. **Journal of Electromyography and Kinesiology**, v. 14, n. 1, p. 25–31, 2004.

LEMONS, A.; JOSGRILBERG, F. **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MELLO, D. **Celular é usado por 82% das crianças e adolescentes para acessar a internet**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/2015/07/celular-e-usado-por-82-das-criancas-e-adolescentes-para-acessar-internet>>.

CONHECENDO PALAVRAS MATEMÁTICAS POR MEIO DA MÚSICA¹

Rodrigo Cabanha²
Rosângela Braz de Oliveira³
Luiza Aline Bordon⁴
Kelly Kananda Teixeira Antunes⁵
Gabriela Daiani de Freitas⁶
Vanessa Lucena Camargo de Almeida Klaus⁷

Resumo: Os participantes do subprojeto PIBID/MAT/FOZ⁸ estão divididos em quatro frentes de trabalho e pesquisa, sendo elas: Aptidão Matemática, Reforço Escolar, Materiais Didáticos e Tecnologias. Este trabalho foi realizado em conjunto entre as frentes de Reforço Escolar e Aptidão Matemática, esta, por sua vez, não tem realizado trabalho específico com alunos que apresentam aptidão matemática devido à alta demanda na sala de apoio com alunos que apresentam baixo desempenho escolar. Todos os anos trabalhamos com realidades diferentes, o que nos leva a buscar aperfeiçoamento e metodologias diferenciadas que possam auxiliar no processo de ensino e incentivar os alunos a estudarem. Uma das metodologias utilizadas com alunos do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental em uma série multisseriada, foi a utilização de músicas visando abordar conceitos matemáticos para que os alunos além de os conhecer, tenham entendimento de seus significados. Também, buscamos estimular a criatividade, aperfeiçoar a escrita, levando em consideração que “a música cria um ambiente livre de tensões, facilita a sociabilização, cria um ambiente escolar mais abrangente e favorece o desenvolvimento afetivo” (CAMPOS, 2009, p.16). Para isso, levamos a música “Aula de Matemática” de Marino Pinto e Tom Jobim com sua letra impressa, para que os alunos identificassem as palavras relacionadas à matemática e as buscassem em um caça-palavras, o que nos permitiu “trabalhar: a ampliação do vocabulário, atenção, concentração, discriminação visual, noção espacial, entre outros” (KIYA, 2014, p. 34). Depois que encontrassem as palavras, eles deveriam pesquisar seus significados em um dicionário. Com isto, observamos que os alunos possuíam conhecimento empírico sobre o significado de palavras como infinito, multiplicar e dividir, enquanto outras como

59

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: rodrigo_cabanha96@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: rosangelabraz.zana@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: luizaabordon@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: kellykanada@hotmail.com

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: gabrieladaianedefreitas@hotmail.com

⁷ Colaboradora do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: vanessa_matematica@yahoo.com.br

⁸ Subprojeto do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* Foz do Iguaçu. É composto por 15 acadêmicos bolsistas, um coordenador de área, duas professoras supervisoras bolsistas da rede pública de ensino dos colégios parceiros do programa e três colaboradores docentes da UNIOESTE.

demonstrar, teorema e incomensurável causaram certa estranheza, despertando a curiosidade e nos permitindo abordar esses temas de forma contextualizada na linguagem do aluno. Feito isto, apresentamos uma paródia criada por nós, adaptada com o tema “Áreas de Figuras Geométricas Planas”, de uma música popular brasileira e lançamos o desafio de os alunos criarem outra paródia envolvendo a matemática. Os alunos agiram de acordo com seu conhecimento histórico cultural decidindo o que e como fazer. No início, os alunos se mostraram receosos e indispostos à realização da atividade proposta. Por isso, disponibilizamos livros didáticos de matemática condizentes com os anos trabalhados bem como letras de músicas atuais impressas, em que poderiam escolher alguma destas para a confecção das paródias, que deveria ser realizada individualmente ou em dupla. No decorrer da atividade, percebemos que a maioria dos alunos utilizou temas envolvendo as operações básicas para a readaptação das letras, o que mostrou a dificuldade de associar a matemática com algum conteúdo além do supracitado. Ainda, a atividade nos proporcionou identificar a dificuldade dos alunos em escrever corretamente as palavras, e isto pode ter sido um dos impecílios para um melhor desenvolvimento da atividade. Desafiemos então, os professores da educação básica a trabalhar com atividades semelhantes, com frequência, para que os alunos possam superar suas dificuldades em relação aos vocabulários matemáticos, e também sobre a interação, a socialização e a timidez que ocorre em sala de aula.

Palavras-chave: PIBID; Matemática; Práticas de ensino; Música.

60

Referências Bibliográficas:

CAMPOS, G. P. da S. **Matemática e Música: práticas pedagógicas em oficinas interdisciplinares.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_165_GEAN%20PIERRE%20DA%20SILVA%20CAMPOS.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

KIYA, M. C. S. **O uso de Jogos e de atividades lúdicas como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem.** Produção Didático-Pedagógica - Professor PDE/2014. Ortigueira, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uepg_ped_pdp_marcia_cristina_da_silveira_kiya.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

CONSEQUÊNCIAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE AVALIAÇÃO CENSITÁRIA¹

Claudia dos Santos Prestes²

Resumo: As políticas públicas de avaliação no Brasil tomaram força na década de 90, quando o neoliberalismo estava avançando e imprimindo suas características na educação através da gestão linear e com características mercadológicas; desde então, cada vez mais a educação brasileira é avaliada de forma censitária colocando todos os estudantes no mesmo patamar, desconsiderando assim a escola e seu entorno, as características socioculturais, as estruturas físicas, a falta de qualificação profissional e até mesmo a falta de profissionais no quadro escolar. As avaliações nacionais e internacionais fortalecem a lógica de um ensino pautado na imitação da organização do trabalho da iniciativa privada, onde seu desempenho é monitorado por indicadores de qualidade surgindo recompensas sociais e financeiras. As avaliações de larga escala influenciam as avaliações internas da escola e até mesmo as disciplinas, como português e matemática, que serão trabalhadas de forma prioritária, modulando assim a categoria de conteúdo/método para assim atender aos anseios de atingir boas notas e colocar a escola em posição de destaque no ranqueamento do resultado final. A responsabilização por bons resultados, recaem sobre os professores das turmas, porém, de forma mais abrangente à educação, que sofre uma pressão da população influenciada pela mídia e o senso comum. Responsabilizam a escola pelos resultados finais, desconsiderando os fatores já citados e como consequência se enaltecem a meritocracia, o “dom” e as aptidões, transferindo assim a culpa para os próprios estudantes quando aparecem as justas diferenças. As avaliações em larga escala também influenciam o que se percebe como o básico da educação e a base nacional comum, tornando certas disciplinas obsoletas e esvaziando a ação dos profissionais da educação sobre as categorias do processo pedagógico. Este processo de responsabilização rompe com as relações entre gestores, pais e estudantes, onde alunos podem ser incentivados a faltar na aula no dia do teste e, professores podem ser pressionados a trocar de escola por contribuírem para derrubar a média da escola, ou ainda; escolas podem ser contempladas com “merecida” reforma, caso seu desempenho seja um destaque. A sala de aula não pode ser comparada com uma linha de produção onde se mede se as metas estão sendo alcançadas e se há algum desvio, tudo que nela transcorrer deve ser de forma acordada. Então qual seria a solução para a escola cumprir seu papel emancipador. Segundo (FREITAS, 2014, p.1107) “Liberta da necessidade de pressionar a escola e confrontar-se a decisões externas, uma avaliação da política pública não precisará ser censitária bastando ser amostral”. A avaliação é de extrema importância no contexto educacional, mas essa não pode definir e até mesmo coagir métodos e conteúdos, ela é uma ferramenta para uma constante verificação do processo pedagógico, assim deve ser usada para corrigir e/ou redimensionar o processo de ensino e aprendizagem.

61

Palavras-chave: Avaliação; Políticas públicas de avaliação; Responsabilização.

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltado para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Pedagogia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (claudiaprestes01@gmail.com)

Referências Bibliográficas:

FREITAS, Luiz. Carlos. **Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola.** Educ. Soc., Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1085-1114, out.-dez., 2014.

O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA¹

Fernanda Franciscon Kunz²

Gabriel Durante³

Resumo: Os bolsistas de iniciação a docência efetuaram uma atividade de auxílio, que ocorreu no Colégio Estadual Mário de Andrade localizado em Francisco Beltrão, esta se deu por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, subprojeto de Geografia, sobre a supervisão da professora de Geografia. Esta atividade visava inserir os bolsistas de iniciação à docência no meio escolar, para que estes pudessem se familiarizar com a prática docente, através do contato com os alunos e, também, objetivava levar aos alunos conhecer o meio ao qual estão inseridos e fazer com que estes compreendessem o uso e funcionalidade de equipamentos meteorológicos. A atividade foi desenvolvida com a turma de 2º ano do Ensino Médio do período vespertino, auxiliada pela professora, realizou uma visita de campo ao Instituto Agrônomo do Paraná – IAPAR, localizado na cidade de Francisco Beltrão, para observar o funcionamento e dinâmica dos equipamentos meteorológicos ali instalados. Após a visita a professora orientou a turma a se dividir em cinco grupos, e nestes grupos reproduzir um dos equipamentos observados durante a visita, para em seguida apresentá-los a outras turmas do colégio. Os alunos utilizaram materiais reciclados e meios tecnológicos, como aplicativos de celular para a elaboração e a construção dos equipamentos meteorológicos. Posteriormente, os bolsistas de iniciação à docência auxiliaram os alunos do 2º ano a apresentar os equipamentos às turmas de 6º ano do Ensino Fundamental II que foram convidadas a observa-los e ouvir as explicações. Neste momento os bolsistas de iniciação à docência auxiliaram alguns grupos para que ficasse claro o funcionamento e utilidade do equipamento apresentado. Os alunos do 6º ano fizeram observações e questionamentos sobre os assuntos relacionados à utilização do que observaram. O curso de Formação de Docentes também foi convidado para circular e ouvir as explicações sobre os equipamentos, para observar como foi produzido e as utilidades dos mesmos. O trabalho realizado partiu do estudo do meio como estratégia didática, isto porque “é uma metodologia de ensino capaz de promover alternativas à compartimentalização do conhecimento escolar, além de promover o desejo de melhorar a formação do aluno, construindo um currículo mais próximo dos seus interesses e da realidade vivida” (LOPES e PONTUSCHKA, 2009, p. 179). O estudo do meio se apresenta como uma metodologia capaz de potencializar o ensino e aprendizagem. Aos alunos é oferecida a oportunidade de entrar em contato com um ambiente que pertence a sua realidade, que muitas das vezes passa despercebida e o professor pode se apropriar dos elementos presentes no cotidiano dos alunos para impulsionar o processo de aprendizagem. Seguindo esta ideia, pelo estudo do meio os alunos puderam conhecer e explorar o espaço do IAPAR, que se encontra localizado dentro do espaço urbano de Francisco Beltrão, e puderam construir seus equipamentos

63

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: francisconn.fernanda@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: durante_gabriel@hotmail.com

com base no estudo realizado na área visitada. Ao final dessa prática foi possível observar a importância do Pibid, pois enquanto acadêmicos de um curso de Licenciatura e futuros profissionais docentes, o contato com os alunos e com a escola, e o emprego de diferentes metodologias de ensino e aprendizagem podemos estabelecer uma relação direta com a escola e desenvolver conhecimentos no que tange o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Prática; Atividade; Equipamentos; Estudo do meio.

Referências Bibliográficas:

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nancib. **Estudo do meio:** teoria e prática. Geografia (Londrina) v. 18, n. 2, 2009.

O CINEMATOGRAFICO HISPANO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA¹

Adriana Felix da Silva²
Jucelia Hurtiah de Oliveira Pires³
Greice da Silva Castela⁴

Resumo: O presente resumo tem por objetivo relatar e refletir sobre a experiência na aplicação das oficinas ministradas no primeiro semestre de 2017, em uma turma do primeiro ano de Espanhol de um Centro de Ensino de Língua Estrangeira Moderna (CELEM), que funciona em um Colégio Estadual na cidade de Cascavel – Pr. As oficinas foram aplicadas pelo subprojeto de Espanhol do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Com o intuito de trabalhar o cinematográfico em classe, para o ensino-aprendizagem da língua espanhola, diversas atividades foram elaboradas e aplicadas durante o primeiro semestre de 2017. As oficinas cinematográficas possibilitaram desenvolver uma série de sentidos necessários para a internalização da língua estrangeira, pois o cinema além de apresentar uma história que envolve o aprendiz, o faz enxergar a língua estudada em seu funcionamento real. Iniciamos o trabalho com a apresentação de dois filmes latino-americanos *Truman* (Argentina) e *Neruda* (Chile), porém o presente trabalho relata as oficinas referentes ao longa-metragem *Neruda*. O embasamento teórico foi feito por meio de autores como NAPOLITANO (2003); STEFANI (2010); SOUZA (2014). A partir do cinematográfico explorado em sala de aula, foi possível abordar cultura, língua e poesia referente ao país retratado no filme *Neruda*. A fim de certificar-se do nível de conhecimento da turma frente ao poeta Pablo Neruda, sobre o qual o longa-metragem trataria de recriar sua história biográfica, no primeiro dia de oficina, a partir de uma imagem do poeta, fizemos algumas perguntas prévias incitando uma discussão sobre arte e poesia, o que proporcionou reconhecermos o contexto a ser explorado nas próximas aulas. Feito isso, foi realizada uma exposição sobre sua biografia com auxílio de apresentação de slides, a fim de que os estudantes se inteirassem mais a respeito da importância do poeta chileno frente ao cenário poético da literatura mundial e assim, compreenderem melhor o intuito do longa-metragem que seria assistido em seguida. Feito isso, aplicamos quatro questões prévias, para descobrir o que os alunos esperavam a cerca do filme em questão. Realizada a preparação inicial, demos início a reprodução do filme que somente foi finalizada na aula do dia seguinte. Terminada a exibição, aplicamos um questionário com questões de interpretação, análise pessoal do filme e exercícios

65

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Acadêmica do quarto ano de Letras da Universidade estadual do Oeste do Paraná e PIBID/ UNIOESTE, bolsista. E-mail: adrianafelixsfa@gmail.com

³ Acadêmica do quarto ano de Letras da Universidade estadual do Oeste do Paraná e PIBID/ UNIOESTE, bolsista. E-mail: hurtyake@hotmail.com

⁴ Prof^a. Dr^a Greice Castela, atuante nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Coordenação de área do Subprojeto Letras/Espanhol, do campus de Cascavel. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br.

auditivos a partir dos poemas que foram declamados durante a exibição da obra audiovisual. Com o intuito de explorar mais sobre o país de origem do poeta Neruda, como consequência da oficina cinematográfica, as aulas seguintes trataram de explorar a cultura chilena e suas particularidades como a dança, gastronomia, música, literatura e esportes. Para isso, criamos um infográfico com informações concisas sobre os tópicos citados, desta forma, elaboramos duas aulas que tratariam de apresentar o infográfico e discutir amplamente sobre a cultura chilena. No decorrer da aplicação do conteúdo utilizamos vídeos, fotos, slides e todo o material necessário para inseri-los melhor no contexto cultural do Chile, e aproximá-los mais da cultura hispana. Tal atividade proporcionou como resultado uma aproximação maior com a língua estudada, pois a partir do longa-metragem foi possível trabalhar a poesia juntamente com sua forma sensível, além da exploração da língua em sua forma auditiva e escrita.

Palavras-chave: Longa-metragem; Espanhol; Cultura.

FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS JUNTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA¹

Jonatan Rogerio Trindade²
Nilva Jaqueline Steinheuser³
Paloma Bianca Diedrich Rodrigues⁴
Iuri Rezende de Oliveira⁵
Patric da Silva⁶
Douglas Roberto Borella⁷

Resumo: Segundo Boaventura (2009), a Educação Física tem o papel de promover a qualidade de vida para os alunos com e sem deficiência, proporcionando o desenvolvimento da autoconfiança, da iniciativa, autoestima além de atuar como elemento facilitador do desenvolvimento cognitivo e motor. O Subprojeto de Educação Física da Unioeste Marechal Candido Rondon, fomenta aos seus acadêmicos a possibilidade de estar sendo inserido na iniciação para prática docente nas Escolas Públicas do município, sendo voltado principalmente para o trabalho nos anos iniciais do Ensino Fundamental, oportunizando também a formação continuada dos professores da rede pública municipal envolvidos no subprojeto. O subprojeto também atua com atividades junto de alunos com deficiência por considerar que o curso em licenciatura deve ser fomentador de experiências e vivências junto da heterogeneidade escolar. Diante disso, os acadêmicos pibidianos realizam atividades envolvendo alunos com deficiência na intenção de contribuir com o desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo. As atividades são realizadas nas Escolas Municipais que tenham matriculados alunos com algum tipo de deficiência, com turmas que vão do Pré I, 5º ano, bem como à sala de educação especial, tendo como características das deficiências dos alunos: autismo, síndrome de Down, deficiência intelectual, paralisia cerebral, Atraso Global neuropsicomotor, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e baixa visão. Esses alunos são inclusos no ensino regular, sendo que algumas turmas apresentam de 01 até 03 alunos por sala. Os conteúdos estruturantes e atividades são desenvolvidos de acordo com o planejamento elaborado em conjunto com o professor de Educação Física da escola, pelo supervisor do Pibid e pelos acadêmicos pibidianos, sendo voltadas para o desenvolvimento das habilidades motoras básicas, e a psicomotricidade. Tendo

67

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID de Educação Física, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: jonatanrogerio@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID de Educação Física, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: jaque_edffisica14@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID de Educação Física, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: paloma.diedrich@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID de Educação Física, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: Iuri_resendeoliveira@hotmail.com

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID de Educação Física, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: patric_silva@hotmail.com

⁷ Bolsista Coordenação de área do Subprojeto PIBID de Educação Física, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: douglasedufisica@yahoo.com.br

como referencial teórico a Pedagogia Relacional/Construtivista e a Cooperação. As atividades disponibilizadas levam em consideração a individualidade de cada aluno onde o mesmo participa de acordo com suas características, respeitando sempre suas limitações e especificidades tendo como um dos principais objetivos despertar as potencialidades de cada qual para que superem suas dificuldades. As aulas são de acordo com cada turma podendo serem elas de duas até três vezes por semana com a duração de quarenta e cinco minutos cada. Dentre as atividades podemos citar: circuito motores, pegadores, brinquedos cantados, jogos cooperativos, atividades rítmicas, entre outros. Para os alunos que tem maior(es) comprometimento(s) devido a deficiência, em algum(ns) momento da aula são realizadas atividades individualmente. Sabendo que é importante ter motivação para o aluno por parte do professor como já revela Avelar (2014), a motivação é um fator preponderante para o aluno aprender, e para que aconteça um progresso no interesse e no aprendizado do mesmo. Já é observado este progresso nos alunos, pois as atividades que este subprojeto propõe refletem no desempenho dos alunos também em sala de aula. Acreditamos que o subprojeto Educação Física está contribuindo na preparação dos acadêmicos em compreender o significado do respeito às diferenças. Neste sentido, consideramos a importância dessa experiência para a formação inicial em Educação Física, pois contribui para um maior conhecimento e aprendizagem para atuarmos após esta formação, pois entendemos que, além dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas curriculares do curso, estamos aperfeiçoando-nos, por meio de experiências e vivências, para desenvolvermos nossas atividades junto de alunos com deficiências, sejam eles inseridos ou não no ensino regular.

68

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Formação docente; Alunos com deficiência.

Referências Bibliográficas:

BOAVENTURA, Roberta da Silva; CASTELLI, Michele de Souza; BARATA, Tatiana Cristina Rodrigues. **Os benefícios da atividade física para a pessoa com deficiência.** Omnia Saúde, v.6, n.1, p.51-61, 2009.

AVELAR, Alessandra Cândida. A motivação do aluno no contexto escolar. **Anuário de Produções Acadêmico-científicas dos discentes da Faculdade Araguaia**, v. 3, n. 3, p. 71-90, 2014.

A ILHA: UMA INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE FATO SOCIAL¹

Camila Cristina Dani²

Tainara Fantin³

Resumo: A importância do uso de dinâmicas como metodologia de ensino já foi estudada e debatida por diversos autores, dentre eles Piaget (1973), Vygotsky (1988), Paulo Freire (1987) e Edgar Morin (2003). Vemos, constantemente, a dificuldade em sala de aula para trabalhar matérias de cunho teórico. Como estudantes de Ciências Sociais, através da experiência docente no PIBID, pudemos constatar a presença de dificuldades no ensino de Sociologia, como a falta de interesse dos alunos e um déficit no aprendizado e interpretação do conteúdo da disciplina, que é composta, em grande parte, por teorias. Considerando tal problemática, em nosso subprojeto, trabalhamos com a metodologia de resenha de notícias, que consiste em aproximar o estudante de sua realidade. Através da análise de notícias do cotidiano com base em conceitos sociológicos, as discussões se tornam mais concretas, há a maior participação e interesse dos jovens, gerando a construção mútua de ensino-aprendizagem e debates enriquecedores. Essa metodologia torna-se mais eficiente quando utilizada em conjunto com outros mecanismos dinâmicos, como música, teatro, jogos educacionais e uso de multimídias, enfim, formas lúdicas que facilitam a absorção do conteúdo e exploram o lado criativo do indivíduo. No dia 10 de Abril de 2017, aplicamos em sala de aula a “Dinâmica da Ilha”: os estudantes se imaginam navegando em meio ao oceano, e, decorrente a uma tempestade, acabam naufragando em uma ilha. Lá, eles encontram-se sem qualquer utensílio ou mantimentos, incluindo as roupas do corpo. Dito isso, o objetivo era pensar coletivamente em meios de sobreviver àquela ilha, o que comer, vestir, se teriam regras ou não, etc. A meta era que a turma apresentasse formas de se organizar para introduzirmos o conceito de “Fato Social”, teoria do sociólogo Émile Durkheim (2007). Foi gerado, então, o seguinte debate: o homem transforma e adapta o ambiente de acordo com suas necessidades, ideias, hábitos, valores e crenças que podem variar de acordo com a cultura e o meio. Essas normas, por sua vez, podem ser chamadas de “fatos sociais”, que são definidos pelo autor através de três características principais: a exterioridade, generalidade e coercitividade. Ao final da exposição teórica, os alunos se mostraram empolgados ao debater sobre a experiência apresentada, dando inclusive outros exemplos de fatos sociais que afetam o cotidiano da nossa sociedade. Com isso, pudemos observar os reais benefícios da dinâmica como metodologia de ensino, em conjunto com a regência de notícias. É de extrema importância que professores explorem mais metodologias de ensino diferenciadas, que se distanciam da rotina escolar mecanicista e geram um maior aproveitamento da relação professor-aluno, formando um indivíduo mais autônomo e ativo na sociedade.

69

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

²Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: camilacristinadani@hotmail.com.

³Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: taifantin@hotmail.com.

Palavras-chave: Aprendizagem; Dinâmica de Grupo; Docência; Fato Social; Sociologia.

Referências Bibliográficas:

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

*FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.*

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PIAGET, Jean. **Para Onde Vai a Educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

VYGOTSKY, Lev et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.

BREVE RELATO DO ENSINO DE FRAÇÕES ATRAVÉS DE JOGOS¹

Ana Maria Foss²
Caroline Souza Santos³
Diessica Aline Quinot⁴

Resumo: Diante da busca de informações com o uso da tecnologia, fica difícil despertar no aluno a vontade de buscar o saber escolar. Assim, como alternativa para instigar o interesse pela aprendizagem da Matemática usamos como recurso didático os jogos. Relataremos uma experiência com a utilização de um jogo no ensino de frações no Colégio Estadual Ieda Baggio Mayer, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em turmas de sétimos anos. Um dos objetivos do jogo foi proporcionar aos alunos uma compreensão das operações com frações. Cavalieri (2005, p. 32) sustenta que "são apresentadas várias regras para operar com frações. A criança não tem um verdadeiro aprendizado, ela não compreende o que está fazendo e apenas repete os procedimentos ensinados pelo professor de maneira mecânica". O jogo utilizado é conhecido como *Encontre a maior fração*⁵. Ele possui 12 cartas, sendo oito números naturais e as outras quatro com as representações dos sinais das operações fundamentais da aritmética (\div , \times , $+$, $-$). Joga-se em quartetos, divididos em duas duplas. Uma das duplas inicia o jogo e sorteia quatro números e uma operação. Com os números os alunos criam duas frações e realizam a operação sorteada, objetivando encontrar a maior fração. Em seguida, a dupla adversária repete os mesmos passos e no final comparam as frações resultantes e pontua quem tiver a maior fração. O jogo utilizado pode ser classificado como jogo estratégico definido por Lara (2003) "Jogos que façam com que o/a aluno/a crie estratégias de ação para uma melhor atuação como jogador/a. Onde ele/a tenha que criar hipóteses e desenvolver um pensamento sistêmico, podendo pensar múltiplas alternativas para resolver um determinado problema" (p.27) e jogo de treinamento onde "[...] o/a aluno/a utilize várias vezes o mesmo tipo de pensamento e conhecimento matemático, [...] para abstraí-lo, estendê-lo, ou generalizá-lo, como também para aumentar sua autoconfiança e sua familiarização com o mesmo" (LARA, 2003, p. 27). Inicialmente explicamos aos alunos as regras do jogo, em seguida simulamos uma rodada e entregamos a eles uma folha para o registro dos cálculos. Notamos que a maioria dos alunos não compreendeu que ao montar as frações eles já poderiam escolher a melhor opção para obter o maior resultado possível e assim posteriormente só dependeriam da sorte de seus adversários obterem uma fração menor. Na folha de registro, propusemos que escrevessem quais os critérios utilizaram para a escolha das frações para que o resultado da operação sorteada fosse o maior possível. Responderam que escolhiam as

71

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: anafoss@bol.com.br

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: carolainesouza16@outlook.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: diessicaquinot@gmail.com

⁵LIMA et al, 2016, p.105.

maiores, entendidas como frações impróprias, porém isso não é válido para todas as operações. O fato de alguns grupos sortearem a operação de multiplicação na primeira rodada pode ter influenciado a afirmação anterior. Outros alunos não responderam à questão apesar de ajudarmos a todos, questionando o porquê de cada afirmação e conduzindo-os para o que desejávamos que respondessem. Percebemos que eles têm bastante dificuldade em comparar frações, pois não tinham claro quando uma razão é maior que um e também não estavam preocupados em pensar estratégias para pontuar no jogo que era obter a maior fração. Fez-se necessária nossa intervenção com questionamentos para incentivá-los a pensar. Alguns grupos entenderam estratégias e passaram a utilizá-las porém, outros continuaram a jogar por jogar. Notamos dificuldade em expressar raciocínios, o que mostra que não estão habituados a responder questões de matemática de forma escrita. No registro das operações, constatamos que não encontraram dificuldade nas operações de multiplicação e divisão de frações. Nas operações de adição e subtração, alguns somaram e subtraíram o numerador com numerador e denominador com denominador, valendo-se das mesmas propriedades operatórias dos números naturais. Questionamos se os cálculos faziam sentido e relembramos como realizar tais operações. O jogo foi um instrumento diagnóstico das dificuldades apresentadas por alguns alunos. Os resultados obtidos indicam que é possível fazer uso do jogo em sala de aula como um instrumento motivador para o processo de ensino aprendizagem, visto que as atividades desenvolvidas proporcionaram momentos significativos de aprendizagem, enriquecidas por discussões e reflexões adequadas à complementação do estudo sobre frações.

72

Palavras-chave: Frações; Jogos Matemáticos; Processo Ensino-aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

CAVALIERI, Leandro. **O ensino das frações**. p. 32, Trabalho de conclusão de curso (Monografia), Unipar, Umuarama, 2005.

LARA, Isabel Cristina Machado. **Jogando com a Matemática na Educação Infantil e Séries Iniciais**. São Paulo: Rêspel, 2003.

LIMA, Andressa Aparecida de; LIMA, Eloiva Fátima Ferreira de; PEREGRINO, Luiz Augusto; PADILHA, Susana Lazzaretti; LANGER, Arleni Elise Sella. Experiências no processo de ensino e aprendizagem das frações. In: ANTUNES, Franciele Agostinotto. BASSOI, Tânia Stella. TOILLIER, Jean Sebastian. LANGER, Arleni Elise Stella. CIANI, Andréia Buttner. KLUBER, Tiago Emanuel (org.) **Propostas didáticas de matemática**. Porto Alegre: Evangraf: Unioeste, 2016, p. 95-124.

FILMES NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA¹

Aline de Quadros Goncalves Becker²

Tinara Isis Costa Maronese³

Maria Salete Calixto⁴

Greice da Silva Castela⁵

Resumo: O presente texto tem como objetivo apresentar e refletir sobre a experiência obtida na aplicação das oficinas pelo subprojeto de Espanhol do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As oficinas, distribuídas em 4 aulas de uma hora e meia cada, foram aplicadas para duas turmas, uma do primeiro ano e a outra do segundo ano de Espanhol de um Centro de Ensino de Língua Estrangeira Moderna (CELEM), que funciona em um colégio estadual em Cascavel – Pr, nos meses de abril, maio e junho de 2017. Na turma do primeiro ano abordamos o conteúdo lexical sobre as profissões, o qual foi trabalhado por meio do filme: “El sueño de Valentin”, de Alejandro Agresti. O objetivo das aulas nessa turma foi além de ampliar o vocabulário acerca das profissões, praticar a compreensão e interpretação dos elementos culturais do filme. Para que o trabalho de interpretação fosse realizado de forma clara, foi aplicado um infográfico com alguns elementos do filme. Na turma do segundo ano os temas trabalhados foram as partes da casa e utensílios de cozinha, os quais foram aplicados a partir da apresentação do filme “Arrugas”, de Ignacio Ferreras. Com base no filme foi realizada a um debate acerca da “velhice”, tema principal do filme, e buscou-se proporcionar o intercâmbio cultural dos conhecimentos entre os alunos, por meio do incentivo ao relato de suas experiências com pessoas mais velhas. Nesta segunda turma, também foi apresentado um infográfico com elementos do filme para fixação dos elementos que seriam estudados posteriormente e também se buscou avaliar a compreensão auditiva dos alunos com foco nos elementos lexicais. Outro enfoque abordado nas aulas foi a questão da variedade linguística entre os países *hispanohablantes*. Além das oficinas sobre o filme, no segundo ano também foram aplicadas duas oficinas no mês de junho, uma sobre a cultura do Chile e a outra sobre ferramentas de informação e divulgação de dados (Tumblr) para finalidade didática. As oficinas buscaram desenvolver a compreensão cultural e os debates sobre aspectos culturais. Como base teórica para a produção das oficinas foram utilizados os textos dos autores Rafael (2014) e Lima (2010) que tratam da utilização do recurso audiovisual (filme) na sala de aula, e os autores Gaifém (2009) e Carvalho (1993) que abordam a temática da utilização de recursos autênticos – sem fins pedagógicos como motivadores por permitirem a interpretação com base nos conhecimentos prévios do aluno e como

73

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID Espanhol, do *campus* de Cascavel. E-mail: alineq94@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID Espanhol, do *campus* de Cascavel.

⁴ Bolsista de Supervisão do Subprojeto PIBID Espanhol, do *campus* de Cascavel. E-mail: msaletec@hotmail.com

⁵ Bolsista Coordenadora do Subprojeto PIBID Espanhol, do *campus* de Cascavel. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br

elementos representativos de uma cultura, pois carregam valores, normas e conceitos da língua estudada. O material elaborado para a aplicação das oficinas apresentou resultado positivo, uma vez que os alunos se mostraram participativos e interessados, principalmente por tratar-se de atividades diversificadas. Para os bolsistas do PIBID, também foi uma experiência positiva, pois permitiu o contato com a realidade da sala de aula, de modo que puderam ser praticados aprendizados obtidos nas aulas da graduação.

Palavras-chave: Filmes; Cultura; Espanhol.

Referências Bibliográficas:

LIMA, Paula Renata Almeida. **Discussões e propostas interculturais para as aulas de Espanhol como Língua Estrangeira através da análise de filmes.** Dissertação de mestrado em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás. 2010.

GAIFÉM, Elisabete Cristina Escrivães. **Em busca de tarefas autênticas na aula de língua estrangeira:** a leitura do texto autêntico como elemento motivador para a escrita do e-mail. Dissertação de mestrado em Ensino do Inglês e do Alemão no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Departamento de Estudos Alemães e Departamento de Estudos Anglo-americanos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2009.

PONTE, Paula Cristina Felício da. **O uso de materiais autênticos em sala de aula.** Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português e de Língua Estrangeira (Espanhol) no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 2013.

RAFAEL, Teresa Maria de Oliveira. **O Filme como Recurso Didático na Aula de Espanhol como Língua Estrangeira.** Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Inglês e Espanhol no 3.º Ciclo e Ensino Secundário. Universidade de Lisboa. 2014.

IMPACTO DO PIBID NA FORMAÇÃO DO LICENCIADO EM LETRAS¹

Edileusa de Fátima Vaz²

Larissa da Silva Fontana³

Melissa Gatto Regonha⁴

Rosemari de Oliveira de Jesus Dassoler⁵

Tathiane Cristino⁶

Tatiane Cristina Becher⁷

Resumo: No Projeto Político-Pedagógico do Curso de Letras Português/Inglês/Espanhol/Italiano e Respectivas Literaturas há uma disciplina que se destaca para a iniciação à docência: a “Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem”, a qual abarca uma série de conteúdos que nos levam a refletir sobre o entendimento da constituição da subjetividade e sua influência na relação professor-aluno. Porém, devido à sua carga horária, não há tempo suficiente para aprofundar todos os conteúdos de forma abrangente. Ainda, as reflexões antropológicas, culturais e sociais dos professores, abarcadas pela Filosofia e a Sociologia, são insipientes no Curso. Esses aspectos representam lacunas na formação inicial dos futuros professores de Letras. Durante as atividades do PIBID pudemos, por meio das reuniões, dos grupos de estudos, dos eventos e das atividades realizadas nas escolas, problematizar e preencher essas lacunas teóricas. Do mesmo modo, a prática do estágio supervisionado e prática de ensino no Curso de Letras dá-se, basicamente, nos três últimos anos da graduação. No segundo ano, a inserção no ambiente escolar e nas práticas de sala de aula é introdutória, devido à carga horária da disciplina, o que não se considera suficiente para um primeiro contato totalmente efetivo com o processo de ensino-aprendizagem. Os demais anos apresentam uma carga horária maior, divididas entre os estágios de Língua Estrangeira e de Língua Portuguesa. Percebe-se que, ao final da graduação, as horas de atividades relativas ao estágio não proporcionam uma aptidão plenamente satisfatória no que se refere à experiência em sala de aula. Diante do exposto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) coloca-se como um complemento relativo às falhas que a graduação possui, pois tem nos oferecido uma vivência particular da docência, do planejamento e da organização das aulas, por meio do acompanhamento permanente do professor supervisor em todas as etapas. As atividades do PIBID permitem uma avaliação

75

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: edi.leusa.vaz@outlook.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: larissa_svfontana@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: melissa_gatto@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: rosemari.jesus1974@hotmail.com

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: tathianecristino@gmail.com

⁷ Bolsista do Cnpq do programa de pós-graduação em Letras, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: taati.becher@gmail.com

constante do trabalho, em que conseguimos verificar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores e conhecer também as particularidades de cada aluno. Outras atividades do PIBID, como as Oficinas de Texto e Gramática, desenvolvidas pelo subprojeto de Língua Portuguesa, no primeiro semestre de 2017, destacam-se, também, na formação de acadêmicos/os de licenciatura que não participam do projeto. Para acadêmicos da Licenciatura em Letras, cuja grade curricular do Curso é voltada para o estudo da Língua Portuguesa, essas oficinas serviram como apoio para o melhor entendimento de alguns conteúdos e conhecimentos gramaticais, nos níveis sintáticos e textuais que, por inúmeros fatores, não são bem trabalhados durante a Educação Básica. Para além do auxílio na compreensão destes conteúdos, trabalhos como os realizados nas oficinas são um complemento para a formação do docente de Língua Portuguesa que, enquanto professor de linguagens, precisa conhecer muito bem os usos e as dificuldades dos alunos ao lidar com a língua. Para os bolsistas, o processo de preparação das oficinas foi importante para a prática docente, pois é preciso a compreensão de temáticas bastante lacunares em sua formação e o exercício da didática para desenvolver metodologias que abranjam alunos que estão no ensino superior, de faixas etárias e tempo de afastamento da escola diversos, e que não compreenderam tais conteúdos dentro de metodologia tradicional da escola. O conjunto das experiências vivenciadas por meio do projeto acrescentam aspectos significativos ao desenvolvimento pessoal e profissional dos integrantes deste.

Palavras-chave: Formação docente; Estágio; Língua Portuguesa.

PLANEJAMENTO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PRÉ-ESCOLA¹

Josieli Aparecida de Oliveira²
Karine da Silva Soares³
Maria Gabriely Goffi⁴
Janaina Damasco Umbelino⁵

Resumo: O planejamento pedagógico consiste em um processo de sistematização das ações a serem executadas pelo professor em sala de aula. Como afirma Larchert (2010, p. 58), apesar de ser um termo ambíguo, ele abrange a ideia de que é necessário um conhecimento mínimo das condições existentes em uma determinada situação para que seja possível a execução de uma ação eficaz e eficiente. Nesse sentido, esse trabalho foi desenvolvido a partir das observações e práticas vivenciadas na Escola Municipal Recanto Feliz, com uma turma da pré-escola, que é formada por 15 alunos com faixa etária de 5 anos de idade. Elaboramos um planejamento com base no conteúdo formas geométricas, solicitado pela professora regente, porém, limitamo-nos ao conjunto de atividades sem refletir sobre quais seriam as funções psíquicas superiores a serem desenvolvidas nas e pelas crianças. Devido a isso, avaliamos nossa prática e identificamos algumas dificuldades no processo do trabalho com as crianças. A principal dificuldade foi a falta de exploração dos conteúdos, que resultou com que as crianças realizassem as atividades em um período menor do que nós esperávamos. Assim, ressaltamos que o planejamento é o momento do professor perceber as dificuldades e avanços de cada aluno e da turma, para poder trabalhar de modo a obter melhorias no desenvolvimento da criança, não levando em conta apenas os conteúdos a serem trabalhados, mas também articulando com o desenvolvimento da criança na sua totalidade. No decorrer da prática diária foi observado que as crianças precisam de atividades a qual possam explorar e realizar sozinhas e com a mediação do professor, que tem papel fundamental nesse processo. Além disso, o planejamento auxilia no desenvolvimento das funções superiores e ao explorar de forma enriquecedora a atividade faz com que a criança reflita sobre determinado assunto desenvolvendo a capacidade de resolver problemas. Nesse contexto, durante nosso trabalho com as crianças, desenvolvemos uma atividade de pintura, na qual foi solicitado para que elas pintassem um palhaço de formas geométricas com cores pré-determinadas, sendo essa atividade a que eles realizaram com agilidade. Em relação a isso, é de suma importância abordar atividades que desafiem as crianças, aprimorando suas habilidades e desenvolvendo progressivamente seus conhecimentos. Concluímos a partir disso, que é essencial refletir sobre o planejamento pedagógico. Portanto, é primordial pensar atividades, nas quais as crianças e, conseqüentemente suas funções

77

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão E-mail: josi.eli@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: karinesoares35@gmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: gabygoffi@hotmail.com

⁵ Coordenadora de área do Subprojeto de Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: janadumbelino@gmail.com

psíquicas, preparando-a para a série seguinte. Após a execução do planejamento é necessário refletir sobre a prática pedagógica, contemplando os acertos e erros cometidos durante a execução do planejamento, para que na próxima vez não ocorra as mesmas falhas e, conseqüentemente, a elaboração seja produtiva e o mais eficiente possível.

Palavras-chave: Planejamento pedagógico; Observação; Reflexão; Prática.

Referências Bibliográficas:

LARCHERT, Jeanes Martins. **Docência e fundamentos da educação** - Pedagogia: didática e tecnologia I - EAD, módulo 2, volume 5. – Ilhéus: UAB/ UESC, 2010. 80p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Planejamento na Educação Infantil: mais que atividade, a criança em foco. In: **Encontros e encantamentos na Educação Infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ATIVIDADES DO PIBID, PROBLEMATIZAÇÕES E AVANÇOS NA SALA DE AULA¹

Danyele Lizzi²
Davi Vaz³
Indaiá M. Kroth⁴
Martiniane A. Dutra da Costa⁵
Simone Alves de Souza⁶
Stefani Alves do Carmo⁷

Resumo: Frequentemente encontramos menções às diversas dificuldades que se colocam no espaço da escola, tanto em sua estrutura como em sua funcionalidade, e não é sem motivo que tais observações existem. A função do professor é rodeada de obstáculos que, muitas vezes, parecem intransponíveis, entretanto, não podemos encarar a realidade da educação no Brasil apenas com pessimismo. Não se pode ver a escola como um espaço cercado de dificuldades, mesmo com a falta de estrutura em algumas instituições e a resistência de alunos e famílias em participar efetivamente do processo educativo, não se pode tornar o espaço escolar um lugar de receio e obrigatoriedade em cumprir metas, horários e preencher notas. É fundamental encontrarmos dentro do campo de possibilidades, soluções e caminhos que nos sejam plausíveis para o auxílio no trabalho docente em sala de aula. É nesse sentido que o Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID/CAPES tem sua participação em inúmeras escolas públicas de todo território brasileiro, numa tentativa de tornar o fazer docente uma prática enriquecedora, componente de uma escola pública e que seja acessível e de qualidade. Conforme Mézáros (2005, p. 76), “[...] nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas pode ser posta à frente da outra. Elas são inseparáveis”. Só haverá transformações sociais com participações significativas, por isso, desde 2007, segundo o blog oficial do PIBID de inglês da UTFPR, *Campus Pato Branco*, o PIBID faz esforços para levar até as salas de aula, alunos exemplares da graduação que sejam capazes de contribuir dentro e fora da sala, auxiliando por meio de encaminhamentos na aplicação e correção de atividades e, principalmente, no desenvolvimento de projetos escolares que visam tornar as redes de ensino, um ambiente mais interessante, amigável e propenso a aprendizagem e

79

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel. E-mail: danylizzi@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel. E-mail: davikievel@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel. E-mail: inda_maria@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel. E-mail: martinnainitalia@hotmail.it

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel. E-mail: sialves.souza@outlook.com

⁷ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Portuguesa, do *campus* de Cascavel. E-mail: sialves.souza@outlook.com

participação. Infelizmente, mesmo essa tentativa, algumas vezes, apresenta desafios. É importante conscientizar aqueles que não conhecem os objetivos e contribuições dos projetos que são ofertados nas escolas, para que se entenda que a intenção do PIBID é trabalhar em favor das instituições escolares, e de que não se deve encarar os graduandos em sala de aula como inimigos ou como “espiões” que desejam apenas saber o que acontece dentro das salas de aula. Ao contrário, quando um projeto entra na escola, ele vai muito além do que observar ou dar pequenas ajudas, o objetivo é que sejamos parte de uma contribuição significativa para prática docente, tanto na escola quanto na própria formação do pibidiano, futuro professor. Foi pensando em maneiras de auxiliar as escolas que o PIBID vem desenvolvendo diferentes atividades. Neste trabalho vamos expor as principais práticas que foram elaboradas pelo subprojeto de Língua Portuguesa da Unioeste, *Campus* de Cascavel. Dentre elas destaca-se: (i) a oficina de gramática e texto realizada no espaço acadêmico da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, que teve o objetivo de levar para outros públicos, aulas que auxiliassem a graduação nos quesitos gramaticais e ortográficos; (ii) a participação nas observações compartilhadas nas escolas, momento em que os bolsistas dividem com os professores das turmas de 6º Ano do Ensino Fundamental a docência; (iii) a elaboração de jogos e atividades lúdicas a serem aplicadas em sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa. É fundamental refletirmos a respeito de quais ideias estão sendo reforçadas no espaço escolar e acadêmico, nas áreas de licenciatura. Prioriza-se o ensino de maneira pragmática e superficial ou pretende-se permitir que a escola seja parte de um componente cultural formador para os alunos e também professores. Não há escola sem prática social e não há a prática social sem a participação de diversos grupos integrados à escola, a qual possibilita o desenvolvimento significativo e propenso à produção e aquisição do conhecimento em vias práticas e não apenas pelo o ato de decorar conteúdos, afim de subjugar a aprendizagem por meio da avaliação. Esse é o desafio do PIBID: produzir vivências e espaços de transformação da docência.

Palavras-chave: Práticas; Docência; Aprendizagem; PIBID.

Referências Bibliográficas:

MESZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

A INTERDISCIPLINARIDADE E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS AULAS DE ESPANHOL¹

Antonio Antunes Ferreira Filho²

Adriana Felix³

Greice da Silva Castela⁴

Resumo: O presente resumo tem como objetivo relatar e refletir sobre nossa experiência na aplicação das oficinas pelo subprojeto de Espanhol do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As oficinas foram aplicadas para uma turma do segundo ano de Espanhol de um Centro de Ensino de Língua Estrangeira Moderna (CELEM), que funciona em um colégio estadual em Cascavel – Pr. Abordamos a contação de histórias e a interdisciplinaridade, trabalhando com fotografia, poesia, conto e teatro. O embasamento teórico desse trabalho foram Reverbel, Eliot, Rodrigues e também as PCN. Em um primeiro dia, os bolsistas tiveram o contato com a turma, percebendo as dificuldades, o nível da turma e a faixa etária, para desenvolver as atividades propostas. A primeira oficina teve como tema a história “Caperucita de Cores”, um texto adaptado pelos bolsistas do famoso conto “Caperucita Roja” (“Chapeuzinho Vermelho”), pois era uma obra clássica que todos os alunos conheciam. A adaptação foi feita com a quantidade de alunos na sala para que a contação pudesse ser realizada. No início, formamos um círculo com os alunos que se sentaram no chão para ler juntamente com os bolsistas a história, tentando entender todas as palavras do texto e sanando dúvidas a respeito do vocabulário que existia no mesmo. Em um segundo momento começamos a trabalhar com jogos teatrais, que serviram para que os alunos se familiarizassem com a prática teatral, e assim, perder a vergonha e o medo de se expressarem. Os alunos se caracterizaram como os personagens, com fantasias simples confeccionadas pelos bolsistas, cada aluno representaria um personagem e um dos bolsistas seria o narrador, enquanto o outro ajudaria na organização do teatro. Este foi encenado pela primeira vez como se fosse um ensaio, parando em momentos que precisasse para organizar as cenas e logo após foi realizada a versão final que foi gravada para que em outro momento os próprios alunos pudessem assistir. Ao final da contação, os alunos sentaram em um círculo para que houvesse uma conversa entre eles, os bolsistas e a professora regente, que serviria para contextualizar a história nos dias de hoje e para que os alunos percebessem os erros cometidos pelos personagens e relacionassem isso com o seu cotidiano. A segunda oficina foi dividida em três aulas, na primeira os alunos deveriam encontrar imagens e músicas para serem utilizadas na oficina posterior, as quais deveriam ter relação com sua

81

¹ Trabalho realizado com apoio financeiro da CAPES

² Graduando do curso de Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE. Bolsista PIBID. E-mail: antonioaffilho@hotmail.com

³ Graduanda do curso de Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE. Bolsista PIBID. E-mail: adrianafelixsfa@gmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Letras/Espanhol, do *campus* de Cascavel. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br

personalidade e estilo. Em uma segunda aula os alunos participaram de um ensaio fotográfico, em que cada um seria fotografado e também fotógrafo. As fotos foram realizadas com o auxílio de um retroprojetor, que projetava as imagens escolhidas na parede e no chão e os alunos deveriam se posicionar na frente para serem fotografados. A música servia como forma de inspiração e para que os alunos se soltassem mais com o decorrer das fotos. Na terceira oficina os alunos realizariam as escritas das poesias. Os bolsistas levaram uma explicação sobre a poesia contemporânea, com poesias que fugiam das estruturas mais tradicionais e mostrando que existem muitas formas de escrever. As poesias foram lidas e em seguida os alunos começaram a escrever as suas próprias, levando em consideração as fotos tiradas e a música escolhida, para que tudo se conectasse e contasse a mesma história. As fotos e poesias foram expostas na escola e também em um evento escolhido pelos bolsistas. Todas as fotos foram escolhidas pelos alunos que também concederam a exposição das mesmas, juntamente com um termo assinados pelos responsáveis de cada aluno.

Palavras-chave: Teatro; Interdisciplinaridade; Contação de histórias.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Secretária de educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

ELIOT, T. S. De poesia e poetas. São Paulo: Brasiliense, 1991. (p. 25-37).

REVERBEL, Olga. Um caminho do teatro na escola. São Paulo: Scipione, 1997.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Cultura, arte e contação de histórias. Goiânia, 2005.

A UTILIZAÇÃO DE FILMES E TECNOLOGIAS NO ENSINO DE ESPANHOL¹

Lidiane Cossetin Alves²
Vânia Travaglia Rodrigues³
Greice da Silva Castela⁴
Liria Maria Unser de Carvalho⁵

Resumo: Neste trabalho temos o objetivo de relatar experiências sobre oficinas que ministramos em uma turma do CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas de um Colégio Estadual de Cascavel, no primeiro semestre de 2017. O tema escolhido foi “Cultura”, que foi abordado por meio de filmes. Foram ministrados 6 encontros com duração de 2 horas. Destarte, entendemos que as Línguas Estrangeiras Modernas possuem um papel a proporcionar o desenvolvimento do cidadão quanto à sua compreensão sobre a diversidade cultural, a criticar e a estar conscientizado sobre o meio no qual se insere socialmente, uma vez que a “Língua Estrangeira no ensino fundamental é parte da construção da cidadania” (BRASIL, 1998, p.41) e, de acordo com Barros e Costa, é necessário que o ensino de línguas “amplie a leitura de mundo do aluno, a partir de uma perspectiva crítica; favoreça o contato com outras realidades e o conhecimento de outras culturas”, e sobre a contextualização de conteúdos, apontam que “sempre deve partir de algum insumo, como uma leitura, um áudio, um vídeo etc. que aproxime o aluno ao tema, motivando e favorecendo a sua expressão” (BARROS; COSTA, 2010, p. 87-103), o que nos dá fundamentação para nossa escolha metodológica ao utilizarmos de tecnologias. Ainda a respeito do uso da tecnologia, os PCN apontam que é importante realizarmos reflexões acerca “[d]o impacto da tecnologia na sociedade e no ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira” (BRASIL, 1998, p. 87), uma vez que influencia as relações e vivências em sociedade. Por isso, percebemos que nossas oficinas foram produtivas quando adicionamos filmes às abordagens, pois a utilização de diversas tecnologias “representa a superação de práticas tradicionais de reprodução que tem como foco o ato de ensinar e não o ato de aprender” (BALADELI, 2008, p.4). Dessa forma, conversamos com os estudantes sobre a Cultura do Chile e a Guerra Civil Chilena antes da exibição do filme chileno “Machuca”. Para isso, utilizamos um infográfico confeccionado digitalmente, por nós, na *Plataforma Canva*, abordando a temática do país retratado no filme, para então aplicarmos a exibição do longa-metragem. O mesmo aconteceu quando trabalhamos o filme espanhol “O Labirinto de Fauno”, que também aborda a Guerra Civil Espanhola. Posteriormente à exibição dos filmes, foi entregue aos estudantes variadas atividades que explorariam 1) interpretação do filme assistido, 2) variação e 3) estilos linguísticos da língua espanhola, 4) escrita, 5) conversação e 6) interações utilizando os

83

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Língua Espanhola, do *campus* de Cascavel. E-mail: lidicossetin@yahoo.com.br

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto de Língua Espanhola, do *campus* de Cascavel. E-mail: vaniatravaglia@gmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Língua Espanhola, do *campus* de Cascavel. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br

⁵ Bolsista de Supervisão do Subprojeto de Língua Espanhola, do *campus* de Cascavel. E-mail: profeliria@gmail.com

vocabulários e expressões da língua espanhola já estudados. Ao fim das atividades relacionadas aos filmes, foram realizados jogos lúdicos, sendo a turma dividida em dois grupos e onde realizavam perguntas ao outro, a fim de melhor entendimento acerca das temáticas estudadas. No último dia de oficina, dois panfletos confeccionados digitalmente foram entregues aos alunos, contendo os vocabulários de roupas e partes do corpo, que foram discutidos para que os estudantes pudessem assimilar o conteúdo. Salientamos que todas as atividades foram realizadas com nossa mediação enquanto pibidianas. Sendo assim, entendemos que as oficinas foram ministradas com sucesso e a participação dos alunos foi espetacular, considerando que foram ativos nas aulas, demonstrando interesse e vontade de aprender. Podemos constatar que os filmes são um excelente instrumento de aprendizagem, pois foi possível chamar a atenção dos educandos e fazer com que se interessem pelo conteúdo. Por fim, consideramos o PIBID um excelente projeto ao qual todos os acadêmicos de licenciatura deveriam ter acesso, pois aprimora o conhecimento e dá a oportunidade de vivenciar a prática docente desde a formação inicial.

Palavras-chave: Espanhol; Filmes; Cultura; Tecnologia.

Referências Bibliográficas:

BALADELI, Ana Paula Domingos. **A internet como ferramenta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa.** *Línguas e Letras*. vol.10, n.18, 1º Sem. 2009.

BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. **Elaboração de materiais didáticos para o ensino de espanhol.** Coleção explorando o ensino- Espanhol Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. v 16. cap 5. p. 85- 118

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira / Secretaria De Educação Fundamental.** Brasil. MEC/SEF 1998.

AS TECNOLOGIAS NO REGISTRO, EDIÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS AÇÕES DO SUBPROJETO PIBID/MAT/FOZ¹

Igor José do Nascimento²
Marcelo Botura Souza³
Marcos Lübek⁴
Matheus Maziero⁵
Plínio Gabriel Sylvestrin⁶
Viviane de Souza Lemmert⁷

Resumo: Neste trabalho, descreveremos algumas atividades do subprojeto de Matemática, relacionando-as com a frente de tecnologias, com ênfase nas realizações do período de 2016-2017, seus avanços e projeções. Um dos destaques é a reativação da página do *facebook*⁸ e a criação de um canal no *youtube*⁹, vinculadas ao PIBID/MAT/FOZ¹⁰, onde os bolsistas fazem as atualizações de fotos e vídeos de, entre outros, eventos, atividades relacionadas ao projeto e a universidade, o compartilhamentos de vídeos relacionados às matérias do curso, referências bibliográficas dos livros produzidos pelos acadêmicos do projeto, entrevistas das experiências que professores tiveram ao participar de projetos realizados pelo PIBID, sendo que as páginas possuem acesso livre, tornando-as, assim, um grande veículo divulgador das atividades realizadas pelos bolsistas. As principais atividades realizadas foram os teatros e as oficinas ocorridas nas escolas, as quais tiveram grande repercussão, onde nos teatros foram contadas histórias que geraram mais gosto pelo estudo de matemática, e nas oficinas foram apresentados jogos lúdicos muito bem recebidos pelos alunos e professores. A ideia dos teatros surgiu durante um dos encontros semanais, onde foi proposto aos bolsistas realizarem uma atividade diferenciada referente ao dia da matemática. A execução desta atividade motivou a divulgação da mesma para a comunidade em geral, onde foi

85

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltado para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: (igorigor_19191@hotmail.com)

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: (mbsfoz@gmail.com)

⁴ Bolsista Coordenador do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: (marcoslubeck@gmail.com)

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: (matheus_mpb10@hotmail.com)

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: (pliniosylvestrin97@hotmail.com)

⁷ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/MAT/FOZ, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: (viviane.lemmert@hotmail.com)

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/PibidMatematicaUnioesteFoz/>> Acesso em 14-07-2017.

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCF9zIW6JLjbPcyxJtr3lnKA>> Acesso em 14-07-2017.

¹⁰ Subprojeto do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* Foz do Iguaçu. É composto por 15 acadêmicos bolsistas, um coordenador de área, duas professoras supervisoras bolsistas da rede pública de ensino dos colégios parceiros do programa e três colaboradores docentes da UNIOESTE.

necessária a reativação da *Fanpage* e criação do canal no *Youtube*, sendo elas essenciais para o compartilhamento das imagens e vídeos produzidos (MORAN, 2013). As atividades realizadas em sala de aula nos períodos de contato com as escolas parceiras bem como os jogos criados pelos bolsistas são relatadas e descritas em fotografias e vídeos que servem de amparo para a produção de artigos e guardados em nosso acervo de mídias, criando assim um banco de dados para servir como registro virtual. Outra atividade desenvolvida associada às redes sociais é a produção multimídia de vídeos, contribuindo principalmente no registro e divulgação de tudo que é produzido dentro do projeto, que antes dessa iniciativa ficava restrita somente aos seus integrantes. Os materiais registrados tanto dos teatros como das oficinas para formação de docentes e professores formados tem atraído um olhar de interesse para o projeto, onde o mesmo veio a receber propostas para que sejam realizadas atividades semelhantes em outras escolas municipais, estaduais e centros de convivência que não estão diretamente ligadas com o projeto, mostrando resultados muito positivos referentes a esta iniciativa.

Palavras-chave: PIBID/MAT/FOZ; Tecnologias-Mídias; Divulgação-Compartilhamento; Matemática.

Referências Bibliográficas:

MORAN, J. M. **Integrar as Tecnologias de Forma Inovadora**. 2013. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/utilizar.pdf. Acessado em: 15 ago. 2017.

AUTOMUTILIAÇÃO E BORDERLINE EM CENA¹

Camila Safranski²
Bruna Karla do Amaral³
Carolina Pasinato⁴
Kamila Caroline Minosso⁵
Gicelle Galvan Machineski⁶
Larissa Fungueto⁷

Resumo: O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), *campus* de Cascavel, realizou no decorrer do ano de 2017 um projeto de extensão com a finalidade de integração entre todos os subprojetos por meio de encontros de estudos e reflexões de temas relacionados ao cotidiano escolar. Para o curso de Enfermagem foi solicitado que coordenassem o tema “automutilação na adolescência”, assunto bastante pertinente para o momento vivido, considerando o surgimento de jogos *online* como “baleia azul” e a necessidade de tratar sobre o Bullying na escola. Para tanto o grupo do subprojeto de Enfermagem empenhou-se em abordar o tema de forma singular trazendo a arte cênica como instrumento didático para mediar o debate. O presente trabalho relatará a experiência do grupo em produzir e encenar a perspectiva da automutilação na adolescência envolvendo os transtornos de personalidade. O roteiro foi construído de forma inédita a partir de discursos reais de automutilação, de transtornos de personalidade e depressão na adolescência, advindos de *blogs* pessoais, de conversas com pessoas que passaram por tais problemas e de literatura especializada. Automutilação é um comportamento auto-lesivo, sem ideação suicida na maioria das vezes, onde o indivíduo busca o alívio da dor psíquica com o uso da dor física, a automutilação não diz respeito a cortes somente, mas também a socos, uso abusivo de substâncias químicas, etc (ARAÚJO; *et al.*, 2016). Já o transtorno de personalidade *Borderline*, por ser uma doença que se caracteriza por episódios de psicoses, o indivíduo com o diagnóstico possui tendências de agir com impulsivamente sem medir as consequências de seus atos, é comum que o quadro da automutilação se enquadre nesses surtos, assim como a instabilidade de afetos, e por isso é uma doença subjugada na adolescência devido a essas características (SCHERER, 2016). Uma bolsista, com experiência em teatro recrutou bolsistas do Pibid e voluntários para montar a peça “Viver em dor”, dividida em três atos, sendo que o primeiro tratou sobre a não percepção da família em relação ao sofrimento psíquico da filha, que a levava a se automutilar; o segundo ato abordou o transtorno de

87

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: camila.safranski@hotmail.com

³ Membro do grupo companhia de Teatro Salutare. E-mail: bruna_kar.la@outlook.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: caro.olinah@hotmail.com

⁵ Membro do grupo da companhia de Teatro Salutare. E-mail: kamiminosso@outlook.com

⁶ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Enfermagem. E-mail: gmachineski@gmail.com

⁷ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: lafungueto@yahoo.com.br

personalidade *Borderline*; e o terceiro ato era constituído por monólogos de discursos de pessoas que cercavam o adolescente que se automutilava. Os ensaios foram realizados semanalmente no decorrer de dois meses. Essa atividade motivou os pibidianos a montar uma companhia teatral, nominada “Salutare Cia. Teatral” para dar continuidade a este trabalho, devido à grande repercussão da peça “Viver em Dor”. A companhia foi contatada pela Secretaria de Educação do Município para apresentá-la, e também estão trabalhando em novas peças. Dessa forma, além de mostrar um novo jeito de ensinar, os acadêmicos desenvolvem novas habilidades, como expressão corporal, a fala em público e, adentrar em um universo lúdico, fugindo assim um pouco do mundo acadêmico, e por fim, trazendo arte para a Universidade.

Palavras-chave: Automutilação; Adolescência; Transtorno da Personalidade Borderline; Arte.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, J.F.B.; CHATELARD, D.S.; CARVALHO, I.S.; VIANA, T.C. O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Revista Estilos da Clínica**, v.21, n.2, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v21n2/a12v21n2.pdf>. Acesso em: 04 ago 2017.

SCHERER, P.F. Avaliação psicológica no transtorno de personalidade Bordeline: estudos brasileiros. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, março/2016. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147087/000998126.pdf?sequence=1>. Acesso em: 04 ago 2017.

APLICAÇÃO DA OFICINA REFERENTE AO FILME TRUMAN¹

Jucelia Hurtiah de Oliveira Pires²

Adriana Felix³

Greice da Silva Castela⁴

RESUMO: Esta breve comunicação apresenta algumas reflexões sobre a oficina do subprojeto de Espanhol do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. A oficina ocorreu no primeiro semestre do ano de 2017 com uma turma de alunos do 1º ano do CELEM-Espanhol de um Colégio da rede pública estadual de ensino da cidade de Cascavel. A turma estava composta por, aproximadamente 10 alunos, mesclada por adolescentes e adultos. Para a realização da oficina nos baseamos em diversos autores que discutem a questão de trabalhar o ensino da língua estrangeira não só baseada em livros e exercícios, mas também com aspectos culturais de algum país que tem como base a língua espanhola. Os principais autores consultados para a execução deste trabalho foram: Barros; Costa (2010), Brasil (1998) e Baladeli (2009). Começamos averiguando qual o nível de conhecimento os alunos tinham sobre o filme escolhido e realizando um breve diálogo sobre a frequência com que assistiam filmes de outros países. Iniciamos a conversa e com as contribuições e comentários deles conseguimos esclarecer o que iríamos trabalhar com eles. O filme exibido aos alunos foi *Truman*, que retrata a decisão de um indivíduo com câncer não fazer tratamento para ser curado, pois estava cansado de todo o sofrimento e só queria viver os dias que restavam como se fossem os últimos. Esse tema gerou opiniões contraditórias entre a turma, tendo em vista que alguns se posicionaram a favor da atitude do personagem e outros se posicionaram contra. Aproveitamos para comentar se já haviam tido contato com alguma pessoa que sofreu com essa doença. Foi uma troca de opiniões, com o objetivo de refletirmos sobre a temática do filme. Como o filme que eles assistiram era da Argentina, após a aplicação do filme e de realizarem algumas atividades de interpretação, passamos um infográfico com diversas informações sobre a cultura do país argentino. Nesse momento, eles trocaram informações sobre a culinária argentina, pois alguns deles tinham conhecimento de algumas receitas do país destacado. Os alunos aproveitaram, também, para contar sobre as experiências vivenciadas sobre outros países, disseram se já conheciam o país do filme que iriam assistir, se já conheciam outros países que têm como idioma oficial Espanhol e se tinham desejo de conhecer algum deles. Esse momento foi de grande valia, pois trocamos informações sobre alguns países. Conseguimos passar o incentivo a eles de que assistir filmes em outro idioma, facilita a compreensão do mesmo. Concluindo então, a oficina teve resultado positivo, pois conseguimos atingir nosso objetivo que era se integrar com os alunos e mostrar a eles que

89

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Espanhol, do *campus* de Cascavel. E-mail: hurtyake@hotmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Espanhol, do *campus* de Cascavel. E-mail: adrianafelixfa@hotmail.com.

⁴ Bolsista – Coordenadora de área do Subprojeto de Espanhol, do PIBID – Unioeste, do *campus* de Cascavel. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br

existem outros caminhos que contribuem de maneira rica para o aprendizado de uma língua, sem dúvida, foi uma prática enriquecedora na nossa carreira.

Palavras-chave: PIBID; Espanhol; Ensino; Cultura.

EDUCAÇÃO FÍSICA E O ALUNO COM DEFICIÊNCIA¹

Lizete Wasem Walter²
Giovana Patricia Speck Toebe³
Susana Hahn⁴
Tailini Wiederkehr⁵
Douglas Roberto Borella⁶

Resumo: O Subprojeto de Educação Física da Unioeste propõe aos acadêmicos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná a oportunidade de ingressar com aulas de Educação Física Escolar nas Escolas Públicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como a formação continuada de professores da rede pública municipal. O projeto também envolve atividades da disciplina de Educação Física com alunos com deficiência, já que pressupõe primordial envolver-se com a diversidade de características da população escolar. Nesse ínterim, os acadêmicos pibidianos ofertam atividades onde o aluno com deficiência estará incluso nas aulas, participando ativamente das atividades oferecidas e cumprindo com o conteúdo proposto sem que sua limitação o impeça de realizá-las, assim, contribuindo no seu desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo. Tal dever se faz presente em duas escolas da rede municipal do município de Marechal Cândido Rondon, com turmas do 1º, 2º e 5º ano, tendo como características alunos com Deficiência Intelectual. Os conteúdos são organizados de acordo com o planejamento elaborado junto aos professores de Educação Física regentes da determinada escola, pela supervisora do Pibid e pelos acadêmicos pibidianos atuantes nas respectivas turmas. O subprojeto tem como referencial teórico a Pedagogia Relacional/Construtivista e a Cooperação. As atividades desenvolvidas visam um determinado conteúdo, onde o aluno com deficiência, de acordo com sua potencialidade e limitações, é motivado a incluir-se na turma para que, superando suas dificuldades, possa atingir os objetivos propostos. As aulas são realizadas uma vez por semana em cada uma das turmas, com 45 minutos cada. Os eixos estruturantes das atividades propostas são costumeiramente variados, ao quais, envolvem Jogos, Ginástica, Ritmos e Expressividade e Conhecimentos sobre o corpo, sendo que abrangem conteúdos relacionados a jogos de corrida variada, jogos em linha, em círculo, jogos de tabuleiro e mesa, jogos de dramatização, jogos pré-esportivos cooperativos, ginástica formativa, atividades rítmicas e expressivas, expressão corporal. Visando promover o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais e

91

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto, *campus* de Marechal Cândido Rondon – Unioeste. E-mail: lizeteewasem@gmail.com.

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto, *campus* de Marechal Cândido Rondon – Unioeste. E-mail: giovanapatricia@yahoo.com.br

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto, *campus* de Marechal Cândido Rondon – Unioeste. E-mail: susana96_hh@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto, *campus* de Marechal Cândido Rondon – Unioeste. E-mail: eventosl.a@hotmail.com

⁶ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto, *campus* de Marechal Cândido Rondon – Unioeste. E-mail: douglasedufisica@yahoo.com.br

rudimentares. Um dos aspectos importantes e indispensáveis na prática do subprojeto é a motivação e o interesse do pibidiano para que, sem deixar a turma no geral dispersa e/ou fora de foco, disponibilize também de apoio e confiança para com o aluno com deficiência, onde assim, ele encontre-se sempre encorajado e estimulado no percorrer das aulas, permanecendo sempre envolvido com uma progressão de conhecimento. Isto posto, conclui-se que o subprojeto de Educação Física atribui benefícios no ramo escolar, visto que pesquisas na área desenvolvidas comprovam dificuldades e insegurança no momento em que o professor regente da escola se depara com aluno com deficiência na turma que irá atuar. Assim, através do professor regente observando as estratégias e métodos empregados nas aulas pelos pibidianos, estará ficando mais seguro e confiante no momento em que ele por seu próprio trabalho em ação. O subprojeto também dispõe de um constante aprendizado nos discentes envolvidos, visando à formação do ser humano por um todo, aprendendo a conviver em grupos e respeitando ao próximo e as diferenças, além de oferecer uma experiência e preparação maior aos acadêmicos pibidianos envolvidos e, possivelmente, futuros professores da área, já que ele também acredita que experiências geram uma melhor instrumentalização.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Formação docente; Deficiência Intelectual.

PIBID DE MATEMÁTICA UNIOESTE – FOZ: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PONTO DE VISTA DA PROFESSORA SUPERVISORA¹

Graciela Siegloch Lins²

José Ricardo Souza³

Marcos Lübeck⁴

Vanessa Lucena Camargo de Almeida Klaus⁵

Luciana Del Castanhel Peron⁶

Resumo: O Programa de Integração a Docência de Matemática – Foz do Iguaçu iniciou no ano de 2014 suas atividades no Colégio Estadual Professor Flávio Warken com a proposta de acompanhamento dos alunos através das aulas de reforço direcionadas ao ensino fundamental e médio com auxílio dos acadêmicos do curso de Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Tais atividades passaram pela supervisão e direcionamento de ações da professora supervisora que acompanha e dá suporte aos acadêmicos. Este é um relato de tais atividades e da forma que elas ocorreram. Neste período, foram diversas as atividades realizadas, e inúmeros alunos atendidos pelo reforço escolar e pela atividade do Teatro Matemático, implementado inicialmente nas escolas parceiras do projeto e agora apresentado em diversas escolas de Foz do Iguaçu. Também foram grandes os desafios de manter os alunos frequentes às aulas, já que são oferecidas em contra turno e não há a aplicação de nota a sua participação, além disso a falta de motivação é um fator extremamente relevante no desempenho dos alunos e está diretamente ligada a falta de interesse nas atividades escolares, para isso se fizeram necessárias ações que motivassem a aprendizagem escolar e extraclasse, a busca por estratégias de ensino atrativas e adaptação de conteúdos por meio e atividades diferenciadas se fizeram presentes nas ações dos acadêmicos envolvidos e promoveram a busca por novas formas de ensinar e aprender. O comprometimento e o amadurecimento profissional de cada acadêmico foram, e ainda são essenciais para a melhora da qualidade no ensino e na composição de uma Matemática mais acessível e próxima aos nossos alunos. As atividades do programa estão em andamento e além do reforço, nesta fase os acadêmicos estão acompanhando e auxiliando professores nas atividades cotidianas da sala de aula, buscando a troca de experiências e o aprimoramento de metodologias e atividades criadas e recriadas pelo grupo em reuniões semanais na universidade. Com tais ações espera-se promover a valorização da Matemática e da licenciatura, bem como, estimular a formação de professores e contribuir para a integração da comunidade e

93

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: graciela.siegloch@gmail.com

³ Professor voluntária do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: joser Ricardo1012@gmail.com.

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: marcoslubeck@gmail.com.

⁵ Professora voluntária do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: vanessa_matematica@yahoo.com.br.

⁶ Professora voluntária do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: lucianaperon@hotmail.com.

universidade por meio da troca de experiências e da promoção de práticas inovadoras que se adequem à realidade escolar.

Palavras-chave: Matemática; Práticas de Ensino; Licenciatura; Formação de Professores.

PIBID: A PRÁXIS NA FORMAÇÃO DOCENTE¹

Nelise Daniele Moçinski²

Resumo: O objetivo desse trabalho é refletir sobre a relação teoria e prática no contexto educativo e compreender sua importância para a formação de professores. Desse modo, torna-se fundamental construir saberes sobre a práxis e seus significados, que se concretizam pela compreensão dos saberes didáticos fundamentados em bases teóricas e que sucessivamente se materializam nas ações práticas de sala de aula. O movimento dialético entre teoria e prática, dificilmente é entendido pelos professores que consideram apenas a prática associada as ações pedagógicas, não reconhecendo que estas estão impregnadas de teoria. Com isso, a teoria é vista de maneira superficial e isolada, e a prática, muitas vezes, acontece de maneira espontaneista sem entender os fundamentos teóricos. Diante dessa concepção fortemente concebida, busca-se refletir: Qual a importância de entender a atividade docente enquanto práxis? É possível efetivar relações entre teoria e prática em sala de aula? Dessa maneira, faz-se necessário desenvolver a compreensão de práxis, que segundo Vázquez (1977, p. 3) é concebida “como atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano”. Reveladora de ideais humanos, a práxis constrói nossa formação enquanto docentes, seja por meio das experiências advindas da prática, como também das reflexões evidenciadas sob olhares teóricos e significativos sobre o processo educativo. Assim, foi possível refletir sobre esses aspectos no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) subprojeto do Curso de Pedagogia, no qual acompanhamos uma turma de 1º ano do 2º ciclo (4º ano) de uma escola pública municipal. Somente assim, conseguiu-se estabelecer contato com a realidade escolar, com a sala de aula, alunos e professores, pelos quais diversos elementos de organização escolar, de ensino, metodologias, aprendizagens, dificuldades, planejamento e muitos outros que se destacam. Com isso, análises podem ser feitas sobre as mais diversificadas situações e dimensões do cotidiano, que está sempre em movimento. Sendo a atividade docente práxis, muitas experiências tornaram-se significativas, dentre elas o trabalho de observação das crianças, em que cada bolsista acompanhou cinco alunos durante as aulas, no qual percebeu-se as dificuldades, domínios, ações, atitudes, níveis de desenvolvimento, participação, interação, desenvolvimento da leitura, escrita e raciocínio lógico de cada um. Em um segundo momento, com as informações registradas por cada bolsista foi construído um diagnóstico geral e detalhado de todos os alunos da turma, considerando principalmente os desafios frente ao ensino e as dificuldades de aprendizagem. Outro encaminhamento realizado, refere-se ao exercício do planejamento, o pensar, organizar a aula e sobretudo o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Estes foram articulados e guiados por concepções teóricas amplas de sentido, o que nos fez compreender a relação teórico-prática na formação docente. A prática é um elemento muito importante, pois envolvem saberes sobre o ensino, aprendizagem dos alunos, ações e atitudes metodológicas. Segundo Contreras (2002, p.108) “o ensino é uma arte prática”,

95

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do campus de Francisco Beltrão. E-mail: nelisedaniele@gmail.com

pois requer criatividade, intuição e improvisação docente para resolver satisfatoriamente as situações que se enfrenta. O contato com a prática possibilita-nos estabelecer articulação com as teorias, pois toda a prática é guiada por teorias e a teoria se torna prática. Assim, Vázquez (1977, p. 06) concebe a práxis como reveladora teórica de uma realidade, pela qual torna-se possível a passagem da teoria à prática assegurando a unidade entre elas. Entretanto, é fundamental “a reflexão sobre a prática a partir da apropriação de teorias como marco para as melhorarias das práticas de ensino, em que o professor é ajudado a compreender o próprio pensamento, a refletir de modo crítico sobre sua prática e também a aprimorar seu modo de agir [...]” (LIBÂNEO, 2004, p.137). A relação dialética entre teoria e prática se concretiza na práxis educativa, pela qual tornar-se docente é uma atividade de aprendizagem. Vivenciar a prática das escolas, o decorrer das aulas, contribui significativamente para a formação de profissionais mais aptos, qualificados e com uma base mais sólida enquanto intelectuais reflexivos e pesquisadores.

Palavras-chave: Pibid; Práxis; Teoria; Prática; Formação.

Referências Bibliográficas:

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores:** os valores da profissionalização e a Profissionalidade Docente. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade.** Educar, Curitiba, n. 24, p. 113-147, 2004. Editora UFPR.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

A INTERDISCIPLINARIDADE PEDAGÓGICA: UMA COMPREENSÃO TOTALIZADORA DA REALIDADE¹

Silvana Sewald²

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar a importância da interdisciplinaridade dos conteúdos para o planejamento de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como suas implicações no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, por meio das atividades de docência desenvolvidas no Pibid- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, pelo subprojeto de Pedagogia, podemos analisar a importância do planejamento interdisciplinar para a aprendizagem dos discentes. Dessa forma, de acordo com Fazenda (2008, p. 72) “[...] a interdisciplinaridade se apresenta como uma possibilidade de resgate do homem com a totalidade da vida. [...]”. Assim, ao trabalhar os conteúdos de forma interdisciplinar, o professor possibilita aos estudantes a compreensão de que os saberes construídos historicamente não estão fragmentados, mas sim interligados e não são neutros. Entretanto, de acordo com Júnior (2008, p. 25), a interdisciplinaridade não é “[...] algo mágico que busca unificar os métodos científicos, mas sim como a possibilidade de se aceitar e valorizar a diferença, a heterogeneidade entre as disciplinas e campos de conhecimento.” Ou seja, podemos compreender a interdisciplinaridade como uma forma de explorar os conceitos de diferentes disciplinas a fim de integrá-las para o desenvolvimento de saberes. Nessa perspectiva, a partir da experiência de docência, podemos considerar o desafio em trabalhar os conteúdos de forma integrada, devido nossa formação voltar-se para a segmentação dos conteúdos disciplinares. Um dos campos de atuação do professor licenciado em Pedagogia são os anos iniciais do Ensino fundamental, este se organiza como espaço unidocente, ou seja, um professor que trabalha várias áreas do conhecimento na mesma classe. Tal configuração nos permite trabalhar de maneira integrada sem esvaziar o objeto de ensino das áreas específicas. Dessa forma, a partir do planejamento de aula da disciplina de Geografia, Língua Portuguesa, Ciências e Matemática, desenvolvidos com a turma do 4º ano vespertino em uma escola municipal de Francisco Beltrão, trabalhamos respectivamente os conteúdos de Paisagem Natural e Paisagem Modificada; Verbo; Estados Físicos e Mudança de Estado Físico da Água e Medidas de Massa. Assim, foi dividido um conteúdo para cada pibidiana, sendo que cada uma deu sua aula fazendo relação com o conteúdo ensinado na outra disciplina. Isto é, tivemos dois dias de uma semana para fazermos as inserções. No primeiro dia, uma pibidiana começou a aula com o conteúdo de Geografia. Após o intervalo, outra pibidiana explicou o conteúdo de Língua Portuguesa, em que o texto utilizado na aula de verbo era sobre Paisagem. No segundo dia de inserção, uma pibidiana deu aula de Ciências até o intervalo e depois do intervalo foi aula de Matemática. Desse modo, percebemos que ao trabalhar as disciplinas de maneira interdisciplinar, conseguimos estabelecer relações entre os conteúdos em si, relacionando-os à prática social. Diante disso, compreendemos que essa forma de planejamento possibilita a compreensão de que o contexto social não

97

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: silsewald@hotmail.com.

se dá de maneira fragmentada em subdivisões, mas na sua totalidade e complexidade. Ou seja, [...] “complexidade significa “o que está ligado, o que está tecido”, portanto, ao reconhecer tal trama, a trama da vida, também reconhece a ordem e a desordem, a eventualidade e a incerteza do conhecimento. [...]” (FAZENDA, 2008, p. 72). Nesse segmento, através do ensino interdisciplinar dos conceitos teóricos das disciplinas, os estudantes compreendem os fundamentos e apropriam-se da cultura, passando do pensamento abstrato para o concreto. Assim, ao apropriarem-se das teorias fazendo associações com o contexto em que vivem, conseguem analisar a sociedade criticamente, a fim de perceber suas contradições e pensarem em possíveis soluções. “[...] Portanto, no processo de escolarização, é essencial criar contextos sociais para o domínio e internalização de processos mentais, nos quais está implicada a zona de desenvolvimento próximo.” (LIBÂNEO, 2004, p.127). Dessa maneira, os educandos não sofrem apenas interferência do meio social como também intervêm para a sua construção.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Planejamento; Totalidade.

Referências Bibliográficas:

FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

JÚNIOR, Adilson Bergamo; Andréa A.F. Vital; Dulcinéia L. Mendes Rubim; Vera Márcia G. da Silva Pina. **A interdisciplinaridade no contexto da inclusão escolar.** Caderno de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. São Paulo, v.8, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade.** Curitiba: Editora UTFPR, n° 24, 2004.

O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DA LITERATURA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL ¹

Camila Cristina Dias da Silva ²
Delfina Cristina Paizan ³

Resumo: Esta pesquisa trata do uso de novas tecnologias digitais para o ensino de literatura na sala de aula de língua inglesa do ensino fundamental, campo de atuação do PIBID, Subprojeto Letras-Inglês da UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu. Ao discutir o uso da literatura no ensino de língua inglesa (LI) como segunda língua (L2) ou língua estrangeira (LE), Keshavarzi (2012) destaca os benefícios de se usar a literatura dentro desse contexto: a literatura ajuda na aprendizagem da língua quando oferece contextos reais de uso da língua, diferentes estruturas linguísticas e vocabulário e, até mesmo, diferentes estratégias de comunicação; a literatura ajuda o aluno a refletir sobre a sua própria cultura e a cultura do outro. Já Daskalovska e Dimova (2012) destacam entre outros benefícios a autenticidade do texto literário e a sua capacidade de motivar os alunos para a leitura ao provocar seu interesse, capturar sua imaginação e promover uma discussão significativa. Outro benefício apontado pelas autoras é o envolvimento ativo dos alunos ao interpretar um texto através de inferência, negociação, interação e imaginação. Nosso principal interesse aqui é o trabalho com o conto para abordar diferentes aspectos linguísticos e literários na sala de aula de LI. De acordo com o dicionário Michaelis, o conto é definido como uma “[N]arrativa breve, que prefere a concisão à prolixidade, e que contém um só conflito e uma única unidade dramática, enfatizando mais a ação do que os personagens (daí o predomínio do diálogo em sua trama)...” A escolha desse gênero literário se deve pela agilidade de leitura que ele proporciona e também pelo fato de que pode ser lida em sua totalidade considerando o tempo disponível para as aulas de LI. Por outro lado, hoje os contos podem ser trabalhados em sala de aula em diferentes formatos que podem ser combinados em sala de aula. Seu formato impresso pode ser lido com o suporte de novas tecnologias digitais uma vez que eles também podem ser encontrados em formato digital físico (ex. DVD) como nas nuvens (ex. vídeos disponíveis no *youtube*). Traore e Kyei-Blankson (2011) mostraram em sua pesquisa, que o uso de diferentes tecnologias para trabalhar literatura apresenta benefícios difíceis de serem alcançados no formato impresso como, por exemplo, um maior engajamento dos alunos com o tema lido, uma avaliação mais apurada dos personagens e eventos, uma maior integração entre a compreensão oral e escrita e uma maior interação e sentimento de maior proximidade com o texto literário. São esses e outros benefícios que serão explorados aqui nesta comunicação. Por fim, consideramos aqui algumas das recomendações de Khatib e Nourzadeh (2011), quanto ao uso da

99

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras-Inglês, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: camilacristinads19@gmail.com

³ Professora voluntária do Subprojeto Letras-Inglês, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: dpaizan@yahoo.co.uk

literatura em sala de aula de LI como LE: promover um envolvimento pessoal dos alunos com o texto literário; usar a literatura para o ensino e aprendizagem de línguas e não como um fim em si mesma; usar a linguagem literária de forma criativa; integrar a compreensão e produção oral e escrita; usar o conhecimento de mundo do aluno na compreensão dos textos literários; dar assistência aos alunos em termos linguísticos e literários; encorajar discussões em grupo; proteger os alunos contra o imperialismo.

Palavras chave: Contos; Língua estrangeira; Diferentes tecnologias.

Referências Bibliográficas:

CONTO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>.

DASKALOVSKA, Nina; DIMOVA, Violeta. Why should literature be used in the language classroom? **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v. 46, p. 1182-1186, 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042812014000>>.

KHATIB, Mohammad; NOURZADEH, Saeed. Some Recommendations for Integrating Literature into EFL/ESL Classrooms. **International journal of English Linguistics**, v. 1, n. 2, p. 258-263, 2011. Disponível em: <<http://www.ccsenet.org/journal/index.php/ijel/article/view/10645>>.

KESHAVARZI, Abdollah. Use of literature in teaching English. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v. 46, p. 554-559, 2012,. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042812012888>>.

KYEI-BLANKSON, Lydia; TRAORE, Moussa. Using Literature and Multiple Technologies in ESL Instruction. **Journal of Language Teaching and Research**, v. 2, n. 3, p. 561-568, 2011. Disponível em: <<http://www.academypublication.com/issues/past/jltr/vol02/03/09.pdf>>.

SIMILARIDADES NARRATIVAS DE GÊNEROS CALCIFICADOS E CONTEMPORÂNEOS - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

Aline Stenzel²
Jeciely Ildefonso de Oliveira³
Marina Jakovacz⁴
Mirian Schröder⁵

Resumo: As reflexões expostas neste trabalho são resultado da aplicação dos projetos de ensino “A jornada do herói na formação de leitores críticos” e “Do mito clássico às narrativas atuais: leitura crítica” realizados no primeiro semestre de 2017, em turmas de 7º ano de um colégio público da cidade de Marechal Cândido Rondon. Partindo da concepção de leitura entendida como interação entre leitor-texto-autor, na qual parte significativa da construção de sentido provém do leitor, com a ativação ou construção de seu conhecimento prévio (KOCH; ELIAS, 2010), os projetos objetivaram o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica por meio do entendimento e análise de elementos de construção de narrativas. Estes elementos foram delimitados a partir da leitura e discussão de mitos clássicos de diversas culturas, nos quais observa-se a presença da estrutura monomítica, também conhecida como “jornada do herói” (CAMPBELL, 2005). O estudo de tal conteúdo não é exigido na educação básica, mas sua pertinência se constrói ao observar que o monomito continua a ser utilizado como estrutura base das narrativas atuais mais consumidas entre os jovens, embora o gênero de origem, a epopeia, seja considerado “um gênero já profundamente envelhecido [...] com uma ossatura dura e já calcificada” (BAKHTIN, 1998, p. 397). Essa reflexão foi trabalhada com os alunos, que, além de leitura e análise de mitos clássicos, tiveram como atividade final reconhecer a presença do monomito em uma narrativa cinematográfica lançada na época da aplicação do projeto – filme “Moana”. Os motivos da permanência dessa estrutura foram discutidos com os alunos durante a aplicação do projeto. O processo da leitura em sala de aula foi mediado constantemente pelas pibidianas com o uso de estratégias de leitura (SOLÉ, 1998), esperando-se conduzir os alunos em sua formação como leitores competentes, capazes de compreender os diversos textos com os quais se deparam no cotidiano, no caso em aplicação, uma leitura mais profunda a respeito de narrativas fílmicas. A utilização de filmes como ferramentas no ensino da leitura e também como objetos a serem “lidos” otimiza o processo de ensino-aprendizagem, visto que os alunos assimilam produções contemporâneas de um gênero que faz parte de seu cotidiano com estruturas narrativas milenares, como epopeias e mitos clássicos. Assim, com o trabalho realizado, os alunos estariam mais bem preparados para a leitura e construção de sentidos ao se depararem

101

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras-Português, do *campus* de Marechal Cândido Rondon.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras-Português, do *campus* de Marechal Cândido Rondon.

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras-Português, do *campus* de Marechal Cândido Rondon.

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Letras-Português, do *campus* de Marechal Cândido Rondon.

com outros textos que se valham da mesma estrutura narrativa ou ainda com aqueles textos que lhe façam referência. Portanto, com a utilização do cinema para ensinar leitura, foi possível "lançar um olhar sobre o passado para entender o presente" (DAMINELLI, 2010, p. 54). A eficiência do projeto pode ser comprovada não só pela boa aceitação dos alunos, mas também pela atividade final de reconhecimento da estrutura mítica em um gênero contemporâneo. As discussões realizadas durante o projeto a respeito da permanência dessa estrutura possibilitaram às acadêmicas do PIBID a constatação da evolução dos alunos enquanto leitores do cotidiano. A maneira como os discentes se relacionavam com produções cinematográficas antes do projeto foi significativamente alterada, visto que, por meio de depoimento dos alunos, eles passaram a assistir os filmes com mais atenção, conscientes de que tais narrativas são produzidas com um propósito e construídas a partir da evolução de outros gêneros discursivos.

Palavras-chave: Ensino; Leitura; Mito; Jornada do herói.

Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

DAMINELLI, Silvane. *A contribuição de filmes legendados para o ensino da leitura*. 2010. Dissertação de mestrado em estudos da tradução – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

A INFLUÊNCIA DE AULAS TEÓRICO-PRÁTICAS NA APRENDIZAGEM DE BIOLOGIA CELULAR NO ENSINO MÉDIO¹

Isabela Fetter
Marina Morais de Araújo
Wellington Soares
Alexandre Scheifele

Resumo: Atualmente, a situação do ensino das Ciências vêm se tornando preocupante devido a complexidade das teorias científicas, dificultando assim a comunicação com os alunos e tornando o aprendizado cada vez mais uma questão de memorização. “[...] em muitos países o aprendizado dos alunos é precário e raramente atende as metas que devem transcender memorização de informações muitas vezes desconexas e irrelevantes.” (KRASILCHIK, 2009, p.249). Nessa perspectiva, buscando novas estratégias metodológicas para favorecer a aprendizagem, este trabalho tem como objetivo o estudo da aula prática, que vem se mostrando um significativo recurso didático no ensino de Ciências e Biologia. Segundo Krasilchik (2009), a aula prática é essencial, tendo como principal intuito despertar o interesse do aluno, envolvê-lo em investigação científica, desenvolver a capacidade de resolver problemas, aprender conceitos básicos, entre outros. A aula prática também favorece o ensino por Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), onde nessa abordagem metodológica, integra-se a educação científica, social e tecnológica, discutindo seus aspectos econômicos, históricos, políticos, entre outros (SANTOS; MORTIMER, 2002). A conceituação detalhada, características abstratas da célula e quantidade de estruturas microscópicas, podem fazer com que aspectos centrais da Biologia Celular sejam deixados de lado, ou ainda, ofertados de forma simplista e fragmentada, contribuindo para a construção e/ou reforço de obstáculos epistemológicos nos alunos (BASTOS, 1992). Diante disso, com o objetivo de aproximar os alunos do conteúdo, utilizando da abordagem metodológica CTS, trabalhou-se aulas teórico-práticas sobre “célula procarionte e eucarionte” com turmas de primeiros anos do Ensino Médio da rede pública e através da metodologia qualitativa, os alunos foram avaliados através de questionários, o mesmo aplicado em ambas as turmas de 1º ano “A” e “B”. Durante o desenvolvimento da primeira aula, os alunos foram direcionados ao laboratório de Biologia. Inicialmente discutiu-se o que são células e onde estão presentes, elencadas quais são as diferenças entre células procariontes (unidades celulares pobres em membranas) e célula eucarionte (animal e vegetal) que apresenta diversas organelas citoplasmáticas além de organização nuclear e sistema de endomembranas (JUNQUEIRA; CARNEIRO, 2000). Además, foram discutidos aspectos como a importância das células procariontes e citados alguns exemplos de doenças causadas por bactérias e sua presença benéfica no organismo. Seguidamente, demonstrou-se como é feita a montagem da lâmina para análise no microscópio. Os materiais utilizados para a montagem foram: lâminas, lamínulas, epiderme de cebola – para visualização de células eucariontes vegetais - e iogurte natural – para visualização de células procariontes. As

103

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

células eucariontes animais foram observadas em lâminas permanentes de tecido animal. Por conseguinte, os alunos fizeram as observações no microscópio e um desenho de cada tipo celular apontando as principais estruturas. A continuidade desta aula no laboratório foi desenvolvida em sala, onde foi inicialmente realizado um diálogo acerca do que foi observado e discutido na aula prática. Posteriormente, foi realizado um esquema no quadro sobre as principais características de cada célula, com desenho de estruturas e nomes de organelas. Além disso, discutiu-se aspectos tecnológicos como a utilização de células procariontes para fabricação de alimentos, como o iogurte, visualizado na aula prática. Por fim, como forma de avaliação, aplicou-se um questionário aos alunos, contendo cinco questões acerca do conteúdo discutido nas aulas. Analisando estes, observou-se que muitos atribuíram características da aula prática as respostas do questionário, como na pergunta “onde podemos encontrar células procariontes?”, apesar das explanações realizadas acerca da presença de células procariontes em todos os lugares (inclusive sua presença benéfica no nosso organismo), a grande maioria atribuiu a presença destas células somente ao iogurte. No laboratório, observou-se muita indisciplina devido a idealização dos alunos acerca de atividades práticas serem motivo de dispersão, ou até mesmo pela falta de contato com o ambiente do laboratório, ocorrendo distração quanto a vidrarias e materiais. Outro ponto observado foi no decorrer da aula na sala, onde durante as discussões, os alunos retomavam características visualizadas no microscópio durante a aula no laboratório, constatando assim que a aula prática teve influência significativa no aprendizado, fazendo com que os discentes atribuissem conceitos discutidos e observados na aula prática as avaliações e diálogos em aula teórica.

Palavras-chave: Biologia Celular; Aula prática; CTS.

Referências Bibliográficas:

BASTOS, F. O conceito de célula viva entre os alunos de segundo grau. **Em Aberto**. Brasília:1992. v. 11, n. 55, p.62-69.

KRASILCHIK, M. **Biologia – ensino prático**. In: CALDEIRA, A.M.A., ARAUJO, E.S.N.N. Introdução à didática da Biologia. São Paulo, Escrituras, 2009, pp. 249 – 270.

SANTOS, W. L. P; MORTIMER, E. F. **Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência-Tecnologia-Sociedade) no contexto da educação brasileira. Revista Ensaio – pesquisa em educação em ciências**. Belo Horizonte: CECIMIG, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2002.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. **Biologia Celular e Molecular**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A., 2000.

O ENSINO DE GEOGRAFIA COM MASSA E CHEIRO DE BOLO¹

Lia Dorotéa Pfluck²

Resumo: Entre os pibidianos se organizaram três grupos aos quais foram sorteadas caixas com massa de bolo de chocolate, quatro cores de açúcar, luvas, faca, colher, esponja (verde e amarela) e palitos de tipo ‘churrasco’ (em duas); na terceira estavam quatro fragrâncias culinárias. As propostas de atividades: maquete; um tema de Geografia; e, um tema de Geografia a partir dos cheiros. O trabalho foi desenvolvido e socializado com demais pibidianos. Objetivos: - ativar a criatividade dos pibidianos diante da profissão docente; - despertar para a percepção e a presença de elementos geográficos no dia-a-dia. Impressões sobre a proposta e tema, por grupo: 1) Surpresa; o “tato” no amassar a massa de bolo para as formas de relevo; açúcar colorido - lava, vegetação, água, hipsometria; muitas possibilidades para trabalhar Geografia. Formas de relevo (Caroline, Matiele, Nilza, Mateus e Prof^a Eliane, pibidianos). 2) “Meu Deus o que fazer com bolo”; “para que serve isso”? Estrutura interna da Terra e Perfil do solo (Luiz, Ana, Vanessa, Marco, Dhyonne e Prof^a Eliane). 3) Sentir aromas sem ver, desenvolver lembranças e atividades; baunilha, bolo da vó; canela, cheiro quente; cheiros e geografias da infância; paisagens e lugares a partir de cheiros, momento/lugar. Colonização do Brasil e drogas do sertão, especiarias (Erci, Vanderson, Luis Henrique e Prof. Guilherme). Os objetivos foram alcançados, “ativar a criatividade”: “Ficamos sem saber o que fazer com aquele bolo, a não ser comê-lo”; “após alguns minutos, foram surgindo as ideias”; “para representar o horizonte O, na falta de açúcar colorido, utilizamos pó de café da cafeteira”; “a percepção básica da atividade foi que a criatividade pode fazer surgir atividades instigantes e de grande valor didático a partir de objetos simples do dia a dia” “através do olfato elaborar a atividade de Geografia”; “quem diria que de um bolo sairia a Crosta Terrestre?” E, “despertar para a percepção e a presença de elementos geográficos no dia-a-dia”: “as atividades propostas foram trabalhar o conceito de paisagem e de lugar (estabelecido por sentimentos que atribuímos aos espaços)”; “cheiros fazem parte da infância”; “mas o cheiro, abstrato, é mais difícil de trabalhar”; “a atividade nos permitiu ter ciência que a Geografia está em todos e lugares e podemos partir de qualquer objetivo ou situação para elaborarmos nossas aulas”; “a reação dos demais colegas nos deixou ainda mais animados”; “o material pode não ser aplicado em todas as salas, mas desperta o professor”. A massa de bolo e cheiros podem ser linguagens que abrem ao professor de Geografia um universo de possibilidades didático-pedagógicas, torna o ensino mais prazeroso, desbrava o mundo para além da sala de aula, uma ferramenta de auxílio no ensino de Geografia.

105

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Massa de bolo; Cheiros; Atividade lúdica.

¹Trabalho realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do governo brasileiro, pelo Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), voltado para a formação de recursos humanos.

²Professora do Curso de Geografia. Membro Líder do Grupo ENGEIO. Bolsista Coordenadora de área do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a prática”, do campus de Marechal Cândido Rondon. Autora da proposta desse trabalho. E-mail: liafluck@yahoo.com.br.

RELAÇÕES DE GÊNERO E A DOMINAÇÃO MASCULINA A PARTIR DA DINÂMICA “MARCHA DOS PRIVILÉGIOS”¹

Camila Kelly Alves²

Diego Rafael Seratto³

Luciano Renatto Santos Frangiotti Lourenço⁴

Resumo: A partir da dinâmica “*Marcha dos privilégios*” queremos introduzir o debate sobre as relações de gênero e a dominação masculina em nossa sociedade. Esta aula e a dinâmica foram realizadas com duas turmas do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Jardim Gisele. Iniciamos a aula com o questionamento “*o que é dominação masculina?*” “*por que ela acontece?*” “*será que ela dá ao homem privilégios?*”. Depois dessa provocação levamos a turma ao pátio da escola para realizar a dinâmica “*Marcha dos privilégios*”. A dinâmica consiste em colocar os participantes vendados lado a lado formando uma linha, à medida que o mediador realiza perguntas, aqueles que se identificarem com o enunciado dão um passo para frente ou para trás. Por exemplo: “*Se você pode viajar ao redor do mundo sem medo de agressão sexual, de um passo para a frente*” ou “*Se você já sofreu com intimidações, gritos, ameaças ou usaram a violência para lhe impor uma opinião, de um passo para trás*”; foram um total de 15 perguntas. O objetivo era demonstrar como as relações de dominação masculina produzem privilégios para a vida dos homens brancos e heterossexuais. Durante a atividade buscamos provocar questionamentos a respeito das relações entre homem e mulher na nossa sociedade. Questionando se as desigualdades nas relações entre os gêneros podem mudar a forma como homens e mulheres se colocam no mundo. De volta à sala conversamos sobre como eles achavam que esses tipos de atitude e relações haviam começado. As respostas iam das mais práticas às mais filosóficas, como o menino que disse que tudo começava com a ideia de que Deus era um homem e não uma mulher. As meninas contribuíam com depoimentos de situações que vivenciaram e muitas delas já possuíam uma fala que problematizava os comportamentos impostos pela sociedade. Direcionamos a nossa conversa questionando qual seria o início desse processo. Um aluno sugeriu que pudesse ter a ver com o histórico de sociedade patriarcal e escravocrata que tivemos no Brasil. Então colocamos o contexto histórico do patriarcalismo na sociedade brasileira e como, apesar de hoje as relações entre homens e mulheres terem mudado muito, os privilégios dos homens permaneceram e produziram o que chamamos de dominação masculina. Em seguida, apresentamos a categoria *gênero* dentro da definição da historiadora Joan Scott “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações

106

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: kalvescamila@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: seratto2010@gmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: lucianometallica@hotmail.com

de poder. ” (SCOTT, *apud* PEDRO, 2005, p.86). Para isso, simulamos com a turma o nascimento de um menino e uma menina e quais seriam as “coisas”, “comportamentos” ou “valores” que a sociedade iria atribuir a essas crianças. Percebemos que houve uma boa participação e envolvimento dos estudantes, mas ainda houve aqueles que não se posicionaram e não colocaram seus pontos de vista em debate. Em nossa atividade não houve situações de provocações machistas tentando deslegitimar a temática. Na sequência de nossas atividades com estas turmas, os estudantes reivindicaram o debate de temas que dialogam com os direitos das mulheres, como a questão do aborto em nossa sociedade. Portanto concluímos que esta foi uma boa aula para introduzir as questões de gênero aos estudantes.

Palavras-chave: Relações de gênero; Dominação masculina; Dinâmica; Gênero.

Referências Bibliográficas:

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História* [online]. 2005, vol.24, n.1, pp.77-98. ISSN 1980-4369. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>.

A CULTURA URUGUAIA ATRELADA AO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA¹

Charles Luciano Santos²
Francieli Gonzalez Santos³
Greice da Silva Castela⁴
Marinez Pereira⁵

Resumo: Temos como objetivo apresentar os resultados das aplicações de atividades acerca do ensino de cultura atrelado à língua espanhola que realizamos durante o primeiro semestre de 2017 no Colégio Estadual Professor Victorio Emanuel Abrozino. As aulas foram ministradas para o segundo ano do curso de língua espanhola – CELEM, sob a orientação da professora Marinez Pereira para a preparação de conteúdos e metodologias com a professora Dr. Greice da Silva Castela coordenadora do subprojeto de Espanhol do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O embasamento teórico desse trabalho se deu a partir da leitura de textos de autores como Freire (1974) e Paraquett (2009). Os acadêmicos buscaram com esse trabalho demonstrar aos alunos que a língua e a cultura estão intrinsecamente relacionadas. Quando se trata da língua espanhola essa perspectiva é ainda mais importante, pela quantidade de países que a possuem como idioma oficial, o que muitas vezes é ignorado ao se relacionar o ensino do espanhol apenas com a Espanha. Dessa forma, o trabalho realizado procurou aproximar os alunos da cultura uruguaia e suas nuances. Levamos dois filmes sobre o Uruguai, que apresentavam diferentes aspectos da cultura, para que os alunos pudessem observar e conhecer um pouco mais sobre esse país. O primeiro deles foi *Anina* (2013), que é uma animação que retrata as relações escolares, da culinária e da linguagem típicas do Uruguai. O filme trata de Anina, uma garotinha que estuda em uma escola primária de Montevideu e que acaba recebendo uma suspensão. Durante esse período, a menina comenta a sua vida: os pais, as refeições, as vizinhas fofoqueiras, seus sentimentos, alegrias e medos. O segundo filme foi *Artigas: La Redota* (2014), que aborda aspectos históricos e artísticos do país. O filme se passa no ano de 1884, quando um ditador uruguaio obriga o famoso pintor Juan Manuel Blanes a fazer um retrato do libertador José Artigas, o homem que liderou um exército popular no interior do país. O artista utiliza um esboço de 1811, realizado pelo espião espanhol Guzmán Larra, para começar sua obra. Setenta anos antes, Larra havia sido contratado para acabar com a vida de Artigas e acabou testemunhando os anseios de seus oito mil companheiros. Os destinos desses três homens se cruzam, mudando a vida de cada um deles e do povo uruguaio. Também foram

108

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Acadêmico do segundo ano de Letras Português/Espanhol e bolsista do subprojeto Espanhol do PIBID – Unioeste Cascavel. E-mail: charlesluciano13@outlook.com.

³ Acadêmica do segundo ano de Letras Português/Espanhol e bolsista do subprojeto Espanhol do PIBID – Unioeste Cascavel. E-mail: francieli.gonzalez@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do subprojeto Espanhol do PIBID – Unioeste Cascavel. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br

⁵ Bolsista de supervisão do subprojeto Espanhol do PIBID – Unioeste Cascavel. E-mail: marinezp@hotmail.com

produzidos panfletos e infográficos contendo informações geográficas, folclóricas e sociais do país em questão. Estas atividades foram elaboradas com o intuito de que, além de, terem conhecimento sobre uma nova cultura, pudessem explorar seus próprios conhecimentos a respeito do país em questão. Foram elaboradas atividades de inferenciação, de leitura e produção textual, atividades que exploraram a língua espanhola e atividades para desenvolver o lado artístico dos alunos. As aulas foram aplicadas com material todo preparado com a supervisão da professora supervisora, em momentos de hora atividade, no qual, pudemos observar também a rotina escolar. Com a conclusão desse trabalho percebemos o interesse dos alunos em pesquisar e saber mais sobre a cultura uruguaia e também latino-americana.

Palavras-chaves: Cultura; Espanhol; Filmes.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: COMPARANDO SITUAÇÕES¹

Adriana Paula Hoff²
Ana Patrícia Fontanive³
Vanessa Luana Schmitt⁴
Mirian Schröder⁵

Resumo: Este trabalho analisa a interação entre a equipe do subprojeto Letras – Língua Portuguesa e duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental da rede pública estadual, bem como verifica a interação destes alunos com a professora regente das classes e supervisora do subprojeto. As teorias aplicadas partem da Psicanálise (FADIMAN; FRAGER, 1986) e da Gestalt (MARTÍN, 2011 e SCHULTZ; SCHULTZ, 1981), sendo destacadas as que estudam a interação professor-aluno (HAYDT, 2000). A análise parte da observação de aulas das referidas turmas, no primeiro semestre de 2017, e das intervenções do grupo no conteúdo exposto pela docente, tais como exemplificação de situações e aplicações de atividades. Dentre as principais intervenções feitas, está o projeto de ensino “Chapeuzinho Vermelho – Criticidade e Criatividade”, que foi desenvolvido com as classes nos meses de março e abril, no qual as pibidianas trabalharam com recontos do clássico infantil. Por um lado, as observações constituem momentos em que as pibidianas podem verificar e analisar o relacionamento entre a docente e os estudantes, e o mesmo ocorre durante as intervenções, especialmente no projeto de ensino, a partir das quais o grupo pode observar as reações dos alunos à presença das acadêmicas. Neste contexto, elegemos como *corpus* situações de produção textual: o primeiro ocorreu na produção dos recontos de “Chapeuzinho Vermelho”, com as pibidianas, e outro, na produção de recontos de “A Bela Adormecida” desenvolvida pela professora regente. Conforme Haydt (2000), ao professor cabem as funções de orientar e de incentivar os alunos a construírem seus conhecimentos. O autor ainda define a autoridade docente como: “a autoridade de quem auxilia a descobrir alternativas, mostra caminhos e abre perspectivas” (HAYDT, 2000, p.64). Pode-se afirmar que nas duas situações de produção, houve o cumprimento destas funções: tanto as pibidianas quanto a docente orientaram os alunos, tirando dúvidas e explicando a situação antes (com a consigna) e durante (no acompanhamento das produções e, no caso das pibidianas, das refações), como também animaram e incentivaram os alunos, elogiando seus progressos e mostrando como as produções melhoraram, mesmo com alguns desvios comuns à escrita. Sobre motivação, Haydt (2000) defende a participação ativa do aluno em sala de aula como um indivíduo conhecedor do processo educativo. Acerca disso, a docente das turmas, em todo início de aula, define as atividades que serão realizadas, como também o faz a cada conteúdo novo.

110

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Voluntária de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras – Língua Portuguesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: adriphoff@yahoo.com.br.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras – Língua Portuguesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: anapatriciafontanive@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras – Língua Portuguesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: vanessa.s96@hotmail.com.

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Letras – Língua Portuguesa, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: msmirian@hotmail.com

Igualmente, as acadêmicas, no início do projeto, apresentaram as atividades que seriam realizadas e explicaram todo o contexto do projeto, porém, devido à inexperiência, não definiam aos estudantes as atividades diárias. Sobre a participação ativa dos discentes, é possível levantar situações em que os discentes tiveram voz e opinaram (votação para a capa dos livros com os recontos e escolha do líder da turma), e momentos em que eles auxiliaram no desenvolvimento das atividades: leitura de textos, auxílio na entrega de materiais e comentários durante o conteúdo. Haydt (2000) também pontua a questão da disciplina, afirmando que o professor é responsável por criar situações favoráveis ao comprometimento com o ambiente escolar, como estabelecer normas de conduta e explicá-las aos discentes, orientar positivamente os estudantes e respeitar a realidade vivida pelos alunos. Sobre este aspecto, percebem-se diferenças: a professora regente, no início do ano letivo, criou com os alunos regras de convívio e as retoma sempre que necessário, ela também elogia a evolução dos estudantes, conhece-os bem e sabe de suas possibilidades. Por outro lado, as pibidianas, que, assim como a docente, elogiaram o desenvolvimento dos alunos ao longo do projeto, não usaram as regras estabelecidas pela supervisora nem criaram novas normas, como também não conheciam tanto a realidade discente. Conclui-se, portanto, que as acadêmicas, dentre os cinco elementos citados, conseguiram motivar, incentivar, tiveram autoridade dentro do projeto e possibilitaram a participação dos educandos e, mesmo com as dificuldades encontradas, obtiveram bons resultados. A docente, devido a sua experiência, conseguiu atingir os cinco elementos propostos e tem um bom relacionamento com os estudantes. Apesar da diferença entre as relações e a falta de experiência das pibidianas, o projeto de ensino obteve bons resultados devido à autoridade que as acadêmicas mantiveram a partir do planejamento, da clareza das ações e da continuidade proporcionada pela sequência de atividades propostas.

111

Palavras-chave: Relação professor-aluno; Projeto de ensino; Observação de aulas; PIBID.

Referências Bibliográficas:

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Sigmund Freud e a psicanálise. **Teorias da Personalidade**. – São Paulo: HARBRA, 1986. p.2-39.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. A interação professor-aluno. **Curso de didática geral**. 7ªed. São Paulo: Ática, 2000. p.55-86.

MARTÍN, Ángeles. **Manual prático de psicoterapia Gestalt**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.15-44.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. A psicologia da Gestalt. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Editora Cultrix, 1981. p.294-322.

UTILIZAÇÃO DE JOGO PARA RETOMAR CONHECIMENTOS SOBRE OS SISTEMAS DO CORPO HUMANO¹

Taciara Liane da Silva²
Sara Guilhermina Schmidt Egli³
Vanessa Raimundi Wenzel⁴
Celso Aparecido Polinarski⁵
Cecília Maria Barradas Kraut⁶

Resumo: O ensino de Ciências e Biologia para a educação básica frequentemente é considerado desafiador por educadores, bem como sua compreensão pode ser igualmente complexa aos alunos, e, dentre as principais causas, podem ser apontadas a extensa quantidade de estruturas biológicas a se conhecer e a dificuldade em visualizar alguns conteúdos, que podem ser muito abstratos e intangíveis aos alunos. Neste sentido, os jogos didáticos caracterizam uma alternativa interessante para transpor tais dificuldades, proporcionando aos alunos a oportunidade de rever os conteúdos de forma prazerosa e dinâmica. Considerando o exposto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar considerações a respeito da utilização e eficácia dos jogos como materiais didáticos auxiliares no ensino de ciências, utilizando-se de experiências vivenciadas com alunos do Ensino Fundamental por meio do PIBID. Apesar deste material didático ter uma aparente característica informal, o jogo, ao mesmo tempo em que é capaz de abordar os conteúdos relevantes para a construção do conhecimento, é capaz também de propiciar “um desenvolvimento integral e dinâmico nas áreas cognitiva, afetiva, linguística, social, moral e motora, além de contribuir para a construção da autonomia, criticidade, criatividade, responsabilidade e cooperação” (MORATORI, 2003, p.9). Assim, este trabalho salienta as observações baseadas na utilização de um jogo didático em uma turma de 8º ano do Colégio Estadual Costa e Silva, na cidade de Cascavel, com carga horária de 1hr/aula. O jogo, previamente elaborado pelas pibidianas, consistiu de três conjuntos de 22 cartas, com questões relacionadas aos sistemas constituintes do corpo humano, como digestório, esquelético e muscular, manual de instrução e cartões de respostas. Os alunos, divididos em três grupos, cada qual com o seu conjunto de cartas e acompanhado de uma pibidiana, deveriam responder corretamente as questões presentes nos cartões, a fim de receber uma representação gráfica de um órgão constituinte do sistema correspondente à questão acertada. O objetivo de cada grupo era receber todos os órgãos, dessa forma completando os sistemas do corpo humano. Para auxiliar na formulação das respostas os

112

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (taciara.liane@gmail.com)

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (saragegli@hotmail.com)

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (vanessa.wenzel@hotmail.com)

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (celso.polinarski@unioeste.br)

⁶ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (cecilia_barradas@hotmail.com)

alunos poderiam utilizar o livro didático e anotações contidas em seus cadernos, uma vez que os conteúdos abordados no jogo já haviam sido trabalhados pela professora de Ciências. Apesar de serem permitidas as consultas em livro e caderno, os alunos foram orientados a discutir as respostas entre si, buscando interagir e partilhar seus conhecimentos. Durante e após a aplicação do material, foi possível observar que o jogo teve boa aceitação pelos alunos, que se empenharam em responder corretamente todas as questões. Em relação à consulta em livros e cadernos, foi possível observar uma tendência interessante nas estratégias utilizadas pelos diferentes grupos. Dentre os grupos, um deles fez maior uso dos livros, outro fez uso intermitente, e o último praticamente não o fez, ficando apenas a critério dos alunos responderem as questões. Este último grupo foi o primeiro a completar todos os sistemas do corpo. A partir destes resultados, podemos inferir que os alunos, no geral, sabiam as respostas às questões propostas, mas por incerteza e insegurança em relação a seus conhecimentos, muitos preferiam pesquisar para se certificar das respostas, ato que acabava tomando tempo demasiado, deixando-os prejudicados ao completar os sistemas. Outro destaque do trabalho foi o perceptível interesse e empolgação dos alunos ao participarem do jogo, bem como seu esforço em responder corretamente as questões, retomando conhecimentos prévios, e interagindo e auxiliando os colegas na resolução das questões propostas. Tais observações reforçam afirmações a respeito das características dos jogos relacionadas à cooperação, desenvolvimento cognitivo e social, demonstrando que seu uso como material didático auxiliar, desde que realizado com adequada orientação, pode ser uma forma simples, porém extremamente eficaz na revisão de conceitos e construção do conhecimento, tanto em Ciências e Biologia como em qualquer outra área.

Palavras-chave: Jogos didáticos; Ensino de Ciências; Corpo humano.

Referências Bibliográficas:

MORATORI, P. B. **Por que utilizar jogos educativos no processo de ensino aprendizagem?** 2003. 33 p. Mestrado de informática aplicada à educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A AVALIAÇÃO E SEU REAL OBJETIVO. QUAL OBJETIVO É ESTE?¹

Giovani Luiz käfer²

Bruno Saggiorato³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir as finalidades desempenhadas pela avaliação no Ensino Fundamental das escolas públicas, uma vez que a mesma cumpre papéis diferentes para os indivíduos inseridos no mesmo processo de aprendizagem – professor e aluno. Teve como princípio metodológico a leitura e análise dos seguintes autores: Paulo Freire, Nestor kaercher e Ilma Passos Alencastro Veiga. No contexto, tanto escolar quanto acadêmico, estão presentes formas avaliativas repetitivas e ultrapassadas, utilizadas desde os “primórdios” da escolarização, com o fim de avaliar (ou não) o desenvolvimento (aprendizado) do aluno quanto ao conteúdo trabalhado em sala de aula. Não apenas do ponto de vista pessoal, mas para muitos pesquisadores, vários métodos avaliativos possuem intenções distorcidas e acabam por quantificar, através da atribuição de números e, conseqüentemente de notas, o aprendizado dos alunos. Tal problemática tem início no Ensino Fundamental e há anos a avaliação é aplicada de modo a ser vista como algo ruim para o aluno, como se sua finalidade fosse prejudicar os mesmos. Durante todo o tempo de atuação com o PIBID em sala de aula, ao falarmos em avaliação, expressões de medo e susto são comuns, dando a ideia de que algo ruim está para acontecer. Fortalecendo cada vez mais a ideia de que a avaliação não serve para a verificação da aprendizagem e a eficácia dos métodos utilizados em sala pelo professor, mas sim, de algo simplesmente classificatório, passível de quantificação e de atribuição de números responsáveis ou não pelo sucesso ou fracasso do aluno na escola. Neste sentido, estes números ou “A nota reflete apenas o desempenho cognitivo do aluno e é um momento estaque do processo, servindo para decidir se ele deve ser aprovado ou não” (VEIGA, 1996, p. 115). Não podemos utilizar a avaliação apenas como principal finalidade classificatória, mas como algo envolvido desde o início do processo. A realização de diagnósticos dos conhecimentos já adquiridos, assim como o acompanhamento processual no desenvolvimento de atividades – observando a reações, bem como falas e explicações feitas (pelo próprio aluno) e interpretadas – e, por fim, uma conclusão que se faz necessária como apoio para a solução de possíveis problemas no decorrer das aulas a fim de recuperar possíveis conteúdos e práticas que ficaram em dúvida por parte dos alunos. Assim, a avaliação deixa de ter um cunho decisivo de capacitar ou incapacitar, ela por sua vez “[...] não é o ato pelo qual A avalia B. É o ato por meio do qual A e B avaliam juntos uma prática, seu desenvolvimento, os obstáculos encontrados ou os erros e equívocos porventura cometidos [...]” (FREIRE, 2007, p. 29). Tal instrumento – a avaliação – deve cumprir com seus objetivos como um todo. Freire (2007) deixa claro os resultados obtidos durante o processo e também ao seu final, determinando a eficácia ou falha dos métodos adotados e também o rendimento particular

114

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: gio.kafer@hotmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: saggiorato38@gmail.com.

de cada aluno. Isso não acontece? Então o que seria necessário para que ela passasse a cumprir tal função? Neste sentido, ao programarmos e planejarmos uma aula, são necessários cuidados para com os objetivos a serem alcançados visando metodologias claras vinculadas a avaliação processual das aulas. Kaercher (2007, p. 31) faz uma proposição quanto as aulas e os objetivos esperados: “O que proponho é que, seja qual forem os conteúdos, tenhamos claro os objetivos pedagógicos a serem alcançados”. Assim, ao planejarmos aulas e metodologias para serem aplicados em sala, devemos considerar a avaliação como elemento importante e interno ao processo de ensino aprendizagem, de tal forma que possa ser visto como um complemento do saber. É baseado no planejamento das aulas que a forma de avaliação deve ser definida e não deve assim, ser algo pensado depois, mas junto a esse planejamento. A avaliação neste sentido deve cumprir com seu objetivo considerando as potencialidades de cada indivíduo, uma vez que se fazem necessários metodologias que vão ao encontro com as experiências dos alunos e também dos professores, a fim de haver relação de aprendizado por parte dos mesmos, seja o de aprender ou também de ensinar.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Processo; Avaliação.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade:** e outros escritos. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

KAERCHER, N. A. **A geografia escolar:** gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food?. Presidente Prudente: Terra Livre, 2007.

VEIGA, I. P. A. Ensino e avaliação: uma relação intrínseca à organização do trabalho pedagógico. In: VEIGA, I. P. A. **Didática:** o ensino e suas relações. 13. ed. Campinas: Papirus, 1996.

INSERÇÃO E VIVÊNCIA DA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO – TÉCNICO EM ENFERMAGEM¹

Alessandra Crystian Engles dos Reis²
Ana Paula Tope Sales³
Carla Regina Lounay⁴
Carla Rejane de Oliveira⁵
Gilvana Isabel Rigo⁶
Marivania Menegarde⁷

Resumo: O curso de enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, vem desenvolvendo em parceria com o Curso Técnico em Enfermagem do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto, projeto integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid, desde o ano de 2011. Neste projeto há a inserção de alunos da graduação, professores coordenadores de área da Unioeste e professores supervisores nas escolas. A atuação do acadêmico bolsista no programa de iniciação a docência, possibilita a experiência de lidar com conflito, decepções e desafios do cotidiano da escola, permitindo com que os bolsistas se percebam como professores de escolas públicas, buscando novos caminhos, recursos e soluções para os problemas vivenciados e, assim, desenvolver habilidades e competências da formação inicial de professores. O projeto relatado em específico se intitula: Práticas educativas do enfermeiro: possibilitando a vivência do acadêmico do curso de enfermagem na formação técnica, e tem a pretensão de oportunizar ao pibidiano o contato com o ambiente escolar, potencializando as atividades de prática de ensino, e ambientando-o para desenvolver inúmeras ações educativas que permeiam as atividades docentes realizadas em sala de aula, na formação do Técnico de Enfermagem. Objetivos: Relatar a experiência de prática docente na escola de educação profissional técnica de nível médio. Método: A vivência docente ocorreu semanalmente, junto ao curso Técnico em Enfermagem noturno, do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (CEEP), durante dois meses, em duas aulas semanais, nas turmas do segundo semestre das disciplinas de Anatomia e Fisiologia Aplicada a Enfermagem e História da Enfermagem. Foram vivenciadas experiências docentes por meio da coparticipação com

116

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

²Supervisão à Docência (voluntária) do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: acereis75@gmail.com

³Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: anatope@gmail.com

⁴Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: carlalounay@gmail.com

⁵Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: carlarejane.oliveira@hotmail.com.

⁶Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: gilvanaisabel_rigo@yahoo.com.br.

⁷ Supervisora voluntária do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel, do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto. marivaniamenegarde@hotmail.com

a professora regente. Resultado: Foi possível observar os métodos de ensino abordados em cada aula pelos professores regentes. Também foi oportunizada a coparticipação na produção de material explicativo em forma de slides, para abordar o ensino do sistema nervoso central (PAULSEN; WASCHKE, 2012) e a história de Ana Nery, precursora da enfermagem brasileira (GEOVANINI et al., 2010; SILVA; MALUSÁ; SANTOS, 2015), assim como, a participação em momentos da exposição em sala de aula desses conteúdos. Considerações finais: A experiência relatada possibilitou o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem aos pibidianos envolvidos. Assim também, por meio da prática relatada, foi possível observar e vivenciar a ação docente no ambiente escolar, em específico na escola Técnica em Enfermagem, o que contribui para a formação de profissionais enfermeiros comprometidos com a importância da licenciatura no ensino técnico de qualidade.

Palavras-chave: Educação; Educação Básica; Docência.

Referências Bibliográficas:

GEOVANINI, T. et al. História da Enfermagem: versões e interpretações. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.

SILVA, M. P. da; MALUSÁ, S.; SANTOS, Z. M. de S. A. **Ensino de Enfermagem:** docência universitária e o princípio da integralidade do SUS. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

PAULSEN, F.; WASCHKE, J. Sobotta: atlas de anatomia humana órgãos internos. 23. ed. 3 volumes. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2012.

ATUAÇÃO DO PROJETO PIBID MATEMÁTICA NO COLÉGIO ESTADUAL

IPÊ ROXO EM FOZ DO IGUAÇU – PARANÁ¹

Elenice Ana da Silva de Alencar²

José Ricardo de Sousa³

Luciana Del Castanhel Peron⁴

Marcos Lubeck⁵

Vanessa Lucena Camargo de Almeida Klaus⁶

Resumo: O presente trabalho trata-se de um relato referente ao desempenho e atuação do projeto PIBID/MAT/FOZ⁷ do curso de licenciatura de Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu, com o Colégio Estadual Ipê Roxo. O projeto PIBID é realizado no Colégio Estadual Ipê Roxo, desde o segundo semestre de 2011, sempre trouxe e continua trazendo uma enorme contribuição positiva, tanto para os acadêmicos que por aqui passaram e que hoje já estão atuando nas escolas públicas ou privadas, quanto para os acadêmicos que atuam no momento e que serão os futuros professores. Além disso não podemos esquecer dos resultados satisfatórios dos alunos que participam do projeto. As atividades são realizadas sempre em contra turno ao período regular, em que os alunos participantes estudam, em dias e horários diferenciados de acordo com a disponibilidade dos acadêmicos bolsistas e alunos do referido colégio. Para a maioria das pessoas, sejam elas estudantes ou não, pensam que a Matemática ou que: “Ensinar Matemática, não é tarefa fácil”, mas nós que somos da área acreditamos e demonstramos a todo momento que a Matemática está presente no nosso dia a dia, e com isso nós professores e também os acadêmicos sempre trabalhamos com o intuito de desmistificar essa crença, trabalhando com a matemática no cotidiano. As atividades do projeto são realizadas semanalmente e cada bolsista dispõe de duas horas-aula para atender os alunos e sanar as suas dúvidas do conteúdo escolar. Essas aulas podem ser sob a forma de reforço, com os alunos que possuem dificuldades de aprendizagem, e/ou sob a forma de avanço matemático, para os alunos que não possui dificuldades; as aulas em sua maioria são ministradas com jogos matemáticos e/ou com

118

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Elenice Ana da Silva de Alencar, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: eleniceana@gmail.com.

³ Professor voluntário do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do campus de Foz do Iguaçu. joser Ricardo1012@gmail.com.

⁴ Professora voluntária do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: lucianaperon@hotmail.com.

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: marcoslubeck@gmail.com.

⁶ Professora voluntária do Subprojeto de Licenciatura em Matemática, do campus de Foz do Iguaçu vanessa_matematica@yahoo.com.br.

⁷ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto do Curso de Licenciatura em Matemática (PIBID/MAT/FOZ) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Foz do Iguaçu, é composto por 15 acadêmicos bolsistas, um coordenador de área, duas professoras supervisoras bolsistas da rede pública de ensino dos colégios parceiros do programa e três colaboradores docentes da UNIOESTE. Os participantes do subprojeto estão divididos em quatro frentes de trabalho e pesquisa, sendo elas: Aptidão Matemática, Reforço Escolar, Materiais Didáticos e Tecnologias.

resolução de exercícios, problemas, entre outras metodologias. As atividades e os jogos que são desenvolvidos com os alunos, são todas preparadas previamente em conjunto com todos os acadêmicos bolsistas, que fazem parte do projeto contribuindo desta forma para a formação inicial do trabalho docente. Além das atividades já mencionadas, os “pibidianos” também participam de atividades extras promovidas pelo colégio a citar: Apresentação de uma peça teatral sobre o grandioso Matemático Malba Tahan, em comemoração ao dia da Matemática; sala temática com atividades e jogos matemáticos, apresentada na Semana cultural/comunidade na escola. No projeto PIBID, percebemos um grande empenho, tanto por parte da Universidade representado pelos coordenadores bolsistas e voluntários e pelo compromisso dos acadêmicos, quanto por parte do colégio representado pela direção, equipe pedagógica e professores também não são medidos esforços para a realização do projeto. Esperamos que a parceria permaneça, pois verificamos o avanço de nossos alunos na aprendizagem matemática e também percebemos o avanço dos acadêmicos participantes, sabemos que contribuimos também para essa formação inicial enquanto professora participante do projeto e tal fato é motivo de satisfação.

Palavras-chave: Projeto PIBID; Bolsistas; Educação; Alunos.

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE “SUJEIÇÃO CRIMINAL” A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO RAP¹

Caroline Andressa Momente Melo²
Jhonathan Matheus Dias³

Resumo: O presente artigo analisa o processo de “sujeição criminal” (MISSE, 2010) partindo das representações sociais da subcultura emitidas em cinco letras de Rap: “Londrina Criminal” do grupo Família IML, “Favela Vive 2” produzida por vários MC’s, “Diário de um Detento” e “Homem na Estrada” do grupo Racionais MC’s e “Um pão de Vida Loka” da Trilha Sonora do Gueto. Considera-se que as letras das músicas oportunizam maior compreensão acerca da “sujeição criminal”, conforme oferecem as representações dos sujeitos que ora são “simplesmente” incriminados, ora estão inseridos no processo de “sujeição criminal”. Esta proposta teórico-metodológica articula-se a Deliberação N° 02/2015-CEE/PR, que dispõe sobre as “Normas Estaduais para a Educação em Direitos Humanos no Sistema Estadual de Ensino do Paraná”, portanto objetiva-se desenvolver uma aula sobre o processo de “sujeição criminal” com os estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Senador Atílio Fontana, localizado em Toledo - Paraná. Inicialmente, problematizar-se-á a “crise no sistema prisional brasileiro” – principalmente, no que se refere à aceitabilidade social das mais de 130 mortes ocorridas no início de 2017 – à luz dos referenciais teóricos que permeiam os temas da Violência, Justiça e Direitos Humanos no Brasil. Observa-se que há uma “herança autoritária” no Brasil (PINHEIRO, 1991) que mesmo com o processo de redemocratização, que possibilitou um avanço no que tange os direitos políticos, há um permanente “regime de exceção paralelo” em que práticas repressivas do Estado são caracterizadas por um elevado nível de ilegalidade e autoritarismo. Este “regime de exceção legalizado favorece a repressão ilegal aos criminosos comuns” (PINHEIRO, 1991, p. 49), através de práticas de tortura, métodos de extermínio de suspeito, invasões a domicílio, e até mesmo quando o Estado não garante o direito à vida nas instituições carcerárias. Neste contexto de “Herança Autoritária” a sociedade legitima o “regime de exceção paralelo”, e compreende como necessário o extermínio dos presos comuns. Diante da tradição política deficitária no Brasil, em que não se consolidou uma noção clara de Cidadania, de Direitos, e, principalmente, dos Direitos Humanos, o extermínio dos presos comuns além de serem aceitos socialmente, quando combatidos pelos movimentos dos Direitos Humanos estes são denominados pelos “cidadãos do bem” de “defensores de bandidos”, que buscam “privilégios” e “regalias” a bandidos (CALDEIRA, 1991). Após o desenvolvimento dessa reflexão teórica sobre Violência, Justiça e Direitos Humanos no Brasil, serão ouvidos os trechos das músicas selecionadas, paralelamente, analisar-se-á e discutir-se-á a processo

120

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto de Ciências Sociais, do *campus* Toledo - PR. E-mail: carolmomente@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Ciências Sociais, do *campus* de Toledo - PR. E-mail: matheus10_dias@hotmail.com

de “sujeição criminal”, em que determinados sujeitos são condenados “pela interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis penais” (MISSE, 2010, p.17), por realizarem determinadas práticas, sendo enquadrados na categoria de “Bandido”, em seguida, retira-se sua humanidade e justifica-se, portanto, seu extermínio, os colocando assim na condição de “corpos matáveis” (MISSE, 2010), tanto para a opinião pública, quanto para o Estado, neste contexto, inviabiliza-se a consolidação do Estado Democrático. Diante disso, o desenvolvimento desta reflexão, no espaço escolar, é fundamental para oportunizar aos estudantes a formação de uma noção clara de Direitos Humanos, em defesa da vida e dignidade humana.

Palavras-chave: Direitos Humanos; “Sujeição Criminal”; Rap.

Referências Bibliográficas:

ADL MC's. **Favela Vive 2**. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/adl-mcs/favela-vive-2-cypher/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Direitos Humanos ou “privilégios de bandidos”?:** desventuras da democratização brasileira. São Paulo, Novos Estudo CEBRAP, n. 30, julho de 1991. Pp. 162– 174.

CARTA CAPITAL. **Carnificina em presídios deixou mais de 130 mortos neste ano**. 2017. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/carnificina-em-presidios-deixou-mais-de-130-mortos-neste-ano>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

EL PAÍS. **“Tinha era que matar mais”**, as declarações de uma semana pavorosa. 2017. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/07/politica/1483794733_299158.html>. Acesso em: 16 jan. 2017.

ESTADO DO PARANÁ. **Deliberação N° 02/2015-CEE/PR**. Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://pitanguieuepg.br/secrei/LegisInicial%20Arquivos/Deliberacao%20CEE%20PR%2002%20%202015.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

FAMÍLIA IML. **Londrina Criminal**. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/familia-impl/londrina-criminal/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

MISSE, Michel. Crime, Sujeito e Sujeição Criminal: Aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**, São Paulo, n. 79, 2010, p. 15-35.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Autoritarismo e Transição. **Revista USP**, n. 9, mar/abr/mai, São Paulo, 1991. P. 45 – 56.

RACIONAIS MC's. **Diário de um Detento**. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/63369/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

Homem na Estrada. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/79451/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

TRILHA SONORA DO GUETO. **Um pão de Vida Loka.** Disponível em <
<https://www.lettras.mus.br/trilha-sonora-do-gueto-musicas/820158/>>. Acesso em: 10 jan.
2017.

O TEATRO COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE ENTRE EDUCADOR E EDUCANDOS NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA¹

Daiane Cristina Massirer²
Marla Klitzke Kreibich³
Mirian Schröder⁴

Resumo: A partir da abordagem sociointeracionista de desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998), das considerações sobre o ensino de língua materna por meio do texto dramático (BRASIL, 1998), bem como da importância da arte na construção de diversos aspectos cognitivos no educando (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010), buscou-se desenvolver no colégio colaborador do PIBID subprojeto Letras-Português da Unioeste, Campus Marechal Cândido Rondon, em uma turma de oitavo ano do período vespertino, um trabalho com o ensino da linguagem e cultura mais significativo por meio do texto teatral. A presente comunicação tem por objetivo refletir acerca do ensino do teatro nas aulas de língua materna, “tendo em vista que este gênero desde a antiguidade clássica permeia a vida social e comunitária do ser humano” (CALZAVARA, 2009, p. 149) e, mesmo sendo apresentado pelos PCN (BRASIL, 1998) como um gênero privilegiado para o trabalho de escuta e produção oral de textos, é pouco abordado na disciplina de Língua Portuguesa. Essa reflexão parte das experiências vivenciadas durante as aulas em que as Pibidianas ensaiaram a peça teatral com os educandos. Para compreender o gênero texto teatral/dramático, parte-se da definição proposta por Jacinto (1991, p. 167 *apud* COSTA e SILVA, 2010, p. 5): “[é] (...) uma arte cuja matéria-prima é o corpo do actor que, falando e movendo-se, exprime, tornando-a significativa perante um auditório, uma acção imaginada”. Trabalhar este gênero é uma forma de ampliar o universo social e cultural do educando, promovendo-lhe um resgate ao exercício de cidadania (CALZAVARA, 2009), visto que este interage com outros sujeitos e amplia, por meio desta interação, a sua linguagem e a maneira de ver o outro. Oliveira e Stoltz (2010) defendem que a interação social promovida pelo teatro vai além da troca entre os atores, pois ela envolve também a relação entre os envolvidos na sua produção e com o seu público, sendo, portanto, uma atividade de cooperação entre os sujeitos que oportuniza o desenvolvimento da empatia (OLIVEIRA; STOLTZ, 2010). O texto teatral “Deu a louca nos contos de fadas”, de Alex Nascimento dramatiza de maneira cômica uma espécie de paródia dos tradicionais contos de fadas, que fazem parte do conhecimento de mundo dos educandos. Esse texto foi ensaiado no primeiro trimestre do ano letivo de 2017 e sua apresentação ocorreu no dia 13 de abril. O público alvo foi turmas de sétimos e oitavos anos. O cenário foi montado pelas Pibidianas, que valeram-se de recursos disponíveis do subprojeto e de objetos

123

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Voluntária de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras-Língua Portuguesa do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: daianemassirer@gmail.com.

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Letras-Língua Portuguesa, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: marlinha_k@hotmail.com.

⁴ Professora doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná, atual coordenadora do subprojeto Letras-Língua Portuguesa, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: msmirian@hotmail.com.

peçoais. O figurino foi elaborado a partir de roupas dos próprios educandos, além de outras fornecidas pelas Pibidianas. Como resultado, percebeu-se, durante os ensaios e por meio das apresentações realizadas, a importância do desenvolvimento de outras habilidades na disciplina de Língua Portuguesa, como a dramatização do texto teatral, uma vez que essa possibilita ao educando o afloramento de novas capacidades cognitivas, tais como a melhora de sua oralidade e articulação, expressão corporal e interação entre colegas e professores envolvidos na atividade. Em projetos posteriores verificou-se ainda, o maior envolvimento dos educandos participantes do teatro com as Pibidianas em sala de aula e, acredita-se que seja por terem desenvolvido maior afetividade com estas durante os ensaios. Conclui-se assim, que o teatro, além de desenvolver a interação por meio da linguagem, auxilia o sujeito na construção da afetividade entre professor e educandos, tornando-se necessário repensar o ensino da língua materna, visando reconhecer o papel da arte na formação do sujeito social.

Palavras-chave: Teatro; Interação; Afetividade.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

CALZAVARA, Rosemari Bendlin. Encenar e Ensinar: o texto dramático na escola. **R.cient./FAP**, Curitiba, v. 4, n. 2 p. 149-154, jul./dez. 2009.

COSTA e SILVA, Vera Mónica da. A importância do jogo dramático nas aulas de língua. Relatório apresentado para obtenção do grau de Mestre em ensino do Português e do Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

OLIVEIRA, M. E. de; STOLTZ, T. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 77-93, 2010. Editora UFPR.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch; COLE, Michael (Org.). **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: M. Fontes, 1998, p. 102- 119.

CONVERSANDO SOBRE BULLYNG COM ADOLESCENTES¹

Camila Safranski²
Larissa Motta³
Carolina Pasinato⁴
Jaqueline Tokarski⁵
Jéssica Borges⁶
Edileusa Fernandes Alves Ferreira⁷

Resumo: O bullying se constitui num conjunto de atitudes de violência física ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um indivíduo ou um grupo denominado bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de defesa (BENETTI; *et al.*, 2010). Essa atitude tem como objetivo humilhar, maltratar, intimidar e amedrontar a vítima, o que pode levar ao sofrimento psíquico. O bullying pode ser físico, verbal, indireto, social, psicológico, sexual e cyberbullying. E envolve três atores o agressor, a vítima e os expectadores. As consequências desse ato acontecem para todos os envolvidos (ALMEIDA, CARDOSO, COSTA; 2009). Sendo assim, para a vítima pode interferir no estado emocional, físico e psicológico, o que poderá influenciar na condução da sua vida adulta. Além disso, que sofre bullying pode apresentar dificuldades de comunicação com os outros, baixa autoestima, medo, angústia, pesadelos, falta de vontade de ir à escola, ansiedade, dificuldades de relacionamento interpessoal, dificuldade de concentração, diminuição do rendimento escolar, dores de cabeça, mudanças de humor, falta de apetite, choro, insônias, ataques de pânico sem motivo, automutilação, stress e suicídio. Já o agressor pode não se adaptar aos objetivos escolares e internalizar a supervalorização da violência como forma de obter poder. E isso poderá resultar em condutas delituosas, uso de drogas e ter a crença de que deve sempre levar vantagem em todas as situações. E os expectadores passam a não frequentar uma escola segura e saudável, o que pode prejudicar o seu desenvolvimento sócio educacional, além de deteriorar suas relações interpessoais. A atividade educativa foi realizada com o objetivo de sensibilizar os alunos acerca das consequências do bullying e da importância do respeito nas relações interpessoais (ALMEIDA, CARDOSO, COSTA; 2009). Trata-se de um relato de experiência acerca da prática educativa realizada no Colégio Marilis Faria Pirotelli, com alunos dos nonos anos. Para tanto, foram ministradas aulas expositivo-dialogadas com a utilização de

125

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: camila.safranski@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: larimotaa@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: caro.olinah@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: jaketokarski@hotmail.com

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: barhart@outlook.com.br

⁷ Bolsista de Supervisão de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: edileusafaf@hotmail.com

recurso audiovisual e, uma dinâmica para a reflexão sobre atitudes que podem caracterizar o bullying e a necessidade de se praticar o respeito nas relações interpessoais. A dinâmica foi realizada da seguinte forma: primeiro os alunos escreveriam uma brincadeira de mal gosto para o colega fazer na frente de todos; depois cada um fez a leitura da brincadeira e uma das bolsistas anunciou que o “jogo virou”, agora quem escreveu teria que fazer a brincadeira. Depois a bolsista anunciou que não seria necessário fazer a brincadeira, mas é importante praticar a empatia, colocar-se no lugar do outro e pensar se você gostaria de fazer algo que impôs a outrem. O tema suscitou a interação, relatos de experiência e discussões relevantes entre os alunos, os quais demonstraram sensibilidade em relação ao tema, alcançando-se o objetivo do ensino e da aprendizagem. Nesse sentido, torna-se relevante ressaltar a importância do docente na observação, identificação e encaminhamento dos casos envolvendo o bullying na escola, o que pode contribuir para a prevenção das consequências desse ato, principalmente no que se relaciona ao sofrimento psíquico. Além disso, a atividade contribuiu para o desenvolvimento da relação professor-aluno e da prática docente entre as bolsistas do Programa de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem.

Palavras-chave: Comportamento Agressivo; Saúde Escolar; Educação; Saúde Mental.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. B. de; CARDOSO, L. R. D.; COSTA, V.V. Bullyng: conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. *Psicol. Argum.*, v. 27, n.58, jul./set., p. 201-206, 2009. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA/pdf/?ddl=3247>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

BENETTI, T.B.; CHAVES, G.R.; ANANIAS, L.A.; GIORDANI, T.M.A. Considerações sobre a influência do bullying na constituição da identidade no adolescente. *Disc. Scientia. Série: Ciências Humanas*, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 93-104, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1711>. Acesso em: 10 Jun. 2017.

A IMPORTÂNCIA DE COMPREENDER A APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES¹

Ana Paula Borges da Silva²

Resumo: Este trabalho tem o propósito de discutir e compreender a concepção de atividade no processo de aprendizagem e formação de professores a partir de estudos realizados pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto do curso de Pedagogia – Campus Francisco Beltrão, considerando as observações realizadas no início do ano letivo de 2017, na turma do 1º ano do 2º ciclo, em uma Escola Municipal. O estudo nos levou a construção de um diagnóstico da turma sobre os níveis de aprendizagem dos alunos sendo possível problematizar: Como relacionar teoria à prática docente, através das atividades e identificar os níveis de aprendizagem dos alunos? Quais considerações devem ser levadas em conta, pelo futuro profissional docente ao selecionar as atividades? No primeiro momento foi elaborado um roteiro com questões a serem observadas pelos bolsistas relativas ao nível de desenvolvimento da escrita e leitura, desenvolvimento lógico matemático e se as crianças relacionam os conceitos da história e da geografia com a realidade. No segundo momento, organizamos a turma em pequenos grupos onde cada bolsista exerceu a função de observar, anotar e auxiliar nas principais dificuldades apresentadas pelos alunos do grupo durante dois meses. Com base nos registros individuais de cada aluno foi elaborado um diagnóstico da turma, contendo informações das principais dificuldades evidenciadas durante o período, sendo analisado coletivamente por todos os bolsistas. Por último, o professor regente da turma recebeu um relatório sobre as principais dificuldades dos alunos. Este procedimento contribuiu na formação dos Pibidianos relativo ao planejamento das atividades desenvolvidas com a turma. No processo de aprendizagem dos alunos faz-se necessário que os mesmos aprendam a pensar, sendo este, um dos propósitos da ação docente. Nesse sentido, a prática pedagógica do professor deve considerar a formação de sujeitos capazes de aprender e desenvolver a inteligência, tornando-os sujeitos éticos e reflexivos. A escola possui como objetivo ensinar o aluno a se orientar, de maneira independente, autônoma e a pensar cientificamente. O docente em formação deve ter clareza, que as atividades surgem a partir de um motivo ou necessidades, obtendo um sentido. Assim, para proporcionar a aprendizagem da criança, é necessário encaminhar atividades com clareza de objetivos. Segundo Libâneo (2004, p. 136) “[...] a atividade principal do futuro professor é a de promover a atividade de aprendizagem de seus futuros alunos, nada mais oportuno que o professor aprenda sua profissão na perceptiva em que irá ensinar aos seus alunos”. Do mesmo modo, a finalidade do ensino é contribuir para que os educandos aprendam a pensar teoricamente, o que requer atividades que proporcionem seu desenvolvimento intelectual, reflexivo e crítico. Já que, o conhecimento teórico-científico, está relacionado com os conteúdos das atividades escolares e estes possibilitam a organização do ensino desenvolvimental. Neste sentido, cabe mencionar que, o conhecimento teórico, do ponto de vista de Libâneo (2004,

127

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto (PIBID) Pedagogia/Unioeste, compus de Francisco Beltrão. E-mail: ana.borges.paula@hotmail.com

p. 135) “refere-se à capacidade de desenvolver uma relação principal geral que caracteriza um conteúdo e aplicar essa relação para analisar outros problemas específicos desse conteúdo”. Porém, no ensino desenvolvimental dos sujeitos, este além de possuir duas características fundamentais que são os motivos de aprendizagem e análise de conteúdos, também, considera importante, que o profissional estabeleça uma relação entre os dois conceitos, ao transmitir saberes para os alunos e estes devem estar relacionados ao desenvolvimento do indivíduo e a teoria. Mas, para que isso se consolide, de maneira eficaz, torna-se necessário que os professores em formação tenham conhecimento dos conteúdos, bem como, a apropriação do conhecimento teórico e que consigam analisar e avaliar, o processo de ensino-aprendizagem, a partir de uma reflexão sobre sua prática. Pois, de acordo com Libâneo (2004, p.137) “o tornar-se professor é uma atividade de aprendizagem e, para isso, são requeridas capacidades e habilidades específicas. A atividade de aprendizagem estaria ligada aos fazeres que seriam o suporte do desenvolvimento do pensamento teórico”. Sendo assim, diante de tudo isto, o futuro educador necessita ter uma boa base teórica na formação docente, para que possa se tornar um profissional crítico e reflexivo, em sua prática, além de, levar em consideração no processo de ensino aprendizagem se os objetivos estão sendo alcançados, por meio de sua atuação docente. Por isso, é importante compreender a aprendizagem, o ensino e as dificuldades que se apresentam no decorrer da prática docente, para buscar solucionar os problemas da melhor forma possível. Assim, o professor desenvolverá seu trabalho com competência e qualidade, mediante a formação que lhe foi concebida.

128

Palavras-chave: Formação; Aprendizagem; Atividade; Teoria; Prática.

Referências Bibliográficas:

LIBÂNEO, José Carlos. **Aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia história-cultural e da teoria da atividade.** Editora UFPR; Curitiba, n. 24, p. 113-147, 2004.

HIGIENE CORPORAL: PRESERVANDO A SAÚDE¹

Camila Safranski²
Carolina Pasinato³
Daysa Morais⁴
Larissa Motta⁵
Jaqueline Tokarski⁶

Resumo: O processo de educação em saúde envolve a instrução em higiene, que envolve o conhecimento de situações externas ao indivíduo como qualidade de moradia, saneamento básico, acesso a alimentos de qualidade, condições socioeconômicas, cultura, entre outros fatores que contribuem para a melhoria ou a precariedade das condições higiênicas. Além disso, é preciso considerar a importância e a necessidade da higiene e as necessidades individuais em cada fase da vida, como a adolescência. É na puberdade que ocorrem uma série de alterações físicas e psicológicas devido ao aparecimento de características secundárias sexuais, como pelos, aumento das mamas nas meninas, dos testículos nos meninos, entre outras, e logo, o odor se torna mais proeminente nesta época da vida, por isso faz-se necessário ter mais atenção a higiene corporal, oral e íntima (BRUM; *et al.*, 2011). Nesse sentido, a direção do Colégio Marilis Faria Pirotelli, solicitou às bolsistas do Projeto de Iniciação à Docência, da Unioeste, Subprojeto Enfermagem que trabalhassem orientações sobre higiene corporal para as turmas do sexto ano, num período de 4 dias, em duas horas aula por turma. Foram realizadas aulas expositivo-dialogadas em sala, com uso de multimídia, além de dinâmicas e vídeos. Além da distribuição de panfletos com orientação gerais sobre higiene. Num dos dias foram feitas orientações sobre o tema no saguão da escola, momento em foram utilizados materiais didáticos como caixa com luz negra para verificação da higiene das mãos, panfletos, brinquedos educativos e informações sobre higiene. No decorrer das aulas, em duas turmas, as acadêmicas vivenciaram a prática docente e suas dificuldades em relação ao tempo disponível para a atividade e despertar a atenção dos alunos. Nas demais turmas, foi possível estabelecer a relação professor-aluno de maneira satisfatória. No dia em que foi trabalhado no saguão da escola, o assunto que mais despertou interesse nos estudantes foi a lavagem das mãos, pois o instrumento utilizado, caixa com luz negra, chamava bastante atenção, pois eles conseguiam “ver” as sujidades que ficam nas mãos se elas não são bem higienizadas. Nesse momento, o que mais chamou a atenção das acadêmicas foi o fato dos alunos tentarem executar a técnica de lavagem de mãos e usar a caixa de luz

129

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: camila.safranski@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: caro.olinah@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: dayysamh@gmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: larimotaa@hotmail.com

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: jaketokarski@hotmail.com

negra, após terem a aula expositiva-dialogada e serem ensinados a fazer tal procedimento, o que demonstrou a efetividade das atividades do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na escola. Sendo assim, a prática educativa realizada incitou curiosidade e contribuiu para o aprendizado dos alunos em relação à higiene corporal. Além disso, propiciou a experiência docente às bolsistas do PIBID.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Higiene; Saúde do Escolar; Enfermagem.

Referências Bibliográficas:

BRUM, B.B. et al. Conhecimentos sobre higiene e sua importância para crianças e adolescentes estudantes. Trabalho acadêmico – Faculdade de Enfermagem Centro Universitário Franciscano –, 2011. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/enfermagem2011/Trabalhos/486.pdf>> Acesso em: 20 Mar. 2017.

ETNOGRAFIA NA ESCOLA: JUSTIFICANDO A PESQUISA DE CAMPO¹

Elora Marques Mendonça da Silva²
Ligia Nahiani Graciano³

Resumo: Através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, o acesso ao ensino médio proporciona uma *via de mão dupla* referente à aprendizagem. Tanto nós como professoras quanto os alunos aprendemos e ensinamos a importância da presença do sujeito na sociedade. O objetivo da aula aqui apresentada foi baseado na relevância da etnografia na antropologia, sendo esta o estudo do homem como sujeito na sociedade, metodologicamente apresentada através da resenha de notícia. A antropologia é conseguir estudar *o outro* e voltar sabendo relatar o que nos difere. É o “ir lá e voltar” que escutamos nos primeiros anos do curso, quer dizer, poder estar com o nativo e voltar para a sociedade de que se faz parte, analisando as diferentes realidades. Considerando o papel do professor, no caso do ensino médio, de apresentar essas diferenças e o número de culturas que vivenciamos no dia-a-dia, o estudo da etnografia é pertinente para que os alunos “tomem nota” desses fatos. Tendo o diário de campo como objeto de pesquisa ao se falar de etnografia, mostramos à turma que esse tipo de pesquisa deve ser tão precisa quanto uma notícia publicada nos meios de informação, que traga o relato em si; “(...) é preciso que isso não se transforme numa simples anotação superficial de detalhes, mas que seja acompanhado de um esforço para atingir a atitude mental que se expressa” (MALINOWSKI, 1997, p. 29) Portanto, a etnografia como estudo de campo permite a observação *do outro*, proporcionando o contato e a análise, além de um reconhecimento da diversidade cultural. Com esse propósito, a aula expositiva dialogada que toma como ponto de partida a resenha de notícias, foi relacionada com uma notícia publicada em um site de grande circulação a respeito das ocupações de outubro de 2016 nas escolas – principalmente – do Paraná. Buscamos ressaltar a importância de **estar em** um lugar para poder **falar sobre** e buscar as análises pertinentes, o que, novamente, leva à importância da etnografia. Os alunos são participativos quando o assunto também se remete a eles, já que o Colégio Estadual Luiz Augusto Morais Rego, no qual atuamos como bolsistas do programa em Toledo-PR, também participou das ocupações, demonstrando que a notícia então apresentada não condizia com a realidade vivida pelos mesmos. Sendo assim, a experiência foi positiva tanto para os estudantes como para as bolsistas que ministraram a oficina, pois ela possibilitou a compreensão de como a resenha de notícia é um importante meio para despertar o interesse dos estudantes, trazendo para dentro da sala de aula o conteúdo relacionado à realidade dos mesmos, mostrando-se então como uma importante ferramenta para o ensino da sociologia no ensino médio.

131

Palavras-chave: Etnografia; Antropologia; Ocupações.

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID Sociologia, do *campus* de Toledo. E-mail: eloramarcas@hotmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto PIBID Sociologia, do *campus* de Toledo. E-mail: ligiaagraciono@hotmail.com

Referências Bibliográficas:

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

ESTADÃO. A Banalização das ocupações. Disponível em:
<<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,a-banalizacao-das-ocupacoes,10000081403>>. Acesso em: 04/08/2017.

“NEWSPAPPER JPA SEM LIMITES”: PROJETO DE EXTENSÃO DO PIBID FILOSOFIA NO COLÉGIO JARDIM PORTO ALEGRE¹

Bruno Rodolfo Stopassoli
Fabio Gabriel Semencato

Resumo: O presente projeto envolve uma Produção Editorial. Em reunião com os alunos da Sala de Altas Habilidades do Colégio Estadual Jardim Porto Alegre (JPA), coordenada pela professora Ivoneti Arienti Ramos, constatou-se o desejo de ampliar o jornal já existente na escola e produzido pelos alunos da professora. Foi iniciado, então, o desenvolvimento do jornal em mídia online, com a mesma denominação já em circulação: “Newspaper JPA sem limites”. Em conjunto com o jornal, a web rádio disposta na plataforma tem o objetivo de divulgar conteúdos didático-pedagógicos, comunicados importantes aos alunos e comunidade, dicas de provas, vestibulares, ENEM, além de divulgar artigos e promover bate papo com professores. Mensalmente uma temática será escolhida, trabalhada e divulgada pelos alunos e professores, tendo como supervisores os acadêmicos responsáveis pelo projeto. Como meio de divulgação está sendo utilizada a plataforma Brlogic, mecanismo que alcança alunos, professores, equipe técnica e comunidade externa, cuja dimensão tecnológica vai desde a plataforma virtual até o web rádio que torna disponível o acesso e contato com o jornal de maneira mais adequada. O jornal, juntamente com a web rádio, tem como principal objetivo trabalhar a “comunicação institucional” e “mídia estudantil”. As inovações tecnológicas têm implicado em transformações nas mais diversas áreas, não diferente, no contexto educacional, elas têm permeado com muita rapidez, configurando um novo cenário para o processo de ensino e aprendizagem escolar. Não obstante, as matérias serão produzidas e lançadas tanto na web rádio quanto na página virtual para o usufruto de todos desse âmbito, mas também o jornal tem finalidade de cunho autossustentável, havendo a possibilidade de serem lançados, junto com as matérias, músicas e entrevistas, comerciais de empresas e centros comerciais do bairro, visando custear o gasto da plataforma. Ficará sob responsabilidade dos bolsistas do PIBID, do professor supervisor do PIBID e da coordenadora da Sala de Altas Habilidades, planejar, pesquisar e produzir as matérias que irão compor o jornal, assim como sua edição e posterior divulgação à comunidade escolar. Aos bolsistas do PIBID Filosofia que preparam-se para a docência, o projeto proporciona o contato com a realidade vivida pela comunidade escolar do Colégio, além deste poder complementar e acrescentar em recursos e experiências à vida acadêmica. O jornal proporcionará visibilidade às produções e pesquisas realizadas no âmbito escolar, além de contribuir com matérias, entrevistas e informações sobre os temas a serem abordados nas mídias, ele aborda um importante recurso pedagógico na escola, tendo em vista que quando se propõe trabalhar com a leitura, podemos perceber que os professores e bolsistas do PIBID exercem um importante papel ao estabelecer laços entre a escola, a universidade e a sociedade. O trabalho também destaca que o aluno, através da leitura, poderá participar ativamente no ambiente social como cidadão crítico e participativo, atuando de forma consciente e responsável na sociedade em que vive, o que contribuirá também para a

133

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

superação de suas múltiplas necessidades. O envolvimento dos alunos de Altas Habilidades no projeto passa a ter significado pessoal e social, tendo suas opiniões e produções valorizadas pela circulação na escola, na família e na comunidade. Trabalhar com o jornal proporciona aos alunos uma participação no espaço público, permitindo que construam a consciência de si, em sua relação com o mundo, tornando-se uma emissora de mensagens e também uma construtora de conhecimento. Sendo assim, a escola passa a ter um alicerce visando desenvolver uma proposta que promova a criticidade de seus alunos sobre o mundo. Contando, então, com grande diversidade de recursos dispostos pela plataforma, de uma equipe cuja faixa etária abrange as mais diversas áreas, e de um método produtivo autossustentável, o presente jornal vem por revolucionar a potencialidade do uso da tecnologia na educação – educação no mais amplo sentido: abrangendo tanto os alunos quanto os professores, tanto os especiais quanto acadêmicos; já que o processo aqui apresentado visa juntar e convergir todo conhecimento e colaboração, tendo nada mais como resultado um trabalho atrativo e significativo para cada um que assim teve o contato com o Newspaper JPA.

Palavras-chave: Educação; Mídia escolar; Cultura; Sociedade; Tecnologia.

Referências Bibliográficas:

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 29/05/2017

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FREINET, Celéstin. O jornal Escolar. Lisboa: Editorial Estampa. 1974.

Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Senado Federal, senador Ramez Tebet. Brasília 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 30/05/2017.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Jardim Porto Alegre. Toledo, 2017.

RAVILOLO, D. Guia do Jornal Escolar. Programa mais educação. 2010. Disponível em: <http://www.comcultura.org.br/wp-content/uploads/2010/04/guia-do-jornal-escolar-versaoweb.pdf>. Acessado em: 06 agosto 2017.

DESIGUALDADE SOCIAL E A DINÂMICA DA BANDEIRA¹

Isadora Gonzaga Postinger
Karine Dalla Costa

Resumo: A desigualdade é um problema que sempre esteve presente nas sociedades, principalmente na brasileira. Esse problema social deve ser mais debatido para sua possível resolução ou diminuição. Por isso resolvemos trazer esse tema para discutir com os alunos do primeiro ano do Colégio Estadual Luiz Augusto Morais Rego. Foi seguida uma ordem para a apresentação e o desenvolvimento do tema. Não foi apenas uma aula expositiva, houve uma dinâmica e com isso a participação mais efetiva dos alunos. O primeiro passo para chamar a atenção deles foi a SENSIBILIZAÇÃO. Nesta etapa fizemos a “oficina da bandeira”. A atividade propôs aos alunos desenhar e pintar a bandeira do Brasil de forma proporcional (30x20), do tamanho de uma folha A4. Distribuímos materiais diferentes para cada aluno. Alguns receberam todos os meios para confeccionar a bandeira perfeita (lápiz verde, amarelo e azul, régua etc), e outros receberam materiais inúteis, lápis sem ponta, de outras cores... estipulamos um tempo de cinco minutos para que as bandeiras fossem confeccionadas. No final da atividade aqueles que tinham todos os materiais acabavam primeiro e confeccionavam a bandeira com sucesso. O objetivo desta oficina é atingir maior visibilidade sobre o tema desigualdade social e econômica, problematizando o conceito de meritocracia. Para a confecção da bandeira não era suficiente apenas o esforço individual e sim ter os meios necessários. O segundo passo foi uma PROBLEMATIZAÇÃO com os alunos, os fazendo questionar se o sucesso depende apenas do esforço individual, se a desigualdade sempre existiu, se com o capitalismo ela cresceu ou diminuiu. Após esses questionamentos levantados iniciamos a contextualização teórica dando a definição de desigualdade segundo o Dicionário Online de Português, os tipos de desigualdade (econômica, racial, de gênero, regional), suas consequências (pobreza, desemprego, violência, crime) e o que era meritocracia. Usando a teoria de Pierre Bourdieu sobre Capital Cultural iniciamos o terceiro passo, que é a INVESTIGAÇÃO, norteamos as discussões com caráter teórico, especificando a teoria e o papel da escola com relação a desigualdade. O último passo foi a CONCEITUAÇÃO, onde fizemos mais algumas perguntas sobre o tema e discutimos todas as ideias apresentadas pelos alunos. Como metodologia usamos a sensibilização através da oficina da bandeira e do vídeo passado em sala “Pierre Bourdieu: Conceito de Capital Cultural” <https://www.youtube.com/watch?v=Qlc6GBcCO50>. Os objetivos da aula eram fazer com que os alunos não apenas escutassem, mas sim participassem interagindo e debatendo sobre o assunto da aula, e foi isso que aconteceu. A turma foi bem participativa, demonstrou curiosidade questionando problemas atuais que envolvem desigualdade. Os resultados da aula foram muito positivos. Ao final da aula podemos perceber que a teoria ficou clara aos estudantes, de maneira prática podendo ser vista no seu cotidiano. Os alunos participaram de forma descontraída, podendo perceber como uma simples dinâmica pode resultar em um extenso debate teórico no campo das ciências sociais.

135

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

Palavras-chave: Desigualdade; Problema social; Classes sociais; Meritocracia.

Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 2. ed. RJ. Vozes. 1998.

TWIST, Olivia. **Sociologia ensino médio**. 1. ed. PR. Scipione 2005.

A IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE¹

Bruno Saggiorato²
Giovani Luiz Käfer³

Resumo: Este presente trabalho tem por objetivo verificar as contribuições e possibilidades proporcionadas pelo Programa Institucional de bolsas de Iniciação à docência- PIBID, na formação do professor, bem como na sua qualificação profissional. Cursamos licenciatura em Geografia na instituição de ensino superior Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE e ingressamos neste programa no início do ano corrido² e no ano de 2015³. Não demorou muito, logo percebemos a importância e o significado de participar desse projeto, a sua verdadeira relevância poderemos sentir concretamente e sensivelmente em um futuro muito próximo, na realização do “Ser Professor”. Para elaboração deste trabalho buscamos estudar por meio de leituras obras de autores que retratam a formação docente e artigos relacionados diretamente a vivência neste programa. Podemos afirmar que é indispensável a qualquer profissional sua aproximação com o ambiente de trabalho durante a graduação, e esta ação acontece muitas vezes tão somente no momento do estágio, nesse sentido, o professor se depara com as relações fundamentais existentes na escola condizente com suas práticas, tardiamente. Dito isso, está claro para nós que o Pibid, instrumental de extensão entre escola e universidade, proporciona a seus bolsistas o contato imediato com seu futuro campo de trabalho, isso significa primeiramente conhecer e entender a rotina de uma escola, individualmente sentir-se parte daquele espaço, no sentido do conceito de lugar, significa ainda secundamente, a realização efetiva da prática, que podemos considerar intrínseca na formação qualitativa de professores, a experimentação de metodologias das mais diversas apreendidas de maneira teórica em sala de aula e o mais importante, a verificação do funcionamento e a reflexão seguida se necessário de mudanças referente as práticas, condutas, encaminhamentos e materiais utilizados em momentos de intervenções na escola. Concordamos que “[...] os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissionais [...]” (TARDIF, 2014, p. 21), ou seja, o autor evidencia a importância da experiência, que produzira uma gama de saberes profissionais. Todos estes atributos são considerados importantíssimos na carreira profissional, que constantemente exige reflexões e muitas vezes mudanças profundas acerca de nossas práticas, no almejo de mediar com qualidade o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto o programa possibilita precocemente este exercício de verificação e auto avaliação crítica- sabendo das responsabilidades que norteiam a profissão-, das posturas frente as aulas. Certamente a experiência adquirida neste programa será o diferencial pois garantirá uma caminhada, uma carga horária de vivências, de experimentação de diferentes situações perpassadas na escola, que nada mais são que as mesmas que o profissional se deparará futuramente, o que contribuirá

137

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: saggiorato38@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: gio.kafer@hotmail.com.

sem igual na sua inserção no mercado de trabalho bem como a sustentação de um profissional mais maduro, engajado com as demandas de ser professor e ainda, a certeza de um profissional de qualidade, desta maneira estamos convencidos de que “[...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...]” (FREIRE, 1996, p. 13), noutras palavras, fica claro a importância da ação prática na escola. Afirmamos por fim que este programa é principalmente um mecanismo de qualificação e robustez profissional uma vez que oportuniza o contato frequente com a escola, com os alunos, enfim, com o ambiente de trabalho, e mais, promove a prática efetiva da teorização debatidas e organizadas em sala e no próprio programa, afim de gerar intervenções no meio escolar. Levando em consideração a relevância deste mesmo, já detectada aqui, defendemos obviamente a sua manutenção nos cursos de licenciatura assim como a sua ampliação, para que números maiores de graduandos tenham todas estas possibilidades. O programa faz com que paulatinamente internalizamos a essência do que é esta profissão, o seu significado maior condiz com a imutabilidade, com as situações e desafios que surgem diariamente, criando em nós, com a experiência, o aperfeiçoamento da prática docente, um leque de repertórios para mediar nossas aulas com segurança, lucidez e maestria, afinal, podemos intitularmo-nos mestres em transformação constante, em movimento, na figura de eternos alunos, evoluindo nossas práticas para melhor mediar o conhecimento, por isso afirmamos que “[...] Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender [...]” (FREIRE, 1996, p. 13).

138

Palavras chave: Pibid; Formação docente; Qualificação profissional.

Referências Bibliográficas:

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VIVÊNCIA DOCENTE DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA DISCIPLINA DE ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM CLÍNICA EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO¹

Mateus Souza da Luz²
Manoela Cristina Berticelli³
Rosa Maria Rodrigues⁴
Eledir Ignacio dos Santos⁵
Solange de Fátima Reis Conterno⁶
Alessandra Crystian Engles dos Reis⁷

Resumo: O curso de enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste desenvolve, em parceria com o Curso Técnico em Enfermagem do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (Ceep), projeto integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), desde o ano de 2011. O projeto do Pibid Enfermagem a partir de 2014, se intitula “Práticas educativas do enfermeiro: possibilitando a vivência do acadêmico do curso de enfermagem na educação básica”. Tal projeto visa oportunizar ao aluno o contato com o ambiente escolar potencializando as atividades de prática de ensino desenvolvidas na graduação em enfermagem. A atuação do acadêmico bolsista no programa de iniciação a docência pode possibilitar a experiência de lidar com conflitos, decepções e desafios do cotidiano escolar fazendo com que os bolsistas se percebam como professores de escolas públicas, experimentando novos caminhos, recursos e soluções para os problemas vivenciados de forma que estejam melhor preparados para a atuação docente. Apresenta-se neste resumo, relato sobre o acompanhamento da ação docente no Ceep. Objetivo: Possibilitar a inserção dos pibidianos na escola de educação profissional técnica de nível médio, de forma que vivenciem efetivamente a atuação docente, desenvolvendo competências para o exercício profissional. Metodologia: Os alunos acompanharam a professora da disciplina de Assistência de Enfermagem Clínica, uma vez por semana realizando observações e coparticipações, através da exposição dialogada. Utilizaram-se recursos didáticos como *slides* em *Power Point*, peças anatômicas animais que se aproximavam da anatomia humana. Resultados: Os alunos realizaram 15 coparticipações nas aulas teóricas da disciplina de Assistência de Enfermagem Clínica, nas aulas cujo conteúdo era

139

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: matthheus72@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: manu.berticelli@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: rmrodri09@gmail.com

⁵ Supervisora voluntária do Subprojeto enfermagem do *campus* de Cascavel. E-mail: nurseyeledir@hotmail.com

⁶ Voluntária de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: solangeconterno@gmail.com

⁷ Voluntária de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: acereis75@gmail.com

referente aos sistemas cardiovascular, renal, neurológico, musculo esquelético, hematológico. Em tais temáticas foram abordadas a anatomofisiologia e as principais patologias destacando-se a epidemiologia local, tendo em vista a prestação dos cuidados por parte do técnico em enfermagem às pessoas que venham a ser acometidos por essas patologias na medida em que desenvolvem saberes e práticas para atuação nas unidades prestadoras de serviços de saúde. A docente acompanhada possibilitou que executássemos algumas atividades, dentre as quais, uma aula prática com um coração bovino, no qual foi possível demonstrar as principais estruturas cardíacas aos alunos que, após a observação e manuseio da peça anatômica verificavam a aquisição do conhecimento em uma folha impressa, que continha um coração humano com as estruturas estudadas. A exposição pelo professor acompanhada de demonstração prende a atenção dos alunos e pode ser efetiva na aquisição de conhecimentos (GIL, 2007). Outro assunto abordado foi sobre curiosidades e atualizações em oncologia, sendo apresentado de forma expositiva e dialogada com uso de recurso *power-point*, nessa ocasião foi possível identificar a dificuldade de alguns alunos em compreender o estudo da citologia e a formação tumoral, que pôde ser superada através de exemplos e ilustrações. Considerações finais: A inserção dos pibidianos teve positivities, dentre as quais, o conhecimento do fluxo escolar, a aproximação com os alunos e professores do curso técnico, a identificação de pontos positivos e negativos na aplicação de metodologias de ensino, o manejo adequado para os casos de dificuldades de rendimento escolar e também como vivenciar e conduzir os casos de reprovação. Outro ponto positivo foi a aceitação dos pibidianos por parte da professora responsável pela disciplina, que permitiu vivenciar a aplicação de provas, execução de registros e correção/avaliação dos cadernos confeccionados pelos alunos, nos quais continham estudos dirigidos, figuras de procedimentos de enfermagem, bem como relatórios de visitas técnicas. A vivência relatada tem contribuído para nossa formação docente, e auxiliado na prática docente do professor regente. Formar bons professores e contribuir com a escola pode repercutir na qualidade da formação dos Técnicos em Enfermagem da escola campo de prática.

Palavras-chave: Docência; Educação em Enfermagem; Capacitação Profissional.

Referências Bibliográficas:

GIL, A. C. *Didática do ensino superior*. São Paulo: Atlas, 2007.

DEPENDÊNCIA EM ELETRÔNICOS: COMO AFETAM O COTIDIANO DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Mikael Otto²

Debora Cassiane Ianssen³

Rafaela Varassin Pegoraro⁴

Matheus Henrique de Brito Souza⁵

Resumo: O uso de aparelhos eletrônicos no ambiente escolar possibilita ao aluno o acesso ilimitado a redes sociais, jogos-online e sites de diversos assuntos na internet, o que pode propiciar ao indivíduo o surgimento de problemas sociais, psicológicos, motores e também a doenças relacionadas ao uso intenso dessas tecnologias. Assim, a abordagem desse tema que está integrado no contexto (CTS) Ciência, Tecnologia e Sociedade nos permite divulgar e discutir as relações tecnológicas e os danos que podem afetar o cotidiano escolar e familiar do aluno. Nesse âmbito, temos como objetivo apresentar uma proposta didática sobre o tema: Dependência em eletrônicos no sentido de mostrar aos estudantes de duas turmas do sexto ano no colégio Estadual Olinda Truffa de Carvalho, os problemas causados a praxe indiscriminada dos dispositivos eletrônicos e evidenciar tópicos como Cifose ou Hipercifose, Hiperlordose, Escoliose, Fadiga, Hérnia de Disco, Lesões por esforço repetitivo (L.E.R), aspectos técnicos e funcionais da internet. A proposta desse trabalho foi desenvolvido por acadêmicos bolsistas do subprojeto PIBID/Biologia/Unioeste com a supervisão e orientação de duas professoras, sendo uma que constitui o quadro da educação básica e outra ensino superior. Propósito que se pretende alcançar no primeiro instante é observar o conhecimento prévio do aluno perante o tema, com isso, pode ser aplicado uma atividade lúdica do repolho com perguntas aleatórias sobre o assunto como: “Você acha que sua vida seria chata sem internet? Passa mais tempo no celular do que com a família? Esconde dos seus pais o que faz pela internet? Prefere utilizar o celular ou ler um livro?”. Pode-se obter com esses questionamentos um conhecimento prévio sobre o senso comum da turma e realizar uma breve introdução inserindo as consequências do uso demasiado dos eletrônicos. Logo após a inserção do conteúdo, pode ser aplicado jogo do tabuleiro onde joga-se o dado e o participante avança o número de casas correspondente ao dado e em cada casa contém uma pergunta relacionada com o uso do celular, jogos on-line e internet, dependendo da resposta o jogador avança ou regride no jogo. Essa tarefa, tem intuito de que aluno compreenda como utilizar conscientemente o eletrônico. À medida que se insere a temática, pode-se dar continuidade como atividade complementar a elaboração de um texto com base na apresentação de uma reportagem com a seguinte matéria: Vantagens e

141

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/Biologia, do campus de Cascavel. E-mail: mikabio12@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/Biologia, do campus de Cascavel. E-mail: deborah_iansen@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação de área do Subprojeto PIBID/Biologia, do campus de Cascavel. E-mail: rvp_rafaela@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/Biologia, do campus de Cascavel. E-mail: matheus.h.brito.s@gmail.com.

desvantagens da internet em casa. Para auxiliar, pode ser realizado na sala uma roda de debates mediadas pelos professores e cursistas do subprojeto PIBID, promovendo a análise e discussão sobre a reportagem. A fim de que, possa ser usado como avaliação a assimilação e desempenho dos alunos perante a temática abordada levando em consideração comportamento, interesse, desenvolvimento, aptidões adquiridas, potencial, trabalho em equipe, tomadas de decisões, iniciativa diante a problemática apresentada, criatividade, elaboração de ideias, assiduidade, comprometimento, interatividade e relações interdisciplinares observadas antes, durante e depois da aplicação das atividades teórico-práticas. Podendo assim, estabelecer notas de zero a dez, para cada uma dessas avaliações. Sugere-se também por último a aplicação de uma prova final com dez questões intercaladas de assinalar e dissertativas, com base nos assuntos abordados desde conhecimentos científicos, tecnológicos e sociais. Contudo, perante as respostas dos alunos o conteúdo pode ser avaliado em sua totalidade e verificação do conhecimento adquirido pelos mesmos. Destaca-se que essa proposta didática com abordagem (CTS) com o uso de jogos interativos e produção textual, permite lidar com aspectos interdisciplinares como biologia e tecnologia da informação, proporcionando ao aluno o desenvolvimento do senso crítico diante a atualidade.

Palavras-chave: PIBID; Dependência; Eletrônicos; Interdisciplinaridade.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS¹

Jenyffer Kétlen Carneiro²
Josimara Madeira dos Santos³
Andreia Nakamura Bondezan⁴

Resumo: O subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Foz do Iguaçu, realiza o trabalho em turmas do ensino fundamental de uma escola da periferia da cidade. O projeto abrange o incentivo à leitura e a escrita que, segundo a direção da escola, era uma das principais dificuldades enfrentadas pelos alunos. O presente relato tem como temática o uso do lúdico como ferramenta pedagógica. Tem por objetivo socializar os estudos bibliográficos, o trabalho realizado na escola, e as compreensões de como as atividades lúdicas em sala de aula podem beneficiar os alunos, proporcionando aprendizado eficiente com aula agradável. O lúdico tratado em nosso tema leva o significado de brincar e, neste brincar, estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos. Também diz respeito à conduta daquele que joga, brinca e se diverte, como ferramenta para a aquisição do conhecimento, diminuição da ansiedade, da agitação, possibilitando novas experiências e diferentes aprendizagens. Para Vygotsky (1989) não é possível ocorrer ensino sem aprendizagem por ser a aprendizagem condição para a existência do ensino, concebendo assim que o ensino na forma lúdica pode ser mais eficiente, pois a criança cria, desenvolve o comportamento combinatório, a partir do que conhece, das oportunidades do meio e em função das suas necessidades e preferências. De acordo com as concepções de Vygotsky, as práticas pedagógicas podem envolver a brincadeira, na qual o professor ajuda a criança a brincar, brinca com a criança e até mesmo a ensina a brincar. Por meio do desenvolvimento das aulas ministradas no subprojeto de Pedagogia, observamos que o uso do lúdico modifica a aula, tornando-a mais atrativa e interessante. O professor, que consegue ensinar os conteúdos científicos, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, aliados com atividades práticas e lúdicas permite um processo de aprendizagem em um ambiente prazeroso, tendo a diversão usada como método educativo. Em nossa participação/experiência em sala, o principal meio para conduzir a aula foi o uso da literatura infantil, em forma de contação de histórias diferenciadas a cada aula, com o objetivo de fazer com que os alunos melhorassem a escrita e a leitura e, com o uso de atividades dinâmicas, para que de forma divertida e interativa compreendessem o objetivo/assunto principal de cada história apresentada. Usamos diferentes histórias como “A centopeia que sonhava” (SOUZA, 1999), “O patinho feio” (ANDERSEN, 1993), “Pinóquio” (COLLODI, 2010), “Maria vai com as

143

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Jenyffer Ketlen Carneiro, do *campus* de Foz do Iguaçu, E-mail: Jenyfferbenetti@outlook.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Josimara Madeira dos Santos, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: Josimaramadeiradosantos@gmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Andreia Nakamura Bondezan, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: andreiabondezan76@gmail.com

outras” (ORTHOF, 2008) “Até as princesas soltam pum” (BRENMAN, 2008). Utilizando das formas de contar histórias como livro aberto, palitoches e teatro de fantoches, das dinâmicas: “Caminhando como a centopeia”, “Auxílio mutuo”, da passagem de um vídeo e realizando diferentes atividades de leitura e escrita, com participação ativa e interesse dos alunos concluímos que os jogos, brincadeiras e brinquedos podem ser utilizados pelo professor como ferramentas facilitadoras de aprendizagem. Atividades lúdicas em sala de aula geram a dinamicidade, facilita a socialização, desenvolvem a cooperação e o interesse pelo aprendizado.

Palavras chave: Lúdico; Literatura; Aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

ANDERSEN, Hans Christian. **O Patinho feio**. Editora Atica, 1993

BRENMAN, Ilan. **Até as princesas soltam pum**. 1 ed. São Paulo: Brinque Book, 2008.

COLLODI, Carlo. **Pinóquio**. 1 ed. Editora Scipione, 2010.

ORTHOF, Sylvia. **Maria vai com as outras**. 22 ed. Editora Ática, 2008.

SOUZA, Herbert José. **A Centopéia que sonhava**. Editora Salamandra, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

OFICINAS DE FARMACOLOGIA E CÁLCULOS DE MEDICAMENTOS: EXPERIENCIANDO A PRÁTICA DOCENTE EM CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM¹

Juliane Antunes de Oliveira²

Carla Rejane de Oliveira³

Carme Brixner Jost⁴

Gilvana Isabel Rigo⁵

Solange de Fátima Reis Conterno⁶

Alessandra Crystian Engles dos Reis⁷

Resumo: O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tem por objetivo incentivar a formação docente em nível superior para a educação básica, articulando o ensino superior com as escolas da rede pública de ensino. A partir disso, o subprojeto PIBID Enfermagem, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) Campus Cascavel, atendeu à solicitação da coordenação do curso Técnico em Enfermagem, do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (CEEP), para realizar oficina de farmacologia e matemática, destinada para os discentes de todos os semestres daquele curso, a fim de, promover formação básica e coletiva em farmacologia, temática escolhida pela escola, por seu grau de importância e complexidade. **Objetivo:** Relatar a experiência de um grupo de bolsistas do subprojeto PIBID Enfermagem, na organização, planejamento e desenvolvimento de oficina e na vivência da docência em campo de atuação. **Metodologia:** 1- Foi selecionado e organizado pelos bolsistas, referencial teórico sobre as classes farmacológicas usualmente administradas durante o exercício da profissão de Técnico em Enfermagem, cada pibidiano ficou responsável por determinada classe de medicamento. 2- Preparação de prescrições de medicamentos, conforme utilizados pelo Hospital Universitário do Oeste do Paraná, instituição campo de estágio dos estudantes do curso técnico e também dos pibidianos. 3- Preparação pelos professores/supervisores PIBID, de lista de exercícios de cálculos de medicamentos, relacionados a dosagem e tempo de administração dos fármacos. 4- Realização de aula para simulação das atividades a serem desenvolvidas,

145

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: julianeantunesdeoliveira@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: carlarejane.oliveira@hotmail.com.

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: carmebrixnerjost@gmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: gilvanaisabel_rigo@yahoo.com.br

⁶ Supervisão à Docência (voluntária) do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: solangeconterno@gmail.com.

⁷ Supervisão à Docência (voluntária) do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: acereis75@gmail.com.

aula expositiva sobre os fármacos, resolução de lista de exercícios com cálculos de medicação, além da análise das prescrições de medicamentos. Após esse momento, foram feitas as divisões do grupo de acadêmicos, em dupla ou individual, para trabalhar com cada semestre em específico. **Resultado:** A oficina relatada neste texto foi realizada, com os alunos do primeiro semestre do curso Técnico de Enfermagem, o qual é composto por duas turmas de 40 alunos, nos dias 26 e 28 de julho, em 8 h/aula no período noturno. No primeiro dia foi realizada aula expositiva e dialogada com auxílio de recursos multimídia sobre as dez classes dos fármacos selecionados: Analgésicos - não opioide e opioide, Antibióticos, Diuréticos, Anti-inflamatórios, Inibidores ou Neutralizadores do ácido gástrico (Protetores gástricos), Anti-hipertensivo, Antidiabéticos, Drogas vasoativa (utilizadas em Unidade de Terapia Intensiva), Sedativos e Uterotônicos (AME, 2006; SBD, 2016; DeLUCIA, R. et al, 2014). No segundo dia foi resolvida a lista de exercícios, sobre cálculo de medicação e realizado orientações sobre cálculos matemáticos, relacionados as operações de adição, subtração, divisão e multiplicação com números inteiros e decimais, além de apresentar aos alunos prescrições de medicamentos reais, as quais eles terão contato quando em estágios e posteriormente na atuação profissional. Foi identificada pelos pibidianos, dificuldade expressiva dos alunos do curso técnico no âmbito básico dos cálculos matemáticos **Considerações finais:** A organização e planejamento da oficina exigiram preparo e dedicação. Foi uma experiência significativa, a qual possibilitou aos bolsistas, vivenciar a ação docente na prática, adquirir conhecimento e desenvolvimento do exercício da docência, além de contribuir com o aprendizado dos alunos do curso Técnico em Enfermagem. Foi percebida a importância da realização dessa atividade, tanto para os pibidianos que se esforçaram para que de fato a oficina fosse realizada, quanto para os alunos participantes, visto a dificuldade matemática percebida e a responsabilidade em preparar os medicamentos. Os participantes manifestaram ao fim do projeto, imensa gratidão aos pibidianos.

146

Palavras-chave: Docência; Farmacologia; Enfermagem.

Referências Bibliográficas:

AME. **Dicionário de administração de medicamentos na enfermagem.** 9. ed. São Paulo: Epub, 2013.

LUCIA, R. de et al. **Farmacologia integrada.** Uso racional de medicamentos. 5. ed. São Paulo: Clube de Autores, 2014. 2v.

SBD. Sociedade Brasileira De Diabetes. **Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes.** Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.diabetes.org.br/profissionais/images/docs/DIRETRIZES-SBD-2015-2016.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

ATIVIDADE DE LEITURA COM TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA¹

Daiany Helscher da Silva²
Marcia Borin da Cunha³
Claudia Regina Machado Kliemann⁴
Daiane Thais Ludvig⁵
Danielly Mayara Alves⁶
Giovane Matheus Zambão⁷
Lucimara Santos Siarcovski⁸
Rosana Franzen Leite⁹

Resumo: Vários trabalhos relatados na literatura têm admitido diferentes formas de divulgar a ciência [...]” (GOMES et al., 2016, p. 390). A divulgação científica pode estar presente em diferentes espaços sociais e em diversos meios de comunicação como jornais, revistas, cinema, exposições, livros e televisão, que pode proporcionar aos estudantes a aproximação de diferentes linguagens e discursos. Os textos de divulgação científica podem se constituir em um importante recurso didático para desenvolver mediações em ambientes formais de ensino, auxiliando na formação de cidadãos mais críticos e atuantes na sociedade. Visto que, esses materiais possuem função informativa e, na maioria das vezes, apresentam opiniões e pontos de vista diferentes sobre a temática abordada, faz-se necessário aprofundar as discussões da maneira como esses materiais são utilizados como recurso didático em sala de aula. É preciso instigar o estudante a ter curiosidade, questionar e refletir sobre os conhecimentos trabalhados, a fim de torná-lo relevante e significativo na realidade vivida por eles (ROCHA, 2010). Nesse trabalho relatamos uma atividade realizada nas aulas de Química do Colégio Estadual Jardim Gisele, localizado no município de Toledo/PR. O trabalho foi elaborado pelo grupo PIBID do curso de Química licenciatura da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. O objetivo da atividade foi propor a leitura crítica do texto “A pílula da Inteligência”, disponível na revista de divulgação científica “Superinteressante”, de novembro de 2009. A atividade foi desenvolvida com a turma da 1ª série matutina do Ensino médio, que possui 22 estudantes com idade entre 14-15 anos. Os estudantes foram organizados em duplas e

147

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

² Acadêmica bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Química, do *campus* de Toledo. E-mail: dai_anysilva@hotmail.com

³ Doutora em Educação, CECE, do *campus* de Toledo. E-mail: borin.unioeste@gmail.com

⁴ Supervisora bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Química, do *campus* de Toledo. E-mail: claudiakliemann@yahoo.com.br

⁵ Acadêmica bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Química, do *campus* de Toledo. E-mail: daya.ludvig@hotmail.com

⁶ Acadêmica bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Química, do *campus* de Toledo. E-mail: daniimayara@hotmail.com

⁷ Acadêmica bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Química, do *campus* de Toledo. E-mail: gmzambao@uol.com.br

⁸ Acadêmica bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Química, do *campus* de Toledo. E-mail: lucimarasiarcovski@gmail.com

⁹ Doutora em Educação para a Ciência e a Matemática, CECE, do *campus* de Toledo. E-mail: rozanafranzenleite@gmail.com

procedeu-se a leitura do texto fazendo pausas a cada aspecto considerado relevante para discussão, que teve duração de duas horas/aula. Esta atividade constitui-se em uma proposta de divulgação da Ciência, ressaltando que “Pensar nas formas de acesso ao conhecimento da ciência faz parte do processo de inserção da Divulgação Científica no ensino. O texto “A pílula da Inteligência” relaciona os benefícios e malefícios do uso de uma suposta pílula para “aumentar” a inteligência. A percepção inicial dos estudantes em relação ao texto era de que o uso da pílula realmente aumentasse a capacidade intelectual do indivíduo, pois o título e as imagens utilizadas no texto causaram à primeira vista impacto ao leitor. Após a leitura e discussão do texto, ficou evidente a mudança de percepção sobre o assunto, pois os fatos apresentados foram analisados criticamente, se esses possuíam embasamento científico para tal, e até que ponto é possível confiar e dar crédito aos meios de divulgação da ciência.

Palavras-chave: Leitura crítica; Divulgação científica; Recurso didático; Ciência.

Referências Bibliográficas:

GOMES, V. B.; SILVA, R. R.; MACHADO, P. F. L. Elaboração de textos de divulgação científica e sua avaliação por alunos de Licenciatura em Química. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 387-403, nov. 2016. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc38_4/15-CP-20-15.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ROCHA, M. B. Textos de divulgação científica na sala de aula: a visão do professor de ciências. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 24-34, fev. 2010. Disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/augustus/pdf/ed29/rev_augustus_ed29_02.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

O USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INVESTIGANDO POSSIBILIDADES ¹

Thiago Fernando Ozorio de Carvalho ²
Orientadora: Delfina Cristina Paizan ³

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo discutir diferentes possibilidades de uso de recursos audiovisuais, em específico, o uso de filmes, no ensino e a aprendizagem de língua inglesa (LI) como língua estrangeira (LE) no ensino fundamental dentro do PIBID, Subprojeto Letras-Inglês da UNIOESTE, Foz do Iguaçu. O uso de recursos audiovisuais tem sido utilizado para o ensino de línguas há décadas. Nos anos de 1950 foi criado o método audiovisual (STERN, 1983) que consistia em uma sequência rígida de atividades cujo primeiro passo era sempre a apresentação de um trecho de um filme seguido de outros passos instrucionais. Um dos ganhos importantes desse método é que ele criou espaço na sala de aula de línguas para o uso das tecnologias desenvolvidas na época (ex. gravadores de fita magnética (PAIVA, 2005)). Com o desenvolvimento atual das novas tecnologias digitais, os recursos audiovisuais que podem ser usados para o ensino de LE vão desde vídeos em mídias digitais físicas (ex. DVD) até vídeos compartilhados em nuvem (ex. *Youtube*) quanto o uso de celulares para acesso e gravação de vídeos em sala de aula. Mathew e Alimat (2013), entretanto, fazem algumas considerações acerca do uso desses recursos em sala de aula. Os autores alertam para o fato de que eles devem dar suporte ao currículo ao invés de dominá-lo, que os professores de LE devem ter um profundo conhecimento para a seleção e o uso desses recursos e que é de responsabilidade do professor checar a sua qualidade e a autenticidade. Ainda de acordo com os autores, o uso desses recursos economiza tempo na aprendizagem e os alunos podem desenvolver uma maior observação e interesse nas aulas. Considerando que a situação de ensino varia, o professor precisa ter compreensão das vantagens de cada recurso e da combinação de recursos. Já ISMAIL (2013), ao tratar do uso específico de filmes em sala de aula de LE, afirma que esses recursos podem propiciar uma exposição à “língua real”, usada em contextos autênticos, e no contexto cultural no qual a LE é falada e não nas formas gramaticais. Acrescentam que os filmes podem também chamar a atenção dos alunos aumentando sua motivação para a aprendizagem. Por fim, Ismail (2013) aponta vantagens e desvantagens para o uso de filmes em sala de aula de LE. No primeiro grupo, o autor afirma que os filmes criaram uma experiência mais sensorial, uma vez que contêm linguagem verbal, de cores, movimento e som; criaram um ambiente de maior excitação que leva os alunos a se interessarem mais pelo conteúdo; criaram mais oportunidades de interação em sala de aula. No segundo grupo, o autor afirma que o uso de filmes em sala de aula pode gerar uma perda de tempo de aula considerando as dificuldades de se passar os filmes dentro do período de tempo disponível para o ensino de LE; o uso de filmes

149

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras-Inglês, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: fernando.kicknow@gmail.com

³ Professora voluntária do Subprojeto Letras-Inglês, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: dpaizan@yahoo.co.uk

pode ser, também, limitador ao não permitir interação com o enredo ou personagens ou quando não permite a criação de imagens deles em nossas mentes. Por fim, a partir da pesquisa realizada pelo autor, concluímos que os filmes usados na sala de LE criaram: uma experiência nova e agradável para os alunos; maior motivação; uma atmosfera de aprendizagem mais tranquila e uma maior oportunidade de praticar o inglês.

Palavras-chave: Audiovisual; Ensino de língua estrangeira; Tecnologia.

Referências Bibliográficas:

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **O USO DA TECNOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS:** breve retrospectiva histórica. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 44. Campinas, SP : Pontes Editores, 2015, p.21-34. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/techist.pdf>. Acesso em: 4 ago 2017.

MATHEW, Nalliveettil George; ALIDMAT, Ali Odeh Hammoud. **A Study on the Usefulness of Audio-Visual Aids in EFL Classroom:** Implications for Effective Instruction. International Journal of Higher Education, Arábia Saudita, 30 de abril, 2013. Disponível em: <http://www.sciedu.ca/journal/index.php/ijhe/article/view/2737>. Acesso em: 17 ago 2017.

STERN, Hans Heinrich, **FUNDAMENTAL CONCEPTS OF LANGUAGE TEACHING**, Part 7: Language teaching theories, p. 466-468. Oxford University Press, New York, 1983.

ISMAILI, Merita, **The Effectiveness of Using Movies in the EFL Classroom – A Study Conducted at South East European University.** Academic Journal of Interdisciplinary Studies Published by MCSER-CEMAS-Sapienza University of Rome, Vol 2 No 4, Maio de 2013. Disponível em: <http://www.mcser.org/journal/index.php/ajis/article/viewFile/114/270>. Acesso em: 8 de ago 2017.

TÍTULO: CIÊNCIAS SOCIAIS E AS DISCUSSÕES DO COTIDIANO:UM DEBATE A CERCA DO ABORTO NO BRASIL¹

Luis Felipe Silva Fin²
Maria Luiza Berlintes³

Resumo: Este resumo descreve uma das oficinas realizadas por nós com o terceiro ano do colégio estadual jardim Gisele no município de Toledo-PR no ano de 2017, onde foi proposto aos estudantes que escolhessem um tema estudado pelas ciências sociais e que esteja sendo discutido na atualidade, que veio por ser a legalização do aborto em alguns casos como estupro e má formação do feto, para que houvesse um debate. Teoricamente, pode-se trazer para os alunos, a questão do aborto para Simone de Beauvoir (1983), que mostra que o controle do aborto é o controle da sexualidade da mulher. Além de quebrar o mito do amor materno, ainda fala da criminalização deste como instrumento de dominação. Obrigar alguém a ter um filho que não deseja, segundo a autora, é tirar da mulher o poder de decisão sobre sua vida, o que é dado aos homens, ou seja, há uma negação de igualdade. Sobre a dominação de classes, se a trabalhadora não tem acesso, logo se reproduz mais, tendo mais mão de obra disponível, com salários mais baixos e menos possibilidade de ascensão e de oportunidades. O objetivo deste era que os alunos procurassem informações sobre o assunto, porém anteriormente, foram sorteados, dividindo a sala em dois grupos. Um se tornou a mesa de defesa e o outro ficou contra. Ou seja, o objetivo era que mesmo que eles já tivessem uma opinião formada sobre o assunto, o que a maioria já tinha, procurassem entender os argumentos do outro lado. Todos os alunos trouxeram a tarefa de casa, lendo até mesmo projetos de lei sobre o assunto. Chegado o dia, fizemos uma roda, que por sinal ajuda muito nas discussões, já que não precisam ficar sempre se virando para ver o colega de trás e todos ficando de frente um para o outro, pibidianos, estudantes e professor para que não sentissem algum tipo de hierarquia que por algumas vezes pode acabar acontecendo. O resultado foi ótimo, pois esta foi uma das aulas que eles mais participaram, alguns que tinham uma opinião pensaram de outra maneira também ao final, ou seja, houve a contestação e a reflexão que se buscava. Foi muito interessante a ideia de serem feitos grupos, porque houve mais participação, eles queriam que seu grupo ganhasse, até mesmo aqueles que não falam muito nas aulas normais se manifestaram. Essa atividade de debate foi elaborada junto ao professor que nos coordena na escola, além de trazer a regência de notícia que é o principal de nosso projeto, trazer esse diferencial e fazer o aluno participar foi uma experiência maravilhosa, já que proporcionou não apenas o conhecimento aos alunos sobre o assunto, mas também a nós pibidianos, que ao longo do tempo vamos aprendendo como lidar com cada tipo de regência e com a pluralidade de opiniões dentro das salas de aula. O mais interessante de se usar resenha de notícia e debate ao mesmo tempo, é saber que a partir de toda a discussão não vamos estar apenas falando sobre o tema em frente a

151

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: luis.fin@hotmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: maluberlintes9@hotmail.com

sala de aula, mas vamos aos poucos construindo uma ideia a sobre o que é aquilo no qual estamos debatendo, e a participação do aluno é fundamental nesse tipo de construção.

Palavras-chave: Debate; Aborto; Pibid; Regência; Conhecimento.

Referências Bibliográficas:

BEAUVOIR, Simone. Balanço Final. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1983

TÍTULO: O PIBID EM SALA DE AULA: INTERVENÇÃO SOBRE CONCEITOS ARISTOTÉLICOS¹

Bárbara Bertoldo De Moraes²
Sabrina Andrade Barbosa³

Resumo: O projeto PIBID/Filosofia desenvolve atividades tanto na universidade como nas escolas. Na universidade, as atividades visam complementar a formação filosófica do acadêmico por meio de seminários de estudos, palestras, minicursos, oficinas e grupos de estudos. As atividades desenvolvidas nas escolas visam inserir o licenciando no ambiente escolar, possibilitando-lhe um conhecimento da estrutura e funcionamento da escola e, principalmente, que ele vivencie a experiência docente em sala de aula. Além de apresentar as diferentes atividades desenvolvidas pelo projeto PIBID Filosofia, pretende-se destacar neste trabalho uma das atividades realizadas pelos alunos nas escolas vinculadas ao projeto: as *Intervenções em sala de aula*. O aluno bolsista acompanha semanalmente uma turma de responsabilidade do professor supervisor. Nesta turma “adotada” pelo aluno bolsista, são realizadas, num primeiro momento, observações da prática docente e da dinâmica da sala de aula, e, num segundo momento, são planejadas, em conjunto com o professor supervisor, atividades de intervenção, que contribuam para o desenvolvimento das aulas de filosofia. Essa atividade, além de ser um ótimo exercício para docência, o que faz todo sentido em estar atrelado a esse projeto, também desenvolve, nos pibidianos, habilidades de escrita, oratória e leitura, ao mesmo tempo em que proporciona uma aula diferenciada para os alunos desse colégio. A intervenção aqui relatada, desenvolvida no primeiro ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva, abordou os conceitos aristotélicos de Ato e Potência, Substância e Acidente, e as Quatro Causas. Também foi trabalhado um pouco da biografia do filósofo e desenvolvidas atividades com perguntas de vestibulares relacionadas aos conceitos desenvolvidos. Os objetivos dessa intervenção foram: promover uma exposição que possibilite aos alunos a compreensão de forma clara do conteúdo exposto; estabelecer uma ligação entre a temática trabalhada e a sua realidade; familiarizar com o formato das questões de vestibulares. Em suma, o exercício da prática docente é muito importante para todos os envolvidos no processo, desde a preparação da intervenção até a sua aplicação.

153

Palavras-chave: Intervenção; Aristóteles; Filosofia; Filosofia Antiga.

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: baarbara.bertoldo@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: sabrina_abarb@hotmail.com

“ENTÃO PESSOAL, ISSO É A ESCALA!?”: SIGNIFICANDO O CONCEITO DE ESCALA POR MEIO DE OBJETOS TRIDIMENSIONAIS¹

Rafael Ghidini²
Eduardo Sebastião de Macedo³
Uilian Caponi Cristino⁴

Resumo: A compreensão do conceito de escala é fundamental para que seja possível alfabetizar-se cartograficamente e entender as representações cartográficas. Dessa forma, os pibidianos de iniciação à docência do subprojeto de Geografia, *campus* de Francisco Beltrão, realizaram com uma turma de 6º ano do Colégio Estadual Cristo Rei, sob a supervisão da professora regente uma intervenção pedagógica que visava construir coletivamente o entendimento do conceito de escala. A atividade foi dividida, basicamente, em duas etapas. Em um primeiro momento, construímos a concepção do conceito de escala coletivamente, por meio de objetos tridimensionais. Em seguida, demonstramos como a escala discutida por meio dos objetos também se aplicava aos mapas. Como contávamos somente com duas aulas, ou seja, 1h40min foi possível apenas realizar a primeira etapa da atividade, a qual nos atermos mais detalhadamente. Para a realização desta etapa, partimos das concepções de Castellar e Vilhena (2011), quando afirmam que os conceitos precisam ter significado para os estudantes. Esse significado, segundo as autoras podem ser obtidos por meio das experiências de vida dos estudantes, pois, através destas elaboram-se noções que são primeiramente intuitivas, mas com a mediação do professor, essas podem ser reelaboradas, tornando-se mais coerentes cientificamente. Dessa forma, trouxemos para a sala de aula pequenos objetos, como miniaturas da estátua do Cristo Redentor e da Torre Eiffel, com o objetivo de apresentar esses objetos como sendo *representações* de objetos reais, *representados*. Com os mesmos, realizamos, coletivamente, o cálculo da escala, para que pudéssemos construir a concepção de que este conceito significa a proporção de uma representação em relação ao objeto representado. Entretanto, como tínhamos que estes objetos, mesmo sendo representações de estruturas famosas, não propiciassem a significação do conteúdo, realizamos uma atividade em que os estudantes deveriam reduzir ou ampliar, em diferentes escalas, objetos presentes na sala de aula, como a borracha, a tesoura e o apontador. Como já afirmamos anteriormente, planejamos outros momentos para a intervenção, na qual demonstramos a aplicação da escala em relação aos mapas e representações cartográficas. Todavia, no início da aula, quando começamos a discutir as representações do Cristo Redentor e da Torre Eiffel, percebemos que os estudantes conheciam essas estruturas e, também, puderam compreender o que é uma representação. Além disso, perceberam, através dos cálculos realizados coletivamente com auxílio da lousa, que aquelas representações estavam *proporcionalmente* reduzidas, e que era essa redução proporcional a *escala* da representação. Contudo, quando realizamos a atividade

154

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão.

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão.

que consistia em reduzir e ampliar os objetos que os estudantes possuíam, notamos que a relação numérica que compõe a escala ($n^{\circ}:n^{\circ}$) não foi plenamente compreendida. Ao auxiliar os estudantes na realização da atividade, observamos que em alguns casos, o conceito pode ter sido apreendido de forma mecânica. Essa hipótese ganha força, ao realizarmos os cálculos na lousa com os objetos tridimensionais, efetuamos apenas o processo de *redução*. Já na atividade, solicitamos aos estudantes que *ampliassem* seus objetos. Logicamente, para a resolução dessa atividade bastava aplicar o processo inverso da redução, o que teria sido feito se o conceito de escala tivesse sido compreendido. Porém, os estudantes demonstraram dificuldade ao ampliarem seus objetos, o que evidencia que o conceito pode não ter sido compreendido. Dessa forma, podemos concluir que a significação dos conceitos discutidos pela Geografia por meio de sua ligação com objetos/fenômenos conhecidos é um processo complexo que exige tanto do professor quanto dos alunos uma ação proativa frente ao conteúdo, algo que estamos paulatinamente buscando no que se refere ao ensino aprendizagem de Geografia. Todavia, vale insistir nessa perspectiva de aprendizagem para estimular a compreensão/produção de conhecimento pelos alunos, isto é, não restringir apenas na descrição textual decorada, mas no entendimento dos processos/elementos que operam na realidade dos estudantes, e suas relações com o conhecimento sistematizado trabalhados em sala de aula.

Palavras-chave: Alfabetização cartográfica; Ensino de Geografia; Pibid.

155

Referências Bibliográficas:

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. Ensino de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UM TRABALHO INDIVIDUALIZADO¹

Ana Laura Fischer Lottermann²
Ayla Cristine Gonçalves³
Tiago Adriano dos Santos⁴
Lisete Terezinha Bersch⁵
Douglas R. Borella⁶

Resumo: Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar as práticas pedagógicas dos pibidianos desenvolvidas em aulas de Educação Física da rede Municipal de Ensino no município de Marechal Cândido Rondon/PR. No ano de 2017, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), aplicado nas aulas de Educação Física, assumimos aulas com alunos com deficiência em trabalhos individualizados devido as características das deficiências dos alunos. O atendimento é realizado em crianças com as seguintes características: alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, estereotípias, os autistas; alunos com desordens no desenvolvimento do controle motor e da postura, como resultado de uma lesão não progressiva do desenvolvimento do sistema nervoso central, paralisia cerebral; alunos com alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais, o par 21, conhecida como trissomia 21, síndrome de Down; Deficiência Intelectual, caracterizada por importantes limitações, tanto no funcionamento intelectual, quanto no comportamento adaptativo, e alunos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, TDAH. Quanto as particularidades dos alunos: aluno 1 - oito anos, cardiopatia (4 cirurgias), quadro de tireoide, estrabismo, dificuldade na locomoção, síndrome de Down com atraso global neuropsicomotor e autismo; Aluno 2 - oito anos, deficiência intelectual e dificuldade na fala; Aluno 3 - oito anos, paralisia cerebral, atraso no desenvolvimento motor e autismo; Aluno 4 - atraso global neuropsicomotor (fala, cognição e motricidade), hiperatividade, epilepsia e autismo. O primeiro passo para a iniciação do trabalho foi o de observar e verificar quais são as dificuldades e as diferentes necessidades, os níveis de aptidão física, cognitiva e afetivo social. O professor precisa ter um contato com o aluno para desenvolver um vínculo de afetividade para que o discente e o docente possam criar uma conexão e harmonia para um melhor desenvolvimento no trabalho. As atividades desenvolvidas durante as aulas têm como

156

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltado para a formação de recursos humanos.

² Acadêmico do 2º ano de Educação Física, Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: analauraf2007@hotmail.com.

³ Acadêmico do 2º ano de Educação Física, Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: aylacristinegoncalves@hotmail.com.

⁴ Acadêmico do 4º ano de Educação Física Licenciatura, Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: tiago_psicologia@hotmail.com.

⁵ Professora Supervisora do Subprojeto PIBID de Educação Física Licenciatura, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: lisetebersch@gmail.com.

⁶ Coordenador do Subprojeto PIBID de Educação Física – Licenciatura, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: douglasedufisica@yahoo.com.br.

objetivo principal o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor, sendo elas, com o aluno 1: boliche, tiro a alvo, chute ao gol, tênis, futebol de pano e circuito motor com ênfase nas características sistematizadas e repetitivas, utilizando materiais como, cordas, garrafas pets, bolas, trave de equilíbrio, cones. Aluno 2: circuito motor, futebol de pano, tênis, chute ao gol; os materiais utilizados são: cordas, trave de equilíbrio, patinete, bolas e raquetes. Aluno 3: atividades que estimulem a coordenação motora fina e alongamentos com bola de pilates. Aluno 4: atividades que estimulem a coordenação motora ampla, ritmo e expressividade, futebol de pano, tênis. A respeito dos encaminhamentos práticos de tais atividades, trabalha-se a partir de ações previamente elaboradas que se sustentam na consciência do que se faz necessário executar com cada aluno, respeitando a individualidade e as necessidades especiais dos mesmos. Todavia, o ato de delinear tais atividades, nem sempre garante o sucesso em sua realização devido ao fato de que tais singularidades dos alunos implicam em focos de atenção diferenciados que alteram-se diariamente e necessitam ser constantemente reelaborados, partindo-se da observação do êxito ou não das atividades desenvolvidas. Foi possível constatar através de nossas práticas o quão é importante aprimorar, bem como a capacitação em nosso caso, especificamente, participar do projeto é primordial, pois o mesmo nos trás a realidade de trabalhar com crianças com deficiência. A experiência nos permite um crescimento pessoal e profissional, alcançando resultados positivos para os autores envolvidos.

Palavras-chave: Alunos com Deficiência; Práticas Pedagógicas; Educação Física.

157

O TEATRO NIII E O ETNOCENTRISMO: O OLHAR ANTROPOLÓGICO¹

Maria Luísa Konrad Bettoni²
Gabriel Norberto de Paiva Hansen²
João Vitor de Castro Rosa³
Tiago Fernando de Lima Caser⁴

Resumo: O currículo de Sociologia no Ensino Médio prevê o ensino do “olhar antropológico” aos estudantes, em outras palavras, desenvolver as práticas de estranhamento, desnaturalização, aprender a relativizar, reconhecer categorias etnocêntricas a fim de pensar e compreender outras formas de organização social possíveis, além daquelas já conhecidas e naturalizadas. De acordo com Roberto DaMatta (1978) o “olhar antropológico” é realizar o ofício do antropólogo de “transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico” (DAMATTA, 1978, p. 4). Fazer o exercício de deixar de lado as próprias concepções, para entender o “outro” a partir da conjuntura do “outro”. Partindo desse ponto, a oficina “Teatro NIII e o Etnocentrismo: o olhar antropológico” foi desenvolvida com os estudantes das turmas do 1ºB e 1ºC do Ensino Médio, do Colégio Estadual Senador Attílio Fontana, na cidade de Toledo-PR, sob a supervisão da professora Caroline Momente, com o objetivo de despertá-los para a curiosidade antropológica. Durante uma manhã de aula os estudantes foram convidados a assistir uma peça de teatro, encenada pelos pibidianos, que representava a cultura de uma etnia. A metodologia utilizada nesta oficina foi a problematização sociológica através de uma peça de teatro, e posteriormente a apresentação de conceitos e debate. O teatro desenvolvido foi o Teatro NIII, uma dinâmica desenvolvida pela professora da UNIOESTE – Toledo Jacqueline Parmigiani, que contava a história de uma sociedade fictícia, onde as relações de trabalho e poder eram bastante diferentes em relação a sociedade ocidental. Apenas as mulheres trabalhavam na plantação, as mulheres andavam descalças, sentavam-se no chão e serviam os alimentos aos homens. Já os homens se relacionavam com os estrangeiros, andavam calçados, sentavam-se em cadeiras e eram servidos pelas mulheres. Partindo da peça assistida os alunos discutiam sobre a sociedade que haviam sido apresentados. As falas dos alunos apresentavam um olhar característico da sociedade em que os próprios foram socializados: “A sociedade NIII é uma sociedade muito machista, porque apenas a mulher senta no chão e ela serve o homem”. Ao fim da primeira impressão dos estudantes eles recebiam a história do povo NIII. Considera-se, o povo NIII é devoto da deusa Nanomi, portanto, acreditam que tudo que têm provém da dádiva dessa deusa. Os homens são considerados seres impuros e por

158

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltado para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo-PR. E-mail: m_luisinha@hotmail.com

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo-PR. E-mail: gabriel-hansen@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo-PR. E-mail: joaorosa96@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo-PR. E-mail: tiago_cover@hotmail.com

isso não podem se relacionar diretamente com a terra, nem andar descalços, nem encostar nos alimentos, são totalmente dependentes das mulheres. Ao entrar em contato com a história do povo NIII os alunos têm um olhar de estranhamento, então são indagados: “Por que tiveram esses conceitos pré-formados sobre a sociedade NIII?” “Por que foi julgado sentar no chão como uma forma de machismo?”. A partir dessas questões os conceitos de Etnocentrismo e Relativismo foram introduzidos aos alunos. De acordo com Everardo P. Guimarães Rocha (1994) o “Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência.” (ROCHA, 1994, p. 5). O debate realizado com os alunos demonstrou que as primeiras noções sobre o povo NIII, revelavam a própria sociedade em que os alunos vivem, julgar a categoria do outro a partir das noções da sua sociedade é uma atitude etnocêntrica. Sendo assim, os alunos são convidados a relativizar. O conceito de Relativismo desenvolvido por Roberto DaMatta no livro “Relativizando: Uma introdução à antropologia social”, convida os alunos a colocarem o “óculos” da antropologia, para observar as situações cotidianas como parte de uma construção social, além de olhar o exótico como uma forma de construção da vida social, dando importância ao contexto em que tais ações acontecem. O objetivo da oficina foi alcançado e os alunos demonstraram interesse em desnaturalizar às relações sociais em que estão inseridos, a fim de olhar o cotidiano com o “óculos” antropológico.

Palavras-chave: Teatro; Etnocentrismo; Relativizando; Sociologia; Ensino.

Referências Bibliográficas:

DAMATTA, Roberto. **Relativizando:** uma introdução à antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMATTA, Roberto. **O Ofício de Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues"**. In: NUNES, E. O. (Org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA: O USO DE MAPAS CONCEITUAIS NO ENSINO DE FILOSOFIA¹

Eli Schmidtke²

Resumo: O projeto PIBID/Filosofia desenvolve atividades tanto na universidade como nas escolas. As atividades desenvolvidas nas escolas visam inserir o licenciando no ambiente escolar, possibilitando que ele vivencie a experiência docente em sala de aula. Além de apresentar as diferentes atividades desenvolvidas pelo projeto PIBID Filosofia, pretende-se destacar neste trabalho uma das atividades realizadas pelos alunos nas escolas vinculadas ao projeto: as *Intervenções em sala de aula*. O aluno bolsista acompanha semanalmente uma turma de responsabilidade do professor supervisor. Nesta turma “adotada” pelo aluno bolsista, são realizadas, num primeiro momento, observações da prática docente e da dinâmica da sala de aula, e, num segundo momento, são planejadas, em conjunto com o professor supervisor, atividades de intervenção, que contribuam para o desenvolvimento das aulas de filosofia. O presente trabalho tem a finalidade de apresentar a experiência em sala de aula com a ferramenta conhecida como *Mapa Conceitual*. Um mapa conceitual é uma representação gráfica de uma sequência de pensamentos que estão representados por conceitos, que são ideias chaves, e interligados por verbos de ligação e outros conceitos. A função básica do mapa conceitual é a organização dos pensamentos sobre a questão trabalhada. Além disso, visa facilitar o entendimento do tema a ser trabalhado, melhorar a coordenação motora, espacialidade, aumento da criatividade e imaginação, entre outros. Para os alunos é estimulada a curiosidade, atenção, criatividade e imaginação, além da beleza estética do mesmo. Nas apresentações normais, como Power-point, Prezzi, geralmente o aluno lê rapidamente o texto e fica na expectativa do próximo slide. No Mapa Conceitual, a atenção é constante porque ele precisa entender a sequência, que muitas vezes não é linear e muito menos previsível. Apesar da confecção do mesmo exigir e obedecer a certas normas e regras, o professor pode escolher aleatoriamente uma sequência, ou ainda retornar a um assunto anterior ou posterior, sem precisar trocar de “slide”. Para a confecção de um Mapa Conceitual é necessário primeiramente domínio do assunto, selecionar e organizar os principais conceitos. Sugerimos que seja praticado primeiramente em folhas de papel, ou cartolinas para que o aluno adquira a dimensão do trabalho a ser realizado. A folha deve ser dividida primeiramente em três partes na largura. Apresentaremos como exemplo a atividade desenvolvida sobre Santo Agostinho. A parte central é destinada as principais obras e conceitos inseridos nelas; na parte esquerda é colocada a biografia do filósofo; e, na parte separada à direita, em cima, pode ser colocada datas de nascimento e falecimento, ou qualquer informação relevante; ainda nessa parte poder ser usada para fazer ligações com outros filósofos, temas, épocas e tudo mais que for relevante. Ressalta-se que o mapa conceitual é uma ferramenta pedagógica e não recortes de textos, então, quanto mais “enxuto” for, maiores serão as possibilidades para exploração de outros temas, assuntos, recursos. Caso queira pode confeccionar um mapa em tamanho gigante, utilizando

160

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID FILOSOFIA, do *campus* de Toledo. E-mail: elischmidtke2000@yahoo.com.br.

retângulos de cartolina para escrever os conceitos e montando o mesmo no quadro negro ou parede, enquanto for desenvolvendo o assunto. Existem alguns programas próprios para a confecção, entre eles o CmapTools, que possui uma boa interação com a internet, o que permite o acesso a coleções e mapas na rede, que servem de exemplo ao seu próprio esquema. Outra vantagem é que este programa grava a estrutura final em formato web para ajudar na distribuição do arquivo, além de ser totalmente grátis. Essa ferramenta é muito versátil e conforme vai aumentando o domínio da mesma, também aumentam as possibilidades de interação, desenvolvimento e aprendizado. A utilização desse método em sala de aula mostrou-se muito eficaz, aumentou a produtividade.

Palavras-chave: Intervenções; Mapa Conceitual; Ensino de filosofia.

Referências Bibliográficas:

Cmaptools. Disponível em: <<http://cmap.ihmc.us/>>. Acessado em 15/08/2017 as 14:25

MELLO, Rosângela Menta. **Mapas Conceituais**. Disponível em: <http://rosangelamentapde.pbworks.com/w/page/9127617/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20com%20mapas%20conceituais> acessado em 15/08/2017 às 14:25

MAPAS CONCEITUAIS NO ENSINO DA MATEMÁTICA: disponível em: https://prezi.com/axxc_vyxotmx/mapas-conceituais-no-ensino-da-matematica-utilizando-deste/ acessado em 15/08/2017 as 14:25.

OFICINA DIDÁTICA - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA NA CONCEPÇÃO DE CONHECIMENTO

Douglas Antonio Bassani¹

Resumo: Procuo fazer uma análise considerando alguns pressupostos teóricos da aplicação da oficina didática “Escola sem partido X Escola democrática” para os primeiros anos do ensino médio. Os pressupostos teóricos permitem uma ligação do processo de desenvolvimento da teoria e sua aplicação com o que é exposto por Karl Popper em sua obra “Conhecimento Objetivo”, mais especificamente, no capítulo “A teoria do balde e do holofote”. Do ponto de vista da metodologia de Popper, detectar um problema é o primeiro passo para a construção do conhecimento em qualquer área do saber, ou seja, a tentativa de elaboração de uma solução parte da identificação de um problema por parte do professor que precisa de uma resposta. Segue-se a isso a elaboração de uma “conjectura” que será uma hipótese teórica defendida pelo professor e que precisa de uma aplicação prática, através de procedimentos metodológicos, afim de que o resultado possa ser a corroboração da conjectura ou seu falseamento, dependendo do resultado obtido na aplicação da oficina. Talvez não seja necessária uma rejeição absoluta da conjectura, mas de ajustes necessários para que sua reaplicação seja possível. Isso pode ocorrer mesmo no caso de termos corroborada a conjectura, pois os ajustes se fazem necessários para a adequação da proposta. No caso da oficina “Escola sem partido X Escola democrática” o problema está evidente por si mesmo, um problema que exige um conjunto teórico elaborado para que resultados possam ser obtidos. O que foi elaborado pelos bolsistas ID do PIBID foi uma forma de tratar sobre o problema, através do que Popper chama de elaboração de uma conjectura que procura fazer com que os alunos do ensino médio possam refletir sobre a questão, debater sobre o tema proposto, e os resultados deste debate são importantes para o processo de tomada de decisão sobre os ajustes necessários que precisam ser feitos na própria conjectura, e não no problema inicial de onde partiu a elaboração da conjectura. A solução encontrada pelos bolsistas ID foi utilizar a conjectura teórica do filósofo italiano Antonio Gramsci, mas sabemos que do ponto de vista teórico, poderia ser esta conjectura ou outra similar ou não. E os recursos didáticos empregados na oficina também seguem a linha condutora da conjectura adotada pelos oficineiros. No caso específico, foi utilizado um vídeo como sensibilização, mostrando que as informações disponíveis pela sociedade e mídia influenciam fortemente o processo de decisão e escolha daquilo a ser defendido. Em seguida passou-se a exposição da conjectura, a fim de fazer com que essa conjectura evidenciasse uma possível resposta ao problema inicial para que um debate fosse promovido a respeito de qual das escolas seria a mais adequada. A forma deste debate também foi importante nesta aplicação, pois colocou os alunos do ensino médio na forma de advogados, onde deveriam advogar a respeito de uma das ideias. Os alunos foram divididos em dois grupos e os resultados desse debate foi importante para aquilo que Popper está se referindo como a corroboração ou falseamento da conjectura, ou também, para a necessidades de ajustes nela. Como disse, o resultado desse processo foi feito através de uma oficina didática

162

¹Coordenador de área do PIBID Filosofia – Unioeste, do campus de Toledo. E-mail: douglasbassani@uol.com.br

sobre escola sem partido X escola democrática, aplicada no Colégio Estadual Jardim Porto Alegre em abril de 2017. Antes disso, foi apresentada no PIBID Filosofia, ao grupo de bolsistas ID, professores supervisores e coordenadores de área, para após isso ser aplicado no Colégio. O grupo de bolsistas ID Rafaela Salles, Eduardo Viana, Kamylla Santana, Lucas Salles Acosta, Bruna Luz, supervisionados pelo prof. Dinael Alves Ramos produziram essa oficina, sob minha coordenação.

Palavras-chave: Oficina Didática; Conjecturas; Problemas teóricos; Karl Popper; Antonio Gramsci.

Referências Bibliográficas:

GRAMSCI, A. As ideias de Gramsci. São Paulo, ed. Cutrix, 1979.

POPPER, K. Conhecimento Objetivo. Belo Horizonte, ed. Itatiaia, 1999.

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS DIDÁTICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO¹

Isabela Machke Pereira²
Rafaela Sasha Dias³
Fernanda Mendonça Vaz⁴
Geise Kelly Alves de Morais⁵

Resumo: Sabe-se que o ensino tem grande importância na formação humana, e que não é uma atividade restrita a sala de aula, visto que a singularidade desta ação pode ocorrer dentro de casa, na igreja, no parque, em suma; em diversas esferas sociais. Entretanto, temos em nossa sociedade a formalidade do ensino escolar, que ocorre nas chamadas instituições escolares, e visam além do exercício da cidadania, a alfabetização e o desenvolvimento intelectual dos alunos. Conforme Libâneo (1994), a direção pedagógica do professor consiste em planejar, organizar e controlar as atividades de ensino”; com isso, os professores se dedicam a encontrar, descobrir e produzir métodos e recursos que facilitem e sejam mais atraentes para os alunos aprenderem e assimilarem os conteúdos estipulados. A forma como o docente aborda o conteúdo em sala de aula, propicia ao aluno o entendimento não só do conhecimento científico, mas também da compreensão do mundo ao seu redor, neste sentido; a escolha de um método, fundamenta-se em fomentar meios adequados para concretizar objetivos. Sabendo que a visão do universo da criança, é nutrida pela ludicidade e brincadeiras, é possível fazer uso dessa especificidade, transformando o ato de brincar em uma grande ferramenta aliada à metodologia da didática de ensino. O uso dos jogos, como ferramenta pedagógica, é um exemplo de atividade especial que facilita a assimilação do conhecimento pela criança. É certo que não se deve negar a importância dos meios tradicionais de ensino, haja visto que cada disciplina possui suas especificidades e desse modo necessitam igualmente dos recursos padrões de estudo, como aulas expositivas, o uso do quadro, atividades nos cadernos e livros. Porém, quando o professor passa a fazer uso de novos métodos, como por exemplo os jogos, os quais conduzem as crianças a pensarem e buscarem diferentes soluções de acordo com o conteúdo que está sendo trabalhado, promove-se assim uma maior oportunidade para a incidência de aprendizagem e, por conseguinte, o desenvolvimento do aluno. Como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, presenciamos em nossas observações em sala de aula, a prática e o uso de jogos, como instrumentos no processo de aprendizagem, visando incentivar e enriquecer a descoberta de conceitos por parte do alunado. É possível descrever como relato de experiência, em uma observação cujo a docente abordava o

164

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (doll_isa@hotmail.com)

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (sasha_rafa@hotmail.com)

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (fernandinhah97@hotmail.com)

⁵ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Cascavel. E-mail: (geise.morais@yahoo.com.br)

conteúdo do trânsito, e utilizou um jogo de dominó sobre o mesmo. Esse dominó trabalhava tanto as sílabas, pois cada peça continha uma sílaba separada, como também reforçava o que havia sido ensinado sobre o trânsito: as placas de sinalização, faixas, semáforos. Tal jogo propiciou que os alunos de uma turma de 2º ano tivessem vasta compreensão sobre o conteúdo, inclusive destacando-se no momento de avaliação, onde souberam passar o que haviam aprendido de forma clara, o que gerou contentamento a todos, tanto professores, quanto às próprias crianças que acabam por se orgulhar de si mesmas ao verem o tamanho da capacidade intelectual que possuem, dessa forma; a utilização do jogo didático foi, e é fundamental como um recurso e método para o alcance de todos os objetivos previstos.

Palavras-chave: Ensino; Didática; Jogos; Metodologia de ensino.

Referências Bibliográficas:

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, p. 149-175, 1994.

AS SITUAÇÕES DA AÇÃO DOCENTE NO ENSINO DA MATEMÁTICA:

0,999... É IGUAL A 1?¹

João Alfredo Simon Santos²

Lucas Teixeira Bernardo³

Suenir Barreto dos Anjos⁴

Resumo: Este texto tem por finalidade relatar a experiência vivenciada no Ensino Fundamental da Rede Pública, no Colégio Estadual Pacaembu, no município de Cascavel, Paraná. A atividade aconteceu sob a orientação do professor Josemar Santi, supervisor do subprojeto de Matemática vinculado ao Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid, do Campus de Cascavel da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Os autores deste resumo acompanham o professor supervisor nas turmas de oitavos anos do período vespertino. Durante a abordagem de números racionais, surgiu a questão envolvendo as frações geratrizes das dízimas periódicas. A proposta foi realizada pelo professor regente da turma, Josemar Santi, por meio de experimentações e investigações do conteúdo, salientando a aplicação dos números racionais por meio das frações geratrizes das dízimas periódicas. Sendo assim, compreendemos tal proposta ao relacionarmos com as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008), que consideram Números e Álgebra como conteúdo estruturante. Para o Ensino Fundamental o conteúdo Números e Álgebra se desdobra, entre outros, em conjuntos numéricos e operações. Segundo as Diretrizes “Nesse mesmo nível de Ensino, é necessário ainda que haja articulação entre álgebra e os números” (PARANÁ, 2008, p. 51). Na situação que ora relatamos, essa articulação era proposta. Assim, a busca da fração geratriz por meio de equações é o mais utilizado no Ensino Fundamental, onde se desenvolveu a proposta desse trabalho, sendo as equações a conexão entre números e álgebra. Consiste em denominar a fração geratriz que queremos determinar, montando uma equação do tipo $x = 0,888 \dots$, multiplicando ambos os lados da igualdade por um número conveniente, de modo que se possa subtrair, do novo resultado, o resultado anterior. Ou seja, se multiplicarmos ambos os termos da igualdade por 10, obteremos $10x = 8,888 \dots$. Então, subtraindo da primeira equação a segunda teremos $9x = 8$ e, por fim, $x = \frac{8}{9}$. O professor supervisor que acompanhamos explorou diversas resoluções similares e, intencionalmente, propôs desestabilizar o consenso com a introdução de uma situação peculiar que daria origem a um debate interessante. A atividade consistia em encontrar a fração geratriz da dízima $0,999 \dots$, a qual os estudantes aceitaram e seguiram resolvendo-a. E, para surpresa dos educandos, classificaram como estranho o que ocorreu: ao tomarem a dízima periódica $0,999 \dots$ e resolverem a equação, obtiveram $x = 1$. A partir

166

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Matemática, do campus de Cascavel. E-mail: joaoalfredosimon@hotmail.com.

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto de Matemática, do campus de Cascavel. E-mail: lucastbernardo@gmail.com.

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Matemática, do campus de Cascavel. E-mail: suenir_anjos@hotmail.com.

dessa situação, surgiu o principal questionamento e a intenção deste trabalho: $0,999 \dots$ é igual a 1? Ao perguntarmos sobre a veracidade de tal igualdade as opiniões variavam. Por vezes, x questionamentos surgiam: “Não é igual. Por que quando faço a conta, dá 1?” Assim, foi necessário explicar aos alunos que $0,999 \dots$ é igual a 1, não só porque aplicando as alternativas anteriormente citadas, $0,999 \dots$ resulta em 1, mas por não existir nenhum número real, nem mesmo aproximações ou arredondamentos que somado com $0,999 \dots$ resulte em 1. Essas argumentações convenceram os estudantes, e também aquietaram aqueles que relutavam em aceitar o resultado obtido, incluindo alguns de nós. Os diálogos decorrentes dessa experiência nos fizeram refletir sobre o quanto o professor precisa estar preparado para abordar temas que surgem em aula. Nossas reflexões prosseguiram a respeito de como participar do Pibid oportuniza vivenciar a realidade da escola, relacionando-a com nossas aulas da graduação resultando numa formação docente mais aprofundada. Recebemos sugestões de leitura de orientadores para aprofundamento do tema e seguimos pesquisando a melhor maneira de lidar com a relevância que essa situação pode proporcionar. Ainda, consideramos que outra alternativa para provar esse questionamento seria o método das séries (ou progressões geométricas), no qual se tem um limite cujo resultado também é um. Desse modo, entendemos que a reflexão sobre a ação pedagógica pode promover mudanças e, é isso que buscamos. Salientamos, também, a importância da compreensão dos alunos, a partir do desenvolvimento da abordagem proposta pelo docente sobre os números que surgem por meio das frações geratrizes é primordial para o entendimento dos números racionais.

167

Palavras-chave: Dízimas Periódicas; Conjuntos numéricos; PIBID.

Referências Bibliográficas:

PARANÁ. Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Fundamental da Rede de Educação Básica do Estado do Paraná.** Secretaria de educação: Curitiba, 2008.

INTERAÇÕES DISCURSIVAS NA SALA DE AULA¹

Marcia Borin da Cunha²
Diullye Miola³
Gabriele Leske Engelmann⁴
Juliana Sbardelotto⁵
Kelly Karini Kunzler⁶
Rosana Franzen Leite⁷

Resumo: Em uma atividade pedagógica, consideramos as interações que há entre acadêmicos que são futuros professores de química atuantes no subprojeto PIBID (monitores) e, uma turma de estudantes do Ensino Médio. Para a formação do professor, entendemos que é essencial analisar o posicionamento deste na condução de uma atividade em sala de aula, pois “[...] o ensino de ciências produz um tipo de ‘performance pública’ no plano social da sala de aula” (MORTIMER; SCOTT, 2002, p. 286). Tal performance caracteriza-se pelo papel do professor que planeja seu roteiro e conduz suas atividades. Com isso, analisamos as intenções dos monitores segundo as interações discursivas de Mortimer e Scott (2002), que levam em consideração as interações professor/estudante. Neste trabalho, utilizamos como tema para a atividade o vídeo: Investigação criminal – caso Isabela Nardoni⁸, como recurso didático relacionando a Ciência Forense, no contexto da disciplina de Química, partindo da ideia de que os recursos audiovisuais auxiliam na compreensão dos estudantes, pois ampliam a percepção do conteúdo visto em sala de aula (SILVA; ROSA, 2013). Assim, analisamos na própria prática pedagógica as interações desenvolvidas com os estudantes da 1ª série do Ensino Médio Técnico em Administração do Colégio Estadual Jardim Porto Alegre, com um total de 29 estudantes. As interações aconteceram por meio de discussões entre monitor/estudante, estas foram gravadas e, posteriormente transcritas e analisadas de acordo as metodologias de Mortimer e Scott (2002), em que há o tipo de intervenção I-R-A (Iniciação do professor; Resposta do aluno; Avaliação do professor), na qual há a interação do professor – que levanta questionamento aos estudantes –, e a resposta do aluno. Iniciamos a discussão questionando os estudantes acerca daquilo que perceberam durante a cena que envolvesse ciência. A seguir apresentamos breve análise das interações

168

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltado para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Coordenação à Docência do Subprojeto PIBID/Química, do *campus* de Toledo. E-mail: (MARCIA.BORIN@UOL.COM.BR)

³Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/Química, do *campus* de Toledo. E-mail: (DIULLYEMIOLA@GMAIL.COM)

⁴Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto PIBID/Química, do *campus* de Toledo. E-mail: (GABRIELELESKE93@GMAIL.COM)

⁵Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/Química, do *campus* de Toledo. E-mail: (JUSBARDELOTTO@HOTMAIL.COM)

⁶Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID/Química, do *campus* de Toledo. E-mail: (KELLY.KUNZLER@YAHOO.COM.BR)

⁷Bolsista de Coordenação à Docência do Subprojeto PIBID/Química, do *campus* de Toledo. E-mail: (ROSANEFranzenLeite@GMAIL.COM)

⁸O vídeo foi obtido por *download* de um canal do *youtube*, entretanto o mesmo foi retirado da rede posteriormente.

discursivas entre os monitores e os estudantes (por se tratar de um resumo, não colocamos as transcrições). A intenção dos monitores não foi avaliar se as respostas dos estudantes foram certas ou erradas. Constatamos que na condução da atividade não atendemos aos critérios do I-R-A, pois somente iniciávamos discussões e questionamentos aos estudantes e estes respondiam, mas não realizamos a avaliação dos monitores sobre as respostas dos estudantes. Deste modo, apresentamos uma fragilidade na forma de intervenção da perspectiva do I-R-A, visto que não satisfizemos ou não foram contemplados todos os critérios apresentados. Assim, esse tipo de análise, pode identificar falhas e formas de condução e entendimento de como ocorre a forma de interação de futuros professores de química com estudantes de ensino médio. Por meio da atividade desenvolvida podemos perceber o tipo de interação entre os monitores e os estudantes. Tal atividade auxilia na formação do professor que precisa capturar efetivamente os aspectos chaves do que acontece nas salas de aula no que se refere a sua postura e formas de interação. Esses aspectos precisam ser desenvolvidos em um nível de detalhe apropriado, para analisarmos a própria prática pedagógica e com ela, melhorar as metodologias de trabalho.

Palavras-chave: Investigação criminal; Análise da prática pedagógica; Ciência; PIBID/Química.

Referências Bibliográficas:

MORTIMER, E. F.; SCOTT, P. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. **Revista Investigação no Ensino de Ciências**, v.7, n.3, 2002.

SILVA, P. S.; ROSA, M. F. Utilização da ciência forense do seriado csi no ensino de química. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v.6, n. 3, 2013.

A MEDIAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INTANTIL¹

Leticia Vassoler²
Daiane Caroline Rosa de Souza³
Geovana Cristina da Costa⁴
Franciele Soares dos Santos⁵

Resumo: Este trabalho tem como objetivo abordar a importância da mediação na prática pedagógica com crianças de uma turma de maternal da Educação Infantil. A análise foi realizada a partir teoria histórico cultural. A partir desta compreendemos a criança como sujeito histórico social que por meio das mediações, das interações com o meio e com os outros nas relações e vivências cotidiana brinca, imagina, aprende e se desenvolve. Varotto (2013, p.75) discute a importância da mediação do professor também para as crianças de 0 a 3 anos, as quais estão no momento da atividade objetiva manipulatória. Para a autora “o desenvolvimento das ações da criança com os objetos é resultado de sua aprendizagem sobre a direção imediata dos adultos[....]”. Neste sentido, o professor realiza o papel de mediador entre a criança e mundo, e segundo Vigotsky (1987, apud VAROTTO, 2013, p.78) “quanto mais à criança estiver exposta os conhecimentos historicamente acumulados, maior será seu desenvolvimento e suas possibilidades de relacionamento com o ambiente”. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, Subprojeto Pedagogia/Unioeste, campus de Francisco Beltrão, juntamente com um Centro de Educação Infantil de Francisco Beltrão, desenvolvem ações de observação e de intervenção da prática escolar, que contemplam atividades que estão relacionadas à especificidade da educação infantil, ou seja, ao ato de cuidar e educar, entendidos como duas ações indissociáveis. Nesse trabalho destacaremos a importância da mediação em uma atividade estruturada (ARCE, 2013) articulada à temática “Órgãos do sentido” que foi planejada e desenvolvida em conjunto com as professoras orientadoras. A atividade estruturada tinha como objetivo identificar e diferenciar os cheiros. O assunto por si só já era muito interessante, mas, gostaríamos de instigar ainda mais a curiosidade dos alunos para que eles participassem e aprendessem. Desta forma iniciamos com uma roda de conversa, questionamos para que servem determinados órgãos do sentido, sua função e em que partes do corpo os encontramos. No trabalho com o olfato, as crianças identificaram seu próprio nariz e associaram sua função a percepção dos cheiros ruins e bons. Com as crianças em círculo confeccionamos sachês perfumados com os mais variados cheiros: amaciante, hidratante, perfume e essência de baunilha. Estas escolhiam um cheiro que era concentrado em um pedaço de algodão, e quando revestido de tecido virava um sachê. Cada um deles foi identificado

170

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltado para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: leticia_vassoler18@outlook.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: daiacrsouza@gmail.com

⁴ Professora Orientadora do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: geo1981costa@gmail.com

⁵ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: sfrancielesoares@gmail.com

com o nome da criança e depois foram levados para casa. Foi realizada também outra atividade complementar com as crianças, pedimos que elas, rasgaram pequenos pedaços de papel crepom e colassem no papel krat no qual havia uma flor representada. Depois de pronta, a flor recebeu perfume, e ficou exposta na sala, a mesma exalou o perfume no ambiente por muitos dias, por meio disso as crianças lembravam o conteúdo trabalhado. Nesse contexto, a mediação no processo de ensino e aprendizagem aconteceu pela linguagem e pelos objetos utilizados e confeccionados no final das atividades. O primeiro conceito refere-se ao diálogo constante entre professoras e crianças, no qual estabelecem uma troca de conhecimentos, vivências e ligações afetivas e emocionais. Os objetos permitiram que as crianças identificassem que os cheiros estão presentes em todos os lugares (escola, casa, produtos) e só os identificamos e diferenciamos por meio do nosso sistema olfativo. Conclui-se que a educação infantil se torna espaço para aprendizagem da cultura construída historicamente e socialmente, a linguagem, as regras sociais de convivência. Na educação infantil são transmitidos nas práticas pedagógicas dinâmicas, de brincadeira, músicas, jogos, leituras, passeios e experiências, que vivenciados nesse espaço escolar são aprendidos por meio da mediação de um par mais experiente e pelas relações que a criança estabelece com os objetos e com o meio.

Palavras-chaves: Mediação; Educação Infantil; Prática de ensino.

Referências Bibliográficas:

VAROTTO, Michele. Vamos explorar os objetos! A criança em seu segundo e terceiro ano de vida. In: ARCE, Alessandra. **Interações e Brincadeiras na Educação Infantil**. Ed. Alínea, Campinas, SP, 2013.

ARCE. Alessandra. É Possível Falar Em Pedagogia Histórico Crítica Para Pensarmos A Educação Infantil? Acessado em 17 de Julho de 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9695>>

O MONITORAMENTO DO TEMPO NAS AULAS DE GEOGRAFIA: APRENDENDO CLIMATOLOGIA NA PRÁTICA.¹

Vanderson Rafael Muller Dapper²
Caroline Ester Moellmann³
Luiz Paulo da Silva⁴
Nilsa Josiane Steinheuser⁵
Eliane Liecheski Artigas⁶
Lia Dorotéa Pfluck⁷

Resumo: A Climatologia é ciência que possui como objeto de estudo o clima. Segundo Mendonça e Oliveira (2007, p.5) “[...] ela trata dos padrões de comportamento da atmosfera em suas interações com as atividades humanas e com a superfície do Planeta durante um longo período de tempo”. O clima constituiu um elemento fundamental para as atividades humanas, está presente no cotidiano das sociedades e influencia diretamente suas ações no espaço geográfico. Nas escolas, comumente, os alunos possuem dificuldades para compreender as diferenças entre clima e tempo e como ocorrem os fenômenos atmosféricos vivenciados por eles. Considerando essas dificuldades e curiosidades dos alunos, os bolsistas do subprojeto “O ensino de Geografia: da teoria à prática”, do Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID) desenvolveram a atividade intitulada: “Monitoramento do tempo”. A atividade foi desenvolvida com o 6º ano “C” do Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta – Ensino Fundamental, Médio e Profissional de Marechal Cândido Rondon e aconteceu em três partes: 1) Aula de campo inicial; 2) Monitoramento do tempo; 3) Conclusão da atividade. No dia 30 de março de 2017, realizou-se a aula de campo com o intuito de introduzir a atividade que seria desenvolvida. Nesse momento, no pátio e nos arredores do colégio explanou-se de forma expositiva e dialogada sobre a importância da climatologia, a diferença entre clima e tempo, fatores e elementos climáticos e como eles influenciam as atividades humanas. Acompanhado dos pibidianos, os alunos se deslocaram até o Campus de Marechal Cândido Rondon da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) onde realizaram o monitoramento de tempo analisando

172

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do governo brasileiro, pelo Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), voltado para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (vandersondapper@hotmail.com)

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (carolineester16@outlook.com)

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (lpssilva.lps@gmail.com)

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (nilsajosianes@hotmail.com)

⁶ Professora de Geografia do Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta. Bolsista Supervisora do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (elielie@yahoo.com.br)

⁷ Professora do Curso de Geografia. Bolsista Coordenadora de área do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (liapfluck@yahoo.com.br)

sensação térmica, características das chuvas e do vento, pluviosidade, nebulosidade, temperatura, umidade, pressão atmosférica e tipos de nuvens com base nas explicações realizadas no diálogo anterior. A segunda parte da atividade ocorreu posteriormente, ao longo de 30 dias, os pibidianos acompanhados de um grupo menor de alunos se deslocavam até a UNIOESTE para realizar esse monitoramento com alguns instrumentos de medições e observação visual. Nesse momento realizaram-se também outras explicações para reforçar a aprendizagem. Após esses 30 dias, tabularam-se os dados que foram expostos e discutidos em sala de aula. A atividade teve o objetivo de aprender os principais conceitos da Climatologia através do monitoramento diário do tempo, durante 30 dias, ou seja, unindo teoria e prática. Desse modo, observou-se grande interesse dos alunos, que se viam motivados em coletar os dados, manusear os equipamentos e analisar as condições da atmosfera. Conforme relato da professora supervisora, além do interesse nas atividades práticas, os alunos inclusive tiveram melhor desempenho nas atividades avaliativas. Isso nos permite concluir que as aulas de campo não são simples passeios ou brincadeiras, mas sim momentos de grandes aprendizados. Através da atividade prática de observação e monitoramento, ficou nítido para os alunos as diferenças entre os termos tempo e clima e passaram a compreender e a ler as características das condições atmosféricas.

Palavras-chaves: Climatologia; Clima-tempo; Ensino de Geografia; Aulas práticas; Trabalho de campo.

Referências Bibliográficas:

MENDONÇA, F.; OLIVEIRA, I. M. D.; **Climatologia:** noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

ALIMENTAÇÃO E SAÚDE: PROBLEMATIZANDO HÁBITOS¹

Ana Paula Ferreira²
Elias Manuel Henda³
Felipe Ferraz Fideles⁴
Guilherme Alves da Silva⁵
Shirley Elaine Melo⁶
Wanessa Batista⁷

Resumo: A temática abordada tem sido considerada relevante, pois a alimentação constitui-se em elemento central para a promoção e a proteção da saúde, definindo os padrões de crescimento e desenvolvimento dos indivíduos (BRASIL, 2013). O subprojeto Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) desenvolvido pelo curso de enfermagem no Colégio Estadual São Cristóvão prevê, dentre suas ações, o desenvolvimento de práticas educativas na escola entendendo, que a educação em saúde é inerente ao fazer do enfermeiro e que a escola é ambiente privilegiado para se acessar crianças e adolescentes e desenvolver com eles ações educativas participativas, criativas e que os considerem sujeitos de suas decisões. Nesse sentido, desenvolveu-se projeto de ensino sobre alimentação saudável, aquela pobre em açúcar e gordura e rica em proteína, sais minerais e vitaminas. Buscou-se esclarecer sobre os riscos de uma alimentação baseada centralmente em alimentos industrializados, com destaque aos mais consumidos por crianças e adolescentes, como, refrigerantes, salgadinhos, doces, chocolate, sorvetes, dentre outros. O desenvolvimento do projeto objetivou que os participantes conseguissem assimilar o conceito de alimentação saudável; reconhecer os principais riscos do consumo exagerado de açúcar, sódio e gordura; identificar a quantidade de açúcar, sódio e gordura presentes nos alimentos mais consumidos por crianças e adolescentes e reconhecer os danos causados pela adoção de uma alimentação inadequada. Ao abordar a temática alimentação e nutrição é necessário refletir sobre vários elementos que determinam a possibilidade dos indivíduos realizarem uma alimentação saudável, quais determinantes permitem ou obstaculizam a prática diária de hábitos saudáveis. Além disso, cabe ressaltar que a forma como os indivíduos se alimentam está relacionada não só aos aspectos biológicos, mas a valores culturais, sociais, afetivos e sensoriais. “Na maioria das vezes, comer é um momento de prazer e confraternização com nossos amigos e familiares (ASBRAN, 2015, p. 01). Sabe-se que a alimentação é um fator condicionante

174

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: anapaulascher2@gmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: eliasnangassole2@gmail.com.

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: felipe_fidelis1998@hotmail.com.

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: guilhermealves-silva@hotmail.com.

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: sm48138@gmail.com.

⁷ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: wanne@hotmail.com.

e determinante do processo saúde-doença e que seus níveis de qualidade e quantidade estão associados ao contexto socioeconômico. A Lei 8080 de 1990, que dispôs sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde e a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, indicou que a saúde expressa a forma como a sociedade está organizada econômica e socialmente, além disso, saúde é resultado de determinantes e condicionantes com: “[...] a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais (BRASIL, 1990, p. 1, grifo nosso). A atividade educativa foi realizada com 24 turmas, dos períodos matutinos e vespertino, dos 6^{os} anos do ensino fundamental ao 3^{os} anos do ensino médio. O conteúdo foi abordado por meio de roda de conversa, por meio de diálogo sobre o tema alimentação saudável. No saguão da escola foi montado um varal com painéis com alimentos industrializados mais consumidos pelos escolares apresentando a quantidade de açúcar, gordura e sódio. Além do painel dos alimentos foi distribuído folder com informações acerca da importância da alimentação saudável. A atividade educativa foi um momento rico de reflexão sobre o consumo de alimentos industrializados, principalmente os ricos em açúcar, gordura e sódio, pois despertou o interesse e a curiosidade dos escolares, dos professores e servidores, dos pais, que no momento das atividades estavam na escola. A forma utilizada foi positiva, pois as crianças entenderam a importância do cuidado com a alimentação para a saúde; que é necessário fazer escolhas equilibradas na dieta, sem necessariamente parar de consumir os alimentos que mais gostam.

175

Palavras-chave: Alimentação saudável; Alimentos industrializados; Práticas educativas em saúde.

Referências Bibliográficas:

ASBRAN. Associação Brasileira de Nutrição. **Guia da OMS recomenda redução no açúcar.** São Paulo: 2015. Disponível em: <<http://www.asbran.org.br/noticias.php?dsid=1289>>. Acesso em 23 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar:** como ter uma alimentação saudável. BRASIL. **Lei 8080/1990**, de 19 de setembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm>. Acesso em 20 maio. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PROFESSORES E ALUNOS: UMA RELAÇÃO ALÉM DA DOCÊNCIA¹

Marilei Mabios Dall'Agnol²

Patricia Ribeiro³

Resumo: O texto tem por objetivo descrever a relação entre professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem, pois, na sociedade, faz-se necessário seus ensinamentos para formar alunos reflexivos e críticos, portanto, sua postura e sua prática, devem ser pensadas de forma que atendam os novos métodos e desafios que a escola vem recebendo durante as últimas décadas. Segundo Pimenta (1996, p.75) “A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momento histórico, como resposta à necessidades que estão postas a sociedade.” Sendo assim, o professor constrói seu saberes em um processo contínuo, e em cada geração, pode existir um desafio para entender o sentido na profissão docente. Na relação professor-aluno é importante o saber da experiência, pois, o professor relaciona as suas experiências e constrói o conhecimento com os alunos no seu cotidiano. O professor necessita dos conhecimentos socialmente e historicamente acumulados na sociedade, para que possa propiciar uma boa aula. E nos saberes pedagógicos, o educador precisa articular sua experiência e seu conhecimento para engajar a discussão de suas práticas, e por meio desse exercício irá adquirir uma autonomia, refletindo suas práticas. Durante as atividades realizadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, constatamos que, para ser possível alcançar rendimento maior nas aulas, um fator importante à ser destacado, é a relação entre educando e professor, e para obter um bom resultado no decorrer das aulas, há necessidade de interação e compreensão de ambas as partes. No processo de ensino-aprendizagem, a relação entre professor e aluno por vezes, tende a ser conflituosa, pois, na sala de aula existem crianças advindas de classes sociais diferentes, também suas culturas, valores podem divergir. O professor por sua vez, ao constatar essas diferenças, deve manter uma relação empática com seus educandos, ouvindo, refletindo e respeitando as individualidades de cada um. Como aponta Libâneo (1994, p.250), "O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos". Deste modo, faz com que o aluno procure novas maneiras para refletir por meio das indagações realizadas, alcançando assim seu objetivo: a aprendizagem. De tal modo, segundo MÜLLER (2002, p.278) “O professor não pode ser autoritário a ponto de achar que sua palavra é lei [...] poderá ocorrer um distanciamento das duas partes (...). Desta forma, o professor não deve ser autoritário, pois pode passar a ideia de que apenas ele possui conhecimento, gerando a falta de diálogo entre as partes. Müller (2002) destaca a contribuição dos estudos de Paulo Freire referente a importância do diálogo entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem, pois, contribuirá por intermédio das problematizações, a construção de novos conhecimentos, por meio das trocas de experiências. “(...) O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a

176

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Francisco Beltrão, acadêmica do 2º ano do Curso de Pedagogia matutino. maridallagnol.md@gmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Francisco Beltrão, acadêmica do 3º ano matutino do Curso de Pedagogia. patriciaribeiro03@hotmail.com

intimidade do movimento do seu pensamento” (FREIRE apud MÜLLER, 2002). E esse conhecimento é construído nessa relação interpessoal, não somente vindo de uma parte, ou seja, o professor também aprende enquanto ensina seus alunos. Na conjuntura atual, a ação docente está exigindo flexibilidade e adaptação no meio onde irão trabalhar, portanto, o professor deve inculcar sua prática baseada na realidade dos alunos, mas sua ação deve estar direcionada a todos. Sabendo da relevância que existe em cima da figura do professor, como o responsável por provocar o interesse no educando, tendemos a observar que dentro da sala de aula se constroem além de conhecimentos cognitivos, envolvendo também, as relações afetivas e motivacionais. O aspecto afetivo contribui para que o educando interaja com o professor, deste modo, facilitando a assimilação dos conhecimentos. Vale lembrar que, é possível o professor encontrar dificuldades nessa relação, pois o aluno também pode ter conflitos pessoais, necessitando então, encontrar novas formas de deixar mais interessante a aula e fazendo com que a criança observe que essas adaptações irão ter uma relevância em sua vida. Portanto, a relação entre professores e alunos precisa ter esse movimento ativo, o professor estar atento às situações dentro da sala, não apenas pensar que o ensinar é apenas a transmissão do conhecimento, mas ensinar aos alunos a serem reflexivos e influentes, e por meio disso, construir seus próprios conhecimentos.

Palavra-chave: Relação; Professor-Aluno; Conhecimento.

Referências Bibliográficas:

MÜLLER, Luiza de Souza. **A Interação Professor-Aluno No Processo Educativo.** São Paulo, p. 276- 280, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** saberes da docência e identidade do professor. R. Fac. Educ. volume 22, p. 72-89. São Paulo. 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez Editora, 1994.

OS RISCOS DO CONSUMO DE ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS:

REFLEXÃO PRELIMINARES¹

Elias Manuel Henda²

Felipe Ferraz Fideles³

Guilherme Alves da Silva⁴

Shirley Elaine Melo⁵

Solange de Fátima Reis Conterno⁶

Wanessa Batista⁷

Resumo: A enfermagem desenvolve ações vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e além de intervenções pedagógicas nas escolas realiza reflexões teóricas acerca de questões de saúde presentes no cotidiano escolar. O trabalho apresentará resultados do estudo acerca da alimentação e nutrição consideradas saudáveis. Levantou-se produções da área da saúde que se dedicam a problematizar o processo de alimentação da população brasileira e alimentação saudável. Identificou-se que alimentação saudável seria aquela que apresenta menos açúcar e gordura e mais proteína e sais minerais. Os padrões de consumo alimentar são condicionados pelo nível de renda das pessoas. Segundo o Ministério da Saúde, no documento que divulga a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) não há uma ligação imediata entre renda elevada e nutrição adequada, ao contrário, a dieta dos brasileiros de mais baixa renda apresenta melhor qualidade, pois há a predominância do arroz, feijão e outros alimentos mais básicos como, peixes e milho. Por outro lado, com o aumento da renda familiar há também um aumento da frequência de alimentos de baixa qualidade nutricional como, doces, refrigerantes, pizzas e salgados fritos (BRASIL, 2013). Os alimentos são compostos por nutrientes que possuem um papel importante no organismo, como produção de energia, por meio dos glicídios, lipídeos e proteínas; construção de tecidos pelas proteínas, minerais e a água, associados às vitaminas que regulam as funções orgânicas (SONATI; VILARTA; AFFONSO, 2007). A energia e o calor são produzidos pelos glicídios ou carboidratos, nutrientes considerados combustíveis para o corpo humano. Tais nutrientes são encontrados no açúcar; farinhas presentes nos pães, macarrão; batata, cereais; leguminosas; vegetais; frutas e arroz (SONATI; VILARTA; AFFONSO, 2007). Apesar de saudável o carboidrato é o nutriente que tem maior efeito sobre a glicemia, pois 100% do que é ingerido acaba se transformando em glicose

178

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: eliasnangassole@gmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: felipe_fidelis1998@hotmail.com.

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: guilhermealves-silva@hotmail.com.

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: sm48138@gmail.com.

⁶ Coordenação de área (voluntária) do Subprojeto Enfermagem, do campus de Enfermagem. E-mail: solangeconterno@gmail.com.

⁷ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: wanne.b@hotmail.com.

(BRUNO, 2016). A Organização Mundial da Saúde em 2015 recomendou o consumo diário de açúcar de até 25 gramas em uma dieta de 2 mil calorias, quantidade que equivale a 6 colheres de café e o consumo de gordura diário de 25% a 35% das calorias consumidas durante um dia, ou seja, numa dieta de 2000 calorias o consumo total de gordura será de 55 gramas (25%) ou 77 gramas (35%). Recomendou também a redução do uso de sódio para menos de 2g/dia (OMS, 2015). Os pibidianos identificaram alimentos mais consumidos pelos adolescentes e calcularam a quantidade de açúcar, gordura e sódio presentes neles. Destaca-se alguns alimentos quanto a quantidade de açúcar: Refrigerante (Coca-cola) em 200 ml (1 copo) contém 21 gramas; Achocolatado (400 ml) 360 gramas; Sorvete (2 litros) 333 gramas (33,3% em 1 kg). Alimentos ricos em gordura: Sorvete (2 litros) 100 gramas; Biscoito (Tortinha 160 gramas) 35,5 gramas de gordura; Macarrão instantâneo (85 gramas) 16 gramas. Quanto ao sódio o caso mais gritante é o do macarrão instantâneo, com 1,26 gramas de sódio, considerando que o consumo recomendado é 2 g/dia. Todas as informações destacadas reforça a necessidade de realizar atividades educativas que abordem a temática. Sabe-se que os hábitos alimentares são construídos ao longo da vida e de forma social, portanto, realizar o debate com os escolares sobre o que seja alimentação saudável e os riscos de uma alimentação rica em gordura, açúcares e sódio é fundamental.

Palavras-chave: Alimentação saudável; Alimentos industrializados; Práticas educativas em saúde.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRUNO, L. (Org) **Manual de contagem de carboidratos para pessoas com diabetes**. Departamento de Nutrição da Sociedade Brasileira de Diabetes, 2016.

SONATI, J. G., VILARTA, R., AFFONSO, C. V. Noções básicas de alimentação e nutrição. In: VILARTA, R. (org). **Alimentação saudável e atividade física para a qualidade de vida**. Campinas: IPES Editorial, 2007.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Departamento de Nutrição para a Saúde e o Desenvolvimento. **Diretriz Ingestão de açúcares por adultos e crianças**. Genebra: 2015. Disponível em: <http://www.paho.org/bra/images/stories/GCC/ingestao%20de%20acucares%20por%20adultos%20e%20criancas_portugues.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.

INTRODUÇÃO À ESTÉTICA - RELATO DE INTERVENÇÃO¹

Arielle Kant Lavarda²

Resumo: As intervenções realizadas pelos alunos do PIBID, nas aulas dos professores de seu respectivo grupo-escola, são um meio de experiência direta do acadêmico para seu futuro como docente. Esses momentos possibilitam experiências que contribuem para o domínio da sala de aula e dos alunos, bem como domínio de tempo disponível e compreensão de modelos de didática que sejam apropriados. Assim, o programa do PIBID possibilitará que sejamos professores novos, porém, com experiência de sala de aula, garantindo um trabalho de qualidade desde o primeiro momento. Que essas experiências são importantes no âmbito profissional, visando o futuro, todos já sabemos; mas o que é pouco falado e, talvez, o que mais conta, é como essas intervenções e experiências, agregam no âmbito pessoal do graduando. Quando se tem uma intervenção de sucesso, seja uma introdução, uma curta explicação, ou algo que ocupe todas as aulas do conteúdo específico do dia, isso gera um retorno gratificante ao graduando e suas expectativas quanto à docência se ampliam. A intervenção em questão aconteceu no dia 28/07/2017, numa turma do 3º ano do ensino médio, do Colégio Estadual Luiz Augusto Morais Rego, no período matutino. Apresentou-se uma introdução para o conteúdo de Estética, que será trabalhado pelo resto do semestre pela professora. O objetivo principal era trazer aos alunos a noção do termo “estética”, os conceitos de belo e Feio no âmbito filosófico. Assim, pensou-se uma intervenção de introdução que trouxesse uma noção de estética mais geral e ampla. Como movimento de sensibilização foram apresentadas, em primeiro momento, algumas imagens aos alunos, mostrando coisas variadas, como pessoas famosas, pinturas renascentistas, estátuas de mármore, grafites modernos, arquiteturas históricas, entre a exposição de uma e outra imagem foi sendo realizada a intervenção através de questionamentos sobre os sentimentos gerados nos estudantes a partir das percepções das imagens. Em seguida foram apontadas algumas noções históricas sobre o termo Estética e sua origem, seguidas da leitura de definições do filósofo Platão sobre o “Belo”. Para esta investigação, foi produzido um material didático que foi entregue aos alunos. Após a investigação realizada em torno destes conceitos os alunos produziram material referente ao conteúdo estudado e aos debates realizados durante a intervenção, gerando assim, a conceituação da aula. Como o objetivo principal da intervenção era desmistificar as noção comumente aceita do termo “estética” e das concepções de Beleza tradicionais e refletir filosoficamente sobre estes conceitos, podemos afirmar que o objetivo foi alcançado uma vez que os debates e relatos dos alunos sobre a aula nos demonstram isso claramente.

180

Palavras-chave: Introdução à estética; Intervenção; Relato de experiência; Filosofia.

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto UNIOESTE-Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: ariellekant.blue@gmail.com

ENSINO DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS COM BINGO: REVISÃO PARA A PROVA¹

Caroline Ester Moellmann²
Dhyonne Fernandes Pessoa³
Marco Antônio Sauer Schmidt⁴
Vanessa Vieira de Oliveira⁵
Eliane Liecheski Artigas⁶
Lia Dorotéa Pfluck⁷

Resumo: O subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), intitulado como: “O ensino de Geografia: da teoria à prática”, realiza diversas atividades que visam estimular os alunos a compreenderem a Geografia do mundo em que vivemos. Uma delas intitulada “Bingo, coordenadas geográficas em Cartografia”, realizada com o 6º ano C, do Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta – Ensino Fundamental, Médio e Profissional de Marechal Cândido Rondon, no dia 11 de julho de 2017. A atividade do “Bingo” foi realizada depois da atividade de “Caça ao tesouro” usando coordenadas geográficas. Com essas atividades lúdicas se quer trazer experiências diferenciadas aos alunos, uma vez que se constata que os adolescentes têm grandes dificuldades com a leitura. “Os alunos não querem saber dos textos literários trabalhados nos livros didáticos”. E, ainda, “Ler é uma atividade que exige basicamente as habilidades de fazer perguntas a um texto, de buscar respostas e saber onde encontrá-las. Assim, ler é dialogar com o texto” (MARCONDES; MENEZES; TOSHIMITSU, 2008, p. 9-10). Mas, se o aluno não está disposto a ler, como irá dialogar com o texto, como irá aprender e compreender Cartografia, por exemplo? Neste contexto, juntamente com a Supervisora os pibidianos organizaram esta proposta do “Bingo”. Após os alunos terem trabalhado o conteúdo de Cartografia, tiveram que pôr em prática seus conhecimentos adquiridos. Após a primeira atividade, foi entregue a cada participante da turma uma cartela, e nela continham palavras chaves sobre Cartografia como latitude, longitude, planta, mapas,

181

¹Trabalho realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do governo brasileiro, pelo Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), voltado para a formação de recursos humanos.

² Acadêmica do 2º ano do curso de Geografia, Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: carolineester16@outlook.com.

³ Acadêmico do 1º ano do curso de Geografia, Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: dhyonne.99@gmail.com.

⁴ Acadêmico do 1º ano do curso de Geografia, Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: marco.schimdt@hotmail.com.

⁵ Acadêmica do 2º ano do curso de Geografia, Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: vanessa.oliveira-@outlook.com.

⁶ Bolsista Supervisora à Docência do Subprojeto Geografia Professora de Geografia do Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta. Bolsista Supervisora do Subprojeto Geografia, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: elianelie@yahoo.com.br.

⁷ Bolsista Coordenadora de área do Subprojeto Geografia, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: liafluck@yahoo.com.br.

Cartografia, escala, Coordenadas Geográficas, satélites, entre outros. Cada pibidiano pegava um papel, em forma de sorteio aleatório e lia o significado dessa palavra chave em forma de pergunta sobre o conteúdo de Cartografia para os alunos participantes da atividade, e estes falavam em voz alta a resposta da respectiva pergunta e riscavam a palavra se tivesse em sua cartela. Os pibidianos foram fazendo o mesmo processo até todos os papéis fossem contemplados os alunos bingarem, ou seja, concluírem a atividade. O Bingo é um jogo, uma atividade lúdica, conhecida na sociedade, por isso transformá-la em atividade de Geografia passa a ser um “brincar aprendendo”. Com os alunos já havia sido trabalhado a base teórica sobre o conteúdo Cartografia, haviam desenvolvido a atividade de se localizar usando as coordenadas geográficas na prática, e o Bingo para o ensino e compreensão das coordenadas geográficas foi a última atividade com o objetivo principal de revisar o conteúdo de Cartografia para avaliação em forma de prova escrita. Desta forma, as atividades lúdicas da “Caça ao Tesouro” e o “Bingo” com coordenadas geográficas serviram para fazer compreender o conteúdo que apenas lido não levaria aos mesmos resultados. Segundo a professora supervisora, foi possível notar um aumento considerável nas notas dos alunos, indicando que é de fundamental importância intercalar teoria e prática na sala de aula e fora dela. A atividade lúdica faz com que os alunos queiram e gostem mais de aprender. O resultado positivo, como no caso a melhora das notas, é importante também para nós pibidianos, pois aos acompanharmos o dia-a-dia escolar da professora, no caso, aprendemos a detectar as necessidades teórico-metodológicas do processo ensino-aprendizagem e, assim, discutir e elaborar dinâmicas para a complementação das aulas, como se prevê nos objetivos do Subprojeto do PIBID.

182

Palavras-chave: Cartografia; Coordenadas Geográficas; Bingo.

Referências Bibliográficas:

MARCONDES, B.; MENEZES, G.; TOSHIMITSU, T. **Como usar outras linguagens na sala de aula.** 6. ed, São Paulo: Contexto, 2008.

O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO ACERCA DO TEMA RACISMO DENTRO DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA¹

Milena Brepohl Hepp²
Ana Maria Kaust³

Resumo: A proposta de trabalho aqui encetada objetiva discutir a importância do ensino da língua estrangeira de maneira crítica e significativa, concebendo o ensino de língua inglesa, como resistência às diferentes opressões/preconceitos sociais. Este trabalho justifica-se pela importância do desenvolvimento do pensamento crítico acerca do racismo dentro das aulas de língua inglesa. Considerando o multiculturalismo presente na Tríplice Fronteira, entende-se como essencial a consciência do ambiente escolar onde o professor e os discentes estão inseridos. Paulo Freire (2006), corrobora com essa ideia ao expressar: “o(a) professor(a) deve considerar seus(suas) alunos(as) como seres que se movem no e com o mundo, participando diretamente das relações de poder que o sustentam.” Através dessa perspectiva, entende-se a imprescindibilidade da elaboração de aulas que incitem o aluno a pensar e repensar os valores sociais e educativos que as pessoas possuem. Tal ideia dialoga com o seguinte parecer: “A sala de aula é um espaço multicultural (...) e por isso devemos educar além do permitido para compreender melhor a dinâmica dessa diversidade cultural: devemos instigar o questionamento e por meio dele reconhecer as diversas formas de preconceito e discriminação” (URZÊDA- FREITAS, 2012, p. 81). Como citado no excerto acima, existe a necessidade de trazer para dentro das salas de aula a diversidade cultural, utilizando o tema racismo para dar início a tais considerações. Constata-se através do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de 2009 a definição de raça como sendo: “Divisão tradicional e arbitrária dos grupos humanos, determinada pelo conjunto de caracteres físicos hereditários”. É a partir dessa noção que o estudo foi desenvolvido, apontando a importância da troca de experiências com os alunos, entendendo as concepções que eles trazem sobre o tema e explorando o assunto através de atividades contextualizadas em inglês que permitam o desenvolvimento de um pensamento crítico acerca do tema abordado. As propostas de atividades realizadas nas aulas de língua inglesa, no Colégio Estadual Professor Mariano Camilo Paganoto nos 8º anos, começaram através da iniciativa de conseguir combater o racismo presente dentro da escola e também propor maneiras de intervir e dar aporte a alunos que sofrem esses preconceitos. Parecer que auxilia a entender o porquê de refletir sobre o racismo dentro da matéria de língua inglesa, expressa: “Atravessando as fronteiras de um território proibido, mas também buscando novas formas de pensar (...) o próprio ensino de Língua Estrangeira/inglês, que muitas vezes se resume no exercício de atividades lúdicas e na transmissão de mensagens/informações triviais” (PENNYCOOK, 1998). O posicionamento acima postula a relevância da construção de alunos conscientes do mundo e das ideologias que são submetidos, entre essas, a discriminação com pessoas de

183

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: milenahepp@hotmail.com.

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: akaust2009@hotmail.com.

raças diversas ao grupo dominante em determinado contexto. Com base nisso, apresentou-se aos alunos, personalidades famosas historicamente pela luta contra o racismo: Nelson Mandela, Rosa Parks e Martin Luther King. Trabalhou-se ainda com o gênero filme, mostrando cenas impactantes de obras cinematográficas como: *Escritores da Liberdade* e *Mandela- O caminho para a liberdade*. Selecionando frases, ditas nos filmes, e transcrevendo-as para o quadro verde, trabalhando em cima da tradução e do significado das sentenças. Finalizou-se a proposta, utilizando-se do gênero música, com a tradução da canção *Glory* de John Legend, trilha sonora do filme que conta a história de Martin Luther King. Ao término dessas atividades, aplicou-se um questionário sobre a relevância acerca do ensino da língua inglesa e a contextualização do tema com a sociedade.

Palavras-chave: Conscientização; Preconceito; Língua Estrangeira Moderna; Ensino.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 45a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PENNYCOOK, A. **A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 23-49.

URZÊDA-FREITAS, M. T. **Educando para transgredir: reflexões sobre o ensino crítico de línguas estrangeiras/inglês**. Goiás: Centro de Línguas/UFG, 2012.

APLICAÇÃO DE UMA ATIVIDADE PRÁTICA ENVOLVENDO O CONCEITO DE FUNÇÃO DO PRIMEIRO GRAU¹

André Guilherme Unfried²
Guilherme Gasparini Lovatto³
Leonardo Salvador⁴
Marcos Rogerio Miranda⁵

Resumo: Os autores deste resumo fazem parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID de Matemática, *campus* Cascavel, sendo que os três primeiros são acadêmicos do curso e o outro é professor supervisor junto ao colégio onde as atividades foram aplicadas, o Colégio Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, na cidade de Cascavel, Paraná. Tendo em vista que o conteúdo trabalhado em sala pelo professor supervisor era função do primeiro grau e como apresentado nos PCN (BRASIL, 2002, p. 165) o estudo das funções permite ao aluno adquirir a linguagem algébrica como a linguagem das ciências, necessárias para expressar a relação entre grandezas e modelar situações-problema. Tendo em vista a importância desse conteúdo, segundo os PCN (BRASIL, 2002), surgiu a ideia de ministrar uma atividade que fosse diferenciada, diversificando os materiais utilizados, propôs-se o ensino de função por meio de materiais manipuláveis, em acordo com Lorenzato (2006, p. 18), que define materiais manipuláveis como “[...] qualquer instrumento útil ao processo de ensino e aprendizagem”, sendo que mais importante do que dispor de um bom material é saber utilizá-lo corretamente para a garantia de uma aprendizagem significativa. De acordo com Rodrigues e Gazire (2012, p.188), estes objetos constituem uma ferramenta capaz de tornar as aulas de matemática mais dinâmicas e compreensíveis, pois permitem a visualização de uma relação entre a teoria matemática e a aplicabilidade. Segundo Matos e Serrazina (1996) o aprendizado não surge apenas manipulando os objetos, a atividade deve ser orientada pelo professor e rodeada de reflexões sobre a ação que se está realizando. A atividade elaborada para a aplicação do experimento foi baseada na metodologia de modelagem matemática, a qual Burak (1992) entende que é um conjunto de procedimentos com o objetivo de tentar explicar os fenômenos presentes no cotidiano de forma matemática. Assim, essa aula foi elaborada de acordo com o caso um de modelagem matemática definido por BARBOSA (2003, p. 10), no qual “[...] o professor apresenta um problema, devidamente relatado, com dados qualitativos e quantitativos, cabendo aos alunos a investigação”. Na atividade em questão, os alunos deveriam efetuar o experimento para encontrar os dados. O conhecimento abordou o conteúdo de funções do primeiro grau e para a realização da atividade foram utilizadas provetas, bolinhas de

185

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: andre_unfrich@hotmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: guigasparinilovatto@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: leonardosalvador1903@gmail.com

⁵ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: markosmira@gmail.com

gude, água e uma tabela para anotar os dados obtidos a partir do experimento. Inicialmente, a sala foi dividida em grupos de até três pessoas e cada grupo recebeu uma proveta, 8 bolinhas de gude e 50 ml de água, que devia ser inserida na proveta. Na tabela os alunos deveriam marcar o volume inicial de água, em seguida colocar uma bolinha dentro da proveta e anotar qual o novo volume obtido, eles deveriam proceder da mesma maneira com as oito bolinhas. Com isso seria possível encontrar alguns dados e, a partir da tabela, analisá-los. O intuito era que os alunos percebessem que existe uma relação entre os dados obtidos e modelassem a função que os representasse, mas notou-se que eles tiveram dificuldades em encontrá-la, então, para que eles conseguissem chegar a algum resultado, o encaminhamento da atividade se deu através de perguntas para que se pudesse construir o conhecimento. Portanto, esta ideia fundamentada no segundo caso de modelagem, de acordo com Barbosa (2003), trouxe aos alunos uma visão ampliada do conteúdo de funções e suas aplicações e verificou-se o envolvimento e engajamento deles com a atividade, devido principalmente ao material manipulativo, pois eles demonstraram que gostaram de construir a matemática usando objetos palpáveis.

Palavras-chave: Funções; Modelagem Matemática; Materiais Manipuláveis.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Jonei Cerqueira. Modelagem Matemática na sala de aula. *Perspectiva*, Erechim (RS), v. 27, n. 98, p. 65-74, junho/2003.

LORENZATO, Sérgio Aparecido. **Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis**. In: LORENZATO, Sérgio (org.). *O Laboratório de ensino de matemática na formação de professores*. Campinas: Autores Associados, 2006.

A TEOGONIA COMO INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO – RELATO DE INTERVENÇÃO¹

Caio Fernando Vellozo²

Resumo: A impressão que corriqueiramente se tem sobre a Teogonia no ensino médio é de que os gregos eram extremamente fantasiosos, a ponto de não haver nenhum raciocínio profundo a respeito do universo. Isso ocorre por que geralmente são trabalhados ou apresentados ao Ensino Médio apenas os deuses da terceira geração, aqueles que surgem a partir de Zeus. Esta má impressão é nociva aos alunos, pois eles deduzem que os fundadores do pensamento ocidental estavam influenciados por contos que não ultrapassam a pura fantasia, acentuando a indiferença para com os pensamentos que foram suscitados permeados pela Teogonia de Hesíodo. Para instigar os estudantes de Ensino Médio a refletirem a importância da obra citada é que foi proposta esta intervenção. Foram trabalhados os cantos hesíodicos, assim como alguns aspectos da época arcaica (fase ou as fases anteriores ao período de estabilidade ou de maturidade de uma cultura, organização social, estilo artístico, língua etc.) que devemos dar ênfase se o assunto é o pensamento ocidental. Escrita em aproximadamente 800 a.C. A cosmogonia (corpo de doutrinas, princípios religiosos, míticos ou científicos que se ocupa em explicar a origem, o princípio do universo) dessa Teogonia, mostra a preocupação do homem em identificar a criação e harmonia de tudo, além de identificar a presença dos deuses no cotidiano humano. Esses aspectos foram fundamentais para o surgimento da filosofia, pois influenciaram pensadores antigos, modernos e contemporâneos. A proposta da Intervenção foi a de abordar, com o auxílio de slides, alguns cantos da obra de Hesíodo, fazendo juntamente com os alunos a interpretação e compreensão de que o Khaos, permite que tudo dele surja pela própria abertura, sem relação com outro. Foi ressaltado também que este questionamento sobre a abertura do universo continua um mistério, com apenas suposições baseadas em teorias científicas, mostrou-se também a semelhança que há entre o khaos em Hesíodo e a teoria do BIG BANG. O conteúdo da Teogonia foi apresentado aos estudantes de Ensino Médio através de uma aula em formato de uma Micro Oficina seguindo o modelo que prevê a Sensibilização para o conteúdo como passo primordial de uma boa aula. Para tanto foram utilizadas imagens e questionamentos que pudessem suscitar nos alunos a curiosidade e a reflexão sobre o tema. Em seguida foram lidos e debatidos alguns cantos da Teogonia de Hesíodo. Por fim, os Estudantes apresentaram suas reflexões sobre o tema de modo a concretizar a conceituação em torno do assunto abordado e gerar a produção de material didático a partir da aula. Avaliamos que os objetivos da proposta inicial da aula foram alcançados uma vez que os estudantes demonstraram ter ampliado a compreensão em torno do assunto demonstrando-o através das percepções compartilhadas através do debate e interpretação de um trecho do canto de Hesíodo que foi distribuído para a turma.

187

Palavras chave: Teogonia; Cosmogonia; Pensamento Ocidental.

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: nietzschecazu@gmail.com.

DESMITIFICANDO A INVERSÃO DE VALORES NO SÉCULO XIX¹

Henrique Pacheco Précoma
Pâmela Antkiewicz da Rosa Corrêa Elger
Renildo Amaral

Resumo: O presente trabalho visa abordar o tema transversal gênero, previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como uma das temáticas sociais urgentes que devem compor o currículo formal da educação básica. Como destaca os PCNs, a relação de identidade de gênero ultrapassa a dimensão biológica, sendo uma construção que a sociedade impõe ao indivíduo forçando-o a assumir determinadas características e comportamentos a fim de se encaixar dentro de seu contexto social. Essa construção ao longo da história privilegiou o gênero masculino e atualmente este *privilégio* ainda acontece. Não é preciso muito esforço para identificar na mídia, no mercado de trabalho, no meio esportivo e em outras instâncias, a nítida diferença de tratamento entre homens e mulheres. John Stuart Mill, em sua obra *A sujeição das mulheres* (1869), destaca alguns dos aspectos e problemas levantados pelo PCNs. Em seu texto, escrito no final do século XIX, já apresentava uma interessante análise crítica do contexto social feminino. Para Mill, as discrepâncias encontradas no tratamento entre os sexos não tinham nenhuma explicação lógica a não ser a pura e simples dominação do mais forte sobre o mais fraco, na qual, irremediavelmente, prevaleceu a questão da força física. De acordo com o pensador, os homens sujeitavam as mulheres a um regime similar a escravidão, impossibilitando qualquer desenvolvimento destas fora das regras estabelecidas por eles socialmente. Ao impedirem que as mulheres desenvolvessem plenamente as suas capacidades, alegando que eram inferiores aos homens, criava-se um círculo vicioso, visto que não havia maneiras de elas se provarem capazes, já que não tinham as mesmas possibilidades, assim elas se mantinham na subserviência. Para este trabalho utilizamos o filme *Carol*, que retrata a relação de duas mulheres oprimidas socialmente na década de 50, relacionando-o ao livro de Stuart Mill. Considera-se este filme um excelente agente problematizador para a discussão das relações de gênero e o papel social da mulher perante a sociedade, pois ainda hoje este tema se faz presente e muitas vezes sendo minimizado. A obra possibilita uma análise sobre diversas perspectivas que facilmente podem ser problematizadas e enquadradas para ilustrar o pensamento de Mill e as situações levantadas nos PCNs. A relação entre o cinema e a filosofia possibilita a construção de um ambiente familiar o suficiente para trazer conforto ao aluno na sua experimentação de múltiplas realidades trabalhadas no universo filosófico. Ao criar este mundo possível de ser experimentado e vivenciado, propicia o levantamento de questões que podem tirar o pensar deste aluno do seu comodismo, abrindo possibilidades para que ele compreenda a realidade de formas diversas. A abordagem filosófica do cinema, quando bem desenvolvida, pode tornar possível que o estudante passe a questionar a sua própria experiência cotidiana por perspectivas filosóficas. Mas para que o ato de filosofar realmente aconteça em sua totalidade, é preciso que o aluno seja tocado de alguma forma, pois somente assim ele se torna um sujeito ativo na construção do seu conhecimento. É exatamente neste ponto que o cinema tem muito a contribuir, pois ele

188

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

pode ser o gatilho, a fagulha que incendeia o interior do sujeito até não mais lhe restar alternativa, a não ser se render ao ato de filosofar. O cinema propicia a experimentação do inimaginável, jogando o espectador em uma realidade inusitada, forçando-o a se fazer presente, a tomar para si um ponto de vista e a vivenciar as consequências possíveis de sua escolha, mesmo que em uma pequena parcela. Essa experimentação também pode iluminar os aspectos mais cotidianos da realidade do aluno que são marginalizados, ao problematizar vivências comuns, das quais, muitas vezes, ele não se dá conta, induzindo-o a repensar e problematizar a sua própria realidade. Entende-se que o cinema pode sim fazer parte da realidade escolar como recurso didático do professor, pois ele apresenta um potencial incrível de atingir o aluno dentro de seu horizonte. Dado que a Filosofia trabalha com conceitos fundamentais da existência humana, que nem sempre são facilmente exemplificáveis, encontra-se nas obras cinematográficas desta forma um modo possível e altamente eficaz de transpor estas dificuldades.

Palavras-chave: Gênero; Stuart Mill; Mulheres; Subjugação feminina.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2006 v.1; il.

Haynes. Todd. *Carol*, Uma história de amor por Francisco Russo. Produção de Elizabeth Karlsen, Stephen Wooley, Christine Vachon, direção de Todd Haynes. Reino Unido, EUA, França, Number 9 Films, Film4 Productions e Killer Films. 118 min. Cor. Son.

MILL, John Stuart. A sujeição das mulheres. Tradução de Leila de Souza Mendes Pereira. *Gênero*, Niterói, v. 6, n. 2 – v. 7, n. 1, p. 181-202, 1. – 2. Sem. 2006. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/351>>. Acesso em: 03 de julho de 2017.

DINÂMICA DE AULA¹

Thaynan Chrystian Edwards Fortes De Albuquerque²
Matheus Henrique Diefenthaler³

Resumo: Em 2016, com as ocupações aos estabelecimentos de ensino devido as greves, todo o calendário das escolas estaduais precisou ser refeito e diversas alterações e situações atípicas ocorreram. Na escola parceira do subprojeto de Matemática, o Colégio Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, Cascavel –PR, onde atuamos como bolsistas, em decorrência desses fatores relatamos o dia em que a turma do sexto ano teve quatro aulas seguidas de matemática. O objetivo desse relato é destacar a importância do planejamento para o dinamismo das aulas. Nessas aulas foi planejado manuseio de material manipulativo, que possibilitou descobertas e percepções que foram fundamentais para a aprendizagem. A professora supervisora do Pibid Subprojeto de Matemática, Cátia Cecilia Simon Santos, nos instigou a elaborarmos juntos um plano de aula diferenciado visando ser o mais produtivo, com atividades que alternassem momentos lúdicos com investigação de propriedades e conceitos relacionados a geometria além de permitirem aos alunos o manuseio de materiais. Como sustenta Scheffer (2006, p.96) “a geometria [...] é um campo fértil para o ensino baseado na exploração e investigação, contribuindo, assim, para uma compreensão de fatos e relações que vai muito além da simples memorização de fórmulas e técnicas [...]” Para alcançar os objetivos da aula que eram identificar, calcular e diferenciar área e perímetros de polígonos e utilizar as unidades corretas de medidas, exploramos diversas abordagens. Iniciamos a aula com a uma atividade que visava despertar da curiosidade dos alunos, a construção de uma régua métrica de papel dividida em quadrados de 1 cm² cada. Após o intervalo, com a iniciativa da professora, desenvolvemos atividades usando Tangrams feitos de madeira. Havia em torno de 10 jogos disponibilizados pela escola, os alunos foram agrupados em duplas e solicitados a formar um quadrado usando todas as peças. Conforme alguns conseguiam desenvolver a atividade, propusemos desafios extras para as duplas que conseguissem terminar antes que os demais. Esses desafios consistiam em diminuir uma peça a cada vez que conseguiam formar um quadrado, assim deixando a situação mais difícil. Ao mesmo tempo fomos auxiliando os demais até que todos conseguissem realizar a atividade propostas: formar um quadrado, medi-lo e calcular sua área e perímetro. Por meio de algumas questões referentes as medidas e o perímetro estimulamos os alunos a usarem a régua que haviam confeccionado. Com o auxílio do Tangram e a sobreposição das peças exploramos várias figuras geométricas como o paralelogramo, quadrado e trapézio. Com os desafios eles descobriram que esses quadriláteros podiam ser compostos por triângulos. Em alguns casos, auxiliamos os alunos nas dúvidas que surgiram. Embora a turma estivesse um pouco agitada foi possível trabalhar com grande interação por parte dos discentes. O fechamento das atividades foi executado por meio de um painel no qual conforme os alunos contribuía, a professora reunia ideias relacionadas aos elementos e cálculos. Havíamos previsto realizar uma

190

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel.

avaliação escrita para identificar a aprendizagem que foi processada e pontos a serem retomados. A professora Cátia propôs fazer algo diferente e realizá-la nas mesas do pátio do colégio. Foi algo interessante pois estava extremamente quente e o pátio ficava nas sombras das árvores em um lugar tranquilo e fresco, o que contribuiu para deixar os alunos mais à vontade, variando muito do que acontece em avaliações na sala de aula. A avaliação demonstrou ser um momento privilegiado de aprendizagem pois retomava a aplicação dos conceitos explorados no dia, o cálculo de perímetro e da área dos triângulos e polígonos, a utilização das unidades corretas de medidas. Enquanto resolviam as questões ouvíamos os comentários dos alunos, rememorando atividades realizadas no decorrer do período. Foi necessário um auxílio maior à uma aluna com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade, TDAH, esse acompanhamento consistia em ir recuperando as atividades realizadas e retomando os conceitos envolvidos. O envolvimento dos alunos com as atividades aplicadas foi maior do que nas aulas comuns, não houve sinal de cansaço mental ou demonstração de tédio por parte dos alunos. Talvez isso evidencie que aulas dinâmicas, além de serem mais divertidas, atraem a curiosidade dos alunos, evitam a indisciplina e, são mais produtivas. Contudo para o êxito em sua execução exigem um planejamento detalhado.

Palavras-chave: Tangram; Geometria; Materiais manipulativos.

Referências Bibliográficas:

SCHEFFER, Nilce Fátima. O LEM na discussão de conceitos de geometria a partir das mídias dobraduras e software dinâmico. In: LOZENZATO, Sérgio (org). **O Laboratório de Ensino de Matemática na Formação de Professores**. Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção formação de professores).

OFICINAS DE FARMACOLOGIA E CÁLCULOS DE MEDICAMENTOS: SEGUNDO SEMESTRE TÉCNICO EM ENFERMAGEM DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO¹

Manoela Cristina Berticelli²
Karen Peres Hernandez³
Rosa Maria Rodrigues⁴
Cátia Rios⁵
Juceli Zimmermann⁶
Rafaela Bramatti de Oliveira⁷

Resumo: O curso de enfermagem da Unioeste, Campus Cascavel/PR, através do Projeto de Bolsas Institucionais de Iniciação à Docência (Pibid) desenvolve atividades em articulação com o Centro de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (Ceep), desde o ano de 2011, envolvendo projetos com temáticas específicas, conforme demanda da escola ou acompanhando a ação docente. Nesse segundo semestre houve demanda para desenvolvimento de um projeto abordando a administração de medicamentos pelo Técnico em Enfermagem o qual envolve conteúdos de farmacologia e de matemática quando os técnicos em Enfermagem precisam dominar elementos matemáticos para dosar medicações ou fracioná-las de acordo com as prescrições médicas. Neste projeto, o objetivo geral foi desenvolver atividades sobre farmacologia e cálculo de medicamento com os alunos do curso Técnico em Enfermagem e os objetivos específicos foram: apreender os fundamentos de farmacologia das principais classes de fármacos utilizados na assistência prestada pela enfermagem; relembrar elementos matemáticos envolvidos na assistência farmacológica; apreender os cuidados de enfermagem inerentes à prática de administração de fármacos. Metodologia: Os alunos, em conjunto com professores supervisores e com as supervisoras da escola construíram referencial bibliográfico relativo aos fármacos utilizados na assistência de enfermagem, nos campos de prática vivenciados durante a formação acadêmica para, posteriormente desenvolver a atividade por meio de oficinas com oito horas aula junto ao quarto semestre do curso no Ceep. Após o preparo e estudo do referencial bibliográfico, listas com possíveis medicamentos utilizados na prática assistencial foram elaborados e estudadas pelos alunos para servir de subsídio para o trabalho. Além disso, foram acessadas prescrições reais das alas clínicas hospitalares em que os alunos atuam durante a formação, as quais foram digitadas e

192

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: manu.berticelli@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: karenphernandes@gmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Subprojeto Enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: rmrodri09@gmail.com)

⁵ Supervisora voluntária do Subprojeto enfermagem do *campus* de Cascavel. E-mail: catia_rios@yahoo.com.br

⁶ Supervisora voluntária do Subprojeto enfermagem do *campus* de Cascavel. E-mail: jucelizi@hotmail.com

⁷ Supervisora voluntária do Subprojeto enfermagem do *campus* de Cascavel. E-mail: rafaelabramatti@hotmail.com

disponibilizadas em papel impresso para que vivenciassem, manuseassem e as estudassem do ponto de vista da farmacologia e da matemática. Para o quarto semestre foram selecionadas prescrições que eles ainda não conheciam tais como as de Unidade de Terapia Intensiva adulto e pediátrica. Resultados: As oficinas aconteceram nos dias 26 e 28 de julho, no período noturno e nos dias 27 de julho e 03 de agosto no período matutino. Estavam matriculados no período noturno 32 alunos, dos quais 22 participaram das oficinas e pela manhã 30, dos quais 24 estiveram no dia 27 de julho e 18 no dia 03 de agosto. No primeiro momento, o recurso utilizado foi de multimídia para exposição dialogada sobre as principais classes de fármacos utilizados nas atividades de cuidado e, na sequência realizadas atividades práticas, através de prescrições médicas reais que foram manuseadas por todos os alunos com resolução dos problemas que envolveram farmacologia e matemática nelas presentes. Resolução de lista de exercícios com raciocínios matemáticos para cálculos de medicamentos. Todo material utilizado foi disponibilizado para os alunos. A atividade possibilitou um estudo mais profundo sobre os fármacos e suas características, acrescentando conhecimento para os alunos que desenvolveram o projeto. Durante as oficinas pudemos perceber como os alunos valorizaram as noções de farmacologia e também de matemática, pois apresentavam dúvidas durante a exposição do conteúdo, tendo em vista que o curso Técnico em Enfermagem carece de tempo para explorar em maior profundidade os conhecimentos abordados. Considerações finais: O trabalho desenvolvido em parceria com o Centro de Educação Profissional Pedro Boareto Neto permitiu aos alunos do curso técnico de enfermagem e aos da graduação em enfermagem ampliar seus conhecimentos sobre os mecanismos de ação, reações adversas e utilizações, que nem sempre são abordados de maneira suficiente na graduação em enfermagem e no Técnico em Enfermagem. Para os pibidianos a aproximação com este tema na docência foi oportunidade de aprender com os professores da Educação Profissional Técnica, outras abordagens e a dificuldade de tratar do tema em tempo exíguo e com as dificuldades oriundas da educação básica.

Palavras-chave: Farmacologia; Enfermagem; Cuidado de Enfermagem.

A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Ana Carolina de Assis Nogueira²
Márcia Pasuch³
Franciele Soares⁴

Resumo: Esse trabalho tem por finalidade compreender a importância do planejamento na educação infantil. Tendo por base os escritos de Fusari (1976), Ostetto (2000), Corsino(2009) e Redin (2014). O planejamento é um instrumento essencial para a ação pedagógica do professor, pois é uma organização pessoal do educador para atingir os seus objetivos perante seus alunos (FUSARI, 1976; OSTETTO, 2000). A elaboração de um planejamento depende da visão de mundo do educador, de criança, educação, seleção de conteúdo, atividades e músicas, todas estas visões articuladas à realidade. Na educação infantil há diferentes tipos de planejamento. De acordo com Ostetto (2000) existem planejamentos baseados em listagem de atividades, datas comemorativas, áreas de desenvolvimento, áreas de conhecimento e por temas. Cabe ao professor e a orientação pedagógica identificar qual será o mais adequado para a sua turma e para instituição. O planejamento depende muito do professor, que tem compromisso com sua profissão e com as crianças. Corsino (2009, p. 119 apud AHMAD *et al*, 2011, p. 14543) “o planejamento é um momento de reflexão do professor que a partir das suas observações e registros prevê ações, encaminhamentos e sequencias de atividades”. Devido a isso, o planejamento articula-se com a didática do professor na relação entre professor e aluno, na organização dos espaços e do tempo visando aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. O educador deve possibilitar que a criança se situe no ambiente em que vive, conhecendo e se apropriando dele por meio do lúdico, contação de histórias, faz de conta e interação com o mundo e seus pares. Conforme salienta Ostetto (2000, p.190) “o planejamento na educação infantil é linguagem, formas de expressão e leitura do mundo que nos rodeia”. O professor por meio do seu olhar atento perante as crianças consegue fazer conexões, interagir e assim propiciar momentos únicos e significativos para o aluno. Para Redin (2014, p. 36-37) “planejar, então é mais do que listar atividades, materiais, fazer planos e executá-los. É permitir-se ousar, errar, acertar novamente, voltar atrás, ir adiante, dar voltar, é desenhar, escrever na história a capacidade de maravilhar-se abrindo caminhos não percorridos”. Dessa forma, conclui-se que planejamento é uma ferramenta significativa para o trabalho docente se esse aplicado de forma correta. Nós bolsistas do PIBID ao iniciarmos nossas inserções no CMEI Zelir Vetorello, não sabíamos a tamanha importância do ato de planejar para crianças de 0 a 4 anos. Em contato, com as professoras e as crianças percebeu-se que é preciso sim um planejamento diário e semanal e este devem ser bem elaborados, analisando a faixa etária das crianças, questões relacionadas

194

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ana Carolina De Assis Nogueira, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: ananogueira1818@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Marcia Pasuch, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: marciapasuchh@outlook.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Franciele Soares, do *campus* de Campus de Francisco Beltrão-PR E-mail: sfrancielesoares@gmail.com

à aprendizagem e desenvolvimentos destas. Todas as quartas feiras elaboramos e organizamos o planejamento junto com as professoras da turma e nossa coordenadora, isto nos permitiu compreender qual o significado e importância do planejamento na educação infantil.

Palavras-chave: Planejamento; Educação infantil; Docência.

Referências Bibliográficas:

AHMAD, Laila azize souto e WERLE, Kelly. Planejamento na educação infantil: uma construção mediada pela coordenação pedagógica no núcleo de educação infantil Ipê Amarel. In. X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011.

REDIN, Marita Martins *et al.* **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na educação infantil**. 3ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

OSTETTO, Luciana. **Encontros e encantamentos na educação infantil, partilhando experiências de estágios**. 9 ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

PIBID ITINERANTE: A FILOSOFIA EM AÇÃO NO ENSINO MÉDIO¹

Medéia Lais Reis²

Resumo: O Projeto de Extensão “PIBID ITINERANTE: A Filosofia em ação no Ensino Médio” está sendo desenvolvido por acadêmicos bolsistas do PIBID do quarto ano do curso de Filosofia. O objetivo do Projeto é a divulgação da universidade e do curso de Filosofia aos alunos do Ensino Médio. Para tal fim, procuramos elaborar um material (folder ou folheto informativo) de divulgação do curso de Filosofia e também será utilizado para divulgação institucional da UNIOESTE a ser distribuído nas escolas de atuação do projeto. A atividade também consiste na elaboração e apresentação de Oficina Didática de Filosofia para os alunos do Ensino Médio das escolas públicas de Toledo e região. O propósito da oficina será o de abordar a importância da disciplina de Filosofia para a formação do cidadão – enquanto sujeito autônomo e dotado de capacidade crítica – e sua relação com as demais áreas do conhecimento. Para a efetivação deste propósito, os extensionistas trabalham seguindo os seguintes passos: 1º) planejamento da oficina, seguindo “os quatro passos para a aula de Filosofia” propostas por Silvio Gallo e indicadas nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, a saber: sensibilização, problematização, investigação e formação de conceitos; 2º) produção de roteiro; 3º) confecção de materiais didático-pedagógicos, tais como slides, roteiros, textos, etc., a serem utilizados no desenvolvimento da atividade; 4º) apresentação da Oficina Didática de Filosofia para os estudantes do Ensino Médio das escolas públicas. O Projeto consolida a importante aproximação entre universidade e sociedade através da atuação do PIBID Filosofia nas escolas em que o Programa não está presente. Deste modo, o projeto contempla ir até as escolas que não estão conveniadas ao PIBID e também atingir a comunidade escolar de municípios próximos a Toledo. A pretensão do projeto é de promover a informação e o incentivo para que os jovens estudem e se preparem para a vida acadêmica. O projeto fornecerá, neste sentido, informações sobre o acesso à universidade pública, suas possibilidades e condições. Além disso, ele levará a filosofia às escolas por meio de Oficina Didática de Filosofia, oferecendo, em consequência, resistência ao atual sistema político educacional que vem se estruturando com a tentativa de retirar a Filosofia e afins como disciplinas essenciais da educação básica na rede pública. Compreendemos que não podemos ficar passíveis em relação ao atual panorama que se apresenta para a educação pública do País. Nesse sentido, tal projeto constitui-se numa importante ferramenta de luta pela manutenção da Filosofia enquanto disciplina curricular, pois só assim é garantido que ela seja apresentada e entendida como uma estruturação particular e autônoma de conhecimento tanto quanto as demais disciplinas. Consideramos imprescindível destacar que a Filosofia traz à tona um dos principais aspectos do desenvolvimento cognitivo do ser humano que é o “questionamento”, sendo ele um movimento necessário para o desenvolvimento da capacidade de colocar o pensamento em curso. Desta forma, entende-se que o papel da Filosofia é permitir que o

196

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Acadêmica do curso de filosofia do 4º ano; bolsista de Iniciação à Docência - Pibid Filosofia – Campus Toledo - PR. E-mail: medeialais@hotmail.com

indivíduo resgate o seu encantamento e o espanto diante das questões fundamentais da vida humana, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico. A filosofia não se encontra somente nas obras filosóficas, mas também diretamente ligada ao modo próprio de existir do homem, e tal experiência contribui para a sua formação como um todo.

Palavras-chave: Projeto de extensão; Filosofia; Oficina didática.

Referências bibliográficas:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Silvio. Deleuze e a educação. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Silvio. Metodologia do ensino da filosofia: uma didática para o ensino médio. Campinas/SP: Papyrus, 2012.

OBSERVAÇÕES SOBRE AS CRENÇAS DOS ALUNOS COM RELAÇÃO À LÍNGUA INGLESA MEDIANTE ABORDAGENS DIFERENTES EM SALA DE AULA DE ESCOLAS PÚBLICAS¹

Lucas Gabriel Domingos Rojas²

Ana Maria Kaust³

Resumo: Na concepção interacional e dialógica de ensino de uma língua, a revisão bibliográfica é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo a contribuição teórica e pedagógica para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa por meio das diferentes abordagens, métodos e técnicas. A justificativa para tal pesquisa está na observação das atitudes dos alunos em relação à prática didática dos professores em sala de aula de Língua Inglesa em diferentes estabelecimentos públicos de educação básica. O aporte teórico aqui utilizado está alicerçado em diferentes concepções de ensino de Língua Inglesa aqui representados por: Brown que cita, Anthony (1963) em suas definições: “Uma abordagem, de acordo com Anthony, é um certo grupo de suposições ao lidar com a natureza da língua, aprendizado e ensino. Método foi descrito como um plano geral para apresentação sistemática da língua, baseada em uma abordagem selecionada. Técnicas são as atividades específicas (...)” (BROWN, 1994, p.14), assim seguiremos o modelo proposto por Anthony sobre Abordagens, Métodos e Técnicas para referenciar a preparação e execução das aulas pelos professores observados. O autor também afirma o seguinte sobre o ensino de Língua (...) Nós descobrimos que a língua não era adquirida na verdade através do processo de formação de hábitos (...), que erros não deviam necessariamente ser evitados a todo custo, e que a linguística estrutural não nos fala tudo que precisamos saber sobre línguas” (BROWN, 1994, p.23), mostrando que há preocupação, uma procura por um ensino de línguas mais efetivo, mas que também não há respostas em uma única forma de ensinar. Também usaremos a definição de teoria interacionista da língua de Oliveira que explica que “(...) A ideia de interação pressupõe a presença de alguns elementos: o sujeito que fala ou escreve, o sujeito que ouve ou lê, as especificidades culturais desses sujeitos, os contextos da produção e da recepção dos textos.” (OLIVEIRA, 2014, p.36) e que também “Conceber a língua como interação social significa entender que as estruturas sintáticas, as palavras e a pronúncia veiculam valores (...)” (OLIVEIRA, 2014, p.36) assim sendo, o aprendiz traz a sua própria visão de mundo que entra em choque com a daquela apresentada pelo professor, gerando a troca dialógica para o aprendizado da língua. Stern ao refletir sobre os métodos de ensino e crenças, suposições sobre o aluno diz que “Um método, por mais pobremente definido que seja, é mais do que uma estratégia única ou uma técnica particular; é uma ‘teoria’ de ensino de língua (...) a qual resulta de discussões práticas e teóricas em um dado contexto histórico (...)” (STERN, 1983, p.452) de forma

198

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: lucas_rojas95@hotmail.com

³ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto PIBID, do *campus* de Foz do Iguaçu. E-mail: akaust2009@hotmail.com

que expresse crenças e aspectos sobre o ensino e aprendizagem de língua nos diferentes contextos. A ênfase de nosso trabalho será dada a relatos de experiência do subprojeto Letras/Inglês - Unioeste/Foz do Iguaçu, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID em duas escolas públicas visando aliar a discussão teórica com vistas à ressignificação da prática docente partindo da análise das crenças dos alunos que foram observadas durante as aulas de Língua Inglesa.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa; Abordagens; Métodos e técnicas; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Referências Bibliográficas:

BROWN, H. Douglas. Teaching by Principles: An interactive Approach to Language Pedagogy, San Francisco, California, Longman, 1994.

OLIVEIRA, Luciano A. Métodos de ensino de inglês. São Paulo, Parábola Editorial, 2014.

STERN, H.H. Fundamental Concepts of Language Teaching. New York: OUP, 1983.

OFICINA DE FILOSOFIA E CINEMA: A SOCIEDADE DO CONTROLE NO FILME “O SHOW DE TRUMAN”¹

Thaís Cristina da Silva²
Daniele Simione³
Sabrina Andrade Barbosa⁴

Resumo: A oficina do projeto filosofia e cinema, intitulada “A sociedade do controle no filme O Show de Truman”, pensada pelas acadêmicas e bolsistas ID, Daniele, Sabrina e Thaís, vinculadas ao PIBID/Filosofia do colégio Estadual Presidente Castelo Branco, surge de uma proposta de se pensar filosofia e de pensar o ensino de filosofia a partir de uma perspectiva metodológica diferenciada do ensino tradicional de filosofia na escola. A estratégia escolhida foi fazer uma abordagem filosófica de obras cinematográficas, de modo a propiciar uma aprendizagem ativa dos alunos por meio do desenvolvimento do senso afetivo dos mesmos. Para isso, após a escolha e exibição do filme, o mesmo foi debatido pelosicineiros com o objetivo de identificar as possíveis temáticas abordadas. Na sequência, foi escolhido o texto filosófico que contribuísse para a reflexão das questões presentes no filme e elaborado a oficina didática para ser trabalhada na escola. A oficina foi pensada a partir do filme, “O show de Truman”, onde o protagonista tem sua vida vinculada e controlada por um reality show, sem ter conhecimento do fato. A abordagem feita tem sua fundamentação pensada a partir da perspectiva do filósofo francês, Gilles Deleuze, sobre a sociedade do controle, interligando assim a trama cinematográfica da história da vida de Truman com os meios tecnológicos atuais, utilizados pelos próprios estudantes no dia a dia, e aquilo que fizeram de Truman. A sequência metodológica se dará, primeiramente, com a exibição do filme seguida de questionamento relacionados ao mesmo com vistas a uma identificação da temática e encaminhamento para a abordagem filosófica: A sociedade do controle. A análise do conceito de controle e sua significação será exposta pelas bolsistas ID, e se espera que os estudantes consigam relacionar a concepção de controle e disciplina de Deleuze com a problemática abordada no filme. Os estudantes são direcionados a uma roda de conversa, para que o assunto seja amplamente abordado, uma vez que já se tem o conhecimento do pensamento do filósofo, a discussão envolve de forma mais eficaz o filme trabalhado de forma direcionada aos conceitos do filósofo, encaminhando-os assim para uma compreensão de se pensar nas formas de tecnologias, e até que ponto estão a disposição de uma forma de controle, na medida em que a presença da tecnologia nos impulsiona a não pensar em viver desvinculados de celulares, computadores e afins, muitas vezes sendo controlados, como Truman, em seu mundo artificial. Essa temática será trabalhada e pensada com os estudantes, apresentando os pontos positivos e negativos da tecnologia,

200

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia do *campus* de Toledo. E-mail: thaismdasilva@gmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: dannny_simioni@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: Sabrina_abarb@hotmail.com

na nossa sociedade atual. Os estudantes serão direcionados para a produção de cartazes sobre o tema abordado na oficina, com o objetivo de apresentarem a compreensão do conceito abordado na oficina.

Palavras-chave: Sociedade do controle; Tecnologia; Filosofia.

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE: QUEM O ESCREVE?¹

Bruno Roberto Bellotto
Fernando da Rocha
Ursula Rodrigues Galvão

Resumo: X-men é uma Comic que foi adaptada para inúmeras mídias (tais como cinema e televisão) desde seu lançamento. Gira em torno da existência de “Mutantes”, uma nova raça que se divide da humana e que possui poderes especiais e os usa para combater o crime (ou perpetrá-lo), como super heróis. A versão “Evolution” trabalha com os dilemas das personagens durante sua adolescência, e foi escolhida tanto pela proximidade que geraria na temática com alunos do Ensino Médio, quanto pela sua popularidade. No episódio “Andando na corda Bamba”, de X-men, as personagens femininas da série se encontram frustradas com os papéis de gênero que são delegados a elas. Resolvem se libertar do seu “meio social” e agir como lhes convém, combatendo o crime enquanto justiceiras autônomas. O episódio vem a calhar com as ideias introduzidas por Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo*, que trata principalmente da questão “O Que é o ‘ser mulher’”, ou seja, o que faz de mulheres mulheres. Apresenta a questão, e a frase famosa “Não se nasce mulher: Torna-se”, e é através do episódio que trataremos isso com os alunos. Em sua obra *O Segundo Sexo*, em sua introdução, Beauvoir (ano 1896, p 23.) trata da nova posição da mulher numa sociedade pós-guerra, onde os papéis de gênero se tornam evidentes em contraste com os avanços sociais. Quem é sujeito mulher na sociedade de hoje? [...]Mas outras pessoas igualmente bem informadas — e por vezes as mesmas — suspiram: “A mulher se está perdendo, a mulher está perdida”. Mas ora, que também Beauvoir, e mesmo as “mentes conhecedoras”, como trata em seu livro, não dignam a condição de mulher apenas a ser fêmea, ao criticá-los: “*Tota mulier in utero: é uma matriz*”, diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: “Não são mulheres”, embora tenham um útero como às outras”. Ora, a que então se deve, se entrega, a existência do ser mulher? A busca que Simone faz não é leve: a que se delega mulher, como negativo do homem, mesmo em direitos. Ataca, como classe, como que atacam os judeus, os negros. O que os define? Humanos, afinal, mas ainda negros, judeus, mulheres. A categoria humanos não basta. Ainda são, por todas as definições, diferentes. Que quintessência faz desse ser mulher, então “mulher”? A mulher se dá na negação, no oposto do sujeito, no oposto do “Homem”. Nenhuma característica pertinente a um será pertinente a outro. Homens, essenciais, mulheres, objeto. E daí surge à ideia de que há o “Um”, e então há às mulheres. E surge uma dominação de classe. O objetivo é apresentar a questão da luta feminista pela igualdade de direitos e o papel da mulher, como construto social. Além disso, promover reflexões, entre os alunos, para que possam construir uma opinião crítica avaliativa no que diz respeito aos direitos que por vezes são negligenciados por questões de gênero.

202

Palavras-chave: X-men; Feminismo; Gênero.

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

UM RELATO SOBRE UMA PRÁTICA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Vanessa Zauza de Oliveira²
Marcia Berttonceli³
Franciele Soares⁴

RESUMO: Este trabalho apresenta uma breve reflexão a partir de uma prática de ensino realizada em uma turma de maternal I, com crianças entre um a dois anos de idade num Centro Municipal de Educação Infantil localizado no município de Francisco Beltrão-PR, no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Nossa reflexão fundamenta-se nos pressupostos da teoria histórico cultural, nesse sentido reiteramos a importância de práticas intencionais e sistematizadas a partir de um planejamento que leve em consideração os conhecimentos necessários a serem transmitidos pela educação infantil, mas que também considere a criança como sujeito histórico e social que tem papel ativo e singular no processo de ensino e aprendizagem. E ainda, destacamos a necessidade de uma prática que considere as especificidades da educação infantil tomando como ponto de partida a indissociabilidade entre cuidar e educar, sem, contudo, negar o papel da educação escolar de socialização dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade. Nos dias entre oito de junho a dezenove de junho realizamos atividades pedagógicas com as crianças a partir do tema “Dia e noite” na turma do maternal I. No planejamento organizamos atividades cujos recursos os alunos pudessem participar ativamente das experiências relacionadas a temática proposta, entre as atividades destacaram-se: contação de histórias⁵, com uso de palitoches, bem como dramatização da estória por meio da utilização de máscaras dos personagens pelas crianças. Também foram expostos cartazes ilustrativos, músicas e vídeos relacionados a temática, levando em conta que nessa faixa-etária as atividades devem ser curtas e bastante lúdicas para despertar a curiosidade e a imaginação das crianças. Na educação infantil o planejamento deve envolver “[...] atividades e situações desafiadoras e significativas, que favoreçam a exploração, a descoberta e a apropriação de conhecimento sobre o mundo físico e social”. (OSTETTO, 2000, p.193).

Um momento de brincadeira mediado pelas professoras chamou-nos atenção as atitudes e as falas de algumas crianças. Alice (um ano e oito meses) observava que o sol acaba de aparecer no céu, caminha até Manuela (um ano e dois meses), que apenas engatinha, abaixa-se para ficar na mesma altura que a colega, assim como fazem as professoras e aponta para fora, tentando balbuciar, a professora atenta ao fato, pergunta: você quer contar a Manuela que o sol apareceu Alice? É o sol? Alice balança a cabeça positivamente

203

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Vanessa Zauza de Oliveira, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: vanessa.zauzalb@gmail.com

³ Bolsista de Supervisão à docência do Subprojeto Márcia Berttonceli, do *campus* de Francisco Beltrão. Email: marciabertoncelli@hotmail.com.

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Franciele Soares dos Santos, do *Campus* de Francisco Beltrão. E-mail: sfrancielesoares@gmail.com.

⁵ Histórias: Dia e noite- Gisele Vargas. Qual o sabor da lua? Michael Grejniec. Cadê o sol? Vera Lucia Dias.

e também aponta para o cartaz ilustrativo sobre dia e noite que havia na parede, em que aparecia a imagem do sol, a professora elogia dizendo muito bem Alice, parabéns! Destacamos nesse episódio o papel do adulto como mediador do conhecimento, pois Alice por meio da mediação do professor se apropriou estabeleceu relações sobre o conceito de dia por meio da observação do sol. Devido a isso, concluímos a partir da teoria histórico cultural, que o adulto realiza o papel de mediador entre a criança e o mundo, por isso, é importante que este conheça as particularidades do desenvolvimento infantil, de modo a estabelecer meios que favoreçam a aprendizagem da criança, assim a interação entre adulto e criança é geradora de desenvolvimento. Varotto (2013).

Palavras-chave: Educação infantil; Prática de ensino; Teoria histórico-cultural.

Referências Bibliográficas:

VAROTTO, Michelle. Vamos explorar objetos! A criança em seu segundo e terceiro ano de vida. In: ARCE, Alessandra. **Interações e brincadeiras na educação infantil**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2013.

OSTETTO, E. Luciana. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papiros, 2000.

GREJNIEC, Michael. **Qual o Sabor da Lua?**. Rua Mourato Coelho, 1215-Vila Madalena-São Paulo: Brinque-Book, 2008, 28 p.

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO – RELATO DE PROJETO DE EXTENSÃO¹

Cristiane Regina Cemin²
Fernanda Vitória Righi³
Suzana Talita Tietz⁴
Caio Fernando Velozo⁵
Josiane Santos da Silva⁶
Arielle Kant Lavarda⁷

Resumo: O presente resumo visa apresentar o projeto de Extensão que está sendo desenvolvido pelo grupo PIBID Filosofia do Colégio Estadual Luiz Augusto Morais Rego de Toledo. O projeto visa à produção de material de apoio para os alunos do Ensino Médio, contendo instruções e dicas de estudos que colaborem com a formação desses alunos e facilitem o seu ingresso na Universidade. O Manual está sendo proposto em três etapas, cada uma delas contendo um tema principal. A partir de observações de aulas nas turmas de Ensino Médio realizadas pelos acadêmicos do curso de Filosofia e participantes do programa PIBID, pode-se verificar que algumas dificuldades apresentadas pelos alunos de um modo geral concentravam-se em alguns aspectos do conhecimento, tais como: dificuldade para realizar uma boa pesquisa (onde pesquisar e como pesquisar) e para desenvolver um trabalho dentro das normas propostas pela ABNT; Falta de motivação quanto ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e o desconhecimento das possibilidades que o exame abre frente ao Ingresso nas Universidades; E dificuldades que os alunos têm de compreender e acolher os colegas que apresentam certas dificuldades de aprendizagem, transtornos, deficiências ou altas habilidades em alguma área do conhecimento. Levantando estas dificuldades, a equipe passou a pensar na estratégia que poderia ser utilizada para solucionar ou amenizar a situação. Pensou-se, então, na elaboração de um Manual Informativo, a nível de Ensino Médio, que pudesse conter textos sobre os temas referidos e indicações de locais de pesquisa. Visando uma formação mais ampla e completa para os alunos que ingressarão numa universidade é que principiamos nosso manual com as normas básicas da ABNT, apresentação de dicas e regras para a produção de um bom texto ou redação, curiosidades sobre o surgimento da filosofia e reflexões poéticas. A segunda parte do Manual foi pensada para gerar

205

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

²Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto PIBID Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: cristianecemin@yahoo.com.br

³Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail:

⁴Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: suzanatietz@outlook.com

⁵Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: nietzschecazu@gmail.com

⁶Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: josiane-77@hotmail.com

⁷ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: ariellekant.blue@gmail.com

esclarecimentos sobre o ENEM, como a apresentação de um histórico do Exame que já é realizado há alguns anos em nosso País. Na parte final, propõe-se a apresentação de um estudo sobre dificuldades de aprendizagem, transtornos, deficiências e altas habilidades com as quais muitos se deparam e não sabem como lidar. Sabemos que a produção de um material que abarque todo esse universo de conteúdos será válida não somente para aqueles que usufruirão deste material enquanto estudantes de Ensino Médio, mas, acima de tudo, para aqueles que estarão lendo, pesquisando e organizando essa coletânea. Os acadêmicos que participarão do presente projeto certamente serão diretamente beneficiados, pois a atividade proporcionará um contato maior com a comunidade escolar. Pretende-se que os alunos sejam os principais beneficiados pelo Manual, uma vez que a produção será direcionada para eles. Os acadêmicos ainda contarão também com o exercício da docência através da divulgação sobre o material produzido, fato este que ampliará o universo de referência educacional destes acadêmicos. Esse contato garantirá a aproximação entre a Universidade e o espaço escolar, cumprindo assim com a finalidade da Educação integral que prevê a formação do indivíduo para as mais diversas áreas do conhecimento.

Palavras chaves: Manual; Projeto de Extensão; Instrução; Informação.

RELATO SOBRE O USO DE JOGOS NO ENSINO DE OPERAÇÕES COM NÚMEROS RACIONAIS¹

Daiane Aliatti²
Lucas Campos de Araújo³
Matheus A. A. Anzolin⁴
Victoria M. de Oliveira Santos⁵

Resumo: Na contemporaneidade tem-se um grande embate entre a globalização da informação e a compreensão de seus pressupostos e consequências. Tal característica é visivelmente encontrada nas salas aula, nas quais alunos das mais diversas classes sociais, étnicas e culturais se reúnem em um ambiente que deve favorecer o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas. Todavia, nem sempre isto é possível em decorrência dos diferentes níveis de compreensão de cada indivíduo. Para auxiliar a modificar essa realidade é necessária uma interação social, pois "O que a criança é capaz de fazer hoje em colaboração conseguirá fazer amanhã sozinha." (VYGOTSKY, 2001, p.331). Nesse contexto, lançar mão de uma metodologia de ensino diferenciada é um empenho para atender as especificidades de todos os discentes. Para tal, a utilização de jogos possibilita tanto aprender aquilo que não estava concretizado, como também vislumbrar as relações trabalhadas. O uso de jogos na matemática proporciona um ambiente de interação contínua entre os alunos e o professor, ou seja, há o compartilhamento de interações entre indivíduos e seus momentos de aprendizagem. Segundo Lara, "com a participação do/a aluno/a nos jogos e sua necessária participação ativa, o/a professor/a poderá perceber as suas reais dificuldades, auxiliando-o a saná-las." (LARA, 2003, p. 25). A partir desta perspectiva, objetiva-se relatar neste trabalho algumas atividades desenvolvidas com jogos em 2017, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II na disciplina de Matemática do Colégio Estadual Ieda Baggio Mayer (Cascavel, Paraná) que está vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) e as experiências vivenciadas no âmbito escolar com o ensino da Matemática ligado diretamente ao uso de jogos. Os jogos foram confeccionados por nós, em uma mesma cartela, utilizando a frente para um jogo e o verso para o outro. Um dos lados apresentava trilhas numéricas de 0 a 10 e do outro lado, outra trilha com valores de -6 a 6. O jogo também continha dados numerados de 1 a 6 e marcadores para os jogadores. No *Jogo da Soma*⁶ os alunos, que estavam em grupos de quatro integrantes, tinham que posicionar os marcadores na casa do zero e lançar dois dados, um azul (positivo) e outro vermelho

207

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: daya_aliatti@hotmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: kopier_business@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: matheusalves2107@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Matemática, do *campus* de Cascavel. E-mail: vicmaria99@hotmail.com

⁶ Jogos matemáticos, adaptado, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGMQ75bHmH8> Acessado em 23 jun. 2017.

(negativo), para realizar a operação de adição e o resultado obtido deveria ser somado com o número da casa em que o seu marcador se encontrava para verificar para qual casa o mesmo deveria se deslocar. Venceria aquele que chegasse mais vezes nas casas dos números 6 e -6. Neste jogo, os discentes não tiveram dúvidas, pois já tinham se apropriado de conhecimento suficiente sobre adição para resolver os problemas encontrados. Conseguiram interagir bastante com o material, entretanto, por esta atividade ter sido realizada em um ambiente mais aberto, alguns alunos acabavam se dispersando, prejudicando, assim, o desenvolvimento da atividade. Em vista disto, tivemos que antecipar o início do *Jogo das Operações*⁷, em que os alunos utilizaram-se das operações algébricas e da potenciação para jogar. Neste, os mesmos deveriam posicionar os marcadores na casa do número zero e lançar quatro dados, obtendo quatro números com os quais tinham que montar expressões numéricas, de forma a obter como resultado o valor do número da casa seguinte em que seu marcador se encontrava. Inicialmente percebemos que muitos estavam com dificuldade, então fomos de grupo em grupo mostrando exemplos de expressões com os números que eles haviam sorteado nos dados, com isto se conseguiu maior participação na atividade e pode-se observar que os alunos estavam interessados em encontrar as soluções. Para avaliar a atividade, exigimos que anotassem suas operações, nas quais percebemos que alguns alunos realizaram um trabalho organizado, enquanto outros o fizeram com displicência. Vale ressaltar que o professor deve se valer de atividades interativas, por proporcionar interação e evidenciar momentos de troca de conhecimento entre os alunos.

208

Palavras-chave: Jogos Matemáticos; Interação social; Papel do professor.

Referências Bibliográficas:

VIGOTSKY, L.S. (2001). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo. Editora Martins Fontes.

LARA, I. C. M. **Jogando com a Matemática na Educação Infantil e Séries Iniciais**. São Paulo: Rêspel, 2003.

⁷ Jogos matemáticos, adaptado, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGMQ75bHmH8>
Acessado em 23 jun. 2017.

ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO – “VERDIM E SEUS AMIGOS”¹

Maria Adriana Veloso²
Maria Clara Fabiane Santos³
Mariana Carolina Simão⁴
Janaina Damasco Umbelino⁵

Resumo: O presente trabalho é resultado das experiências em sala de aula realizadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, pelo curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Francisco Beltrão. A atuação do subprojeto aconteceu em uma turma de 4º ano de uma Escola Municipal da cidade de Francisco Beltrão. A partir do estudo do texto “Atividade Orientadora de ensino como Unidade entre ensino e aprendizagem” organizado pelo autor Manuel Oriosvaldo de Moura, concluímos que a “[...] Atividade Orientadora de Ensino – toma dimensão de mediação ao se constituir como um modo de realização de ensino e de aprendizagem dos sujeitos que, ao agirem num espaço de aprendizagem se modificam [...]”, ou seja, é o que orienta o processo de aprendizagem do sujeito, promovendo a necessidade de apropriação de conceito de modo que a criança chegue a um resultado por meio de suas próprias conclusões utilizando suas funções psíquicas para resolver um problema. Desta forma organizamos nosso planejamento usando como base o conceito de atividade orientadora de ensino – AOE, por meio do estudo do texto e orientadas por nossa orientadora e também com o conteúdo já disponibilizada pela professora regente da turma, que abrange o conteúdo da matemática, mais especificamente as unidades de medidas. Como atividade orientadora decidimos trabalhar com a atividade do “Verdim e seus amigos” – (Atividade Orientadora criada pelo grupo organizador da disciplina conhecimento matemático na educação infantil – CEEI – UFSC. Ademir Damazio, Elaine Sampaio Araújo, Flavia F. da Silva Asbahr, Josélia Euzébio Rosa, Manuel Oriosvaldo de Moura e Maria Isabel Batista Serrão). Após a explicação do conteúdo e conceitos das unidades de medidas com as crianças, a sala foi organizada em quatro grupos. As professoras contaram a história “Verdim e seus amigos”, uma história virtual que tem como objetivo permitir que as crianças realizem hipóteses sobre uma situação problema como meio para formular o conceito do conteúdo e se apropriar do seu uso na matemática. “Verdim e seus amigos” conta a história de quatro personagens de diferentes tamanhos. Três deles têm como objetivo chegar à casa de Verdim tendo como orientação um mapa realizado por ele, no qual foi utilizado como unidade de medida seus passos; e a partir disso foi desenvolvida uma atividade na qual cada grupo recebeu uma situação problema, onde deveriam pensar em diferentes maneiras dos amiguinhos de Verdim chegarem a sua

209

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Pedagogia Unioeste, do campus de Francisco Beltrão. E-mail: mariaadriavelosso@gmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto de Pedagogia Unioeste, do campus de Francisco Beltrão. E-mail: mariaclaraf962@gmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Pedagogia Unioeste, do campus de Francisco Beltrão. E-mail: mareanasimao@gmail.com

⁵ Coordenadora de área do Subprojeto de Pedagogia, do campus de Francisco Beltrão. E-mail: janadumbelino@gmail.com

casa, utilizando os materiais que foram disponibilizados à cada grupo. O primeiro grupo recebeu tiras de papel; o segundo grupo pedaços de barbante; o terceiro grupo uma folha de papel e lápis e o quarto grupo uma folha de papel, caneta e régua. Desta maneira fizeram a simulação dos caminhos feitos por cada personagem. Posteriormente cada grupo expôs as conclusões dos métodos que utilizaram para chegar ao resultado. Notamos que as crianças tiveram facilidade em resolver as situações problemas que apareceram na história, utilizando os conceitos que foram expostos pelas pibidianas sobre unidade de medidas. As crianças chegaram ao resultado proposto de diferentes maneiras com a ajuda dos materiais usados durante a atividade e se apropriaram do conceito de unidade de medida, durante o desenvolvimento da atividade houve a participação de todas as crianças, sem exceções.

Palavras-chave: Atividade Orientadora de Ensino; Matemática; Aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

Texto e atividade do “verdim e seus amigos”. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/atividade-verdim.html> Acesso em 25 de Julho de 2017.

MOURA, Manoel Orisvaldo de A Atividade Orientadora de Ensino como Unidade Entre Ensino e Aprendizagem. In: MOURA, Manoel Orisvaldo. **A Atividade Pedagógica na Teoria Histórico-Cultural**. Brasília: Liber livro, 2010. p. 81-109.

PASSA OU REPASSA: UMA FORMA LÚDICA DE TRABALHAR RADIOATIVIDADE¹

Laryssa Correa de Siqueira²
Marina Koren Gomes³
Sara Andressa de Oliveira Bolet⁴
Loudes Aparecida Della Justina⁵
Débora Schmitt Bertipaglia⁶

Resumo: A atividade realizada visou interação e discussão entre os alunos acerca do tema e a memorização e melhor compreensão do conteúdo trabalhado de uma forma lúdica, afim de instigar maior interesse dos alunos sobre o assunto trabalhado com a aplicação do jogo de passa ou repassa. Segundo Niles e Socha (2014) “a brincadeira oferece as crianças uma ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e tomada de consciência, pois, brincando a criança aprende a decidir, ter opinião própria, descobre o seu papel e seus limites, e amplia sua capacidade de comunicação”. Desta forma, o lúdico tem por objetivo favorecer e estimular a criatividade e interação social, fortalecendo assim o espírito de realização. Tendo em vista um aprendizado lúdico, inicialmente foi proposto aos alunos a realização de um trabalho escrito que abordasse tópicos previamente formulados sobre radioatividade. Os tópicos abordados foram: Radioatividade - história, conceitos de fissão e fusão, emissão, leis da radioatividade; Tipos de radiação (natural e artificial); Elementos radioativos (tabela periódica); Meia-vida; Acidentes Radioativos; Aplicações da Radioatividade; Descarte do Resíduo Radioativo; e Efeitos da Radioatividade no Organismo (irradiação e contaminação). Com base neste trabalho, nas aulas seguintes, foi aplicada a atividade de passa ou repassa, composta por três etapas. Na primeira etapa, os alunos deveriam responder trinta questões formuladas pelas pibidianas acerca do conteúdo abordado no trabalho. Para a atividade as turmas foram divididas em três grupos, com média de dez alunos em cada. Os grupos tiveram um minuto por questão, tempo este que deveria ser utilizado para o grupo discutir e decidir qual aluno responderia, sendo que o aluno que já havia respondido não poderia responder novamente, de forma que todos os alunos participassem da atividade respondendo ao menos uma questão cada, quando este grupo não conseguia ou errava, a questão passava para o próximo grupo, se o segundo, por sua vez, não conseguisse responder, a questão era repassada para o primeiro tentar novamente, desta vez com consulta ao livro didático utilizado na matéria de ciências. O grupo que respondesse corretamente ganhava um ponto. Depois de

211

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: larysiqueira@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: mahkoren@gmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: saraandressal@hotmail.com

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: lourdesjustina@gmail.com

⁶ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto de Biologia, do *campus* de Cascavel. E-mail: deboraschmitt@yahoo.com.br

aplicada as trinta questões previamente formuladas, deu-se início à segunda etapa, que consistiu na formulação de novas questões pelos próprios alunos. Cada grupo teve que elaborar uma questão referente ao conteúdo para o próximo grupo responder, caso o grupo respondesse corretamente ganhava um ponto. Se após essa segunda etapa houvesse empate, a terceira etapa compreenderia a formulação de mais uma questão por cada um dos grupos que estavam empatados para o grupo concorrente responder. Persistindo o empate, uma questão seria formulada pelas pibidianas, e o grupo que respondesse corretamente primeiro ganhava o ponto de desempate. Com a realização desta atividade, conseguimos observar uma significativa participação dos alunos, e principalmente amplo conhecimento sobre o assunto, houve troca de informações, e debate sobre as questões entre os alunos em todos os grupos. Durante a formulação das questões observamos o momento de maior desempenho dos alunos, onde todos discutiram e trocaram conhecimentos entre eles. Foi observado que com uma atividade lúdica a compreensão sobre o conteúdo se torna mais acessível e mais prazerosa aos alunos, despertando um interesse maior destes.

Palavras-chave: Radiação; Física; Ensino fundamental; Jogo educativo; Lúdico.

Referências Bibliográficas:

NILES, R. P. J.; SOCHA, K. A importância das atividades lúdicas na educação infantil. Revista Ágora, **Revista de divulgação científica**, 2014

ESPAÇO DE VIVÊNCIA, REPRESENTAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA¹

Gilvana Fatima Carvalho²
Lueli Cristina Bortoletti³
Marlon Ronnêr Faedo⁴

Resumo: O presente resumo é resultado da atividade de intervenção pedagógica que foi desenvolvida pelos pibidianos de iniciação à docência do subprojeto de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *campus* de Francisco Beltrão, com os alunos do 6º ano do Colégio Estadual Cristo Rei. Primeiramente, realizamos uma atividade com os alunos sobre os elementos do entorno escolar, explorando suas vivências, através de perguntas como: quantos de vocês residem no bairro no qual a escola está localizada? Vocês conhecem o bairro ao qual pertence à escola? Quantos habitantes residem neste bairro? O que vocês fazem quando não estão na escola? Vocês conhecem outros bairros da cidade? Em relação aos outros bairros da cidade o qual se localiza a escola é maior ou menor?; entre outros questionamentos. Com essas indagações objetivamos compreender suas visões em relação ao espaço onde estão inseridos. Em seguida, expomos imagens do bairro, gráficos, tabelas e juntamente com as respostas dadas as perguntas pelos alunos do 6º ano, buscamos estabelecer um diálogo entre a turma, questionando-os sobre os dados que estavam sendo apresentados e ao mesmo tempo acrescentando outras informações fruto da vivência dos alunos com os elementos presentes no entorno da escola. Ao exibirmos aos alunos imagens de locais próximos à escola, ou seja, do seu entorno pedimos que identificassem esses locais e comentassem sobre a importância e/ou contribuição desses locais para a população, inclusive Cavalcanti (2010) nos diz que para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve mediar a aprendizagem, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla. Para tornar a atividade mais didática, trabalhamos com os alunos os aspectos do bairro dividido por setores como: educação, saúde, economia, lazer e segurança. Após o momento de reconhecimento do bairro onde se localiza a escola, realizamos a construção de uma maquete representando a escola e os principais pontos de referência citados pelos alunos. Para a confecção da maquete os alunos se organizaram em grupos por setores que foram abordados na aula e sob nossa orientação elaboraram questões vinculadas aos setores como: Segurança- o que tem no bairro que os remete a pensar na segurança? Os alunos se sentiam seguros em relação ao bairro? Saúde- tem dentista, posto de atendimento a saúde, farmácia, saneamento básico? Precisaria ter mais alguma coisa? Lazer- o bairro tem praça, parquinho, campos de futebol, teatro? Esses espaços são utilizados? Qual é o público que mais usa esses locais? Educação- quantas escolas há no bairro, há creches? Existem

213

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão – PR. E-mail: (gilvanafcarvalho@gmail.com)

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão – PR. E-mail: (lu.bortoletti@hotmail.com)

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão – PR. E-mail: (marlon18031997@gmail.com)

curso de formação como escola de idiomas, educação à distância, curso de corte e costura e/ou artesanato no bairro? O desígnio desta reflexão foi estabelecer discussões a partir das imagens mostradas e das informações discutidas para que os alunos compreendessem o processo de interação existente entre Geografia e o espaço vivido. Para Callai (2005, p.233) “A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente.” A partir da abordagem de aspectos comuns do cotidiano dos alunos foi possível problematizar o tema e por meio da maquete representar o conhecimento produzido e enriquecer o ensino de Geografia.

Palavras-chave: Geografia; Ensino e aprendizagem; Espaço Escolar.

Referências Bibliográficas:

CALLAI, H. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais** Belo Horizonte, novembro de 2010. p. 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file> acesso em 06 ago. 2017.

RELATO DE UMA PRÁTICA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DO TEMA MORADIA¹

Carla Carine Tortora²
Franciele Quevedo dos Santos³
Franciele Soares⁴

Resumo: Esse resumo tem como finalidade relatar uma prática de ensino realizada num Centro Municipal de Educação Infantil do município de Francisco Beltrão (PR), em uma turma de maternal I, a partir da temática moradia. Desenvolvemos uma atividade de encerramento do tema tinha como principal objetivo conhecer os diferentes tipos de moradia. Para tanto, realizamos a dramatização do clássico “Os Três Porquinhos. Iniciamos com a decoração do ambiente, utilizando três casas as quais confeccionamos, no canto da sala colocamos um tapete redondo para que as crianças sentassem. De acordo com Craidy (2011) é muito importante organizar os espaços na educação infantil, pois por meio dele que se desenvolvem relações entre os sujeitos e meio físico e social. autonomia a autonomia. Primeiramente explicamos para as crianças que iríamos dramatizar a história “Os Três Porquinhos” e que ao final eles poderiam explorar os diferentes tipos de moradia, e compará-las com suas casas, todas ficaram curiosas e atentas. No decorrer da história percebemos o quanto elas estavam fantasiadas, com expressões de surpresa. Para que as crianças também pudessem interagir, trazíamos eles para a história de forma participativa. Na narrativa destaca Jambersi (2014) é essencial que o contador se envolva com emoção e entusiasmo, fazendo entonação de voz, escolhendo livro de acordo com a faixa etária, proporcionando uma experiência significativa para as crianças. Após a dramatização realizamos uma roda de conversa referente a história estimulando a oralidade, a criatividade e interpretação. Apresentamos também os diferentes tipos de moradia comparando as casas dos três porquinhos, posteriormente as presentes na sociedade (casas de madeira, prédios, sobrados etc.), sem demora as crianças estavam eufóricas para explorar os espaços, então não conseguimos chamar a atenção deles por muito tempo, mas durante a brincadeira realizamos questões sobre o tema moradia mediando o processo de aprendizagem deste conceito. Questionamos sobre a casa de madeira (confeccionada com papelão que estava sem colorir): O que vocês acharam dessa casa? Para que ela serve? Ela é bonita? E se nós coloríssemos? Vamos pintar? Levamos a casa na parte externa do CMEI, colocamos tintas de várias cores em pedaços de papelões e explicamos que pintaríamos utilizando as mãos. Algumas crianças passaram as mão e os pés e começaram a pintar, outras esperaram o auxílio do professor, apesar de incentivarmos respeitamos aqueles que não quiseram participar, no decorrer da atividade observávamos as interações, a forma como pintavam.

215

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de iniciação à Docência do Subprojeto Carla Carine Tortora Engeroff, do Campus de Francisco Beltrão. E-mail: karlakarine_94@hotmail.com

³ Bolsista de iniciação à Docência do Subprojeto Franciele Quevedo dos Santos, do Campus de Francisco Beltrão. E-mail: Franquevedo96@gmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Franciele Soares dos Santos, do Campus de Francisco Beltrão. E-mail: sfrancielesoares@gmail.com

A atividade foi significativa e divertida, pois com o contato com a pintura as crianças desenvolvem a coordenação motora, plasticidade, percepção de cores, estimulação dos sentidos, entre outros benefícios. Elaborando uma reflexão sobre a prática de ensino percebemos o quanto é fundamental e necessário o ato de planejar na educação infantil, pois “o planejamento marca intencionalidade do processo educativo [...] a intencionalidade traduz-se no traçar, programar, documentar a proposta do educador”. (OSTETTO, 2010, p.177). E ainda, o planejar desconstrói a visão assistencialista, claro que o cuidado é importante e que por meio dele também ocorre aprendizagem, mas é preciso tanto o cuidar quanto o educar e ambos caminham juntos. Assim, concluímos que a prática de ensino tem vários aspectos importantes, principalmente pelas vivências em sala de aula onde conseguimos realizar a práxis unindo teoria que aprendemos na universidade, com a prática que se dá na sala de aula e que nos possibilita entender os desafios e refletir enquanto educadores. Além disso, a prática pedagógica nos ajuda entender a educação, como agir na sala de aula quais métodos utilizar, como transmitir o conhecimento e como elaborar um planejamento. Com essas inserções, a teoria aprendida durante nosso processo de formação passa a ter sentido nos contextos educacionais.

Palavras-chave: Prática de Ensino; Educação infantil; Planejamento.

Referências Bibliográficas:

CRAIDY, Carmem Maria. **Conhecendo as Crianças de 0 a 6 anos.** 6º ed. Porto Alegre. 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontro e Encaminhamentos na Educação Infantil: Partilhando Experiências de Estágio.** 9º ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

JAMBERSI, Belissa do Pinho. A Arte de Contar Histórias na Sala de Aula. In: ARCE, Alessandra. **O Trabalho Pedagógico: Com Crianças até Três Anos.** Campinas-SP: Alínea, 2014.

“SIT, JUNTO, SENTADO E CALADO”: AS VOZES SILENCIADAS DO CURRÍCULO ESCOLAR¹

Wesller Fabiano Santos do Nascimento²
Mirian Arnold³
Dayanne Cristina Paetzold⁴

Resumo: O presente trabalho apresenta alguns resultados obtidos com a atividade denominada “Pense Fora da Caixa”, bem como reflexões de um novo currículo escolar que traga para o centro do debate as vozes e culturas marginalizadas na sociedade, como também apresenta modos de tencionar o chamado currículo oficial. Desenvolvido com alunos e alunas do ensino médio, do Colégio Estadual Luiz Augusto Morais Rego, em Toledo, Paraná, o projeto está ligado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O projeto consiste, basicamente, em apresentar aos/as estudantes uma caixa, onde eles e elas terão que escrever temas que gostariam de estudar na sala, sendo ligados aos conteúdos da disciplina de sociologia. A seleção de temas e seus desenvolvimentos terão o auxílio da professora supervisora e dos/as acadêmicos/as do PIBID. Como forma de que o envolvimento se efetive e convide, a turma customizará a “caixa de sugestão”, dando uma identidade coletiva. A proposta da caixa faz com que a escola seja pensada a partir de dentro, e não de fora e de cima, como o Estado a organiza curricularmente. Louis Althusser (1985), por exemplo, em seu livro “Aparelhos Ideológicos de Estado” afirma que a escola, dentre tantos outros espaços ideológicos do estado, cumpre o papel de disseminar a ideologia do Estado, fazendo com que essas crianças e adolescentes aceitem a ordem vigente. Porém, segundo Santomé (2001), a escola deve cumprir um papel crítico e transformador na vida das/os cidadãs/aos, o que implica em abrir possibilidades em se falar das culturas e vozes marginalizadas na sociedade, como as culturas infantis e juvenis, o que o autor chama de “vozes ausentes na seleção da cultura escolar”. O adultocentrismo e a metodologia de ensino tradicional criam hierarquias e mecanismos que impossibilitam manifestação das/os alunas/os que não correspondem a uma relação de submissão. Por isso, o subprojeto “Pense Fora da Caixa”, coloca o alunado em igual posição de discussão, umavez que, será ouvido a fim de saber o que gostariam de estudar, relacionando ao ensino de sociologia no ensino médio, com resultados que revelam surpreendentes fraturas no chamado currículo oficial.

217

Palavras-chave: Pibid; Sociologia; Currículo; Vozes.

Referências Bibliográficas:

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do campus de Toledo. E-mail: wesller_22@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais do Campus de Toledo. E-mail: mirian-sh@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Ciências Sociais do Campus de Toledo. E-mail: dayannepaetzold@gmail.com

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.159-177.

RELATO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS NO PIBID/FILOSOFIA PELA ACADÊMICA¹

Pâmela Antkiewicz do Rosa Corrêa Elger²

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo apresentar as Atividades desenvolvidas, até o presente momento, pela Acadêmica Pâmela Antkiewicz da Rosa Corrêa Elger ao longo da participação do Projeto PIBID/Filosofia, coordenado pelas professoras Célia Machado Benvenho e Nelsi Kistemacher Welter (coordenadoras de áreas do PIBID Filosofia) e também pelo professor Douglas Bassani (coordenador de área do PIBID Filosofia) e desenvolvido por acadêmicos da graduação em Filosofia nas escolas públicas de Toledo. O início de minha participação no projeto se deu no ano de 2014, quando passei a integrar o Grupo Atílio Fontana sob a supervisão da professora Carine Jung. Neste primeiro ano foram desenvolvidas pelo grupo atividades de seminário sobre Paulo Freire e a oficina didática de Jean Paul Sartre. O grupo também participou e ajudou na organização e realização do projeto Arte na Praça, desenvolvido na escola naquele ano, além de acompanhamento de aulas, participação em palestras e oficinas oferecidas pelo projeto. No ano de 2015, já em um grupo no Colégio Dario Vellozo, sob a supervisão da professora Sandra Patrícia Smaniotto, desenvolvemos uma oficina sobre Aristóteles e o seminário sobre Surdez. O grupo também realizou, de forma independente, um minicurso de interpretação e produção textual voltado ao pré-vestibular e ofertado para o 2º e 3º ano do Ensino Médio. Além disso, neste ano participamos do encontro anual do PIBID que aconteceu em Cascavel/PR. No encontro, apresentamos comunicações e o grupo foi convidado a apresentar a oficina de Aristóteles, reformulada totalmente em forma de teatro para se caracterizar como atividade Lúdica. Em 2016, integrei a Equipe PIBID/Filosofia do Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva sob a supervisão do professor Jorge Bregolato, sendo realizadas as atividades de participação direta em sala de aula com intervenções semanais previamente planejadas e aprovadas pelo professor supervisor. Também foi realizado pelo grupo neste ano a Oficina Didática “KANT E O ESCLARECIMENTO: A Cômoda Menoridade” que foi apresentada na Semana Acadêmica de Filosofia-SAF, no mês de Outubro. No mês de outubro o grupo participou das manifestações estudantis em defesa do Ensino Médio, que culminaram em ocupações de diversas escolas no município. Os bolsistas-ID também promoveram o estudo conjunto da MP 746/2016 e da PEC 241/2016 com estudantes do Colégio Ayrton Senna. Como o PIBID é um projeto federal ele continuou ativo durante a greve e, devido ao impedimento de realizar atividades na escola, foram realizados seminários. Também houve a participação nas frentes de protesto, elaboração de documentários e materiais a ser levados para ruas. Após o retorno da greve, foi elaborada pelo PIBID de Toledo uma exposição itinerante sobre o Massacre sofrido pelos professores, a qual foi apresentada em todas as escolas integrantes do projeto de Toledo. Atualmente estou integrada ao grupo do Jardim Europa sob a supervisão da professora Márcia Cristina Rodrigues da Silva da Conceição com o desenvolvimento e planejamento de uma oficina que visa

219

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

integrar o cinema a filosofia, trabalhando Jonh Stuart Mill e relacionando ao filme *Carol* e os temas transversais indicados pela PCNs. Também participamos do desenvolvimento de outra oficina, com um grupo à parte, integrado por bolsistas de várias escolas, a qual visa abordar a relação interdisciplinar da filosofia com os demais conteúdos e apresentar a importância que esta representa como uma unidade na grade escolar. Ambos os projetos ainda estão em desenvolvimento. O projeto PIBID tem como principal finalidade a formação mais completa e concreta do futuro docente, propiciando a este contato com métodos e alternativas inovadoras para se trabalhar a filosofia, buscando relacioná-la com o cotidiano dos alunos, influenciando-os a problematizar e reavaliar os seus ideais. Essa relação direta do docente com a realidade escolar é fundamental para que o bolsista desenvolva habilidades que lhe serão muito úteis para a futura atividade docente. Outra característica que deve ser ressaltada é a dinâmica que se desenvolve entre o acadêmico e o supervisor, como todas as atividades devem ser preparadas com o seu acompanhamento e orientação, isso se constitui como uma experiência altamente construtiva para o acadêmico. O PIBID também propicia enriquecimento curricular para o Colégio onde os bolsistas atuam, estreitando a relação escola-universidade, atualizando as abordagens pedagógicas do Professor Supervisor e assegurando aos bolsistas ID a oportunidade de vivenciar de antemão, a prática docente em uma escola de Ensino Médio. Em suma, a participação do PIBID tem profundo peso na formação acadêmica, possibilitando uma nova abertura no ensino de filosofia e experiências únicas extremamente construtivas e norteadoras. As realidades vivenciadas dentro do projeto são um treino para o que vem adiante e proporcionam a criação de estratégias e suportes emocionais para o futuro docente.

220

Palavras-chave: Filosofia; Experiências; Didática; Formação; Docência.

FILMES E NOVAS TECNOLOGIAS ATRELADAS AO DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO E/NO ENSINO DE LE¹

Antonio Antunes Ferreira Filho²
Diego Alex Pioner Próspero³
Nilson de Oliveira Bialeski⁴
Greice da Silva Castela⁵

Resumo: O presente relato tem como objetivo apresentar os resultados das aplicações das atividades didáticas que elaboramos com o auxílio de programas/tecnologias, as quais aplicamos em sala, aos alunos do 2º ano de língua espanhola, do curso ofertado pelo governo - CELEM - Língua Espanhola no *Colégio Estadual Santa Felicidade*, localizado na cidade de Cascavel-PR. As oficinas aconteceram no primeiro semestre de 2017. Tendo em vista que o ensino da língua não pode se dar separado da cultura, pois um é intrínseco ao outro, é importante discutir qual(ais) cultura(s) está(ão) sendo trabalhada(s), pois a escola em movimento de globalização tende a homogeneizar o ensino de língua, tendo como padrão de cultura, muitas vezes e/ou apenas, a cultura da Espanha. Para dialogar em nossos questionamentos e constatações relacionadas ao uso da tecnologia dentro da sala de aula utilizamos dos seguintes autores: Breda e Castela (2015) e Granetto (2011). Direcionados pela coordenadora do subprojeto de Espanhol do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na UNIOESTE *Campus* de Cascavel, elaboramos e aplicamos atividades a partir da exibição de três filmes: *Qué Tan Lejos* (2006) proveniente do Equador, que debate sobre a visão turística versus a realidade local e problemáticas sociais; *Nosotros Los Nobles* (2013) de nacionalidade Mexicana que aborda o que realmente é importante em nossas vidas e o que são futilidades, criticando a exploração das classes baixas por meio do trabalho no país em questão e *No Se Aceptan Devoluciones* (2013) também de nacionalidade Mexicana, contudo, com temática diferente do anterior, trata sobre a diversidade de gênero, adoção, aquisição de linguagem e responsabilidades. Empregamos, após a exibição dos filmes, os materiais que criamos usando a Plataforma Canva como Panfletos e Infográficos sobre a Cultura Equatoriana e Mexicana, abarcando os temas (culinária, dicas de filmes, natureza, monumentos históricos, vocabulário etc.) referentes aos países hispanos. Além do material pedagógico impresso desenvolvido, criamos um blog na plataforma Tumblr disponível no *link*: <<https://falandosobreoperu.tumblr.com/>> para que os alunos acessassem desde aparelhos móveis ou computadores em qualquer lugar e a qualquer momento. A preparação das atividades seguiu a seguinte ordem: em um primeiro momento tivemos que eleger filmes de países hispânicos para que fossem trabalhados em sala de aula; individualmente

221

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Espanhol, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: antonioaafilho@hotmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Espanhol, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: diegoalexpioner@hotmail.com.

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Espanhol, do *campus* de Cascavel-PR. E-mail: nilsonbialeski60@gmail.com.

⁵ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Espanhol, do *campus* de Cascavel. E-mail: greicecastela@yahoo.com.br.

buscamos os filmes e desenvolvemos atividades que abarcassem a cultura do país, léxico e temática dos filmes. Para tanto, utilizamos da plataforma *online* chamada Canva, disponível no *link*: <https://www.canva.com/pt_br/> com o intuito de produzir materiais que ajudassem na explicação acerca dos temas; esta tem como finalidade apresentar um design intuitivo que dá asas a criatividade do usuário, ajudando o professor, ou, o aluno criar apresentações, cartazes, posts para páginas sociais etc. Nessa plataforma, desenvolvemos infográficos que de forma mais lúdica e simples pudessem mostrar um pouco da diferença cultural de cada um dos países. Nas oficinas, exibimos os filmes em uma sala diferente, providenciamos pipoca e bebidas, para que os alunos se sentissem como no cinema. Logo após a exibição de cada filme, discutimos sobre eles, tentando sanar dúvidas e verificando se os alunos compreenderam a temática. Em um segundo momento, apresentamos um pouco da cultura dos países dos filmes e pedimos para que os alunos comentassem: Quais partes dos filmes mais gostaram? Quais menos gostaram? O que aprenderam? Quais as semelhanças entre nossa cultura e a do “*outro*”? Juntamente com o infográfico, nós bolsistas, também desenvolvemos panfletos com vocabulários para que fossem utilizados nas aulas, cada um de nós deveria escolher um vocabulário que depois foi trabalhado em uma oficina e os panfletos serviram para que os alunos fixassem melhor o conteúdo trabalhado. Em consonância com nossos objetivos as atividades ampliaram os horizontes culturais e linguísticos dos estudantes, esses se sentiram motivados e foram colaborativos nas discussões propostas em sala de aula.

Palavras-chave: Filmes; Cultura; Espanhol.

PRODUÇÃO DE MAPAS PICTÓRICOS SOBRE OS ASPECTOS DAS REGIÕES BRASILEIRAS¹

Ana Paula Kammer²
Kely Cristina Zimpel³
Larissa da Cruz Casemiro da Silva⁴
Luís Henrique dos Santos⁵
Guilherme Felipe Kotz⁶
Lia Dorotéa Pfluck⁷

Resumo: O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tem como intuito “O ensino de Geografia: da teoria à prática”. Juntamente com o auxílio dos pibidianos, professores e supervisores, é capaz de realizar atividades nas escolas, visando ensina-los a Geografia em meio ao seu cotidiano. Na realização de atividades práticas, os estudantes são capazes de entender e relacionar os fenômenos da natureza em meio a nossa vivência. Uma das atividades desenvolvidas foi a das Regiões do Brasil, realizada com o 7º ano do Colégio Monteiro Lobato – Ensino Fundamental e Médio em Marechal Cândido Rondon no dia 07 de julho de 2017. Castrogiovanni (2014, p.86) acredita que “uma educação que tem como objetivo a autonomia do sujeito passa por municiar o aluno de instrumentos que lhe permitam pensar, ser criativo e ter informações a respeito do mundo em que vive”. A aula iniciou-se com a explicação do professor supervisor. Posteriormente os alunos foram divididos em cinco grupos e cada grupo foi direcionado à uma sala com um pibidiano, que explanou sobre uma região do território brasileiro; a aula foi exposta através de mapas físicos e políticos do Brasil, slides e verbalmente, contendo nos slides tópicos que abrangem as especificidades de cada região, com imagens que marcam e definem claramente os conteúdos propostos das regiões do país. Cabe aos alunos anotar os detalhes da aula para a atividade de elaboração de mapa pictórico. Ao final da aula, uma atividade escrita foi aplicada em cada grupo pelos pibidianos referente à sua região, como forma de fixação do conteúdo. Na semana seguinte os alunos foram direcionados aos cinco grupos formados na aula anterior referentes a cada região, cada grupo teve o acompanhamento do pibidiano responsável pela equipe e os estudantes foram auxiliados na confecção de um mapa pictórico, em uma cartolina, sobre os aspectos

223

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Acadêmica do 3º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (anakm97@hotmail.com)

³ Acadêmica do 2º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (kely_zimpel2016@outlook.com)

⁴ Acadêmica do 2º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (Larissa-cruzasemiro@hotmail.com)

⁵ Acadêmico do 1º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (luishenriquedossantos509@hotmail.com)

⁶ Professor de Geografia do Colégio Monteiro Lobato- Ensino Fundamental e Médio. Bolsista Supervisor do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria à prática”, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail (guikotz@hotmail.com)

⁷ Professora do Curso de Geografia. Bolsista Coordenadora de área do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria à prática”, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (liafluck@yahoo.com.br)

da região escolhida previamente, onde puderam desenhar, pintar ou recortar revistas com imagens que remetessem as características climáticas, da vegetação, do relevo, da economia, etc. Após a confecção do mapa pictórico os alunos fizeram uma apresentação dos respectivos mapas e o que aprenderam sobre cada região, sabendo identificar cada Estado que a compõe, juntamente com demais características. É fundamental que os estudantes tenham conhecimento das regiões do Brasil, pois assim, podem compreender as diferentes culturas, aspectos físicos e econômicos que nos rodeiam em meio ao nosso cotidiano.

Palavras-chaves: PIBID; Regiões do Brasil; Mapa Pictórico.

Referências Bibliográficas:

CASTROGIOVANNI, A. C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A (Orgs.). **Ensino de Geografia:** práticas e textualização no cotidiano. São Paulo: Editora Mediação, 2014.

O PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS E SEUS SABERES DOCENTES¹

Andrews Alves Almeron²

Resumo: O Curso de Pedagogia criado no Brasil no ano de 1939 surge com o propósito de formar o técnico em educação. Posteriormente, em 1969 através do Parecer 251/69, o Curso volta-se a uma formação diferente, a do Especialista, chamado de pedagogo escolar. Todavia, ao longo do tempo, muito se discutiu quanto a real função do pedagogo, chegando à configuração atual por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, no ano de 2006, tendo como base e identidade do licenciado em Pedagogia, a Docência. A formação passa a abranger como áreas do conhecimento, saberes referentes à Educação Infantil e aos anos iniciais, atribuídos a Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências, Artes e Educação Física, além da aquisição de conhecimentos didáticos- pedagógicos e a organização do trabalho pedagógico. Nesse sentido, surge um dos pontos mais complexos da formação docente, o aprofundamento nas diversas áreas do conhecimento somado a aprendizagem de uma série de teorias e metodologias pedagógicas, algo nem sempre conquistado em um curso de quatro anos. O subprojeto PIBID Pedagogia oportunizou estudos teóricos com diversas temáticas, entre elas a formação de docentes e planejamento. Ao adentrar no espaço escolar, por intermédio das observações em sala, é permitida a análise do cotidiano docente, os pontos positivos e as dificuldades deste. A falta de um planejamento que contemple uma articulação entre as áreas do conhecimento trabalhada nos anos iniciais é um dos fatores que deixam uma brecha na formação do estudante, tendo em vista o fato de que eles não associam os conceitos de uma área com outra, tornando assim, essas disciplinas muito vagas devido a não mediação interdisciplinar. Dessa maneira, durante a regência em sala, uma das preocupações é intervir nesse fato e promover, através de um planejamento, atividades que permitam o aluno compreender e articular os conhecimentos. Com isso, esse trabalho pretende discutir sobre a formação do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental, fundamentando-se através do estudo de Pimenta (1996) e Pimenta et al (2017). Espera-se da Licenciatura que a mesma qualifique seus acadêmicos a exercerem a Docência, sendo essa a ação metódica e intencional oriunda das relações sociais e étnico-raciais. Pimenta (1996) destaca em sua obra, três saberes relativos à docência, o saber da experiência, elaborado através de seu trabalho docente, dia a dia, seguido de uma reflexão sobre sua prática pedagógica, o saber do conhecimento, sendo este os conhecimentos teóricos necessários para que o professor possa exercer a docência e o saber pedagógico, que permite ao professor construir sua prática docente diariamente, articulando os outros saberes. Assim, pensar em saberes docentes é pensar em formação de professores, articulando a formação inicial e a continuada, onde o professor mesmo já inserido na escola entende-se como um profissional em constante aprendizado e, ao participar dessa formação usufrui de outras experiências, podendo assim refletir sobre a sua e outras práticas. Cabe destacar, que os saberes docentes são construídos dia-a-dia, a partir de uma bagagem formativa, articulando teoria e prática a fim de se tornar um

225

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: andrews-almeron@hotmail.com

profissional qualificado a ensinar. O estudo de Pimenta et al (2017) através de uma pesquisa em instituições de ensino de São Paulo, apontam que as diversas disciplinas indicam a tentativa destas em formar o pedagogo, o professor de Educação Infantil e o professor de anos iniciais, direcionando um total de 38% das disciplinas, mesmo assim, os autores entendem que essa carga horária é falha para que esses profissionais formem alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. É sabido que existem avanços quanto à formação de professores dos anos iniciais, todavia, essa questão continua sendo um desafio na educação brasileira, pois não abrange uma formação que contribua para a (re) construção de novos saberes. Desse modo fica evidente a necessidade de políticas públicas em prol da formação inicial e contínua de qualidade, que contemple a valorização dos atuais e futuros professores, somada a boas condições de trabalho e assim, brinde a educação pública com profissionais competentes e compromissados com seu papel social e, sobretudo, que sejam críticos e reflexivos quanto a sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Pibid; Saberes; Formação; Docência; Pedagogia.

Referências Bibliográficas:

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** saberes da docência e identidade do professor. R. Fac. Educ. volume 22, p. 72-89. São Paulo. 1996.

PIMENTA, Selma Garrido; FUSARI, José Cerchi; PEDROSO, Cristina Cinto Araújo.; PINTO, Umberto de Andrade. **Os cursos de licenciatura em pedagogia:** fragilidades na formação inicial do professor polivalente. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 43, n. 1, p.15-30, jan./mar. 2017. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201701152815>>. Acesso em: 23de Julho. 2017.

A MASSIFICAÇÃO NO FILME “A ONDA”¹

Andressa dos Santos Cizini²

Jean Carlos Rutzen³

Liliane de Fátima Longui⁴

Resumo: Este trabalho tem por objetivo problematizar o tema da manipulação de massas retratado no filme alemão *A Onda* (2008), a partir da abordagem que o filme propõe sobre o modo autocrático de governo. Tal temática será vinculada ao texto *Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?*, de Immanuel Kant e a obra *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno. Abordaremos, ainda, a questão da ética e do respeito, temas que compõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e que aparecem permeando a relação entre professor e estudantes em alguns momentos do filme. *A Onda* explora uma experiência didática, realizada em uma escola na Alemanha, que tem o objetivo de mostrar como uma pessoa com poder de persuasão pode manipular várias outras. O filme é baseado na segunda guerra mundial e aborda o modo como as pessoas aceitaram o nazismo proposto por Hitler. No filme, o professor Rainer Wenger, formado em educação física e ciências políticas, tem o desafio de ministrar um conteúdo sobre Autocracia e decide desenvolver uma simulação com seus alunos tentando exemplificar o que um governo ditatorial pode fazer com as pessoas que são manipuladas por este. Algumas consequências apontadas pelo professor são: levar os envolvidos à realização do vandalismo, à exclusão de pessoas contrárias ao grupo e à violência com o objetivo de busca dos próprios interesses e os de seu líder. Com isso, o professor passa a ser a figura de governante e seus estudantes os seguidores. Os alunos passam a aceitar as ordens dadas pelo professor e se unem em um movimento que denominam de a onda. A partir daí, várias características vão sendo criadas ao grupo. Os estudantes passam a usar uniforme na cor branca, criam um logotipo, criam uma saudação entre os colegas integrantes do grupo, entre outras. Essas características tinham como objetivo ressaltar o exercício unificador que um regime ditatorial promove a liderança e as ordens que devem ser cumpridas, a igualdade entre as pessoas e o padrão na qual todos devem adquirir e respeitá-lo. As pessoas que se colocaram contra os ideais do movimento eram excluídas do grupo. Contudo, a simulação que deveria acontecer somente em sala de aula, toma as ruas da cidade e se torna cada vez mais violenta. Ao perceber que a situação está saindo do controle, o professor reúne seus alunos em um auditório e põe fim nessa experiência, mas Rainer é surpreendido por um de seus alunos acontecendo um fim trágico. No texto *Resposta ao que é Esclarecimento*, Kant apresenta o que são pessoas esclarecidas e pessoas que vivem na minoridade. O esclarecimento seria a saída do homem da minoridade pela qual ele é o culpado. Já a minoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção de outro. Na visão Kantiana, todo ser humano pode

227

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: andressa.cizini@hotmail.com.

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: jean@wdevel.com.br

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: lilianelongui@hotmail.com

pensar por si mesmo, para que não precise depender do pensamento dos outros, mas infelizmente muitas pessoas se acomodam na menoridade por falta de coragem e resolução. Problematizando o pensamento de Kant, o filósofo Adorno alertará para o risco de um esclarecimento doutrinador, tipo de esclarecimento que beneficiaria apenas um governante ou um determinado grupo de pessoas, pois seria algo baseado em doutrinas ideológicas. Segundo o filósofo de Frankfurt, na prática, suas consequências poderiam levar a destruição de massas e a barbárie da humanidade. Propõe, então, que o mecanismo para a libertação das massas que tem como base o pensamento emancipado é a educação. Os indivíduos devem ser educados desde crianças, a fim de promover atitudes humanitárias para a sociedade. Em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno elabora o conceito de emancipação entendido como a saída do homem da menoridade em que ele é livre da alienação, alienação esta exemplificada através de pessoas que agem sem saber o que realmente acontece, como no caso de pessoas que apóiam tal governante doutrinador, sem saber ao certo seus objetivos finais. Em outras palavras, as pessoas que vivem na menoridade seriam consideradas pessoas alienadas. Adorno retrata que esse tipo de pensamento (emancipado) dificilmente será alcançado, pois a dominação ainda é algo muito presente na vida das pessoas. A emancipação seria ainda uma mera ilusão, portanto, Adorno enfatiza que sempre devemos olhar o passado para evitar que a barbárie aconteça. Essa volta do olhar aos acontecimentos do passado (Nazismo, racismo, escravidão, etc.) deve ser encarada como uma forma de evitar que tudo isso aconteça novamente. A emancipação somente se tornaria possível quando o homem se libertasse completamente da alienação. A relação do filme com a temática seria a de ressaltar a facilidade com que a manipulação pode acontecer. Sobre a ética na questão do respeito, podemos dizer que o ser humano, é livre para ter o seu próprio pensamento, desde que tenha respeito pelos outros indivíduos que tenham as opiniões diferentes das suas e ajudar conforme a necessidade de cada um. No filme, vemos que na sala de aula, há vários alunos que se vestem que pensam e que se comportam um diferente do outro, mostrando que cada um vem de uma cultura diferente e que fazem parte de algum grupo alternativo, que é uma realidade que acontece nas escolas nos dias de hoje. Por isso mesmo o professor Wenger, faz o experimento na sala de aula para acabar com as diferenças e com os preconceitos, mostrando para os alunos que todos são iguais.

Palavras-chave: Esclarecimento; Massificação; Autocracia.

O CONCEITO DE ATIVIDADE COMO EIXO NORTEADOR DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM¹

Antonio Lucivan Colpani Junior²
Natiele Telles Mellek³
Janaina Damasco Umbelino⁴

Resumo: Este trabalho é fruto das discussões teórico-metodológicas realizadas a partir da leitura do texto “A Atividade Orientadora de Ensino como Unidade entre Ensino e Aprendizagem” no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus de Francisco Beltrão. As reflexões e discussões acerca do texto possibilitaram aos pibidianos problematizar a prática docente vivenciada em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental. Com base em (MOURA, 2010), compreendemos que “Atividade” é a organização das funções psíquicas para a resolução de problemas, sendo uma ação objetiva e planejada a fim de promover a aprendizagem, entendemos também que o processo de aprendizagem ocorre quando a criança “Penetra na vida intelectual daqueles que a cercam”, ou seja, “é na relação do sujeito com o meio físico e social [...], que se processa o seu desenvolvimento cognitivo” (MOURA, 2010). Portanto, a atividade serve como um instrumento que auxilia no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando metodologias diferenciadas, porém, não tendo um fim em si mesma, sendo seu objetivo final a internalização dos conceitos e dos conteúdos por parte dos estudantes. Ao nos depararmos com a realidade das crianças dentro da escola, nos questionamos: As crianças estão em atividade? Qual o conteúdo das atividades escolares? Como superar a fragmentação entre a prática e a teoria na atividade? Portanto, a partir dessas perguntas, executamos a prática docente com o objetivo de provocar nas crianças a necessidade de apropriação dos conteúdos enquanto se alia teoria e prática dentro da atividade escolar. O conteúdo abordado estava relacionado à história e à geografia do município de Francisco Beltrão. A aula foi realizada de forma expositiva e os pibidianos apresentaram os elementos geográficos da cidade, bem como os elementos históricos, proporcionando a discussão na sala de aula. No final da aula, ficou como tarefa de casa pesquisar sobre alguns monumentos históricos da cidade. Desta forma, foi possível possibilitar às crianças outra forma de aprendizagem das crianças por meio da pesquisa em diversos materiais que tivessem acesso (internet, livros, questionamento aos pais, entre outros). Para complementar a aula, realizamos um passeio feito nesses monumentos, nosso objetivo foi trabalhar com os conceitos apresentados em sala nos locais que haviam pesquisado, também ampliar o conhecimento sobre o tema, já que tivemos a colaboração de um guia indicado pela Secretaria Municipal de Cultura. No fim da atividade foi gravado um vídeo

229

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Pedagogia Unioeste, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: juniorcolpani@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Pedagogia Unioeste, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: juniorcolpani@hotmail.com

⁴ Coordenadora de área do Subprojeto de Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: janadumbelino@gmail.com

no qual as crianças falaram sobre o que compreenderam do conteúdo com base nas pesquisas realizadas e no passeio. Por fim, pudemos constatar que ao compreendermos Atividade como um instrumento para facilitar a metodologia do processo de ensino-aprendizagem, como meio de provocar nas crianças a necessidade de apropriação do conteúdo, evita cairmos na lógica da repetição e memorização mecânica de conteúdos por parte da criança, pois, ao sentirem a necessidade de compreensão, atribui-se também um sentido.

Palavras-chave: Atividade; Educação; Escola.

Referências Bibliográficas:

MOURA, M. O. et al. A atividade orientadora de ensino como unidade entre ensino e aprendizagem. In: MOURA, Manoel Oriosvaldo de (Org.). **A Atividade Pedagógica na Teoria Histórico-Cultural**. Brasília: Liber, Livro 2010. p. 81-109.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINA DIDÁTICA DE FILOSOFIA “GRAMSCI: A ESCOLA QUE EMERGIU DO CÁRCERE”¹

Rafaela Ortiz de Salles
Lucas Daniel Salles Acosta

Resumo: Neste trabalho a ser apresentado no V Encontro do Pibid, faremos um relatório de experiência a cerca da oficina aplicada ao 1º ano técnico do ensino médio do Colégio Estadual Jardim Porto Alegre de Toledo-PR, tendo a participação de 30 alunos e teve a duração de 01h40minmin. A oficina intitulada como “Gramsci: a escola que emergiu do cárcere” tinha por objetivo explicar a filosofia de Antônio Gramsci, filósofo, político e crítico literário que nasceu na Sardenha – Itália, em 22 de janeiro de 1891. Na oficina explicamos que em 1916, ele aderiu ao movimento socialista italiano, passou a escrever para jornais e, em 1919, fundou junto aos seus companheiros o jornal L’Ordine Nuovo. Seu trabalho inseria-se no debate político da época, marcado pelo embate político entre ideologias extremamente contrárias. Deste embate surgem dois movimentos: o movimento operário que marchava rumo à revolução socialista e o movimento fascista, que se organizou em grupos de reação ao socialismo emergente. Em 1921, Gramsci participou da fundação do partido comunista Italiano e, já em 1924, foi eleito deputado e começou a participar do embate político contra o fascismo no parlamento. Entre 1924 e 1926, a classe operária foi derrotada pela repressão e o terror fascista que se disseminava pelo país. A crise econômica e política pesaram e confluíram no golpe de estado fascista em 1926. A maioria dos dirigentes do movimento operário italiano foram presos. Gramsci passou onze anos na prisão, falecendo em 27 de abril de 1937, aos 46 anos de idade. Neste período em que passou na prisão Gramsci deu seguimento a seus escritos e isso que nos levou a nomear a oficina como “Gramsci: a escola que emergiu do cárcere” Usando de base seus conceitos e dando ênfase à escola Classista e Escola Unitária, tratadas pelo próprio autor, aproximamos sua filosofia à realidade que os alunos estavam vivenciando. Gramsci nos mostra um conceito de Ideologia e Estado onde defende a ideia de uma sociedade que pense coletivamente para tomar as devidas decisões sociais, políticas, econômicas, onde o trabalhador não deve se sujeitar somente a produzir e gerar lucro ao economicismo. O filósofo concebe em sua defesa a “ideologia orgânica” na qual defende que a visão que temos do mundo não são apenas fatos sociais, mas são fatos que devem ser discutidos e decididos por um bloco social, por meio de reflexões e discussões para o progresso da sociedade. Já no conceito de Estado, Gramsci o classifica como parte da sociedade. A intenção de trabalhar Gramsci na oficina era a de instigar os alunos a relacionarem a concepção de Escola Unitária e Escola Classista, do filósofo e problematizar junto à escola sem partido/escola democrática, fazendo uma correlação da visão de Gramsci para a realidade social em que vivemos hoje no âmbito escolar. Para uma sensibilização dos alunos quanto ao tema, usamos diversos recursos didáticos, como a música do Gabriel Pensado – Até quando e também o curta metragem “Chicken Little”, produzido pela Warner Bros. A oficina já foi apresentada diversas vezes e em todos os momentos tivemos pontos positivos, como: Ampla participação dos alunos e interesse

231

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

pelo tema proposto, ao final da oficina sempre realizamos uma espécie de debate, para podermos analisar a fixação do conteúdo e quanto a isso os alunos sempre demonstram uma desenvoltura a cerca do tema.

Palavras-chave: Gramsci; Escola Classista; Escola Unitária.

Referências Bibliográficas:

http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo21_NEILA-PEDROTTI-DRABACH.pdf

GRAMSCI, Antonio; Cadernos do Cárcere Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. 2 edição, Rio de Janeiro. 2001.

MARÇAL, Jairo (org); Antologia de Textos Filosóficos. – Curitiba: SEED – Pr., 2009.
GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. Escola, educação e trabalho na concepção de Antonio Gramsci. Disponível em:
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2015_2166.pdf

OFICINAS DE FARMACOLOGIA E CÁLCULOS DE MEDICAMENTOS COM O SEGUNDO SEMESTRE DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO¹

Ana Paula Toppe Sales²
Carla Regina Lounay³
Carne Brixner Jost⁴
Juliane Antunes de Oliveira⁵
Leilane Guis Taborda⁶
Maycon Hoffman Cheffer⁷

Resumo: O curso de enfermagem da Unioeste, Campus Cascavel/PR, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) desenvolve atividades em articulação com o Centro de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (Ceep), desde o ano de 2011, envolvendo projetos com temáticas específicas, conforme demanda da escola ou acompanhando a ação docente. Neste contexto, emergiu a necessidade de desenvolver, no início do segundo semestre de 2017, atividades de reforço referentes aos conteúdos de farmacologia e matemática para os quatro semestres do curso técnico em enfermagem, objeto do presente projeto. Neste relato apresenta-se a experiência desenvolvida com o segundo semestre do Curso Técnico em Enfermagem. Objetivos: Aprender os fundamentos de farmacologia das principais classes de fármacos utilizados na assistência prestada pela enfermagem; relembrar elementos matemáticos envolvidos na assistência farmacológica; apreender os cuidados de enfermagem inerentes à prática de administração de fármacos com os alunos do segundo semestre do curso Técnico em Enfermagem. Método: A metodologia, utilizada contou com a construção de referencial bibliográfico relativo aos fármacos utilizados na assistência de enfermagem, nos campos de prática vivenciados durante a formação acadêmica e, posteriormente, desenvolvimento da atividade por meio de oficinas, com oito horas aula, junto ao segundo semestre do curso no Ceep. A atividade ocorreu nos dias 26 e 28 de julho, no período noturno e, nos dias 27 de julho e 03 de agosto, com o segundo semestre do período matutino, no ano de 2017. No primeiro momento, o recurso utilizado foi a exposição dialogada com suporte

233

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: anatoppe@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: carlalounay@gmail.com.

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: carnebrixnerjost@gmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: julianeantunesdeoliveira@gmail.com.

⁶ Supervisora de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: leilane_fofa@hotmail.com.

⁷ Supervisor voluntário de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: maycon-cheffer@hotmail.com.

de recurso multimídia, para abordagem das principais classes de fármacos utilizados nas atividades de cuidado e, na sequência realizadas atividades práticas, com prescrições médicas reais que foram manuseadas por todos os alunos para a resolução dos problemas que envolviam farmacologia e matemática nelas presentes. Realizou-se a resolução de lista de exercícios com raciocínios matemáticos para cálculos de medicamentos. Todo material utilizado foi disponibilizado para os alunos imediatamente para acompanhamento das atividades e por e-mail. Resultados: Estavam matriculados no segundo semestre noturno 36 alunos e, no matutino, 37. Participaram da atividade no período noturno em média 29 alunos e no matutino em média 21. Foram receptivos, demonstraram interesse sobre o tema, participaram das atividades propostas, além de expressarem que a metodologia utilizada os fez entender os cálculos de medicamentos em que tinham dificuldades. A oficina possibilitou aos acadêmicos do Pibid, reconhecimento por todo empenho na organização e execução do trabalho. Com apoio e incentivo dos professores coordenadores foi possível que o mesmo fosse finalizado conforme planejado. Considerações finais: Essa experiência possibilitou o aprofundamento do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem; agregar conhecimento para a vida acadêmica; reconhecimento de fragilidades das partes envolvidas; conhecimento dos alunos quanto à prática de diluições e o aprimoramento do conhecimento de farmacologia. Foi possível observar e vivenciar a ação docente no ambiente escolar, o que contribui para a formação de profissionais enfermeiros comprometidos com a importância do estudo dos fármacos para futuros técnicos de enfermagem. Espera-se contribuir com a escola, no fortalecimento dos conhecimentos sobre farmacologia, matemática, com ênfase em cálculo de medicamento e sua aplicação no contexto de formação e trabalho do técnico em enfermagem, com vistas à segurança do trabalho profissional e, por conseguinte, das pessoas assistidas.

234

Palavras-chave: Farmacologia; Medicamentos; Enfermagem; Cuidado de Enfermagem.

A EXPERIÊNCIA DAS ASSEMBLEIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA¹

Alana Thais Quadros de Campo²
Victor Antonio Melo Silva³
Aparecida Darc de Souza⁴

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar resultados e reflexões desenvolvidos no subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Marechal Cândido Rondon, orientado pela Prof^a. Dr^a. Aparecida Darc de Souza, a partir da experiência de assembleias em sala de aula realizadas com turmas de Ensino Médio nas escolas da respectiva cidade. As assembleias foram desenvolvidas com o objetivo de ampliar a participação dos alunos na construção do processo de ensino-aprendizagem, partindo do pressuposto dialógico de Paulo Freire que *“Em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o dialogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto”* (1986). Nessa direção, a assembleia é um espaço para promover a autonomia, a participação por meio da palavra e as relações democráticas, além de instigar os alunos a exercerem capacidades psicomorais como a empatia, o diálogo, a compreensão, o juízo ou a auto-regulação (PUIG, 2002). A assembleia funciona como um momento no qual a turma *“reúne-se para refletir sobre si mesma, para tomar consciência de si mesma e para transformar-se em tudo aquilo que seus membros consideram oportuno”* (ibidem, 2002). É nesse sentido que elaboramos a dinâmica de assembleia. Os dois professores bolsistas demonstraram aos alunos como organizar uma assembleia, na qual os mesmos puderam utilizar sua autonomia para definir os temas que gostariam de discutir em História por meio de votação, cujas regras foram definidas pelos próprios alunos através de um moderador e um auxiliar eleitos. No decorrer da dinâmica, percebemos que as capacidades psicomorais evidenciadas por Puig emergiram nas atitudes e ações dos alunos, pois ao iniciarmos os trabalhos com a turma, observamos que havia apatia e conflito nas relações dos estudantes dificultando o processo de ensino-aprendizagem. A assembleia serviu para lançar luz aos problemas de diálogo entre os alunos e torna-los objeto de discussão da dinâmica. Assim, foi possível melhorar o relacionamento interpessoal da turma e atingir progressivamente os objetivos da assembleia. É importante destacar que, no início da assembleia, ao questioná-los sobre a forma de se relacionarem, o silêncio de alguns alunos foi sintomático do processo de reflexão que a assembleia deve proporcionar. Normalmente, o silêncio é encarado pelos docentes como uma atitude de negação do que esta sendo proposto, mas neste momento o silêncio demonstrava *“preocupação”, “constrangimento” e “culpa”*. No decorrer das aulas subsequentes a assembleia, observamos que a participação dos alunos nas oficinas

235

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro, voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de História, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: atq_alana@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de História, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: victorantoniomelosilva@hotmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de História, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: aparecidadarcsoza@hotmail.com

propostas aumentou, assim como o respeito aos momentos de fala entre os alunos, que eram frequentemente interrompidos uns pelos outros, e intensificou a troca de ideias entre eles. Concluímos que a assembleia demonstrou ser um instrumento que possibilita o aluno a sentir-se como construtor do próprio conhecimento e assim motivado a participar das discussões apresentadas em sala de aula e introjetando assim valores democráticos. Desta forma a assembleia expõem as divergências da turma, confrontando a homogeneização que tenta eliminar as diferenças e excluir a individualidade como forma de solucionar conflitos dos alunos.

Palavras-chave: Assembleia; Experiência; Autonomia; Ensino-aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Trad.: Adriana Lopes. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PUIG, Josep M. **Assembleia na Sala de Aula ou como Fazer Coisas com Palavras**. In: ARGUIS, R.; VIDAL, V. Tutoria: com a palavra, o aluno. Porto Alegre: Penso, 2004. p. 27-33.

ALICE NO PAÍS DA FILOSOFIA: O QUE É A FILOSOFIA?¹

Gustavo Henrique Rondis Cruvinel²
Fernando da Silva Severnini³

Resumo: Tendo em vista a importância do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID) tanto para a formação acadêmica quanto para a comunidade como um todo (visto que proporciona um diálogo entre universidade e escola), pretende-se, por meio desta breve apresentação expor um dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID) do Colégio Estadual Luiz Augusto Morais Rego. Trata-se de uma oficina didática elaborada e executada pelos bolsistas acima citados no Colégio Estadual Luiz Augusto Morais Rego com alunos do 1º e 3º anos do ensino médio. A proposta do trabalho foi propiciar ao estudante de Ensino Médio uma reflexão acerca da filosofia a partir da relação entre excertos da obra *Que é isto – a filosofia?* de Heidegger com a literatura de *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carrol, gerando um desafio ao próprio pensar. Com o problema “O que é esta tal de Filosofia?”, procuramos respondê-la por meio de um teatro, seguido de uma investigação filosófica, procurando mostrar que a filosofia é própria do homem enquanto ser que se realiza na existência. O questionamento que nos conduziu a pensar a relação entre as duas obras (de Lewis Carrol e Heidegger), se refere a suposição de sermos (ou não) capazes de conduzir nossos estudantes de Ensino Médio, e a nós mesmos, ao caminho que garanta que o exercício da reflexão nos eleve à superação das questões que nos mantém à margem daquilo que é fundamental – o próprio filosofar. Colocar em curso o filosofar pressupõe a tarefa de libertar em nós a compreensão de que filosofia e filosofar nunca estão fora da essência do existir do homem, e que, portanto, existir como ser humano é o caminho do próprio filosofar. A obra da Alice, enigmática e cheia de mistérios, nos faz pensar sobre os caminhos e decisões que tomamos e para onde vamos. Assim, relacionamos na oficina a procura da Alice com uma busca filosófica, logo Alice está procurando a resposta para a questão “O que é a Filosofia”. Pode-se dizer que a sensibilização aconteceu do começo ao fim da oficina. Primeiramente, o coelho fez um pequeno monólogo em convite aos alunos participantes para adentrarem a sala que estava decorada e ambientada seguindo alguns detalhes pontuais para que, ao máximo, se assemelhasse à toca em que se passa todo o enredo da obra *Alice no país das maravilhas*. Após o monólogo do coelho, os estudantes foram recebidos por Alice, e convidados a adentrarem numa “toca” construída junto à porta de entrada e, junto a ela fizeram um passeio pelo “caminho da Filosofia”. Tal metodologia proporcionou aos participantes colocarem-se no lugar de Alice e sentirem-se na mesma procura pela resposta que tanto a afligia. Todavia, como o teatro procurou demonstrar que a Alice não queria uma resposta meramente vazia, buscava exageradamente, a filosofia como algo sólido, até mesmo palpável. Nessa perspectiva a Alice estava tão inquieta com esse problema que

237

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pibid Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: gurondis@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: Fernando_severnini@hotmail.com

foi até o famoso filósofo Platão, para resolver a questão. Não contente com a resposta, perguntou ainda para Aristóteles, passando posteriormente por Descartes e enfim chegando ao célebre Heidegger. O pensador alemão explicou que a Filosofia, que é a questão que ela procura, tem a resposta nessa própria busca que ela, perdida faz, mostrando que a procura que a Alice está fazendo estabelece a filosofia no mundo, que não é em vão, e sim nos traz satisfação em perceber que somos seres como muitas dúvidas. Assim, deixamos a pergunta em aberto, podendo viver a nossa existência e não ter uma mera vida submetida num mundo de ilusão e sem sentido. Diante de tudo o que foi trabalhado na oficina, e com base nos fragmentos de textos lidos e debatidos nos pequenos grupos percebemos uma grande interação e participação dos alunos naquilo que foi proposto, visto que colocaram suas percepções e opiniões a respeito do tema trabalhado na oficina.

Palavras-chave: Filosofia; Ser-aí; Pensar; Filosofar; Heidegger.

Referências Bibliográficas:

CARROLL, Lewis. *Alice no país das Maravilhas*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Ilustrações de John Tenniel: Editora 34, São Paulo, 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

DINÂMICAS DE GRUPO NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA¹

André Robert Paris²
Giovani Luis Souza Scheidt³

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compartilhar os resultados de atividades de sensibilização aplicadas no ano de 2017 pelo PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto de História de Marechal Cândido Rondon, nas escolas e turmas em que atuamos. Neste ano o nosso projeto adotou como modelo de atuação, um método dialógico entre aluno e professor, tentando cada vez mais promover a horizontalidade entre as partes componentes de uma sala de aula, esse modelo foi baseado na ideia discutida por Paulo Freire e Ira Shor no livro “*Medo e Ousadia*”. Assim as oficinas de História, desenvolvidas nas salas de aulas são construídas partindo de um método que relaciona presente e passado, de modo a integrar o momento vivido pelo aluno e as experiências históricas de outros povos. Neste sentido, as oficinas são construídas para que haja uma grande participação dos alunos, como já foi colocado, para que eles se tornem os “protagonistas” da aula. Partimos do livro: *Devemos fazer tabula rasa do passado?* de Jean Chesneaux, onde ele fala de uma grande interação entre presente e passado, onde o presente orienta nossa leitura e compreensão do passado. As assembleias podem ser indicadas como modalidade educativa de fomento do protagonismo dos alunos, uma vez que são eles que organizam e definem na assembleia o conteúdo das oficinas a serem ministradas. A partir desse modelo de aula os estudantes das turmas onde são desenvolvidas as atividades do Pibid tiveram autonomia de escolher assuntos e temas a serem trabalhados com eles. Estas escolhas foram realizadas através de assembleias onde eram discutidos e votados os temas e conteúdo das oficinas. No entanto para o desenvolvimento pleno desta metodologia foi necessário antes desenvolver atividades de sensibilização e entrosamento na turma, atividades estas que surgiram como uma forma de resolução em função de dificuldades de interação com a turma, estas atividades não estavam previstas no plano, foram uma forma de minimizar este problema que surgiu durante as oficinas. O principal objetivo destas atividades foi de provocar a participação e desinibição dos alunos. Neste sentido, procuramos realizar dinâmicas de grupo para promover um sentimento de unidade para ampliar a participação coletiva da turma. Assim essas atividades de sensibilização teriam por finalidade fazer com que os alunos se tornassem comunicativos e abertos para com a aula. Como experiência profissional, temos em vista que este tipo de abordagem pode e deve ser empregada quando necessária, uma vez que a atividade se mostrou de fato bem proveitosa, tivemos experiências pessoais bem interessantes, percebemos que ao término da dinâmica o grupo se encontrava mais comunicativo, os pequenos grupos ou “panelinhas” se desfizeram por um momento, podemos observar que o grupo interagiu entre si, e não somente entre os “membros” das “panelinhas”. A nossa dinâmica consistia em provocá-los como grupo

239

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto História, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: Andre.paris@live.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto História, do *campus* de Marechal Cândido Rondon. E-mail: giovanisouza871@gmail.com

para que trabalhassem juntos de modo a resolver um problema específico, deixando de lado as suas diferenças e trabalhando coletivamente através de uma unidade de grupo que precisava ser formada para que a dinâmica fosse “resolvida”.

Palavras-chave: Autonomia; Dinâmica; Oficina.

Referências Bibliográficas:

SHOR, Ira.; FREIRE, Paulo. Medo e Ousadia – *O Cotidiano do Professor*. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CHESNEAUX, Jean. Devemos fazer tábula rasa do passado? São Paulo: Ática, 1994.

A INFLUÊNCIA DA CULTURA EUROPEIA NO BRASIL: UM PROJETO NO COLÉGIO ESTADUAL TANCREDO NEVES¹

Alisson Henrique Bavaresco²
Ana Caroline Tazinasso³
Andreza Carla Corrazza⁴
Danieli Matei⁵
Luana Andregghetti⁶

Resumo: O subprojeto de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná *campus* de Francisco Beltrão compõe o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). No ano de 2017 foi realizada uma atividade de intervenção pedagógica no Colégio Estadual Tancredo Neves, a atividade consistia em abordar a influência da Europa no Sul do Brasil, com destaque aos aspectos culturais e socioeconômicos existentes no município de Francisco Beltrão, buscamos estabelecer relações entre Francisco Beltrão e a Europa com vistas de aproximar o espaço conhecido dos alunos com o conteúdo Continente Europeu que geralmente é abordado nas aulas de Geografia do 9º ano. Os aspectos trabalhados foram culturais e socioeconômicos, por exemplo: a gastronomia, a religião, as danças, os costumes, as tradições, os idiomas, os horários de trabalho, os índices sociais, entre outros. Foram escolhidos alguns países que guardam relação com a região Sul, o critério utilizado para essa escolha foi pela forte influência desses países no Brasil e, também, pela importância que esses países têm no Continente Europeu. Para tanto, os pibidianos de iniciação à docência realizaram um trabalho de campo com o objetivo de coletar algumas imagens do município que pudessem ser utilizadas na atividade para demonstrar o quanto a “Europa” está presente no nosso cotidiano. Dessa forma, foram tiradas fotos de alguns elementos que representavam a influência europeia na arquitetura, na cultura, na gastronomia, enfim, no comércio em geral, como produtos que são comercializados e consumidos e são fabricados na Europa, *souvenir* dos pontos turísticos de alguns países da Europa que são vendidos em lojas, entre outros. A atividade pedagógica consistia em uma abordagem teórica e prática de alguns aspectos selecionados de tais países e foi organizada em dois momentos: inicialmente trabalhamos de forma expositiva apresentando aspectos gerais e curiosidades de cada país, em seguida os alunos foram convidados a observar atentamente a sala temática. Vale salientar que essa sala foi organizada pelos pibidianos de iniciação à docência e objetivava expor objetos, vestimentas, comidas típicas, imagens dos

241

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: Alisson_bava@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: anatazinasso@hotmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: andreacorrazza@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: danica_matei@hotmail.com

⁶ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: Luana_andregghetti1@hotmail.com

principais pontos turísticos. Além disso, como forma de chamar a atenção dos alunos, foram utilizados os sobrenomes dos mesmos com base nas listas de chamada, buscando a origem de seus antecedentes. A sala temática foi organizada com mesas que continham elementos específicos de cada país buscando associar o que foi exposto e problematizado aos alunos a esses elementos. No segundo momento houve um diálogo informal sobre aquilo que os alunos observaram e compreenderam do que foi exposto anteriormente, o intuito central do diálogo estava em fazer com que os alunos compreendessem a relação entre o cotidiano e os elementos apresentados sobre os países selecionados do Continente Europeu. Por meio dos relatos realizados pelos alunos no final atividade conseguimos perceber que o objetivo foi alcançado, pois os alunos participaram durante toda a atividade e conseguiram tirar suas dúvidas e perceber as relações existentes entre o lugar em que vivem e a Europa. Segundo Callai (2013) “Ao trabalhar com a ideia de construção do conhecimento o ensino deve se basear também na capacidade de o professor produzir o seu pensamento”. Devido o livro didático não contemplar de forma ampla todo o conteúdo necessário e pelo fato de serem superficiais, muitas vezes ultrapassados, cabe ao professor buscar outros meios para sanar as necessidades demonstradas pelos alunos, nesse caso, foi utilizado a sala temática como forma de trazer aspectos diferenciados propiciando a compreensão das relações do conteúdo com a sua realidade. Segundo Giroto e Mormul (2014) é importante que o professor provoque os alunos a serem leitores de mundo, fazendo-os dialogar com situações presentes na realidade atual. E pautados nessa concepção buscamos promover por meio dessa atividade uma aprendizagem que fosse ao mesmo tempo criativa e significativa.

Palavras-chave: Continente europeu; Aspectos culturais; Influência no Brasil;

Referências Bibliográficas:

GIROTO, Eduardo Donizeti; MORMUL, Najla Mehanna. **Formação Docente e Educação Geográfica: Entre a Escola e a Universidade**. 1º edição. CRV, Curitiba, 2016.

CALLAI, Helena Copetti. **A Formação do Profissional da Geografia: O Professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

RELATO SOBRE A TRANSIÇÃO DA ATIVIDADE DE PAPÉIS SOCIAIS PARA A ATIVIDADE DE ESTUDO¹

Amanda Dambroski Ribas²
Suzy Mara Ribeiro³
Janaina Damasco Umbelino⁴

Resumo: Este relato trata-se sobre o trabalho desenvolvido em uma turma de pré-escola II, da Escola Municipal Recanto Feliz, em Francisco Beltrão. Nossa inserção na escola, no ano de 2017, tem o objetivo de vivenciar as experiências no ambiente escolar, acompanhando o desenvolvimento das crianças com idade entre 4 e 5 anos de vida e as suas necessidades preestabelecidas. O PIBID vem contribuindo com a nossa formação, enquanto professores, por meio da reflexão teórica e da inserção no meio escolar, para a compreensão da função social da escola, do papel social do professor e da organização da prática educativa da escola. Este texto foi escrito fundamentado na concepção de criança conforme os estudos de Vygotsky (1989), nosso objetivo é relatar a importância da transição da atividade de papéis sociais para a atividade de estudo. A idade de 4 e 5 anos é marcada pela crise no desenvolvimento da criança, pois, segundo Martins e Facci (2016, p. 154), “as crises surgem no limite entre as idades e marcam o final de uma etapa do desenvolvimento e o começo da seguinte”. Nosso trabalho foi realizado a partir das observações e inserções em sala, nossa metodologia também acontece por meio de relatórios individuais sobre o desenvolvimento de cada criança, estudos de textos e orientação. Nesse sentido, percebemos que nesta idade ocorre o primeiro contato com o compromisso da atividade de estudo, deixando a brincadeira como o seu principal foco, assumindo a responsabilidade das atividades estabelecidas pelo professor durante as aulas, as tarefas são justamente requisitadas com este propósito para que a criança perceba a importância da concentração para a tal realização, ampliando sua percepção com o meio. Desse modo, as mediações do professor ocorrem no sentido de preparar para a atividade de estudo, que exige da criança, por exemplo, maior atenção durante maior tempo, maior controle sobre o corpo e suas necessidades, bem como permanecer em determinada postura por mais tempo e o cuidado de si mesma e de seus materiais. Portanto, é necessário compreender que as crianças estão se apropriando do conhecimento produzido pela humanidade, que são seres sociais, e interagem umas com as outras. À escola cabe o papel de transmitir e desenvolver um conhecimento ainda não descoberto, facilitando e ampliando as chances para novos hábitos de estudos. Os adultos devem acompanhar com diálogos, intervindo e mostrando o valor da aprendizagem, fazendo com que ela e os conhecimentos apropriados se tornem parte da sua realidade. Nesse sentido, os

243

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: amandanick4@outlook.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: suzymararibeiro@outlook.com

⁴ Coordenadora de área do Subprojeto de Pedagogia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: janadumbelino@gmail.com

professores têm participação essencial na trajetória escolar de seus alunos. Comprendemos também, que a transição da atividade do brincar para a atividade de estudo ocorre de maneira gradual, por meio das mediações do professor e das atividades propostas, e não como uma ruptura no desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: PIBID; Brincadeira; Atividade de Estudo; Pré-Escola.

Referências Bibliográficas;

MARTINS, Josy Cristine; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A transição da educação infantil para o ensino fundamental: dos jogos de papéis sociais à atividade de estudo. *In:* MARTINS, Lígia Márcia (Org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico:** do nascimento à velhice. São Paulo: Autores Associados, 2016. p. 149-170.

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3^a.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168p. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).

A DOMINAÇÃO QUE PROPÕE ENSINAR¹

Janaina Da Silva Guerra²

Resumo: Este trabalho refere-se a uma oficina ministrada em sala de aula para estudantes do segundo ano, do Ensino Médio, no Colégio Estadual Senador Attílio Fontana, no município de Toledo – PR. Com o objetivo de expor a prática de ensino desenvolvida e a finalidade em apresentar a metodologia de resenha de notícias, a atividade consiste em abordar e refletir criticamente junto aos estudantes, para que possa ser estudado o conteúdo de “Poder Disciplinar” de Michel Foucault. O autor é considerado filósofo, historiador e ativista político, faz abordagem de diversos temas entre eles o poder, conhecimento, discursos, sexualidade e loucura. O tema desenvolvido consta no Plano de Trabalho Docente – PTD, programado de forma anual, para atender a demanda de conteúdos planejados durante o ano letivo. A resenha utilizada para trabalhar com esse assunto foi de Luíza Muzzi (2015) “Colégios Militares Crescem em Meio a Polêmica sobre o Ensino”, sendo o seu principal objetivo usar tal temática para despertar e explicar aos alunos, os conceitos baseados nas relações desses poderes com o meio social e também seus efeitos positivos e mecanismos disciplinares estabelecidos. Sendo assim, partindo do referencial teórico de Foucault para explanar os conceitos de “poder” e explicar, os modelos punitivos abordados no livro “Vigiar e Punir: Nascimento na Prisão” (2002) e “Microfísica do Poder” (1997). Dessa forma, pode-se notar: “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” (FOUCAULT, 1997, p.8). Com o objetivo de abordar e instigar as maneiras de interpretação com respeito a dominação e suas instituições disciplinares. Dessa forma, foi proposta uma dinâmica na qual estava posta na lousa um aviso: “Sorria, você está sendo filmado”, então discutimos com a turma, qual o sentido e formas de dominação que estariam expostas na lousa de acordo com o recado. Assim, pode-se pensar qual a relação desta dinâmica com o conceito que foi elucidado sobre “Poder Disciplinar”, para Foucault. Sobre o desenvolvimento da atividade/oficina notamos que no primeiro momento os estudantes se mostraram intrigados com as possíveis formas de “dominação” e ainda, fizeram muitos questionamentos sobre o tema. Após a apresentação dos conceitos do autor e das diversas formas de “vigiar” que temos em nossa sociedade, a relação entre o “Colégio Militar” da resenha de notícias apresentada, fez com que os estudantes passassem a pensar se realmente estamos sendo “humilhados e limitados” ou se “o ensino do respeito transcende”, isso pois, segundo o texto MUZZI (2015), “(...) disciplina e a hierarquia são necessárias para criança, mas é preciso observar se as relações que envolvem tantas exigências se pautam pelo respeito, ou pelo medo.”. No terceiro e último momento, foi aberto para debate nos trouxe surpresas, pois alguns estudantes se puseram a favor das práticas de ensino dos Colégio Militares, e a maior parte se pôs contra.

245

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Sociologia, do *campus* de Toledo – PR. E-mail: janainaguerra1@live.com

Palavras-chave: Poder; Foucault; Dominação.

Referências Bibliográficas:

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

Vigiar e punir: História da violência nas prisões. São Paulo: Ática, 2002.

MUZZI, Luiza. **Colégios Militares Crescem em Meio a Polêmica Sobre Ensino**.

Publicado em 13/09/2015. Disponível em:

<http://www.otempo.com.br/cidades/col%C3%A9gios-militares-crescem-em-meio-a-pol%C3%AAmica-sobre-ensino-1.1111508>. Acessado em: 11/06/2017.

RELATO DE EXPERIENCIA DA OFICINA “A PROPAGANDA NO SURGIMENTO DO PODER TOTALITÁRIO”¹

Bianca Fidelis Demoliner²
Ruan Felipe Soares³

Resumo: Oficina é um formato diferente de aula no qual nosso subprojeto tem foco. É uma metodologia que instiga os alunos ao maior interesse na filosofia, nos autores e temas apresentados, portanto o objetivo deste trabalho é demonstrar, com um exemplo prático e diferenciado, a eficácia desta metodologia e os ganhos que os apresentadores e participantes obtém. A oficina “A propaganda no surgimento do poder totalitário” foi aplicada em março de 2017 para os demais bolsistas e coordenadores do projeto PIBID filosofia UNIOESTE - campus Toledo e aos alunos de todos os anos do ensino médio do colégio estadual Ayrton Senna da Silva, após alterações sugeridas pela equipe PIBID com os objetivos alcançados com sucesso. Pelo fato da oficina ter um tema um tanto quanto polêmico e quase atemporal, foi pensada detalhadamente pela equipe PIBID Ayrton Senna da Silva: Bárbara Bertoldo, Arielle Kant, Pamela Elger, Ana Barbosa, Bianca Fidelis, Sabrina Andrade, Ruan Felipe e com o supervisor Jorge Bregolato, para proporcionar aos alunos uma experiência que os ajudasse a refletir acerca dos conceitos apresentados. Também para melhor entender alguns fenômenos políticos e seus motivos. A experiência adquirida com a oficina será apresentada de maneira a evidenciar a importância de tais atividades no PIBID e na formação docente de todos envolvidos em sua apresentação, pois as etapas da oficina que são: sensibilização; problematização; investigação; e conceituação, possibilitam maior pesquisa e interesse por parte dos alunos e apresentadores, evento que enriquece o conhecimento e as capacidades investigativas, argumentativas e cognitivas. Além de ajudar a pensar diversas maneiras de apresentar conteúdos que por vezes são complexos e difíceis, possibilitando a melhor compreensão por parte dos alunos e melhor aproveitamento do momento da aula, e para a formação de uma didática diferente e recreativa. A oficina não precisa fechar os conteúdos, nem necessita que as etapas aconteçam em uma ordem preestabelecida, sendo possível unir duas delas, e mudar sua ordem da maneira que achar mais eficaz para sua apresentação. No caso da oficina “A propaganda no surgimento do poder totalitário” com base na filósofa Hannah Arendt, os alunos foram sensibilizados com uma encenação na qual foram peças essenciais, sentindo como a divisão em grupos opostos fictícios (pombos e capivaras voadoras) poderia simular a realidade da Alemanha durante a segunda guerra mundial e pode ser prejudicial para todos, compreendendo rapidamente como o governo totalitário funcionou. A encenação foi de um modo extrovertido para que não ficasse pesado para os participantes, devido ao contexto e peso histórico que o tema carrega. O teatro ocorreu durante toda a oficina, para que não se perdesse a “essência” da forma e maneira que pretendíamos trabalhar. Ele foi construído de modo que todos osicineiros

247

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto FILOSOFIA, do campus de TOLEDO. E-mail: biancafdemoliner@hotmail.com

3 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto FILOSOFIA, do campus de TOLEDO. E-mail: ruanfelipe_22@hotmail.com

e participantes adentrassem em um mundo que apresentamos e criamos. A sensibilização e problematização foram simultâneas ao teatro, porque existia a necessidade de manter os alunos atentos aos conceitos que seriam trabalhados posteriormente. Para a investigação e conceituação utilizamos partes do livro “Origens do Totalitarismo” que estávamos trabalhando como base fundamental para a oficina e também fatos históricos, alguns fatos já estavam presentes na obra, porém não de modo explícito. Todos os participantes da oficina conseguiram obter de modo sucinto os conceitos trabalhados na oficina: massa; líder totalitário; inimigo comum; propaganda. Ao final da oficina foi verificado, a partir do relato dos participantes, que houve uma boa compreensão dos conceitos e um bom aproveitamento da oficina.

Palavras-chave: Totalitarismo; Metodologia; Ensino; Filosofia.

Referências Bibliográficas:

ARENDT, Hannah. *O sistema totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

PROJETOS DE EXTENSÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA FUTURA PRÁTICA DOCENTE¹

Cleidi Strenske
Mirian Schröder
Joice Elaine de Campos Lambert
Carolina Videira Cruz

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo demonstrar a relevante contribuição de projetos de extensão na formação docente, bem como na prática de ensino relacionada a atividades do PIBID. A motivação inicial para a realização deste estudo decorre da participação das pibidianas do subprojeto Letras-Português da Unioeste-campus de MCRondon nos projetos “Literatura e Redação”, “Literatura em debate”, “Cineletras”, “Educação escolar e Psicologia: sala de aula, personalidades e processo de ensino”, “Distopias em Debate”, “Cineureka” e “Olhares sobre a história e o tempo presente”, promovidos pelos cursos de Letras e de História do mesmo *campus*. A ativa participação em projetos, segundo Oliveira, Santos e Dias (2016), é positiva tanto no desenvolvimento de estágios, quanto na desenvoltura da carreira. De modo a gerar a permanência dos envolvidos no meio acadêmico. A busca voluntária do estudante por projetos de extensão demonstra o interesse em conhecimentos que vão além do definido pelo currículo do curso, contemplando a aquisição de conteúdo e experiências acadêmicas, e buscando promover a interdisciplinaridade e a interação dentro da universidade, pois, ao frequentar aula extracurriculares, o acadêmico é apresentado a contextos que não fazem parte do ciclo do curso regular (COSTA; JOHANNSEN; PIVA, 2015). Da interação com a dinâmica metodológica contida nos cursos de extensão, ocorre o crescimento acadêmico, já que esta interação associa temáticas ilimitadas, e assim, proporciona ao acadêmico percepções sobre matérias extracurriculares que podem ser ativadas na concretização de aprendizado, além disso dialogam com o conteúdo previsto pela carga horária da graduação escolhida e a relação que estabelece acompanha os níveis de crescimento. Analisando a participação das pibidianas nos projetos já identificados, é possível afirmar que estes projetos promovem a interdisciplinaridade e abordam temáticas que vão além do proposto na grade curricular, como os projetos de narrativas cinematográficas, que buscam relacionar o cinema com o ensino, refletindo em como podemos explorar esse gênero em sala de aula. O projeto “Redação e Literatura” (Letras) teve por objetivo discutir a prática de ensino de literatura considerando as obras que serão cobradas no vestibular da Unioeste, e abordou como estas devem ser trabalhadas em sala de aula, apontando quais aspectos devemos considerar no ensino de literatura. Seguindo a temática literária, os cursos “Distopias em debate” (História) e “Literatura em debate” (Letras) promovem discussões de obras e correntes literárias, que fazem refletir sobre como a literatura pode ser analisada de diferentes perspectivas. Por fim, o projeto “Olhares sobre a história do tempo presente” (História) objetivava refletir sobre a conjuntura histórica atual, considerando o papel da mídia ao noticiar/divulgar esses fatos. Seguindo a coerência voltada à educação, o grupo de pibidianas participa do curso extencionista “Educação escolar e Psicologia” (Letras), que procura atualizar as problemáticas psicológicas encontradas em sala de aula.

249

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

O estudo interdisciplinar realizado revela como as ciências envolvem o contexto em uma grande rede de interações, e se complementam no conteúdo, levam ao diálogo, à reflexão e incentivam o pensamento crítico que nos faz conjecturar sobre como as matérias se relacionam, revelando outros sentidos que eram desconhecidos, além de desenvolver uma visão que quebra com a hierarquização e a dicotomia no ensino, nos fazendo analisar novos modos de ensinar e aprender, trabalhando ciências que podem ser estudadas juntas, mas que também apresentam características próprias. Com o intuito de avaliarmos as contribuições dos projetos para a formação acadêmica e para a futura prática docente realizamos um questionário, no qual a equipe do PIBID deveria responder sobre a importância da participação nessas atividades. Os resultados obtidos revelam que as teorias apresentadas anteriormente estão de acordo com a realidade, uma vez que todas as acadêmicas concordam que participar destes projetos fomenta, tanto de uma maneira geral quanto parcial, a construção de conhecimentos que contribuem para formação docente e para a prática de ensino em sala de aula.

Palavras-chave: Projetos de extensão; Formação Docente; PIBID.

Referências Bibliográficas:

COSTA, Cibele Hechel Colares da; JOHANNSEN, Fernanda Machado; PIVA, Mairim. *Literatura e extensão: processo essencial na formação de leitores*. Revista ELO - Diálogos em Extensão, vol. 04, n. 02, dez. 2015, pp48-53.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; SANTOS, Anelise Schaurich dos; DIAS, Ana Cristina Garcia. *Percepções de estudantes universitários sobre a realização de atividades extracurriculares na graduação*. Psicol. cienc. prof. [online]. 2016, vol.36, n.4, pp.864-876. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003052015>.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINA ALICE NO PAÍS DA FILOSOFIA¹

Andressa Dos Santos Cizini²

Ursula Rodrigues Galvão³

Resumo: Esta oficina foi elaborada com o intuito de estabelecer uma ponte entre reflexões teóricas geradas a partir de leituras heideggerianas que possibilitem identificar argumentos que conduzam à compreensão do papel e da importância da filosofia e a verificação de como essa perspectiva se acha nos entremeios de nossas vivências. A proposta deste trabalho é propiciar ao estudante de Ensino Médio uma reflexão acerca da filosofia a partir da relação entre excertos da obra *Que é isto – a filosofia?* de Heidegger com a literatura de *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carrol, gerando um desafio ao próprio pensar. A obra de Lewis Carrol conta a história de uma menina que ao cair na toca de um coelho descobre um universo paralelo ao seu. Por meio de diálogos, a personagem percorrerá um caminho repleto de descobertas. O fato de Alice se questionar a todo o momento remete a uma relação direta com a filosofia. Toda descoberta e questionamento feito por Alice têm relação com seu contexto histórico, seu próprio modo de ser, ou seja, sua existência. O espanto, a dúvida e a incerteza que a menina encontra farão com que ela se sinta “desafiada” a procurar novas possibilidades para sua existência. Por si só, o espanto e o questionamento nos remetem ao caminho do filosofar ao longo da história da humanidade. O filósofo alemão contemporâneo, Martin Heidegger, apresenta em sua obra, *Que é isto – a filosofia*, uma preocupação quanto ao que seja o homem, o ser-aí e o filosofar. Segundo o pensador, a filosofia é o que há de essencial ao homem. No entanto, no primeiro momento ela se encontra adormecida em nós, por isso cabe a cada ser no mundo (ser-aí) despertá-la a fim de colocar a filosofia em curso. Portanto, a filosofia deve fazer sentido ao ser; pois “ser homem já significa filosofar”, e o filosofar só é possível ao homem. O questionamento que nos conduziu a pensar a relação entre as duas obras (de Lewis Carrol e Heidegger), se refere a suposição de sermos (ou não) capazes de conduzir nossos estudantes de Ensino Médio, e a nós mesmos, ao caminho que garanta que o exercício da reflexão nos eleve à superação das questões que nos mantém à margem daquilo que é fundamental – o próprio filosofar. Colocar em curso o filosofar pressupõe a tarefa de libertar em nós a compreensão de que filosofia e filosofar nunca estão fora da essência do existir do homem, e que, portanto, existir como ser humano é o caminho do próprio filosofar. Sabendo-se que a filosofia é uma ferramenta que pode conduzir o educando a perceber-se como agente ativo na transformação de sua realidade, elaboramos a oficina com uma metodologia dentro da perspectiva proposta por Silvio Gallo, que prevê a sensibilização como passo inicial, seguida da problematização, investigação e conceituação. Esses momentos se entrelaçam culminando na conceituação das noções heideggeriana de Homem, Ser-aí e Filosofar, bem como das relações que podem vir a se estabelecer com a contemporaneidade, possibilitando ao estudante de Ensino Médio se

251

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: Andressa.cizini@hotmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: ursula.gcontatos@gmail.com)

reconhecer como sujeito ativo perante a autonomia do pensar. Apresentada para primeiro e terceiro anos do Ensino Médio no Colégio Luiz Augusto Moraes Rego, a Oficina ainda se mostrou versátil na abordagem diferenciada para alunos com diferentes entendimentos e conhecimentos sobre filosofia.

Palavras-chave: Heidegger; Alice; Filosofia; Filosofar.

Referências Bibliográficas:

ARANHA, Maria Lucia Arruda; MARTINS, Maria H. Pires. *Filosofando: Introdução a Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Moderna, 2009.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das Maravilhas*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Ilustrações de John Tenniel: Editora 34, São Paulo, 2015.

CARROLL, Lewis. *Alice no país das Maravilhas*. Edição comentada. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Ilustrações de John Tenniel: Zahar, Rio de Janeiro, 2002.

GALLO, Sílvio; FAVARETTO, Celso; ASPIS, Lima. *Filosofia no Ensino Médio* (Coleção 4 DVDs), Produtora: Atta Mídia e Educação, 2007.

GALLO, S. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: *Revista Ethica*, vol. 13, nº 1, Rio de Janeiro, 2006, p. 17-35.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HEIDEGGER, Martin. *O caminho do campo*. São Paulo: Duas cidades, 1969.

HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos Filosóficos*. Trad. Ernildo Stein: Nova Cultura, 2000. Coleção Os Pensadores.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. *Heidegger & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ARENDT, Hannah; HEIDEGGER, Martin. *Correspondência 1925/1975*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BONECAS ABAYOMI E A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO ENSINO ¹

Juliana Machiner Buraicko ²

Alison Assini ³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo demonstrar uma forma lúdica para se trabalhar a questão racial no ensino médio, trabalhada juntamente com a abordagem das raízes históricas do preconceito racial, as bonecas Abayomi representam uma das formas de resistência encontradas pelas mulheres negras durante o período da escravidão. Símbolo de resistência, tradição e poder feminino negro, as bonecas Abayomi, originam-se nos “pedaços de panos das roupas das mães africanas, que as utilizavam para diminuir o sofrimento de seus filhos nos navios negreiros” (PERINI, BELLÉ, 2012, P.680) durante o transporte dos negros da África para o Brasil. Eram feitas de forma improvisada, com pedaços das saias e nós, como forma de acalantar os filhos e trazer-lhes um pouco de divertimento, amenizando assim um pouco de seu sofrimento. A produção das bonecas Abayomi pode ser utilizada como um recurso didático para se encerrar discussões com temas raciais, através de oficinas de produção que podem ser realizadas após as aulas expositivas, sendo essas bonecas vistas como uma forma de valorização da cultura africana, além de contribuir para seu reconhecimento, elas fazem parte da herança cultural dos negros trazidos à força para o Brasil. Como bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID de Sociologia compreendo a importância de atividades lúdicas como essa dentro de sala de aula, pois o lúdico é muito mais do que brincadeira ou passatempo, ele funciona como uma alternativa para tornar a aula menos monótona e mais dinâmica, funcionando como uma ferramenta capaz de transformar o aprendizado em algo mais prazeroso e estimulante para o estudante, uma vez que torna aula mais interessante, fugindo do modelo básico de aulas puramente expositivas, modelo frequentemente adotado pelos professores. Além de entrar no quadro educacional como um elemento facilitador, tais atividades despertam a atenção do estudante, além de criar e estreitar o vínculo professor-aluno, transformando o conteúdo a ser trabalhado em algo mais prazeroso para esse estudante. Realizamos essa atividade com alunos do ensino médio através do programa e o resultado foi extremamente satisfatório, muito mais do que apenas ensinar sobre a cultura africana e as questões raciais aos alunos, é possível também melhorar o vínculo e a relação entre professor e aluno, uma vez que a atividade demanda de uma maior interação entre ambos os grupos. Um fato interessante que pudemos perceber com a aplicação dessa oficina, foi, a integração dos meninos na atividade, desfazendo-se daquela ideia de que boneca é coisa de menina, eles, assim com elas “brincaram de boneca” sem demonstrações de desagrado por parte destes com a situação. Entende-se, portanto, que atividades lúdicas como essa melhoram o processo de

253

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: (juliana_machiner@hotmail.com)

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Ciências Sociais, do *campus* de Toledo. E-mail: (alisonassini@hotmail.com)

aprendizado dos alunos, aumentando o interesse dos mesmos por aquilo que o professor irá transmitir e consequentemente trazer resultados ainda mais satisfatórios.

Palavras-chave: Bonecas Abayomi; Cultura Africana; Resistência; Atividades lúdicas; Tradição.

Referências Bibliográficas:

PERINI, Janine; BELLÉ, Larissa. **BONECAS ABAYOMI E DUCHAMP: REFLEXÕES MULTICULTURAIS A PARTIR DE UM CURRÍCULO INCLUSIVO.** In: Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. GERALDO, Sheila Cabo; DA COSTA, Luiz Cláudio (org.) - Rio de Janeiro: ANPAP, 2011.

DIFICULDADES DA PRÁTICA LIBERTADORA¹

Heloísa Heiss Giaretta
Vinicius Boaretto Kaefler

Resumo: No ano de 2017, o PIBID de História da UNIOESTE realizou leituras que têm envolvido temas relacionados a autonomia e liberdade em sala de aula, buscando trabalhar uma metodologia que permita aos estudantes perceberem-se capazes e incentivá-los a tomar iniciativa nos estudos, a fazer questionamentos e a falar mais abertamente suas ideias. Para o projeto PIBID, “uma das condições imprescindíveis para que a prática educativa seja mais livre, reflexiva e autônoma é que nós, professores, deixemos de ‘falar em lugar de’, que não caemos na aula a voz dos alunos” (Medina, p. 99). Infelizmente nos deparamos com várias dificuldades na aplicação do método dialógico, uma delas residindo no fato de que ainda somos formados num modelo de escola tradicional, onde práticas educativas democráticas e libertárias ainda representam um grande tabu. Neste sentido, os jovens com quem trabalhamos nas escolas (tanto quanto nós mesmos) não estão familiarizados com essas práticas. A questão da dificuldade dos alunos em aceitar esse método é muito mais intrínseca do que se imagina. No momento que ingressam na escola, eles enfrentam um modelo que não dá espaço para que se expressem e questionem. Infelizmente, esse tipo de ensino ainda é muito presente no Brasil, e podemos ver isso de perto ao entrarmos na sala de aula. Ao aplicarmos as oficinas, sentimos falta de participação dos alunos, e isso não se dava pelo fato de não saberem o que falar, mas pelo fato de terem insegurança em errar e medo de serem julgados pelos colegas e por nós, professores. Eles relataram que nunca tiveram voz em sala, aprenderam que o professor é quem detém o conhecimento e eles devem só escutar. Nas duas estratégias utilizadas para facilitar a compreensão e familiaridade dos alunos com o tema percebemos entraves. A primeira estratégia consistiu em estabelecer uma relação dialética passado-presente na metodologia, onde se procura relacionar o presente com a história no passado e finalizar com uma síntese visualizando o presente, que possibilitou um sentido de “estudar história” para os alunos, fazendo analogias e assim facilitou a interação deles no tema. Outra estratégia foi a de utilizarmos assembleias organizadas e definidas por eles, para escolher os temas que seriam estudados e após a aplicação das oficinas, avaliação das mesmas. Felizmente, partindo dessa nova experiência, os estudantes das turmas com as quais trabalhamos puderam desenvolver sua autonomia intelectual e também uma consciência crítica capaz de habilitá-los a atuar como sujeitos diante de sua própria história, seja no dia a dia da escola, seja em sua vida cotidiana. Percebemos que na medida em que foram se familiarizando com a metodologia os estudantes foram ficando mais à vontade, reconhecendo o quão importante eram suas opiniões e vivências na construção do conhecimento, e, ao mesmo tempo, perdendo aquela concepção de que o professor detém o saber, ao conceberem uma relação horizontal entre professor-aluno. Assim, o objetivo desta comunicação é apontar limites e perspectivas de se trabalhar com uma metodologia de ensino em história pautada em princípios de autonomia e liberdade com jovens secundaristas.

255

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

APROXIMANDO A MATEMÁTICA À PERCEPÇÃO DO ALUNO ATRAVÉS DE UM EXPERIMENTO¹

Ketelly Caroline F. da Silva²
Ueslei Mallmann³

Resumo: Este trabalho tem por finalidade expor a ideia de uma atividade envolvendo modelagem e investigação matemática, a partir das observações que fizemos de uma turma do Colégio Estadual Pacaembu. A atividade será realizada com os alunos do segundo ano do ensino médio da rede pública de ensino de Cascavel, no Colégio já mencionado, sob orientação do professor Josemar Santi, supervisor do subprojeto de Matemática vinculado ao Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. O conteúdo a ser trabalhado é Progressões Geométricas. Nosso professor supervisor já estava abordando a definição de uma Progressão Geométrica e o cálculo de seu termo geral; logo, procuramos conteúdos futuros para exercer nosso trabalho. Na sequência dos conteúdos, o livro didático apresentava o cálculo da soma finita e infinita de termos de uma Progressão Geométrica. Nos interessamos pela forma do cálculo da soma dos infinitos termos com último termo tendendo a zero, que foi abordada de forma abstrata no livro didático. Analisando a turma a ser trabalhada, notamos que havia pouco rendimento perante o método apresentado para trabalhar o conteúdo. Os alunos se dispersam e não participam ativamente da construção das relações matemáticas. Buscando melhorias, repensamos a metodologia para tornar o conteúdo perceptível, baseando-nos na teoria dos campos conceituais. *“A teoria dos campos conceituais trata-se de estudar a questão do significado dos conceitos no contexto escolar, sem perder de vistas suas raízes epistemológicas”* (Pais, 2005, p.51). Visando trabalhar com o método investigativo, elaboramos um experimento para contextualizar o conteúdo aos “olhos” do aluno, *“[...] Enquanto o matemático [...] busca níveis mais complexos de generalidade, o professor de matemática, ao contrário, deve recontextualizar o conteúdo, tentando relacioná-lo a uma situação que seja mais compreensível para o aluno”* (Pais, 2005, p.32). Para realizar o experimento, são necessários os seguintes objetos: Jarra transparente de no mínimo 2000mL (preferencialmente graduada); uma seringa graduada; um copo de medição de 500mL; um copo descartável; um recipiente com água de no mínimo 3000mL. O procedimento será realizado em forma de passos. No primeiro passo, os alunos adicionam 1000mL na jarra vazia. No segundo passo em diante, os alunos adicionam sempre metade da água do passo anterior. Após a explicação dos passos, indagaremos: “Será que a jarra transbordará em algum momento?”. A cada passo realizado, os resultados obtidos no experimento serão anotados em uma tabela. A tabela será composta por três colunas: Na primeira coluna, aparecerá o número do passo; Na segunda coluna, aparecerá a quantidade adicionada em cada passo; Na terceira coluna, aparecerá a quantidade de água total da jarra. Com os registros da tabela, espera-se que

256

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Ketelly Caroline F. da Silva Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do campus de Cascavel. E-mail: ketellymat@hotmail.com.

³ Ueslei Mallmann Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do campus de Cascavel. E-mail: ueslei_mallmann@hotmail.com.

os alunos visualizem uma construção de uma Progressão Geométrica. Ao final do experimento, será orientado que os alunos realizem um relato com alguns indagamentos acerca da tabela construída: “*O que ocorre com a quantidade da água da jarra?*”, “*Quais valores são possíveis atingir adicionando cada vez mais água?*”, “*O que ocorre com a quantidade que adicionamos a cada passo que efetuamos?*”. Após a entrega dos relatos, trabalharemos a ideia da soma infinita de uma progressão geométrica, recorrendo aos dados da tabela e revisando os conceitos já trabalhados. Esperamos que a experiência seja significativa tanto para o aluno quanto para nós, uma vez que, a prática a ser desenvolvida visa estabelecer a conexão entre a realidade e os conceitos a serem estudados.

Palavras-chave: Experimento; Progressão Geométrica; Infinito.

Referências Bibliográficas:

PAIS, Luiz Carlos. **Didática da Matemática; uma análise da influência francesa** – 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OFICINA DE FILOSOFIA E CINEMA: KOE NO KATACHI TRABALHADO COM VISTA PARA O BULLYING E O PRECONCEITO¹

Marceli Postal²
Barbara Bertoldo de Moraes³
Giullya de Almeida⁴

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar a proposta de uma oficina, ainda em fase de construção, a ser trabalhada no Colégio Estadual Castelo Branco – PREMEN, que faz parte de um projeto de FILOSOFIA E CINEMA que está sendo desenvolvido pelo grupo Pibid que atua no respectivo Colégio. Desta forma, este trabalho visará trabalhar a questão do bullying nas escolas, sensibilizando os alunos a partir de um filme que retrata esse tema. *Koe no Katachi (2016)*, ou em português, *A Forma Da Voz*, foi o filme escolhido para desenvolver este trabalho. Adaptado de um mangá, aborda a prática de bullying contra uma garota surda. A partir desse filme espera-se sensibilizar os alunos para o assunto. O bullying é uma prática agressiva que assola as escolas em todo mundo. Tendo origem no preconceito, o bullying é um grande problema existente na sociedade. Neste sentido, a oficina propõe desmistificar e combater a prática de bullying através de uma abordagem investigativa que propõe relacioná-lo aos Temas Transversais, parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais, e com o pensamento de Norberto Bobbio, filósofo e jurista que vê a origem do preconceito e das diferenças nas generalizações superficiais, fundamentadas através da tradição e do costume. Acreditamos que a abordagem do bullying através do tema transversal ética, exemplificado no filme e problematizado a partir do pensamento de Bobbio, pode-se tornar um meio muito eficaz de inserir a discussão de forma significativa na escola. Para fazer a exposição sobre a teoria de Bobbio iremos utilizar slides com citações que traçam o caminho argumentativo que o autor faz sobre esse tema. Ao expor as origens do preconceito, de acordo com o filósofo Bobbio pretendemos demonstrar que este tem como uma das consequências o bullying, que é nosso tema norteador. Introduzido o debate para o âmbito do bullying, questionaremos os alunos sobre qual é a concepção deles de bullying. Neste momento iremos apresentar a cartilha *Bullying não é legal!* Elaborada pelo Ministério Público de São Paulo, através de slides, que contém algumas informações sobre o tema. Primeiramente será apresentado a página 2 da cartilha, na qual é explorado o conceito de bullying e suas características. Após a exposição sobre o que é o bullying e suas diversas formas, será solicitado que os alunos relatem (de forma oral ou escrita) práticas dessa agressão que já presenciaram ou sofreram; com isso, será possível explorar os diversos tipos de bullying. Para abordarmos as consequências do bullying para a vítima, vamos aplicar a dinâmica da *gota d'agua*. Uma das oficinas ficará com

258

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: marcy_1057@hotmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: baarbara.bertoldo@gmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: giullya-sa@hotmail.com

um copo vazio e com uma garrafa cheia d'água, ao passo que a outra lê os relatos dos alunos; a cada relato será colocado um pouco de água no copo. Esta atividade pretende representar que a cada agressão sofrida, o indivíduo oprimido, quando não obtém ajuda, se enche de sentimentos ruins, de modo que chegue ao ponto de “transbordar” A partir disso, será possível fazer uma analogia com as consequências do bullying e o transbordar do copo como um ápice das agressões, onde a vítima fica extremamente fragilizada. Abordaremos as formas de lidar e prevenir o bullying, explorando as leis, o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar, que será projetado para os alunos na forma de slides. E então, será questionado se essas leis descritas nos documentos da escola estão realmente em vigor, se os funcionários e professores da escola fazem alguma coisa para combater o bullying, conscientizar ou repreender quem pratica essas ofensivas. Esse passo tem como objetivo, mostrar para os alunos que eles têm direitos e deveres e que estão amparados legalmente para denunciar agressões e, também, que o agressor pode responder legalmente e sofrer punições. Algumas delas são: crime hediondo de tortura e terrorismo, crime de racismo e ainda cabe indenização por Dano Moral. Por fim, com caráter de conscientização, esse passo vai consistir em passar a mensagem de que uma das formas de ajudar uma vítima de bullying é apoiá-la e denunciar o agressor. Deste modo, solicitaremos aos alunos para que escrevam mensagens positivas, que encorajem as vítimas a buscar ajuda, proporcionando um sentimento de empatia para com as vítimas. Tendo escrito as mensagens, então serão todas colocadas nos murais da escola ou, se por escolha do aluno, posteriormente entregue diretamente para uma vítima.

259

Palavras-chave: Cinema; Temas Transversais; Conscientização; Norberto Bobbio.

PÓRTICO UNIVERSITÁRIO – PROJETO DE EXTENSÃO DO PIBID¹

Bruno Miguel Catuzzo¹²

Kaiane Livi²

Ruan Felipe Soares³

Resumo: Um dos objetivos do PIBID filosofia de 2017 é a elaboração de um projeto de extensão, no qual cada grupo teria que formular um subprojeto diferente. A nossa escolha foi fazer algo relacionado aos vestibulares. A ideia deste projeto é remeter que o máximo de pessoas possíveis tenham mais oportunidades e bases para ingressar no ensino superior, um reforço como os cursinhos pré vestibular, porém de maneira gratuita, acessível e de qualidade. O nome “Pórtico universitário” já diz muito sobre o objetivo. Pórtico se refere a entrada, a entrada na Universidade. Este título tem sua origem no termo grego “*stoa*” (pórtico, em grego), o qual faz conexão com a corrente filosófica estoica, filósofos que ensinavam aos redores das cidades, sendo assim o título faz conexão com o objetivo do projeto e também com a filosofia. O projeto visa alcançar todas as pessoas que buscam adentrar no ensino superior, tanto alunos que estão finalizando o ensino médio quanto as demais pessoas da comunidade que também tem este interesse, facilitando sua entrada através do uso da filosofia para estabelecerem um pensamento crítico e lógico, e terem uma maior facilidade ao realizarem vestibulares ou concursos. Vários temas foram considerados para serem apresentados, porém apenas quatro foram estabelecidos de acordo com sua recorrência e importância, estes são: Política, Ética, Lógica e Teoria do Conhecimento. Todos estes assuntos serão trabalhados em duplas e cada grupo terá uma metodologia própria para aplicação do seu conteúdo. Deste modo, são diferenciados cada conteúdo de forma que não fique exaustiva para os participantes. A única coisa que todos os grupos terão em comum será a aplicação de um teste com as questões que serão trabalhadas de acordo com o tema, as quais foram retiradas de vários vestibulares de 2009 até 2016 por cada grupo de forma objetiva. Além do ENEM, foram procuradas questões de vestibular de instituições da UNIOESTE, UEL, UEM, UFRJ, USP, UTFPR e PUC, as quais terão o mesmo tempo para serem respondidas, que é o equivalente a 3 minutos. Essas questões serão corrigidas e utilizadas para explicar assuntos filosóficos pertinentes como contexto histórico de cada autor conjuntamente com seu método. O tema Estética também será trabalhado, porém de forma diferente, devido à limitação do tempo, já que também a consideramos importante e recorrente. (precisa escrever melhor a forma de aplicação das questões do Enem e vestibular aos alunos do ensino médio),. As atividades serão realizadas e submetidas de acordo com os

260

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Toledo – PR. E-mail: bruno.catuzzo@hotmail.com

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Toledo - PR. E-mail: kaianelivi@hotmail.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do *campus* de Toledo - PR. E-mail: ruanfelipe_22@hotmail.com

temas, sendo trabalhado um em cada mês, de agosto até novembro. Durante o desenvolvimento do projeto será criado um local para o compartilhamento do conteúdo produzido para os alunos; não será somente divulgado entre os alunos, mas disponibilizado para todo o público. Esses conteúdos incluem a produção de pequenos vídeos explanatórios sobre os assuntos apresentados.

Palavras-chave: ENEM; Vestibular; Educação; PIBID.

Referências Bibliográficas:

Brasil Escola, Universidade Estadual de Londrina
<http://vestibular.brasilecola.uol.com.br/downloads/universidade-estadual-londrina.htm>

Brasil Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro
<http://vestibular.brasilecola.uol.com.br/downloads/universidade-federal-rio-janeiro.htm>

Brasil Escola, Universidade de São Paulo
<http://vestibular.brasilecola.uol.com.br/downloads/universidade-sao-paulo.htm>

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Provas e Gabaritos
<http://vestibular.pucpr.br/gabaritos/>

Unioeste, Vestibulares Anteriores <http://www5.unioeste.br/portal/vestibular-2017/saiba-mais/vestibulares-anteriores>

UTFPR, Edições anteriores <http://www.utfpr.edu.br/futuros-alunos/exame-de-selecao-para-cursos-tecnicos/edicoes-anteriores>

A IMPORTÂNCIA DAS MAQUETES NO ENSINO-APRENDIZAGEM¹

Gian Carlos Foss²
Viviane Brunieri Barbieri³
Andreia Faoto Junkes⁴
Iasmim Fernanda Vieira⁵

Resumo: O presente trabalho relata uma intervenção realizada por integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - subprojeto de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Francisco Beltrão, no Colégio Estadual Mário de Andrade, na cidade de Francisco Beltrão-PR. Após reflexão acerca das observações realizadas em salas de aula do Ensino Médio, foi acordado com a supervisora do grupo no Colégio que seria oportuno a inserção de atividades práticas, nas quais os alunos do 1º ano realizassem, com o suporte dos pibidianos, a construção de maquetes do Estado do Paraná. O uso desse recurso didático-pedagógico deu-se com o intuito de enriquecer o conteúdo estudado e envolver os alunos de forma mais dinâmica nas atividades propostas em sala de aula, pois o reconhecimento do espaço em que se vive é fundamental para entender a organização geográfica. Evidenciou-se também na opção metodológica que é de significativa importância que os sujeitos entendam os fenômenos espaciais, por estarem ligados a seu cotidiano e a seu modo de vida. Ao entender as dinâmicas espaciais, cria-se a noção de fazer parte do contexto espacial complexo, sendo as maquetes referências positivas no processo de ensino-aprendizagem, por serem tridimensionais e proporcionarem um bom entendimento visual. De acordo com Nacke e Martins (2008, p. 01), as maquetes apresentam grande aptidão metodológica uma vez que potencializam o processo de ensino-aprendizado por meio “de sua característica mais importante, a altitude, a visualização das diversas formas de relevo, auxiliando na compreensão de conceitos geográficos, no desenvolvimento das habilidades cognitivas de representação, indispensáveis na compreensão do espaço Geográfico.” Apesar de sua elaboração se dar, a princípio, a partir do relevo, pode ser desenvolvida a partir da discussão de diferentes conteúdos. Após definir os objetivos da atividade prática, os pibidianos reservaram o laboratório de cartografia da universidade e acompanharam os alunos do colégio em uma visita pelas dependências da universidade com o auxílio de uma professora coordenadora do subprojeto. Também foi realizada apresentação de cada pibidiano envolvido neste projeto e de suas trajetórias de vida até o ingresso à universidade. O intuito desta apresentação foi buscar despertar o interesse dos alunos pela vida acadêmica e seus desdobramentos. Para que a atividade fosse desenvolvida mais rapidamente e os alunos

262

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: gianfoss@outlook.com

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: vivybarbieri236@gmail.com

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: rizzimj@hotmail.com

⁵ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão. E-mail: ias.fernanda.vieira@gmail.com

não dedicassem muito tempo às preparações de composição da maquete (transposição das cotas altimétricas e recorte do isopor), os pibidianos avançaram essas etapas, garantindo o cronograma programado para a tarde de prática. No laboratório de cartografia foi explanado brevemente os conteúdos que norteiam a atividade proposta. Os pibidianos auxiliaram os grupos, enquanto a professora supervisora encaminhou os passos da atividade, essa mediação dos pibidianos junto aos alunos do 1º ano do Ensino Médio foi considerada bastante relevante, uma vez que possibilitou a melhor compreensão do conteúdo, em sua totalidade, bem como a formação do estado do Paraná e suas estruturas internas. Dessa forma, a atividade gerou maior envolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, visto que, desde o início do ano escolar, a professora relatou aos pibidianos que a participação dos alunos, nas aulas, era pouco expressiva. Entretanto, após a intervenção destes, contatou-se uma significativa melhora na postura da turma, em virtude das atividades e dos depoimentos dos bolsistas.

Referências Bibliográficas:

NACKE, Sonia Mary Manfroi. MARTINS, Gilberto. **A maquete cartográfica como recurso pedagógico no ensino médio.** Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Artigo de conclusão do PDE. Curitiba: SEED, 2008. Endereço eletrônico: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_sonia_mary_manfroi_nacke.pdf. Acessado em: 06/08/2017.

O PLANEJAMENTO DA APLICAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO: PÓRTICO UNIVERSITÁRIO¹

Anderson Silva²
Lincoln Carvalho³

Resumo: O Projeto de Extensão "Pórtico Universitário - A Filosofia como impulso do potencial interpretativo na resolução de questões" é um trabalho em andamento do grupo do PIBID Filosofia do Colégio Ayrton Senna, que visa fornecer um reforço de conteúdo e metodologia aos estudantes do Ensino Médio que pretendem realizar o ENEM ou vestibulares, a fim de adentrar no Ensino Superior. O objetivo é incentivar e reforçar a importância dessa continuidade da formação educacional num contexto de periferia, onde frequentemente os alunos não possuem tais perspectivas acadêmicas. Neste trabalho, apresentaremos a formulação prática-teórica do que deverão ser as atividades aplicadas nesse projeto, no espaço de aulas de Filosofia para as turmas selecionadas, bem como demais alunos interessados em participar do projeto. Para tanto, será feita uma apresentação parcial do trabalho a ser realizado em sala, a partir de uma das questões do vestibular da Unioeste de 2015, sobre o pensamento do filósofo contemporâneo Peter Singer a respeito da eutanásia, dentro do amplo campo da bioética onde tal pensador é tido como um expoente. Esta questão se insere dentro de um dos quatro eixos a serem trabalhados pelo projeto: Política, Teoria do Conhecimento, Lógica e Ética - pertencendo a este último. Na apresentação, buscaremos apresentar o que é a proposta metodológica do projeto: não apenas reforçar conteúdos já vistos no decorrer do Ensino Médio, mas demonstrar aos estudantes como através de uma leitura atenta e crítica das questões, é possível o falseamento de alternativas erradas e até mesmo a confirmação de alternativas corretas nas provas de vestibular e ENEM, sem necessariamente dominar a priori o conteúdo da questão, mas aplicando conceitos lógicos e eliminando contradições nessa aguçada análise. Isto se dará primeiramente com uma visualização e leitura da questão, para a partir dela serem avaliadas as escolhas dadas na prova, com análise de cada uma e a comparação com os trechos do enunciado que remetem à falsidade ou correção de cada alternativa. Os eixos e as questões - escolhidas pelos bolsistas a partir de uma ampla análise de provas vestibulares de instituições diversas, como Unioeste, UEM, UEL, Unicentro, UNESP, USP, PUC, UFPR e outras, assim como as provas do ENEM, todas dos últimos 4 anos - são nesse sentido apenas demonstrativas, entre várias outras, embora reforçam estrategicamente alguns conteúdos frequentemente encontrados em tais provas, como a mencionada bioética, aqui representada por Peter Singer. Nesse mesmo eixo também temos a ética discursiva, com Habermas, o imperativo categórico kantiano e a ética aristotélica. Discutiremos também as nossas expectativas de, através deste trabalho, encorajar os alunos a realizarem tais provas, já que demonstraremos que, com uma sólida metodologia de interpretação e análise, pode-se complementar e até suprir a ausência de

264

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: andzera1@gmail.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: lincolnarc@hotmail.com

alguns conteúdos formativos, por qualquer motivo que seja, e obter um resultado que garanta o acesso às Universidades, em especial as públicas, onde entendemos como mais crucial a apropriação dos espaços por parte destes alunos de menores condições financeiras em geral, pelo caráter de ascensão social do Ensino Superior, estatisticamente comprovado.

Palavras-chave: Educação; ENEM; Vestibular.

Referências Bibliográficas:

SINGER, Peter. *Ética Prática*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. Tradução de Álvaro Augusto Fernandes (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

ESTUDO DA FARMACOLOGIA E MATEMÁTICA COM O TERCEIRO SEMESTRE DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO¹

Karen Peres Hernandez²
Rosa Maria Rodrigues³
Eledir Ignácio dos Santos⁴
Maria Salete da Silva Bozza⁵
Linamari Ferreira⁶
Carne Brixner Jost⁷

Resumo: O curso de enfermagem da Unioeste, Campus Cascavel/PR, através do Projeto de Bolsas Institucionais de Iniciação à Docência (Pibid) desenvolve atividades em articulação com o Centro de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (Ceep), desde o ano de 2011, envolvendo projetos com temáticas específicas, conforme demanda da escola ou acompanhando a ação docente. Conforme a Resolução 6 de 2012 que define as diretrizes curriculares nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, em seu artigo 9, quando os cursos forem ofertados na forma subsequente e cuja avaliação da escola evidencie que seja necessário, “[...] devem ser introduzidos conhecimentos e habilidades inerentes à Educação Básica, para complementação e atualização de estudos, em consonância com o respectivo eixo tecnológico, garantindo o perfil profissional de conclusão” (BRASIL, 2012, p. 4). Neste sentido houve demanda da escola para que o Pibid Enfermagem desenvolvesse projeto abordando farmacologia e cálculos envolvidos na administração de medicamentos na enfermagem. Objetivou-se apreender os fundamentos de farmacologia das principais classes de fármacos utilizados na assistência prestada pela enfermagem; relembrar elementos matemáticos envolvidos na assistência farmacológica; apreender os cuidados de enfermagem inerentes à prática de administração de fármacos. A atividade desenvolveu-se em 8h/aulas nos dias 26 e 28 de julho de 2017 no período noturno com o terceiro semestre do curso Técnico em Enfermagem da escola. As atividades foram previamente planejadas e organizadas, por meio de reuniões coletivas com os bolsistas, professores e supervisores do subprojeto. Coletivamente, elaborou-se um material didático sobre as classes farmacológicas selecionadas, sendo elas: antibióticos, anti-inflamatórios esteroides e não esteroides,

266

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: karenphernandes@hotmail.com

3 Supervisora voluntária de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: nurseyeledir@hotmail.com

4 Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: rmrodri09@gmail.com

5 Supervisora voluntária de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: msbozza@yahoo.com.br

6 Supervisora voluntária de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: linamari_25@hotmail.com

7 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: carnebrixnerjost@gmail.com

analgésicos opióides e não opióides, diuréticos, antidiabéticos, anti-hipertensivos, drogas vasoativas, sedativos, uterotônicos e inibidores ou neutralizadores do ácido gástrico. Foram confeccionadas duas listas contendo 10 exercícios cada, envolvendo cálculos de medicamentos e a elaboração de *slides* padronizados para que todo o grupo utilizasse como apoio para suas explanações. Coletivamente, optou-se por, no primeiro dia abordar os conteúdos teóricos sobre farmacologia, utilizando projetor multimídia e apresentação de *slides* e, no segundo dia desenvolver atividades práticas sobre cálculo de medicações, além do manuseio de prescrições médicas reais e atuais, de diferentes alas de internamento hospitalar. Destaca-se que tais prescrições foram fornecidas pelo Hospital Universitário do Oeste do Paraná, posteriormente transcritas, de forma que os pacientes não pudessem ser identificados. Participaram da atividade em média 27 alunos nos dois dias, número expressivo, tendo em vista que a turma é composta por 36 alunos. A atividade foi positiva, uma vez que os alunos participaram ativamente durante as exposições dialogadas do conteúdo dos slides e das demais atividades. O conteúdo de farmacologia possui um teor altamente teórico, que por vezes demonstrou ser um fator negativo, dificultando a concentração dos alunos. A atividade prática, envolvendo cálculos de medicações foi positiva, gerando participação expressiva dos alunos. De maneira geral, a atividade foi enriquecedora, trazendo à tona a necessidade de retomar conteúdos da Educação Básica, essenciais para formação profissional de qualidade.

Palavras-chave: Enfermagem; Educação em saúde; Farmacologia; Cálculo de medicações.

267

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasil, 2012. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 19 jul. 2017.

A SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: REFLEXÕES COM PROFESSORES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO¹

Karen Peres Hernandez²

Larissa Fungueto³

Manoela Cristina Berticelli⁴

Mateus Souza da Luz⁵

Tamara Tasca Faller⁶

Resumo: A vivência das professoras da escola técnica na qual as alunas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid), subprojeto Enfermagem atuam tem lhes chamado a atenção para as questões da saúde mental dos adolescentes com os quais interagem no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Diante disso, a escola demandou para o subprojeto enfermagem a realização de atividade que contribuísse com a compreensão desta fase do desenvolvimento humano e com a interação dos professores com estes adolescentes. Para tanto, propõe-se atividade com conteúdo sobre esta temática tratando sobre a adolescência, suas fases, transformações e mudanças; discute-se a promoção de ações de proteção e prevenção de agravos e das doenças mentais prevalentes nesta fase de desenvolvimento da vida do adolescente. Os adolescentes constituem uma parcela populacional pouco assistida pelos serviços de saúde o que impacta nas relações que ele estabelece na escola quando vivencia algum problema de ordem emocional ou comportamental. A união da saúde e a escola pode ser estratégia de ampliação e sustentação para o conhecimento dos fatores determinantes para estes problemas e como busca de estabelecer conceitos e abordagens com os adolescentes e suas angústias. Objetivou-se entender porque o adolescente está mais vulnerável ao adoecimento mental; identificar as principais doenças mentais que acometem o adolescente; compreender o processo de adoecimento mental do adolescente, identificando possíveis sinais e sintomas de transtornos mentais; identificar a melhor forma de abordagem para com o adolescente com transtorno mental. Desenvolveu-se intervenção educativa em saúde na modalidade de projeto de ensino no Centro Estadual Profissional Pedro Borretto Neto, com duração de duas horas aula para os professores dos cursos de educação profissional técnica de nível médio. A abordagem ocorreu por meio de uma conversa, quando o conteúdo do projeto foi discutido e exposto, utilizando-se a explanação e recurso multimídia com slides, que orientaram o desenrolar da interação com os professores. Foram abordados

268

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: (karenphernandes@hotmail.com)

3 Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: (lafungueto@yahoo.com.br)

4 Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: (manu.berticelli@gmail.com)

5 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: (mattheus72@gmail.com)

6 Aluna de Enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: (tamara_faller@hotmail.com)

durante a conversa os temas depressão, ansiedade, automutilação, transtornos alimentares e a automedicação, os quais foram estudados pelos alunos e fundamentados em referenciais bibliográficos que subsidiaram a interação com os professores da escola técnica campo de atuação das alunas Pibid. Diante da apresentação de doenças mentais que acometem os jovens, principalmente em período escolar, momento em que os mesmos se encontram em fase de transformações e mudanças, pode-se compreender a dificuldade que os professores sentem em identificar e trabalhar com esses casos. Porém verificou-se que a maioria dos profissionais já lidou com diversos casos na escola, e que muitas vezes tentam ajudar da maneira que podem. Por isso avalia-se mais uma vez a necessidade da escola compactuar, sempre que possível, com os serviços de saúde, tanto para esclarecimento de patologias quanto na busca de uma união visando o encaminhamento dos jovens a serviços especializados. Em conversa com os professores constatou-se que muitas patologias já são conhecidas pelos profissionais, mas que por se tratar de adolescentes que apresentam comportamentos diferentes no dia a dia, a identificação de casos patológicos é dificultada. Muitos, ainda, avaliam que existem paradigmas entre os próprios jovens, professores e familiares que acabam dividindo opiniões frente ao comportamento considerado anormal do adolescente e quanto à dificuldade de aceitação por parte dos amigos e familiares. Através desta atividade buscou-se frisar a importância da ligação entre saúde e escola, para poder promover ações de saúde que busquem, num trabalho conjunto, a melhoria no desenvolvimento dos jovens.

RELATO DA OFICINA DIDÁTICA DE FILOSOFIA “MÁQUINA DE GUERRA X APARELHO DE ESTADO: O GRANDE EMBATE”¹

Lucas Antonio Vogel²
José Luiz Giombelli Mariani³
Bruno Miguel Catuzzo⁴
Marcieli Postal⁵

Resumo: O trabalho ora apresentado pretende apresentar o relato de experiência da oficina didática de Filosofia “Máquina de Guerra X Aparelho de Estado: o grande embate”, desenvolvida no Colégio Estadual Dario Vellozo, em Toledo. A oficina pretendeu explanar os conceitos de Máquina de Guerra e aparelho de Estado, trabalhados por Gilles Deleuze e Félix Guattari, na obra *Mil Platôs*, fazendo relação com a obra *1984* de George Orwell, buscando identificar tais conceitos na obra literária. O objetivo principal da oficina foi motivar os estudantes do Ensino Médio para a reflexão crítica do cenário político-econômico global, por meio da compreensão que Deleuze e Guattari têm do Estado como sendo soberano buscando meios para manter seu próprio poder. Suas leis tem o aval popular e, quando não o tem, o Estado se manifesta em sua soberania com a força persuasiva e até física, para garantir sua manutenção. A Máquina de Guerra descentraliza a política, impedindo sua cristalização. Podemos compreender por Guerra esse movimento de continuidade frente à estabilidade que constitui o Estado, porém, não tem por objetivo a guerra em si. No Livro *1984*, o personagem Winston vive aprisionado pela configuração totalitarista do Estado. A obra apresenta uma sociedade completamente dominada pelo Estado, onde todos vivem em completa vigilância, que tem como figura fictícia o Grande Irmão, que é o poder absoluto do partido INGSOC (Socialismo Inglês). Na obra literária, o Partido, com intuito de evitar os pensamentos contrários ao imposto por ele, desenvolve uma nova linguagem, pura e simples, impedindo os vários significados das palavras, que não demonstre sentimento e intensidade, para a manutenção do poder. A relação existente entre a filosofia de Deleuze e Guattari e a obra literária *1984* se dá na identificação dos conceitos de Máquina de Guerra e Aparelho de Estado contidos no romance. O primeiro conceito fica evidenciado no personagem principal Winston, membro do Partido, funcionário do Ministério da Verdade que atua como Máquina de Guerra, opondo-se e resistindo de forma subversiva à arbitrariedade do Estado Totalitário e opressor. Já o segundo conceito fica claro nos demais membros do Partido sendo “massa de manobra”, submissos ao discurso ideológico e persuasivo desse Estado, amparando e legitimando o totalitarismo do Partido e para conquistar o poder usam a força física. Em meio ao totalitarismo do Estado emergem indivíduos conscientes,

270

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto FILOSOFIA, do campus de TOLEDO. E-mail: lucascoronel@hotmail.com.br

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto FILOSOFIA, do campus de TOLEDO. E-mail: joseluzmarians@gmail.com

⁴ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto FILOSOFIA, do campus de TOLEDO. E-mail: bruno.catuzzo@hotmail.com

⁵Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto FILOSOFIA, do campus de TOLEDO. E-mail: marcy_1057@hotmail.com

críticos e subversivos, que buscam resistir e superar esse Estado Opressor, fazendo também com que outros, em meio à massa, desenvolvam o senso crítico e passem a atuar contra os abusos do Estado. Na contemporaneidade, onde há a pulsão de discordância do indivíduo em relação à coletividade, podemos dizer que se estabelece uma forma de Máquina de Guerra, sendo ela revelada entre algumas minorias, como organização dos trabalhadores, movimentos sociais, movimentos estudantis, força sindical, manifestações, greves, desobediência civil, etc. Para a sensibilização da oficina, fizemos um pequeno teatro com personagens da obra *1984* e com o filósofo Deleuze. Os integrantes começam a problematização no teatro ainda, discutindo os conceitos Máquina de Guerra e Aparelho de Estado. Na etapa de investigação, os alunos foram divididos em quatro grupos, onde cada grupo trabalhou os conceitos de Máquina de Guerra e Aparelho de Estado, concebendo como se desenvolvem para cada um dos autores, Deleuze e Orwell. Na etapa seguinte, os alunos foram provocados a produzir um cartaz, contendo suas impressões sobre os conceitos trabalhados, tanto na forma da escrita, quanto de desenhos. Na conceituação cada grupo apresentou o seu cartaz para os demais, explicando o que discutiu. Vimos como muito produtiva a oficina apresentada, onde teve uma grande relevância por parte dos alunos e da nossa também pela preparação à docência que ela nos proporcionou.

Palavras-chave: Máquina de Guerra; Aparelho de Estado; Manipulação ideológica; Análise do discurso.

Referências Bibliográficas:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo esquizofrenia. vol. 5*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.
ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

CONVERSAÇÃO DENTRO DA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA¹

Anna Flávia Lenz Freitas²

Ana Maria Kaust³

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar, discutir e analisar o uso da conversação dentro da sala de aula de língua inglesa em duas escolas públicas estaduais, do ensino regular de Foz do Iguaçu - Paraná. A presente pesquisa trabalha com a perspectiva sociointeracionista da língua discutida por Oliveira, a qual postula que “[...] a ideia de interação pressupõe a presença de alguns elementos: o sujeito que fala ou escreve, o sujeito que ouve ou lê, as especificidades culturais desses sujeitos e os contextos da produção [...]” (OLIVEIRA, 2014, p. 36). Dessa maneira, podemos notar a importância de o professor ter em mente, que o aluno chega em sala de aula não estando livre de influências, ideologias e conceitos já pré estabelecidos. Portanto, ainda no âmbito de Oliveira (2014), toda interação social veicula valores e sendo assim, o falante faz escolhas temáticas, sintáticas e lexicais, de acordo com o contexto de comunicação. Dessa forma, apresentamos a abordagem comunicativa, que na perspectiva de Oliveira (2014), possui o foco na interação comunicacional entre professor e aluno e entre alunos. Sendo assim, o docente providencia materiais e circunstâncias que englobam a abordagem comunicativa. Além dessa perspectiva da língua, apresentamos também, o método audiolingual, que para Oliveira (2014), tem como objetivo principal capacitar o aluno a se comunicar oralmente na língua estrangeira, por meio de materiais e situações que facilitem a conversação, como já dito anteriormente. A comunicação por meio da escrita fica em segundo plano, tendo em vista que para esse procedimento, a oralidade é prioritária. A partir dessas leituras, analisamos as práticas em sala de aula do colégio estadual A e colégio estadual B, e percebemos que, no colégio B há a integração entre a abordagem sociointeracionista, comunicativa e audiolingual. De acordo com isso, também constatamos que em um meio social em que é dado ênfase à conversação, bem como às outras habilidades da língua, o aluno está sujeito a compreender e associar as diversas facetas do idioma com maior rapidez e facilidade. Para comprovar nossa afirmativa, citaremos a seguir algumas experiências pessoais que vivenciamos tanto no colégio A, quanto no colégio B. No estabelecimento de ensino estadual A, pudemos notar que o interesse pela língua inglesa, por parte da maioria dos alunos, é muito reduzido, se compararmos ao cotidiano de ensino de língua inglesa no colégio B. Na escola B, talvez pelas fluentes e contínuas conversas e explicações em inglês, que a professora tem com os alunos, os educandos possuem maior interesse, fascínio e curiosidade em aprender o idioma. Além da comunicação no idioma estrangeiro entre a professora da escola B com os alunos, podemos notar a comunicação, nesse mesmo idioma, entre os próprios alunos. Em conformidade com Stern (1983), quando alguém aprende uma nova língua depois da aquisição da língua materna, o indivíduo tende a achar estranho, diferente, esquisito e

272

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Letras Inglês, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: annaflavialenzfreitas@hotmail.com

3 Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Letras Inglês, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: akaust2009@hotmail.com

difícil todo o processo de aquisição do idioma estrangeiro. Porém, de acordo com nossas experiências da utilização da abordagem comunicativa, juntamente com o método audiolingual e a perspectiva sociointeracionista da língua, o aluno é capaz de desenvolver, mais rapidamente e de forma significativa, a habilidade de conversação, além de compreender as diferentes funções do idioma.

Palavras-chave: Diálogo; Língua Estrangeira Moderna; Escola Pública.

Referências Bibliográficas:

OLIVEIRA, Luciano Amaral. O que é língua?. In. **Métodos de ensino de inglês:** teorias, práticas, ideologias. São Paulo. Parábola. 2014.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Método audiolingual. In. **Métodos de ensino de inglês:** teorias, práticas, ideologias. São Paulo. Parábola. 2014.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Abordagem comunicativa. In. **Métodos de ensino de inglês:** teorias, práticas, ideologias. São Paulo. Parábola. 2014.

STERN, H. H. **Fundamental Concepts of Language Teaching.** New York: OUP. 2015.

RELATO DA OFICINA DIDÁTICA DE FILOSOFIA: SARTRE, A CULPA NÃO É DAS ESTRELAS¹

Suzana Talita Tietz²
Josiane Santos da Silva³

Resumo: O Programa de Iniciação a Docência nos coloca em situações que exigem de nós, como acadêmicos, estudantes e futuros docentes, uma constante postura de superação. A diversidade de temáticas e práticas pedagógicas desenvolvidas são alguns dos pontos que apenas um programa como o PIBID poderia proporcionar. Com este texto, pretende-se relatar uma das riquíssimas experiências que o PIBID nos proporcionou, tendo como foco o aprendizado de estudantes do Ensino Médio à introdução em um dos temas mais relevantes da Filosofia contemporânea: A Liberdade em Sartre. Através de uma oficina, o grupo buscou oferecer aos estudantes de terceiros anos uma oportunidade de aproximar sua realidade com questões importantes da filosofia e mostrar que esta se encontra mais próxima de nós do que aparenta. A Oficina Didática de Filosofia foi aplicada pelo PIBID-Filosofia/Unioeste do Colégio Estadual Jardim Europa (CEJE) Toledo-Pr. A atividade foi pensada com o intuito de fugir dos parâmetros formais das salas de aula. Neste sentido, teve como ponto de partida a obra do filósofo Jean-Paul Sartre (1905 - 1980), especificamente os excertos da obra *O Existencialismo é um Humanismo* (1952), encontrados na “Antologia de Textos Filosóficos. Para Sartre, a filosofia da existência é uma filosofia fundamentada na ação do sujeito. O sujeito torna-se responsável por aquilo que ele é. “O homem é de início um projeto que vive subjetivamente [...]. Será aquilo que ele tiver projetado ser. Não o que ele quiser ser” (SARTRE, 2009, p.620). Logo, seguindo esta perspectiva, a oficina aborda alguns dos principais conceitos sartrianos contidos na obra como: existência, essência, liberdade, escolha e má-fé. Demonstrando como, segundo Sartre, a liberdade do homem está assegurada na precedência de sua existência face a uma essência planejada, comum em todos os demais seres e objetos, que lhe permite livremente tomar escolhas, tendo responsabilidade por estas e podendo ser acusado de má-fé por querer atribuir a qualquer fator externo a responsabilidade destas suas livres escolhas. Em uma investigação direta dos textos, estes conceitos foram tratados sob a ótica das seguintes indagações: O que significa dizer que a existência do homem precede sua essência? Podemos não fazer escolhas em nossa vida? O homem pode privar-se de sua liberdade? Como podemos julgar que um homem é de má-fé? Toda a oficina foi permeada pela sensibilização, trazendo problemáticas pertinentes, sendo que, através das mesmas, buscou-se entender a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre presente na obra já mencionada. A oficina teve como dinâmica o formato de programa televisivo e a sensibilização foi elaborada de forma a não ter início nem fim, estando presente em todo andamento da atividade. Este formato deu-nos um leque de atividades possíveis, de modo que as questões puderam ser

274

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do campus de Toledo. E-mail: suzanatietz@outlook.com

³ Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Filosofia, do campus de Toledo. E-mail: josiane-77@hotmail.com

trabalhadas de forma lúdica, fazendo com que os estudantes participassem dos quadros com entusiasmo, assim como os envolvidos na apresentação da oficina. Concluindo, podemos pontuar que de modo geral a atividade transcorreu como o planejado. A oficina foi aplicada com êxito, atingindo os objetivos de problematização e discussão de temas atuais, como estupro e fanatismo, a partir do existencialismo segundo Sartre.

Palavras-chave: Oficina Didática; Liberdade; Sartre; Filosofia.

Referências Bibliográficas:

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. In: Marçal, Jairo (Org.). SEED-PR, Curitiba: 2009, p. 616- 639.

A IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES: OS DESAFIOS DO TRABALHO VOLUNTÁRIO¹

Yasmin de Fátima Carvalho Rocha²
Andreia Nakamura Bondezan³

Resumo: O trabalho a seguir tem como objetivo mostrar a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e os desafios para participar deste processo como voluntária. O subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Foz do Iguaçu, conta atualmente com oito bolsistas e uma acadêmica voluntária que realizam o projeto em uma escola da periferia da cidade. A motivação deste trabalho voluntário no PIBID tem sido a oportunidade de ampliação na formação inicial do professor. Destaca-se a relevância das atividades desenvolvidas pelo subprojeto de Pedagogia, como: participação ativa na escola com observações, o auxílio ao professor e a docência; a realização de pesquisas; momentos de discussão de textos, planejamento de aula, produção de materiais e ainda a participação em eventos científicos e publicações dos trabalhos realizados. Esta possibilidade de uma formação diferenciada que envolve o dia a dia da escola, trazendo experiências e atividades diferenciadas do seu cotidiano motivam os acadêmicos bolsistas, ou não, a ingressarem neste programa. De acordo com Saviani (2011) a formação do professor se configura por dois aspectos constitutivos do ato docente: o primeiro são os conteúdos culturais-cognitivos, e o segundo é o efetivo preparo pedagógico-didático. Para uma formação pedagógico-didática é preciso o pleno domínio dos conteúdos científicos e a prática docente. Estes fatores fazem parte das atividades do subprojeto de Pedagogia/PIBID. No entanto, ser voluntário não é um papel simples, pois uma série de empecilhos impedem muitos licenciandos de participarem do PIBID sem a bolsa auxílio. É preciso ter recursos para a locomoção até a escola, a alimentação, e ainda, dedicação de tempo semanal. Como grande parte dos acadêmicos do curso de Pedagogia são trabalhadores, não consegue esta formação diferenciada, sem ajuda financeira. Desta forma, é imprescindível investimentos em um programa que é tão importante tanto para a formação dos futuros docentes como para o aprendizado dos alunos na escola pública. No entanto, o que se tem vivenciado é o processo de luta para a manutenção do Programa, que sofre com redução do número de bolsas, falta de repasse do custeio, dentre outros (FORPIBID, 2015). Tendo em vista que PIBID tem por finalidade o incentivo e a valorização do docente na Educação Básica e os sucessos já comprovados deste Programa, a busca deveria ser no sentido da ampliação na concessão de bolsas aos acadêmicos interessados a participarem para que possam ser inseridos no cotidiano de escolas da rede pública de ensino e de todas as atividades formativas que envolvem este processo, assim como a expansão das escolas conveniadas. Desta forma, certamente muitos estudantes do ensino superior e da escola

276

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Acadêmica voluntária do Subprojeto Pedagogia, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: (ycarvalho02@gmail.com)

3 Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Pedagogia, do campus de Foz do Iguaçu. E-mail: (andreiabondezan76@gmail.com)

regular poderiam ser beneficiados com os trabalhos realizados pelo PIBID na busca por uma educação de qualidade.

Palavras-chave: PIBID; Formação de professores; Trabalho voluntário.

Referências Bibliográficas:

FORPIBID. Carta do FORPIBID: contra a opressão e pela coragem de formar professores. 2015. Disponível em: <https://www.prograd.ufg.br/up/90/o/CARTA_DO_FORPIBID.pdf>. Acesso 24 jul. 2017.

ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA – PIBID ENFERMAGEM – CASCAVEL/PR¹

Mateus Souza da Luz²
Manoela Cristina Berticelli³
Ana Cristina de Moraes⁴
Guilherme Alves da Silva⁵
Shirley Elaine Melo⁶
Larissa dos Santos Motta⁷

Resumo: A licenciatura em Enfermagem desenvolve atividades no Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid), desde o ano de 2011. As ações são pactuadas, planejadas e realizadas em conjunto entre as duas coordenações de área e os bolsistas, sendo que algumas delas contemplam todos os 21 bolsistas de Iniciação à Docência e os supervisores das escolas. Em outras, os alunos se dividem em 4 grupos e desenvolvem atividades nas escolas estaduais e na Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Curso Técnico em Enfermagem. No ano de 2017 identificou-se a necessidade de explorar e estudar o uso da língua portuguesa, com especial destaque para palavras cujo uso gera dúvidas entre os envolvidos no Subprojeto Enfermagem. Godoy e Viana (2016) indicam que o domínio da leitura e da escrita é central para os sujeitos adquirirem novos conhecimentos, relacionarem com os demais sujeitos sociais e apropriarem-se da lógica das novas tecnologias, bem como, interagirem e localizarem-se no mundo do trabalho. Assim sendo, julga-se de suma importância que os processos de formação docente promovam o domínio linguístico aos futuros professores. Diante disso, organizaram-se encontros com temas definidos e com alunos responsáveis por cada um para serem apresentados e discutidos entre todos. Foram selecionados para estudo os temas: acentuação, uso de onde e aonde, falta ou faltam, faz ou fazem, maiúscula e minúscula (circunstâncias de uso), hífen (quando usar e quando não usar), a ou há, mas ou mais, uso dos porquês (por que, por quê, porque, porquê), perda ou perca, é proibido ou é proibida, obrigado ou obrigada, menos e menas, uso de crase, uso do G ou J, plural (palavras compostas e complexas), mal ou mau, trás, atrás, traz. Cada tema foi atribuído a uma dupla de alunos que deveria elaborar estratégias de ensino fundamentadas em

278

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: mattheus72@gmail.com

3 Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: manu.berticelli@gmail.com

4 Bolsista de Iniciação à docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: ana_c_moraes@hotmail.com.

5 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: Guilhermedads@outlook.com

6 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do campus de Cascavel. E-mail: sm48138@gmail.com

7 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto enfermagem, do *campus* de Cascavel. E-mail: larimotta@hotmail.com

referencial teórico para apresentação e estudo junto ao grupo. Os alunos trouxeram várias estratégias desde a exposição através de slides até o uso de listas de exercícios e a utilização de música para consolidar os conhecimentos que estavam expondo. Em muitos momentos, dúvidas coletivas eram partilhadas e os exercícios propostos mostravam a pertinência de se incluir o estudo da língua portuguesa como atividade do Pibid, Subprojeto Enfermagem. Conclui-se que a atividade trouxe importantes reflexões sobre os limites da educação básica que não está conseguindo garantir o manejo da língua portuguesa de forma consistente e de acordo com as necessidades que se observa no seu uso na educação superior na qual a escrita e a fala são as formas predominantes de comunicação em grupo ou na socialização dos conhecimentos produzidos.

Palavras-chave: Ensino; Aprendizagem; Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Referências Bibliográficas:

GODOY, D. M.A.; VIANA, F. L. Conteúdos linguísticos como subsídio à formação de professores alfabetizadores – a experiência do Brasil e de Portugal. **Rev. bras. estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 97, n. 245, p. 82-96, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n245/2176-6681-rbeped-97-245-00082.pdf>>. Acesso em: 01 ago.2017.

DIFICULDADES ENCONTRADAS NA INICIAÇÃO DOCÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO EM SALA

Milene Maria Queiroz

Resumo: Esta apresentação tem como objetivo expor as minhas experiências no PIBID até agora e as dificuldades que encontrei no decorrer do mesmo. Estou no PIBID desde março deste ano, vinculado com o Colégio Estadual Jardim Porto Alegre. O projeto de extensão realizado pelo PIBID nesse colégio é a expansão do jornal impresso, produzido pela turma da sala de altas habilidades da professora Ivonete, onde os textos são feitos pelos alunos superdotados, sobre temas diversos que estão sendo discutidos no colégio. Agora com a ampliação para um jornal online (web radio), abre espaço para os professores também produzam conteúdos, havendo certificação para todos os participantes que contribuírem com o jornal. Esse espaço para os alunos produzirem textos é muito interessante para desenvolverem sua opinião própria e de expressão. Além de textos os alunos também realizam trabalhos artísticos como pintura, dobraduras, desenho e costura. O jornal online irá contribuir também na aproximação do aluno com o professor, com vídeo aulas e produções de textos. Fiz observações de aulas nas turmas do 1º B e no 2º A no período matutino. Através das observações notei alguns métodos de ensino, como o uso de slides com esquemas que resumem o conteúdo do livro, elaborando uma aula bem explicativa. Na minha primeira intervenção realizada em parceria com outro bolsista no Colégio Estadual Jardim Porto Alegre em que fazemos observação, tivemos como tema a ética helenística e suas principais correntes: helenismo, estoicismo e cinismo. A elaboração do plano de ensino levou horas para ser estruturado, incluindo a pesquisa de artigos e vídeos sobre o assunto. A maior dificuldade que encontrei foi à aplicação do mesmo. A preocupação com a linguagem, postura, domínio do conhecimento, coerência verbal, mostrar fácil entendimento do conteúdo proposto aos alunos, são qualidades importantes a serem desenvolvidas durante a licenciatura. A sensibilização durou em torno de vinte minutos, sem a utilização de slides ou vídeos. O PIBID tem me ajudado na elaboração de textos, como o artigo que apresentei na Semana Acadêmica de Filosofia sobre a *Origem das ideias a partir da experiência segundo Locke*, baseado em seu livro *Ensaio sobre o entendimento humano*, que teve como objetivo expor a reflexão da origem das ideias compostas e ideias simples e como elas constituem a ideia de substância. Locke supõe que a mente humana seja uma tela em branco, não possuindo nenhuma ideia inata, contrapondo a ideia de Descartes que defende essa teoria. Além desse artigo, houve a elaboração de relatórios das observações de aula do supervisor no colégio vinculado. O programa tem colaborado muito na superação dos obstáculos encontrados na iniciação a docência. Com o apoio de ótimos professores que possuem paciência e disponibilidade para corrigir erros e incentivar a seguir no caminho da docência, facilitando assim não percurso até a mesma. A experiência que o PIBID proporciona aos alunos que se preparam para a docência é fundamental para que os mesmos não se sintam despreparados ou “perdidos” no momento em que ingressam no estágio obrigatório.

280

Palavras-chave: PIBID; Docência; Dificuldades; Experiências.

INSERÇÃO E VIVÊNCIA DA AÇÃO DOCENTE NA DISCIPLINA DE ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A SAÚDE DA MULHER DO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PEDRO BOARETTO NETO¹

Larissa Fungueto²
Karen Peres Hernandez³
Ana Cristina de Moraes⁴
Eledir Inácio dos Santos⁵
Rosa Maria Rodrigues⁶
Alessandra Crystian Engles dos Reis⁷

Resumo: Acredita-se que a atuação do acadêmico bolsista no programa de iniciação a docência possibilite experiências do cotidiano da escola, proporcionando para nós bolsistas a percepção de professores de escolas públicas, buscando novos caminhos, recursos e soluções para os problemas vivenciados, desenvolvendo habilidades e competências da formação inicial de professores. O curso de enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste em parceria com o Curso Técnico em Enfermagem do Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto (Ceep), vem desenvolvendo um projeto integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid, desde o ano de 2011. A partir de 2014 está em desenvolvimento em escolas de educação básica até o final do ensino médio e na escola de educação profissional técnica de nível médio o projeto Práticas educativas do enfermeiro: possibilitando a vivência do acadêmico do curso de enfermagem na educação básica. Faz parte desta atividade o projeto de vivência docente em desenvolvimento no Centro de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto, ora descrito. Objetivo: Inserir os alunos semanalmente nas atividades docentes da escola técnica. Metodologia: As alunas no ano de 2017 acompanharam professoras em suas disciplinas no curso técnico em enfermagem obedecendo ao calendário e a divisão elaborada pela escola. O desenvolvimento das atividades se deu a partir da observação em sala de aula e coparticipação na disciplina de Assistência de Enfermagem em Saúde da mulher nas aulas práticas, sendo possível que as alunas utilizassem novas tecnologias e materiais, como forma de trazer a realidade da prática profissional dos técnicos de enfermagem. Foi realizado o registro das atividades no diário de campo confeccionado durante as aulas

281

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do Campus Cascavel. E-mail: (lafungueto@yahoo.com.br)

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do Campus de Cascavel. E-mail: (karenphernandes@hotmail.com)

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Enfermagem, do Campus Cascavel. E-mail: (ana_c_moraes@hotmail.com)

⁵ Supervisora voluntária do Subprojeto Enfermagem, do campus Cascavel. Professora do Curso Técnico de Enfermagem do Centro de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto. Email: (nurseyeledir@hotmail.com)

⁶ Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Enfermagem, do Campus de Cascavel. E-mail: (rmrodri09@gmail.com)

⁷ Coordenação voluntária de área do Subprojeto Enfermagem, do Campus de Cascavel. E-mail: (acereis75@gmail.com)

pelas acadêmicas para controle das atividades acompanhadas. Resultados: Os conteúdos que foram abordados durante as aulas semanais, foram referentes à anatomia e fisiologia da placenta, aleitamento materno, cuidados com recém-nascido na sala de parto, coleta de preventivo e parto humanizado, sendo alguns assuntos trabalhados pelas acadêmicas através de aula expositiva, utilização de materiais didáticos, de uso hospitalar e maquetes. Todas as atividades foram realizadas com orientação da professora regente da disciplina que, além de acompanhar as aulas, complementava e auxiliava frente às dúvidas dos alunos. Considerações finais: Ao final das atividades identificou-se que contribuíram sobremaneira com a formação e qualificação das ações desenvolvidas no Pibid, bem como contribuiu positivamente com sua formação docente, com a prática docente do professor regente e com a qualidade da formação dos futuros Técnicos de Enfermagem. A atuação conjunta com os docentes na sala de aula permite uma troca profícua para ambos os sujeitos envolvidos na ação docente. Para os Pibidanos é oportunidade única de vivenciar o cotidiano da sala de aula e ampliar sua competência para o exercício da docência.

Palavras-chave: Enfermagem; Saúde da mulher; Docência.

OFICINA DE FILOSOFIA E CINEMA O PREÇO DO AMANHÃ E SUA RELAÇÃO COM O MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA DE KARL MARX¹

Eduardo Bená Chicone²

Eduardo Gabriel Mass³

Eli Schmidtke⁴

Resumo: Esta oficina, desenvolvida pelos alunos bolsistas do PIBID Filosofia será aplicada no Colégio Estadual do Jardim Europa e tem como objetivo trabalhar os temas Ética, mercado de trabalho e sociedade de consumo dentro de uma sociedade capitalista, sua influência nas relações sociais estabelecidas por indivíduos e a desigualdade social causada pelo consumo. Será trabalhado o texto *O Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx, relacionado ao filme “O Preço do Amanhã”. A temática do filme tem como fim explicar problemas atuais de nossa sociedade fazendo ponte com a ficção científica; problemas esses tão comuns que podem ser facilmente relacionados com a obra de Marx, tais como: Crises, Objetificação da Mulher e Família, Relações de Trabalho. Problemas esses, que podemos encontrar tanto no filme quanto em nossa sociedade atual. O filme a ser trabalhado com os alunos trata das dificuldades impostas à maioria da população por uma classe dominante. Nesta história, o tempo tem valor, e cada um deve trabalhar o suficiente para conseguir viver; como bônus, recebem os primeiros 25 anos de vida, depois disso, é necessário prover o tempo a cada dia. Crianças, homens e mulheres, ninguém é poupado, mesmo porque, um pai ou uma mãe que não consegue o tempo suficiente para se manter e manter os seus, morre. O tempo é utilizado para pagar aluguel, supermercado e todas as despesas necessárias para a manutenção da vida. Para a realização da oficina, os alunos serão colocados em uma sala com um cenário distópico, onde assistirão o filme e na sequência vivenciarão situações semelhantes à dos personagens que aparecem no filme. O objetivo é que possam refletir sobre as relações entre a sociedade distópica do filme com a nossa sociedade atual capitalista, a fim de colocá-los frente às questões abordadas por Marx em sua obra, em que ele expõe os problemas capitalistas do século XVIII, que ainda persistem na atualidade, com o intuito de buscar soluções para os mesmos.

283

Palavras-chave: Crises; Relações de Trabalho; Classe Dominante; Tempo.

Referências Bibliográficas

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*. 1848. Disponível em www.marxists.org acessado em 24/01/2017 às 09:45 horas.

¹Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID FILOSOFIA, do campus de Toledo. E-mail: educhicone@hotmail.com.

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID FILOSOFIA, do campus de Toledo. E-mail: eduardommaas@gmail.com.

⁴ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID FILOSOFIA, do campus de Toledo. E-mail: elischmidtke2000@yahoo.com.br.

NICCOL, Andrew. *O Preço do Amanhã*. 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OG1eXUQWGT4> acessado em 24/07/2017 às 15:00 horas.

RELATO DA ATIVIDADE CAÇA AO TESOURO NO COLÉGIO ESTADUAL

MÁRIO DE ANDRADE – PR¹

Raí Remir Rech²
Mayara Machado Godoi³

Resumo: Essa atividade foi desenvolvida por um grupo de acadêmicos do subprojeto PIBDI (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do curso de Geografia da Unioeste campus de Francisco Beltrão-PR, com estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Mário de Andrade. A atividade foi proposta pela coordenação, sendo ela realizada no final de um processo de atividades desenvolvidas na “Semana de jogos” (interação entre turmas do Ensino Médio). A atividade denominada “Caça ao Tesouro” foi idealizada em conjunto com a professora supervisora Ione Modanese e após uma série de reuniões e reflexões foi realizada no dia 07/07/2017 no período matutino. Como os estudantes estavam organizados em grandes equipes, foi solicitado que escolhessem três alunos por equipe, para representarem toda a sua equipe na atividade, eles foram identificados por cores para encontrarem suas pistas correspondentes e, assim, realizar a “Caça ao Tesouro” que teve como percurso o pátio do colégio. Após uma breve explicação de como funcionaria a pontuação, a atividade desenvolveu-se em cinco momentos. O primeiro foi realizado por meio da construção de um caça palavras, que tinha como palavra-chave um Ponto Cardeal sendo utilizado como primeira pista. Cada grupo foi direcionado para locais diferentes e deveriam conseguir se localizar para dar continuidade à prova. A segunda pista foi posicionada nas Araucárias distribuídas no pátio, e teve como questão a seguinte frase: “Árvore considerada símbolo do Paraná”, havia mais de uma araucária, eles deveriam encontrar a correta. No próximo passo, foi usada a seguinte problemática: “Elemento fundamental para a vida” com a possibilidade da pista estar escondida nos mais diversos bebedouros, distribuídos por toda a extensão do colégio, este foi o ponto de acesso para os próximos passos em direção ao “tesouro”. A professora supervisora foi utilizada como uma pista (uma charada que levava os alunos até ela), sendo chamada de “número 18”, assim os estudantes chegaram até ela e receberam a próxima pista. Em seguida, foram distribuídos celulares analógicos impressos, onde atrás estava citada a frase: “Onde está o verdadeiro tesouro da escola?”. Após isso, chegaram até a palavra “biblioteca”, onde foi colocado dentro de alguns GeoAtlas, palavras sobre Geografia e nosso cotidiano, as quais juntamente com outras palavras que foram espalhadas pelo colégio, todas as palavras coletadas foram utilizadas para realizar a última atividade, sendo ela a confecção de uma paródia por cada equipe, a paródia deveria ter como tema centrar a temática “Geografia”, com flexibilidade para ser trabalhado o tema. A paródia foi apresentada para os demais estudantes. Todas as atividades tiveram como base para organização e aplicação, conceitos geográficos e trabalho em grupo, para o fortalecimento da união das turmas. A atividade foi,

285

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão – PR. E-mail: (rairemir@gmail.com).

³ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia, do *campus* de Francisco Beltrão – PR. E-mail: (mayygodoi@hotmail.com).

posteriormente, avaliada por toda a equipe envolvida e considerada positiva por estimular a reflexão a respeito de conceitos geográficos de forma lúdica.

Palavras-chave: Localização geográfica; Paródia; Atividade em equipe.

IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE BREVES REFLEXÕES¹

Gilvana Fatima Carvalho²

Resumo: A escolha por esta temática é fruto das reflexões realizadas por meio das intervenções desenvolvidas no subprojeto de Geografia, *campus* de Francisco Beltrão - Pr. Desde 2014 temos vivido a oportunidade de participar do Pibid, durante este período foram muitas as experiências e aprendizagens que merecem ser compartilhadas. Nesse sentido a ideia central é discorrer sobre a importância do Pibid para a formação docente, bem como o processo de reflexão que nos é permitido através do mesmo, constantemente, é necessário estabelecer e manter a ponte entre a universidade e escola, quando se possibilita ao futuro professor vivenciar a escola, oportuniza-o compreender os processos educativos e, também a relação professor-aluno. Com o Pibid esse contato existe e é algo fundamental no processo de formação dos futuros professores, é um programa que possibilita o contato com a escola antes de o acadêmico estar inserido na rede de ensino. Além de proporcionar o desenvolvimento de práticas sociais e pedagógicas, bem como a interrelação entre elas, possibilita a interação entre os professores e alunos que se efetiva ao repensar a teoria e prática todos os dias. “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (FREIRE, 1996, p. 43). Sendo assim precisamos pensar a nossa prática escolar embasada na reflexão desta para o ensino, levando em consideração pontos negativos e positivos de nossa ação. Com o Pibid temos a possibilidade de vivenciar a sala de aula, por meio da relação que se estabelece com alunos, professores e equipe pedagógica, cria-se um ambiente acolhedor que contribui para a formação. Assim podemos refletir sobre nossas escolhas enquanto futuros professores, nos questionando sobre o processo ao qual estamos inseridos. “É importante repensar cotidianamente sobre o papel e o valor do ensino de Geografia acerca do mundo, sua viabilidade e sua função na formação de sujeitos comprometidos com a sociedade da qual fazem parte” (MORMUL, 2014, p. 82). Temos a possibilidade de refletir sobre nosso papel no ensino, o que estamos contribuindo e o que podemos melhorar, penso que essas reflexões são oriundas dos estudos e das intervenções práticas, pois enquanto futura professora posso viver o processo de ensino e aprendizagem, e refletir sobre os desafios e possibilidades existentes. Sabemos que quando despertamos no aluno alguma inquietação é porque de certa forma ele esta sendo motivado, e assim podemos contribuir na produção de seus conhecimentos que resultaram possivelmente em mudanças na forma como interagem no mundo. É significativo para o acadêmico participar do Pibid e ter a oportunidade de vivenciar diferentes experiências durante o período de sua graduação. O contato prévio com a escola nos permite refletir sobre o processo educativo, rever conceitos e concepções e entender a educação como um todo, já que a formação do sujeito é contínua e, portanto ele estará em constante aprendizado sempre.

287

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto PIBID, do campus de Francisco Beltrão, Pr. E-mail: gilvanafcarvalho@gmail.com

Palavras-chave: Ensino; Aprendizagem; Prática; Reflexão.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORMUL, Najla Mehanna. EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA NA MODERNIDADE: INTERFACE ENTRE AS DIFERENTES CONCEPÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PRESENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [s.l.], v. 18, n. 3, p.71-84, 1 dez. 2014. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2236499414886>.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO SUBPROJETO DE FILOSOFIA¹

José Luiz Giombelli Mariani²

Resumo: O PIBID fez e faz parte da minha formação no curso de licenciatura em Filosofia, desde de quando ingressei em 2014. Ao longo destes quatro anos foram diversos os momentos de estudo, preparação, formação e atuação; proporcionando assim uma formação a docência muito ampla e diversificada, pautada em leituras e estudos acerca do ensino e principalmente do ensino de filosofia no ensino médio, uma das atividades realizadas principalmente nos dois primeiros anos foram os seminários de estudo sobre educação, onde os grupos das escolas (na época atendíamos 8 escolas), preparavam seminários, com exposição de texto e depois debatíamos acerca do tema proposto, tais momentos de formação me auxiliaram na composição da minha concepção de educação e de ensino. Atuei como bolsista PIBID nos seguintes Colégios Estaduais de Toledo: no ano de 2014 no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco; nos anos de 2015 e 2016 no Colégio Estadual Dario Vellozo, e neste ano no Colégio Estadual Jardim Porto Alegre. Durante todos esses anos, destaco importantes atividades que podem ser entendidos como meramente burocráticas, mas que na minha visão foram e são importantes, que são relatório de análise e estrutura da escola, algo que já no primeiro ano me ajudou a pensar o ambiente escolar e seu funcionamento, e o relatório de observação de aulas, as observações em sala de aula, que me ajudou a olhar o professor a partir dos alunos. Nesse sentido, a partir do segundo ano começamos a fazer mais intervenções nas aulas do professor, iniciamos com pequenas falas que me deixavam muito nervoso e tenso, mas que aos poucos foram se tornando algo quase que natural. No Colégio Estadual Dario Vellozo, no ano de 2016 realizamos um trabalho que iniciou como intervenção e se tornou um projeto bastante interessante. O projeto tinha como proposta trabalhar com questões do ENEM, fizemos duas rodadas de questões de filosofia, aos quais apresentávamos aos alunos eles respondiam e depois corrigíamos e comentávamos com eles, além de disponibilizar esses materiais aos alunos, um segundo momento deste projeto aconteceu no período de ocupações onde levamos aos estudantes dicas de estudo e preparação para a prova do ENEM. O projeto nos proporcionou ainda o desenvolvimento de diversas Oficinas Didáticas de Filosofia preparadas especialmente para o Ensino Médio, tais oficinas requerem dos bolsistas e de todos os envolvidos, estudos de autores que muitas vezes não são estudados profundamente na graduação, neste ponto já percebemos um desafio e um ponto positivo bem interessante, além é claro de preparação de como abordar tais temas e conceitos. As oficinas sem dúvida foram e são importantes na minha formação, pois agora no estágio II eu utilizo esse mesmo modelo com sensibilização, problematização, investigação e conceituação nas minhas aulas, pois eu acredito que aula de Filosofia deve buscar levar o educando a reflexão crítica de diversos temas, apoiado é claro naquilo que os diversos pensadores já elucidaram sobre, mas jamais deve ser uma simples reprodução de ideias e de teorias.

289

¹ Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

² Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Filosofia, do *campus* de Toledo. E-mail: joseluizmariani@gmail.com

Outro projeto importante do qual fiz parte no projeto, foi a elaboração do blog do projeto e de um canal no youtube, onde postamos todos os nossos “produtos” e criamos assim espaço para a divulgação de materiais didáticos para serem usados por professores e outros cursos de graduação de licenciatura em Filosofia. Por fim, destaco a participação nos eventos, para mim, que sempre fui “intrometido”, o PIBID me proporcionou algo interessantíssimo, participação na Comissão organizadora de diversos eventos, Semanas Acadêmicas, Simpósios, Jornadas entre outros. Desde carregar cadeiras e ajudar na ornamentação até coordenar sistema e montar mesas de comunicação e ser organizador de livros dos eventos. Destaco estas atividades, porque todos são instigados a participar e ajudar nos eventos, uns naturalmente fazem aquilo que são determinados a fazer, mas outros naturalmente tem dentro de si o espírito de liderança e se colocam para fazer além daquilo que estão determinados e claro, estes apreendem e tem uma bagagem muito maior de conhecimento e de liderança. Na minha formação, o PIBID foi esse algo a mais que me proporcionou momentos de pesquisa, de ensino e de extensão.

Palavras-chave: Formação à Docência; Relato de Experiência; Prática de Ensino.

TRABALHANDO CONCEITOS GEOGRAFICOS DE FORMA LUDICA¹

Ana Paula Kammer²
Guilherme Felipe Kotz³
Lia Dorotéa Fluck⁴
Luis Henrique Dos Santos⁵
Mateus Von Muhlen⁶
Erci Zimmer Mohr⁷

Resumo: O presente trabalho tem como proposta apresentar os resultados das atividades sobre conceitos geográficos desenvolvida no Colégio Estadual Monteiro Lobato – Ensino Fundamental e Médio, no dia 31 de março de 2017, por meio do subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com o intermédio do professor supervisor Guilherme Felipe Kotz. A atividade teve como objetivo fazer os alunos compreenderem a organização do espaço geográfico e sua construção, através das diferentes percepções acerca dos principais conceitos geográficos: (Região, Paisagem, Natureza, Lugar, Redes e Território). Os conceitos foram apresentados primeiramente de forma teórica por cada pibidiano, e depois através de atividades práticas, as quais tiveram boa aceitação pelos alunos e um bom rendimento, como relata este aluno do 7º ano *“Gostei muito deste dia, porque ao mesmo tempo que brincamos, aprendemos e relembramos muitas coisas”*. A atividade contou com a participação de 10 pibidianos e teve o envolvimento das turmas do 6º e 7º anos, totalizando 40 alunos, ao todo teve a duração de 3 aulas de 45 minutos. A aula iniciou com a explicação do conceito de Região e após o jogo “Trilha Gigante Geográfica” envolvendo todos os alunos, na sequência os alunos foram divididos em grupos, onde cada um foi direcionado para uma sala diferente referente a oficina de um conceito, onde que após a execução da atividade houvesse a troca das oficinas, assim cada dupla de pibidianos explicou o conceito ao seu grupo de alunos, e em seguida foi desenvolvida uma atividade referente, com o conceito proposto por cada dupla de pibidianos, sendo que cada uma foi trabalhada de forma diferente, de maneira lúdica, resultando nas seguintes práticas: “Paisagem – Twister Geográfico”, “Natureza – o jogo Imagem e Ação”, “Lugar – música e poesia”, “Redes – teia com barbantes”, “Território – apresentação com fantoches”. As atividades tiveram como

291

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do governo brasileiro, pelo Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), voltado para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto, Subprojeto de Geografia PIBID, do campus de Marechal Candido Rondon. E-mail: anakm97@hotmail.com

3 Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto de Geografia PIBID, do campus de Marechal Candido Rondon. E-mail: quikotz@hotmail.com

4 Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto de Geografia PIBID, do campus de Marechal Candido Rondon. E-mail: liafluck@yahoo.com.br

5 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia PIBID, do campus de Marechal Candido Rondon. E-mail: luishenriquedossantos509@hotmail.com

6 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia PIBID, do campus de Marechal Candido Rondon E-mail: mateusvon@hotmail.com

7 Voluntaria de Iniciação à Docência do Subprojeto de Geografia PIBID, do campus de Marechal Candido Rondon E-mail: ercimorh@gmail.com

objetivo fazer os alunos compreenderem a organização do espaço geográfico e sua construção, através das diferentes percepções acerca dos conceitos geográficos supracitados, de forma divertida lúdica e didática. “Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo” (FRIEDMAN, 1996, p. 41).

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Conceitos geográficos; Atividade lúdica.

Referências Bibliográficas:

FRIEDMANN, Adriana. Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

PIBID FILOSOFIA PROMOVENDO A EXTENSÃO EM SEUS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO¹

Nelsi Kistemacher Welter²
Célia Machado Benvenho³

Resumo: O PIBID Filosofia da UNIOESTE, que atualmente conta com 42 bolsistas ID, 5 supervisores e 3 coordenadores de área, encerra seu ciclo de quatro anos de atividades de formação e de integração dos estudantes juntos às escolas de ensino médio. Desde o início do Projeto, temos proposto um PIBID atuante na universidade e nas escolas conveniadas. Para tanto, temos proposto atividades formativas e de debate das temáticas que envolvem a Filosofia e seu ensino, mas também das demais temáticas que envolvem o ambiente escolar e a universidade. O Pibid tem presença destacada nos eventos do curso de Filosofia, envolvendo desde a sua coordenação, organização, monitorias de atividades. Destacamos, especialmente, o Simpósio em Filosofia e a Semana Acadêmica de Filosofia, ambos eventos anuais e já consagrados, o primeiro de caráter internacional e o segunda de caráter local. Realizada há poucos dias, a Semana Acadêmica contou com a presença destacada dos bolsistas do Pibid na apresentação de comunicações, na monitoria e apresentação de oficinas didáticas. Se a universidade é o principal espaço de formação e de orientação dos acadêmicos bolsistas – que constantemente recorrem à orientação dos professores do curso para a indicação de materiais de pesquisa e sugestões de estratégias didáticas para a preparação de suas intervenções – é na escola, no entanto, que acontece a maior parte das tarefas pertinentes ao Projeto. Inicialmente, quando chegam à escola, os bolsistas ID devem conhecer a estrutura e dados da escola em que atuarão, em seguida passam a observar as aulas e adotam uma turma, em relação à qual acompanham o planejamento do professor supervisor e passam a fazer intervenções em sala de aula e a realizar oficinas didáticas de filosofia. No entanto, ao longo desses três anos de atividades, percebemos que as escolas possuem uma série de carências e espaços diversos com possibilidade de atuação pedagógica que podem ir muito além das atividades cotidianas da sala de aula. Neste sentido, a coordenação do PIBID Filosofia, juntamente com as equipes que atuam nas escolas (professores supervisores e bolsistas ID), tem planejado atividades que promovem uma aproximação ainda maior entre a universidade e a comunidade escolar. Além do já existente Projeto “Universidade, Escola e Cidadania”, que leva oficinas didáticas de filosofia às escolas públicas de Toledo e região, promovendo um contato com problemas filosóficos de modo criativo, ao mesmo tempo em que proporciona uma aproximação com a universidade, O PIBID recentemente apresentou outros seis Projetos de Extensão a serem desenvolvidos nas escolas de atuação do Programa e nas demais. Nossa comunicação pretende apresentar, de forma breve, em que consistem tais projetos e como serão desenvolvidos. O Projeto “Pórtico Universitário – a Filosofia como impulso do potencial interpretativo na resolução de questões” é

293

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Professora do curso de Filosofia; Doutora em Ética e Filosofia Política; coordenadora de área do PIBID Filosofia, do campus de Toledo. E-mail: nk.welter@hotmail.com

3 Professora do curso de Filosofia; Doutorando em Filosofia; coordenadora de área do PIBID Filosofia, do campus de Toledo. E-mail: celia.benvenho@gmail.com

desenvolvido no Colégio Ayrton Senna da Silva, localizada no bairro São Francisco e visa estimular os alunos daquela escola ao estudo e preparação para o vestibular e ENEM, criando condições para facilitar seu acesso à universidade. A equipe PIBID que integra o Colégio Luiz Augusto Morais Rego, localizado no centro de Toledo, desenvolve o projeto “Manual Básico para Estudantes de Ensino Médio: Normas da ABNT, ENEM, Altas Habilidades” buscando, através dele, desenvolver um “manual de sobrevivência” ao ensino médio, ideia muito bem recebida pela comunidade escolar. As equipes dos colégios Premen (Jardim La Salle) e Jardim Europa (bairro Europa) optaram por produzir o Projeto de Extensão “Filosofia e Cinema: Contribuições da Filosofia para o trabalho com os Temas Transversais no Colégio”. A equipe PIBID Jardim Porto Alegre, juntamente com a equipe de Altas Habilidades daquele colégio desenvolve o Projeto “Newspaper JPA sem limites: implantação de jornal online no colégio...” que, inicialmente previa ser, como o nome diz, um jornal online, mas que hoje já se transformou num projeto de webradio, do qual são convidados a participar professores, alunos e comunidade externa. Por fim, há ainda o Projeto “PIBID Itinerante: A Filosofia em ação no Ensino Médio”, que pretende divulgar a universidade e o curso de Filosofia aos alunos de escolas públicas de Toledo e de outros municípios da região. Tais projetos pretendem contribuir de maneira ativa para que ocorra uma maior aproximação entre a escola e a universidade.

Palavras-chave: Formação; Extensão; Pibid Filosofia.

PRÁTICAS DE ENSINO E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO - ATIVIDADE CAÇA AO TESOURO¹

Dhyonne Fernandes Pessoa²
Marco Antônio Sauer Schimdt³
Nilsa Josiane Steinheuser⁴
Vanderson Rafael Muller Dapper⁵
Eliane Liecheski Artigas⁶
Lia Dorotéa Pfluck⁷

Resumo: O presente trabalho tem como apresentar os resultados obtidos através da atividade “Caça ao Tesouro”, realizada no Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta - Ensino Fundamental e Médio, por meio do subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – O Ensino da Geografia: da teoria a prática. O objetivo da atividade foi trabalhar o uso das coordenadas geográficas e da localização espacial por meio de croqui, tendo como referência a área do Colégio. Para Castrogiovanni (CASTROGIOVANNI, 2014, p. 7), “é fundamental proporcionar situações de aprendizagem que valorizem as referências dos alunos quanto ao espaço vivido. Estas referências emergem de suas experiências e textualizações cotidianas”, por isso a importância de vincular o conteúdo teórico com a prática escolar. No desenvolvimento da atividade, buscou-se compreender o tema Coordenadas Geográficas e alguns dos símbolos que compõem a cartografia, fazendo ainda, uma breve revisão sobre os assuntos já trabalhados em sala. Para isso formaram-se grupos de quatro a cinco integrantes e foi entregue a cada grupo um croqui do Colégio, contendo orientações, para se localizar, os demais elementos que estão dispostos na extensão do colégio, como por exemplo, biblioteca, ginásio de esportes, secretaria e salas e ruas que estão presentes ao seu redor. Cada grupo estava acompanhado de um pibidiano responsável por dar

295

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Acadêmico do 1º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: marco.schimdt@hotmail.com.

3 Acadêmico do 1º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica” do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: dhyonne.99@gmail.com.

4 Acadêmica do 2º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica” do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: nilsajosianes@hotmail.com.

5 Acadêmico do 3º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: vandersondapper@hotmail.com.

6 Professora de Geografia do Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta. Bolsista Supervisora de Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: elianelie@yahoo.com.br.

7 Professora do Curso de Geografia. Bolsista Coordenadora de Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: (liafluck@yahoo.com.br).

encaminhamento da atividade, que se iniciava com a explicação da representação do Colégio. Em seguida, foi dada uma coordenada, que teve de ser localizada, inicialmente pelos alunos na representação, os mesmos se dirigiram até o ponto em que ela se situava no terreno real do Colégio. Ao chegar no local, tiveram de encontrar uma pista em algum ponto próximo, esta pista era um envelope com uma pergunta, o grupo caso respondesse corretamente seguia para a próxima coordenada. Caso o grupo errasse a pergunta se dirigia até o centro do pátio Colégio, onde precisaram localizar uma coordenada expressa no Mapa-mundi, para assim, receber uma nova coordenada e chegar à outra pista. As perguntas serviram para revisar o conteúdo já trabalhado em sala, abordando a Cartografia por meio de perguntas A) O que é uma planta?; B) O que são latitudes?, etc. Cada pergunta possuía três alternativas, apenas uma estava correta. Depois de localizar todas as coordenadas solicitadas e responder as questões presentes nos envelopes, o grupo que concluía primeiro, recebia uma lembrança simbólica, deixando claro à todos que o intuito não era competir com os demais grupos, mas sim, aprimorar o conhecimento por meio do ensino prático, visando melhor desempenho durante a prova teórica. Por meio da realização da atividade, percebeu-se que os alunos estavam motivados realizando uma aula prática, buscavam cooperar para desenvolvê-la com eficiência. Algumas dificuldades foram notadas com relação ao conteúdo apresentado nas “pistas”, por exemplo, confundir latitudes e longitudes e a localização de paralelos e meridianos. A grande maioria da turma apresentou bom desempenho, gostou de realizar a atividade e questionou sobre a realização de novas aulas práticas, pois assimilam melhor assuntos teóricos trabalhados em sala de aula no dia a dia escolar.

Palavras-chave: PIBID-Geografia; Coordenadas-Geográficas; Orientação.

Referências Bibliográficas:

CASTROGIOVANNI, A. C. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. 144 p.

AULA DE CAMPO SOBRE CLIMA URBANO NO COLÉGIO ESTADUAL

ANTÔNIO MAXIMILIANO CERETTA¹

Caroline Ester Moellmann²

Vanderson Rafael Muller Dapper³

Matieli Cardoso Alves⁴

Vanessa Vieira de Oliveira⁵

Eliane Liecheski Artigas⁶

Lia Dorotéa Pfluck⁷

Resumo: O presente trabalho apresenta os resultados da aula de campo sobre Clima Urbano de Marechal Cândido Rondon, realizada com os alunos do 6º ano “C” do Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta – Ensino Fundamental, Médio e Profissional, por meio do subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), intitulado “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”. A atividade teve como objetivo trabalhar o conceito de clima urbano e as variações de temperatura em locais próximos ao colégio, em diferentes espaços e condições físicas locais. O clima urbano se encontra em uma das menores escalas espaciais do clima e possui um aspecto muito particular das manifestações climáticas, pois ele possui algumas dinâmicas e anomalias que lhe são exclusivas. Sobretudo porque nesses espaços, podem-se visualizar os maiores impactos da ação humana no meio natural e no espaço geográfico. Para que os alunos percebessem e entendessem essas variações e como elas estão constantemente presentes em seu dia a dia, foi organizada uma aula de campo, na qual os alunos, juntamente com os pibidianos e a professora de Geografia se dirigiram para locais com características físicas diferenciadas umas das outras como, vegetação, presença de corpos d’água, construções, etc. Para essa atividade contou-se com a presença de todos os pibidianos do grupo para tomar conta dos alunos, pois era uma aula em ambiente externo e era necessário o cuidado na rua. Em cada ponto, com o auxílio de um termômetro, foi feita a coleta da temperatura média do local. Os pontos onde foram feitas as coletas de dados do tempo foram: o pátio do Colégio, a Avenida Írio Jacob Welp, a Avenida Expedicionário Otto Grings, a Rua do Parque, a Avenida Rio Grande do Sul e alguns pontos no entorno do Lago Municipal de Marechal Cândido Rondon, pontos a 100, 300, 500 e 1000 metros distância do colégio.

297

1 Trabalho realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entidade do governo brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

2 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon.

3 Bolsista de Supervisão à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon.

4 Bolsista de Coordenação de área do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon.

5 Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon.

6 Professora de Geografia do Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta. Bolsista Supervisora do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon.

7 Professora do Curso de Geografia. Bolsista Coordenadora de área do Subprojeto Geografia “O ensino da Geografia: da teoria a pratica”, do campus de Marechal Cândido Rondon.

Para que os alunos compreendessem os motivos dessas variações de temperaturas, foram analisadas em grupo, as características físicas do local que estava sendo estudado no momento, como por exemplo, a presença ou ausência de vegetação, asfalto, construções, tráfego de veículos, presença de corpos d'água, etc. A observação e o levantamento de dados da temperatura e sua relação como o espaço é apenas um dos elementos climáticos, para o entendimento do clima urbano se necessita de mais dados ao longo de um período maior, no entanto é uma atividade que faz entender o assunto. Durante a aula os alunos realizaram anotações sobre o que estava sendo trabalhado e ao final da aula elaboraram, em duplas, relatos sobre a atividade e as percepções que tiveram. O retorno dos alunos pela participação e pelos relatos foi muito positivo. Eles gostaram de entender mais sobre as variações de temperaturas existentes em lugares diferentes, embora tão próximos e como características simples da paisagem interferem nessas mudanças. Enquanto licenciandos-bolsistas passa-se a conhecer a realidade dos alunos o que leva ao planejamento de atividades para os mesmos sob orientação da Professora Supervisora, e ao mesmo tempo é uma oportunidade de vivenciar práticas, participar e auxiliar a mesma em suas atividades diárias. Desenvolver trabalhos de campo atende as necessidades teórico-metodológicas do processo ensino-aprendizagem, aprimora o conhecimento geográfico dos alunos e também dos acadêmicos pibidianos envolvidos.

Palavras-chave: Trabalho de campo; Clima urbano; Temperatura.